

Katherine L.
Leighton

Todas as Vidas
de um
Coração







Katherine L.
Leighton

Todas as Vidas
de um
Coração



Todas as Vidas
de um

Coração

Copyright © 2020 KATHERINE L. LEIGHTON
Copyright © 2020 TODAS AS VIDAS DE UM CORAÇÃO
Editora Responsável: Saionara Rodrigues
Preparação de texto: Mari Vieira
Revisão: Saionara Rodrigues
Capa: Cora Félix
Diagramação: Saionara Rodrigues

TODAS AS VIDAS DE UM CORAÇÃO

Literatura Brasileira

1.Romance. 2.Fantasia. 3. Romance jovem.

Primeira edição/2020.

Edição digital. Criado no Brasil.

Esta obra segue as Regras do Novo Acordo Ortográfico
REGISTRADA E PATENTEADA NO REGISTRO DE OBRAS

PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTA OBRA, DE QUALQUER FORMA OU POR QUALQUER MEIO ELETRÔNICO, MECÂNICO, INCLUSIVE POR MEIO DE PROCESSOS XEROGRÁFICOS, INCLUINDO AINDA O USO DA INTERNET, SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA NA PESSOA DE SEU EDITOR (LEI 9.610 DE 19/02/1998). ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS DESCRITOS SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DO AUTOR. QUALQUER SEMELHANÇA COM ACONTECIMENTOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA. TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS PELA: EDITORA SONHO DE LIVRO.

Prólogo

Após a formação do universo, o criador o contemplou do seu trono, satisfeito e feliz com sua obra. Tudo corria bem. No primeiro céu, os arcanjos sorriam e trabalhavam em perfeita harmonia com os anjos que estavam no segundo céu e espalhados pelos quatro cantos do universo, executando minuciosamente todas as atividades necessárias para que o universo seguisse o curso que o Criador desejava.

Os anjos adoravam o Criador, todos O amavam e se sentiam gratos pela própria existência e por tudo o que Ele fez. O respeito entre todos eles e para com o Criador era algo natural e de uma beleza jamais vista. O Criador, presenciando toda aquela atmosfera de bondade e harmonia, e sentindo-se cansado, delegou aos seus arcanjos e anjos que continuassem o bom trabalho, até seu retorno. E assim se retirou para os seus aposentos na torre do relógio do tempo, deixando o grande trono dourado vazio.

Durante um tempo, os anjos mantiveram toda aquela harmonia e viveram em paz. Porém alguns deles começaram a desejar ocupar o trono que estava vazio. Afinal eles estavam governando tudo perfeitamente sem precisar do Criador, então poderiam assumir o trono também, e reinar.

Estrela da Manhã, um dos mais poderosos e fortes arcanjos, e um dos quais o Criador mais confiava, agrupou muitos anjos descontentes com a partida do Criador e sedentos por poder para organizar uma rebelião e tomar o trono para si. O clima, antes tranquilo e de paz, tornou-se pesado.

Então os arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, notando o que Estrela da Manhã planejava, reuniram os outros anjos e arcanjos formando um poderoso exército, pronto para defender o trono do Criador. Assim, uma grande batalha eclodiu por todo o primeiro e segundo céu. Seres angelicais contra seres angelicais. Ambos os lados tinham força e poder suficiente, e parecia que a guerra não teria fim. E por anos a fio seguiu assim.

Até que Estrela da Manhã resolveu atacar a menina dos olhos do Criador. A Terra e seus habitantes. Espalhando ódio, inveja, cobiça, desrespeito, e toda sorte de sentimentos ruins. A humanidade corria o risco de ser dizimada pela influência do arcanjo e seu séquito.

Miguel reuniu um grupo de anjos guerreiros extremamente fortes e os enviou para a Terra. A missão desses guerreiros era proteger os humanos da má influência dos anjos rebeldes. Calaliel foi o anjo escolhido para liderar a

missão. Os anjos assumiram formas humanas, e assim se misturaram aos habitantes terrestres. A princípio foi difícil conter o séquito de Estrela da Manhã, mas, aos poucos, os anjos guerreiros conseguiram afastá-los dos humanos.

O Criador enfim acordou, e, vendo o que estava acontecendo, chorou e lamentou pelo que as suas criaturas tão amadas se transformaram. Também percebeu que alguns anjos estavam próximos demais dos humanos, ordenando assim que Miguel os advertisse de que relacionamentos entre seres celestiais e humanos era terminantemente proibido, pois uma mistura entre seres com poderes como os deles e criaturas frágeis poderia ser uma catástrofe. Assim Miguel o fez.

O Criador em seguida pôs fim à guerra, banindo os anjos rebeldes dos céus e dos limites do universo para um lugar praticamente sem vida, onde foram confinados e proibidos de voltar para junto do Criador. Também perderam o status de anjo, sendo denominados demônios.

Quanto a Estrela da Manhã, o Criador se entristeceu, pois o amava muito, mas explicou o porquê da expulsão, afinal eles se tornaram cruéis, fizeram mal aos irmãos e a outras criaturas inocentes, não foi só ambição, foi obsessão pelo poder, pelo controle, onde o desejo deles era maior do que tudo e sobre tudo. Estrela da Manhã, hoje conhecido com Lúcifer, se tornou o pior de todos os anjos caídos, de todos os anjos rebeldes. Foi a mente perversa por trás de tudo.

Mesmo com a expulsão dos rebeldes, os anjos guerreiros permaneceram por mais um tempo na Terra, colocando a vida ali em ordem. Porém, alguns anjos, mesmo sendo advertidos, não resistiram aos encantos das mulheres humanas.

Eles se apaixonaram, inclusive Calaliel, unindo-se a elas. Desta união proibida nasceram várias crianças meio humanas meio anjos, denominadas Nefilins. Os Nefilins tinham formas humanas, contudo tinham mais resistência física. O Criador, ao descobrir, retirou todos os anjos da Terra. Aqueles que desobedeceram foram punidos. Não mais poderiam sair dos céus, não teriam contato físico com humanos.

Quanto aos seus filhos, estes não tinham culpa do erro dos pais, assim o Criador, lhes concedeu um presente. Eles seriam imortais, não como os anjos, mas poderiam voltar à vida quando quisessem, mas só se lembrariam de quem eram quando entrassem na adolescência.

Também poderiam se comunicar com seus pais através dos sonhos,

assim como entrar nos sonhos uns dos outros. Entretanto, não poderiam ferir nenhum humano intencionalmente, a menos que em legítima defesa, ou em defesa de um inocente, e não poderiam interferir no destino desses seres.

Os Nefilins estão presentes na Terra desde que o mundo é mundo, apesar de ninguém ter consciência da sua existência, nem sequer podem diferenciá-los de qualquer humano...

— Onde encontrou esse livro meu filho?

— Junto com aqueles outros velhos do lado direito da estante. — Aponto para o alto da imponente prateleira de madeira atrás da mesa do escritório do meu pai.

— Desde que conheceu sua nova amiga tem se interessado por livros. Isso é ótimo! Boa influência aquela garotinha marrenta tem sobre você. — Meu pai ri, eu dou de ombros para ele franzindo o cenho.

— Sou inteligente, homens inteligentes leem muitos livros, igual ao senhor. — Ele abre um sorriso largo e brilhoso. — Pai este livro é bem velho. O senhor o comprou quando era criança?

— Não é velho filho, é antigo. Tem séculos que foi escrito, por um antepassado nosso. É uma história de família. Não encontrará nada parecido em outro lugar.

— Então esta história é de verdade? Eu sou um anjo?

— Não, filho, é uma lenda apenas. Como os livros de aventura que você lê.

— Queria que fosse verdade, assim, além de príncipe eu seria um anjo também, e teria certeza de que a Mel se casaria comigo quando crescer!

— Hahaha! Está muito cedo para pensar em casamento. Aproveite sua infância.

Não digo mais nada, apenas me retiro do escritório e vou brincar. Mas que seria maneiro ser anjo seria...

Um dia de Azar

Não devia ter ficado até tarde no computador. Aquelas milhares de páginas do relatório de vendas. Ou eu lia tudo ou Thomas arrancaria meu fígado e comeria frito. O despertador toca. Abro meus olhos preguiçosamente com vontade de atirá-lo para bem longe. São 5 e meia da manhã.

— Não! Mal deitei! Não pode ser! Apenas mais cinco minutos.

Fecho os olhos. Viro de costas para o maldito despertador. Reviro de um lado para o outro, não consigo voltar a dormir. Desisto e pulo da cama. Preciso tomar um banho, bem gelado, ou não vou conseguir acordar, ou pior, vou chegar com o rosto todo amassado, parecendo que estou de ressaca, o que não será nada bom para minha imagem.

— Vamos logo, Melinda! Hora de trabalhar.

Sinceramente, ainda não me acostumei a acordar tão cedo, mas não posso me atrasar, ou vou passar a impressão errada sobre mim, logo nos primeiros meses em meu novo trabalho. Desde que me mudei para São Paulo, há mais ou menos três meses, minha vida tem sido uma loucura.

Acordar cedo, comer correndo, pegar um trânsito insano e chegar muito tarde em casa. Não! Definitivamente nem todas as pessoas daqui são tão atrapalhadas como eu. Elas conseguem ter uma vida normal, fazem suas refeições, vão para academia, saem com os amigos, não se estressam tanto com o trânsito.

Acredito que daqui a alguns anos, eu também conseguirei agir da mesma forma, mas, por enquanto, não dá. Eu nem terminei de arrumar minha mudança ainda. E meu apartamento nem é tão grande assim. Apenas não fui capaz de me organizar ainda. Nos fins de semana eu quero descansar, o que raramente faço, já que sempre levo trabalho para casa, também tiro um tempo para me atualizar, e se der descansar, o que resulta nas caixas ainda empilhadas pelos cômodos da casa. Mesmo assim estou feliz, adoro meu trabalho e logo chegarei onde pretendo.

Assim, no meu ritmo de sempre, correndo, tomo meu banho cronometrado de cinco minutos, me arrumo para o trabalho e saio a passos largos em direção ao metrô. Sim, vou de metrô, acho mais seguro. Eu tentei dirigir aqui quando cheguei, mas não conheço a cidade direito.

Além de me perder e confundir o caminho algumas vezes, fiquei nervosa no trânsito, que em nada se compara com o da minha pequena

cidade. Assim optei pelo mais seguro, pelo menos por enquanto, além disso, ir de metrô tem suas vantagens: chego mais rápido e tem uma cafeteria incrível na saída da estação, próximo ao meu trabalho: “Café Esperto”. Hoje será mais um dia em que pegarei meu café e uma fatia de bolo na cafeteria para me acompanharem até o trabalho, pois a manhã será bem longa.

Enquanto estou na fila para fazer meu pedido, avisto de longe a figura que, desde o primeiro dia no café, sempre encontro: “o Ruivo”. Não sei o nome dele e não pretendo perguntar, não estou interessada no momento, nem tenho tempo para isso, mas olhar não tem problema, é bom ter a visão de algo bonito para começar o dia.

Admito que ele é muito, muito bonito. Seu cabelo um tanto mal cortado, o que faz com que os fios fiquem caindo pelo seu rosto e ele tenha que tirar passando a mão pela cabeça, isso é atraente, eu não consigo evitar olhá-lo a cada dez segundos. E ainda tem os olhos. Verdes, eu acho... pelo menos de longe parecem verdes. Uma beleza diferente, excêntrico.

Está sempre de terno, deve ter alguma posição importante. Trabalhar em um banco. Ou talvez seja advogado. Não faço a menor ideia. Ele sempre se senta no mesmo lugar, uma mesa ao fundo do café, e está frequentemente ao celular, acompanhado ou não. E eu sempre o olho, apesar dele nunca notar, o que posso considerar um alívio de certa forma, pois ficaria totalmente sem jeito se ele percebesse que fico admirando-o. Quem sabe um dia eu possa repensar na possibilidade de...

— Moça? Ei? Senhora?

— Ah! Oi! Desculpe, estava distraída. — Sinto minhas bochechas corarem. Será que o atendente notou o que eu estava fazendo? Espero que não.

— Percebi. Isso sempre acontece aqui. Qual o seu pedido? — Ele notou sim, fico ainda mais vermelha.

— Um café com leite e canela e uma fatia de bolo de limão para viagem, por favor?

— Mais alguma coisa?

— Não.

— Pode se dirigir ao caixa e efetuar o pagamento. Seu pedido será entregue no balcão ao lado. Obrigado e tenha um bom dia.

Ele gesticula com a mão em direção ao guichê. Dirijo-me para o caixa e aguardo meu pedido. Quando olho para o canto, não o encontro mais, já deve ter saído.

— Ok! Não tenho o dia todo mesmo para ficar admirando a paisagem. De volta à realidade.

— A senhora disse alguma coisa?

— Eu? Não. Só pensei alto, desculpe. — Mais uma vez fico vermelha como um pimentão.

Chego à minha sala, mal sento e já tem dez ligações para retornar, mais três pessoas esperando para falar comigo, e minha reunião começará em trinta minutos. A empresa pretende expandir a participação no mercado conquistando novos clientes, por isso preciso apresentar novas estratégias para fazer as vendas das maquinetas de cartão crescerem, com todas as ações necessárias para que isso aconteça, o que chamamos de plano de ação.

Peço para minha assistente, Cristina, atender nossos três representantes e tentar ajudar no que for possível, e, apenas se não conseguir solucionar os problemas, pedir para esperarem o término da reunião para falar comigo. Quanto às ligações, só poderei retornar à tarde. Aproveito os poucos minutos que tenho e vou para a sala de reuniões. Repasso a apresentação e verifico os equipamentos, e, em poucos minutos, Thomas, o CEO, e minha equipe chegam.

— Tudo certo! Então lá vamos nós!

Saio da apresentação às 11 e meia da manhã, com alterações para fazer no planejamento do mês. Alguns colaboradores satisfeitos e outros nem tanto, querendo um horário para conversar comigo. Com certeza sobre as metas individuais.

Aviso Cristina que não vou sair para almoçar e peço a gentileza de ligar para qualquer restaurante e providenciar algo para comer. Ela porém, toda calma e dedicada, algo que eu não consigo entender ainda, entra na minha sala, puxa uma cadeira e senta.

— Melinda, não é muito saudável você almoçar aqui trancada todos os dias. Vamos almoçar juntas? — Estampa um sorriso em seu rosto redondo. — Só precisamos sair do prédio e *voilà*: teremos várias opções não saudáveis e saudáveis também. É só escolher. Gastará praticamente o mesmo tempo, talvez uns dez minutos a mais. — Estica os braços com as palmas das mãos estendidas, e pisca um dos olhos.

— Obrigada Cristina, mas tenho muita coisa para resolver, se não começar a trabalhar agora nas mudanças e tudo que está pendente desde hoje de manhã, só Deus sabe que horas sairei daqui hoje! — Ela sorri, e balança a cabeça em desaprovação.

— Se você tirar meia hora para almoçar e relaxar, não vai te atrapalhar tanto como pensa. Além do mais, você precisa interagir mais com o pessoal. Eles têm medo de você. Achem você antipática, e carrasca como a Meryl Streep no filme o *Diabo Veste Prada*. Pense bem! Sairei ao meio-dia e meia.

Sorrio para ela em agradecimento. Tiro meus óculos, respiro bem fundo, pois sei que ela está coberta de razão. Excluindo a parte do filme, não ajo como a personagem. Ou? Será que estou exagerando de alguma forma? Preciso ficar atenta. Para que eu tenha sucesso aqui, eles devem ter também. Tenho que ganhar a confiança de todos, como eu sempre fiz antes.

Tempo. Preciso me organizar melhor. Talvez se eu resolver algumas coisas de casa, eu consiga estar mais presente entre minha equipe. Vou fazer isso. Com um gesto rápido, fico em pé em frente à minha mesa.

— Cristina.

— Melinda? — Ela responde, adentrando outra vez na minha sala.

— Cancele o pedido do meu almoço, por favor? Reconsiderarei o que me disse. Está certa. Vou com você a qualquer lugar que indicar. Só peço a gentileza de escolher algo próximo, não gostaria de demorar muito tempo, ok?

— Como preferir!

— Obrigada pelo conselho.

Cristina sorriu, meneou a cabeça e retornou para sua sala. Às 12 horas e meia saímos do escritório. Caminhamos apenas três quadras. Ela escolheu um restaurante de comida tailandesa, não sei por que, talvez ela gostasse, ou talvez por ser próximo como eu solicitei. Enfim nos sentamos, fizemos o pedido e, enquanto aguardávamos, sem saber ao certo do que falar, fui de clichê mesmo, tempo, depois ela me falou um pouco de si.

Nasceu em São Paulo mesmo, temos quase a mesma idade, ela é formada em administração e trabalha na SmartCard desde que iniciou a faculdade. Começou como estagiária, até chegar a assistente. Ela conhece todos aqui, e parece se relacionar bem com eles. Atribuo esse fato ao seu jeito discreto e atencioso de ser. Ela tenta ajudar a todos, na medida, sem ultrapassar o limite entre o profissional e o pessoal, gosto disso.

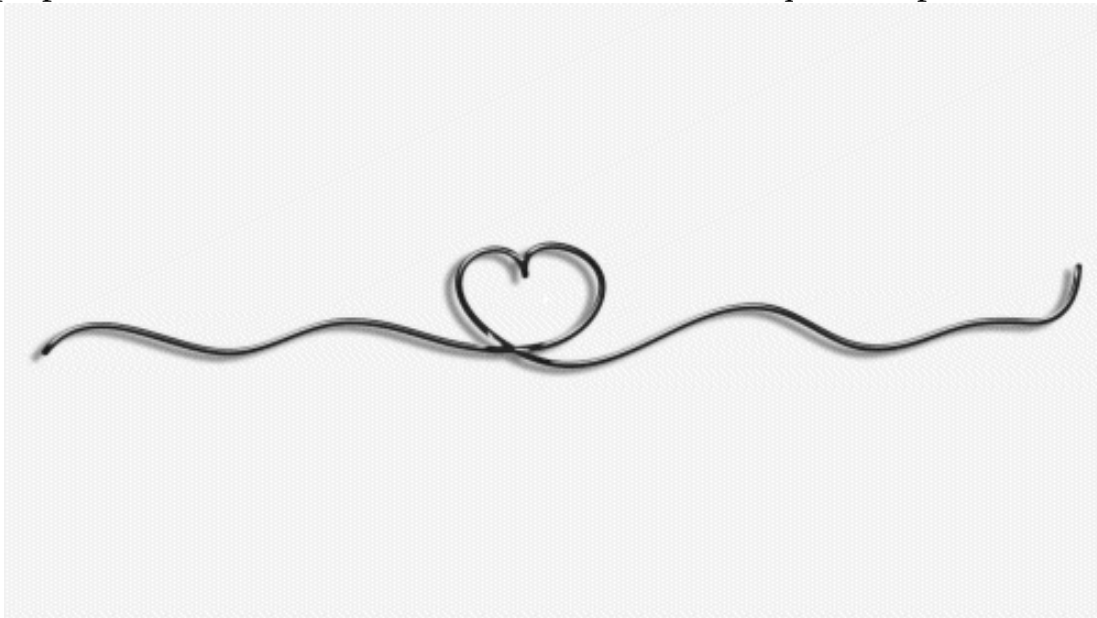
Em poucos minutos nossos pedidos são entregues, e assim que começamos a comer, outros colaboradores chegam e sentam conosco à mesa. Todos conversam entre si, fazem brincadeiras, em um clima bem descontraído, sem exageros. Minha presença certamente os deixou um pouco

desconfortáveis. Tento estabelecer algum diálogo, nada muito longo, sem muito sucesso ainda. Pelo menos consegui quebrar um pouco o gelo entre nós.

O almoço leva um pouco mais de tempo do que planejei, deveria durar trinta minutos, porém levou uma hora, incluindo a caminhada até o escritório. À tarde retorno todas as ligações da manhã. Em seguida me concentro sobre as alterações do planejamento. Isso consome toda minha tarde, estendendo um pouco depois do horário do expediente, e mesmo assim ainda vou levar trabalho para casa.

Chego em casa às 08 horas da noite. Tomo um banho rápido. Coloco apenas um roupão e chinelos, para não levar muito tempo. Sento-me na minha escrivaninha e ligo o computador. A exaustão toma conta de mim. Cogito deixar para amanhã, desistindo em seguida. Ainda tenho muito a fazer.

— A noite será longa! — Suspiro fundo e mergulho no trabalho. Os olhos parecem cheios de grãos de areia, ardem e coçam, sem contar o peso das pálpebras tornando a tarefa de mantê-las abertas quase impossível.



A pele do rosto começa a ficar quente. Incomoda-me. O quarto está abafado. Será que o ar não está funcionando direito? Empurro a coberta para longe. Continua uma sauna. Sento-me na cama com um pulso. Quando abro os olhos tomo um susto.

— Ai não, 7 horas da manhã. Não escutei o despertador tocar.

Eu já devia ter saído de casa há muito tempo. Salto da cama e noto que ainda estou de roupão, caminho me livrando dele. Ligo o chuveiro e pego

a escova de dente. Executo as duas atividades ao mesmo tempo em poucos segundos. Saio correndo do banheiro e já tem duas ligações perdidas do Thomas. Enquanto me visto vou retornando sua ligação.

— Bom dia, Thomas.

— Melinda, onde você se meteu? — Pelo tom de voz estou muito encrencada.

— A caminho Thomas. Atrasei-me um pouco, para ser sincera perdi a hora, mas chego já.

— Logo hoje você resolveu atrasar? Assim que chegar venha direto para minha sala. — Tenho que afastar o aparelho do meu ouvido para não ficar surda.

— Sim, senhor.

Saio correndo. Chamo o elevador e nada... resolvo ir pela escada, são só doze andares.

— Doze andares! Que ótimo! O dia começou bem! — reclamo para mim mesma enquanto desço apressadamente pelas escadas, equilibrando nos saltos e apoiando no corrimão. Penso na possibilidade de ir de carro, mas logo descarto. — E se eu bater o carro? Melhor não. Vou de metrô mesmo.

Corro para a estação, que não está longe, nem tão perto assim, uns cinco minutos de caminhada. Pelo menos chego na hora, mas o vagão... ah, este está lotado, vou espremida parecendo uma sardinha enlatada.

— Ok, são poucos minutos. — Penso inspirando e expirando, tentando controlar minha ansiedade e raiva, algo que falho, pois olho para o relógio de tempos em tempos, desejando poder me tele transportar para o meu trabalho, o que não é possível. Assim que as portas do vagão se abrem, saio movendo-me rapidamente esbarrando em algumas pessoas e empurrando outras, parecendo uma louca.

Realmente devem achar que sou doida ou que estou fugindo de alguém. Pensem o que quiserem. Estou muito, muito atrasada. E não pretendo ser massacrada pelo meu chefe.

Entro correndo no prédio, quase sem fôlego, topando nas pessoas para conseguir pegar o elevador que acabou de chegar. Obtenho sucesso, apesar dos olhares mortais lançados pelos indivíduos que estavam à espera. Normalmente não ajo desta maneira tão deselegante e mal educada. Bom, hoje foi uma emergência.

Respiro fundo e desço no meu andar. Entro no escritório ajeitando meu cabelo que está rebelde parecendo que levei um choque de tão volumoso

e espetado. Mais esse detalhe para me ajudar. Vou direto para a sala do Thomas. Bato na porta e ele faz sinal para entrar.

— Bom dia, chefe. — Tento descontraír.

— Acredito que não será um bom dia para nós dois. Sente-se. — Ele mostra a cadeira posicionada de frente para ele. Suspiro e me afundo lentamente enquanto seu olhar para mim parece um lança chamas.

— Samuel do escritório regional do nordeste me ligou hoje. Tivemos um problema com as maquinetas. Há uma semana que não estão passando cartões da bandeira MEGA. — Ele balança uma caneta presa entre seus dedos. — Devido a isso, vários lojistas querem cancelar o contrato. Precisamos descobrir o que está acontecendo com o sistema. Enquanto falo com os desenvolvedores, você resolve a questão dos contratos, não podemos perdê-los. — A última palavra soa mais alto do que todas ditas por ele. Abaixo a cabeça para que ele não perceba o meu nervosismo, solto o ar com força retomando o controle.

— Claro Thomas. Vou cancelar todos os compromissos de hoje e focar somente nos contratos. Alguma ideia do que possa ser?

— Nada ainda. — Seus olhos estão fundos com a pele escurecida, deixando suas rugas mais evidentes.

— Se puder me avisar assim que descobrir, eu agradeço. Acredito que essa informação será necessária para negociar com os lojistas.

— Manterei você informada.

— Obrigada.

Peço a Cristina para cancelar toda minha agenda e não me passar nenhuma ligação, a não ser que seja do Samuel ou do Thomas. Na hora do almoço vou até o “Café Esperto”, pegar meu café e um sanduíche. Hoje não pretendo sair da empresa até achar uma solução.

Entro na cafeteria e, para minha surpresa, quem está lá? Sim, “Ele”, o “Ruivo”. Mesmo notando o quanto ele está maravilhoso com seu terno preto e seu cabelo vermelho rebelde, não terei muito tempo para admirar a paisagem. Então retomo minha atenção para o que vim fazer. Peço meu café com leite e canela, um sanduíche natural, pois posso comer frio que não ficará com sabor ruim, e minha fatia de bolo de limão, tudo para viagem.

Quando estou saindo, sinto algo bater em mim e um líquido quente e preto escorrer pela minha camisa branca. Olho para frente. “Ele” está me encarando. Ele é quem havia trombado em mim e derrubado todo meu café. Só não perdi minha comida, porque estava em uma embalagem resistente,

pois foi toda para o chão. E ele, em vez de me ajudar, ficou em pé olhando friamente enquanto eu abaixava para pegar minhas coisas. Levantei minha cabeça irada de raiva, doida para socar aquele rosto perfeito até deixar de ser perfeito.

— Ei! Vai ficar aí parado olhando? Não vai me ajudar, não?

Ele permanece me encarando com aqueles olhos verdes intensos e sua cara de superior, como se eu fosse um ser repugnante que não merecesse um segundo do seu precioso tempo para me ajudar. De repente ele balança a cabeça, ajeita o cabelo e sai apressado.

— Mal educado. Agora tenho que passar o dia sem café e com minha blusa manchada. E o arrogante nem me pede desculpas. — Com as mãos na cintura e ofegante, olho ao redor, todos no local estavam voltados para mim, então percebo que pronunciei a frase em voz alta e estridente. Vou embora envergonhada e furiosa.

Sigo como um furacão direto para minha sala, batendo a porta com força. Passo o dia entre videoconferências com Samuel e Thomas e planilhas para ver o que podemos oferecer para os lojistas sem nos afetar. Formulo uma proposta de redução na porcentagem das vendas que cobramos dos lojistas. Envio para Thomas e Samuel aprovarem. Encaminho uma mensagem a Thomas para que veja o arquivo. Desligo o computador e as luzes da sala, e mais uma vez saio tarde do trabalho.

O escritório está completamente escuro, sou a última pessoa a deixar o local. Apesar de ter comido apenas um sanduiche não sinto fome, estou um trapo humano com a roupa amassada e o cabelo despenteado. Chamo o elevador, que chega rapidamente. — Pelo menos isso. — As portas do elevador se abrem. Passo apressada por elas, e vou o mais rápido que posso para a estação do metrô. Na entrada, escorrego nos degraus e esbarro em uma mulher que está varrendo o chão. Peço desculpas, mas ela segura meu braço, o que faz com que eu me volte para ela.

— Você não teve um dia bom hoje, não é? — Sua expressão é afável e estranha ao mesmo tempo.

— Não. Não mesmo. — Acho que meu rosto deve estar muito feio para que até uma estranha perceba isso.

— Não se preocupe, seu tormento logo vai acabar. Você só precisa ver o que está diante dos seus olhos.

— O quê? — Abro bem os olhos inclinando a cabeça. — A senhora está me confundindo com alguém.

Ela se aproxima, fazendo os pelos do meu braço se ouriçarem e um calafrio percorrer minha espinha. Fico constrangida e com medo da mulher de cabelos e olhos negros e pele tão branca que chega a doer os olhos, como a Mortiça Adams, ou uma daquelas vampiras de filmes adolescentes. Ela leva sua mão até meu pescoço e agarrando minha corrente, eu instintivamente seguro a mão dela, que sorri.

— Eu não a quero. Sempre pertencerá a você. O que você procura está aqui. — Ela aponta para a pedra do meu colar. — Sinta sua energia. Ela dará as respostas para suas perguntas.

— Preciso ir, estou cansada. — Os dedos dela afrouxam devagar até se abrirem completamente deixando a pedra livre.

Tento me esquivar, pois definitivamente ela está bêbada, ou sobre efeito de alguma coisa ilegal. Puxo a mão dela para longe do meu corpo e começo a me afastar. Ela sorri para mim estranhamente, como se me conhecesse.

— Você entenderá o que estou dizendo antes do que imagina menina.

Ela grita enquanto me distancio. Não olho para trás. O meu dia já foi o pior possível, e para completar encontro uma maluca para me atrasar ainda mais. Apesar de não conhecer aquela doida, suas palavras ficam ecoando na minha mente durante todo o trajeto para casa.

É claro que a corrente é minha e será até eu morrer, oras, foi um presente da minha mãe. O que aquela mulher queria? Será que ia roubá-la? Acho que não, apesar de louca não tinha cara de ladra. Deve sofrer de algum transtorno. E eu só posso estar estressada e transferindo toda tensão do dia para ela.

Chego em casa aproximadamente às 8 horas da noite. Tiro uma sopa congelada, coloco no micro-ondas, em seguida vou para o banho. Ao passar pelo espelho vejo como minha aparência está horrível. Um caminhão carregado passou sobre mim. E minha camisa. Será que essa mancha sai? Por que não prestei atenção quando minha mãe tentou me ensinar a cuidar de casa? O que estou pensando? A culpa não é minha. Ah! Aquele idiota, prepotente, mal educado. Espero não ter o desprazer de encontrar com ele novamente.

Termino o banho ainda me sentindo exausta. Apenas tomo a sopa e desabo na cama. Amanhã será outro dia. Com esse pensamento apago.

Encontros

Uma luz fraca atinge meus olhos. Levanto as pálpebras devagar de tão pesadas. Pisco algumas vezes com dificuldade. Não reconheço o lugar, apesar de tentar. Há vários quadros que parecem ser bem antigos. Não tenho certeza, a visão está turva, desfocada. Tudo muito confuso. — Onde estou e como vim parar aqui?

Escuto passos se aproximando. Meu corpo todo congela, fico rígida como madeira. Acho que está atrás de mim. Penso em me virar, mas não consigo, o corpo não obedece aos meus comandos. Está perto, muito perto. As mãos tremem molhadas de suor.

Engulo seco, um nó se forma na minha garganta como se estivesse engolindo um caroço gigante. Uma mão me toca. E num passe de mágica o medo se dissipa. Viro-me. Ele me abraça. Exala um aroma marcante e suave. É tão bom. Tão familiar. Ele me solta. É forte, o único traço evidente em seu rosto são seus olhos claros. Suas mãos macias e alvas.

— Eu senti sua falta. — Sua voz é grave e calma.

— Eu também. Por onde você andou? — Como assim eu senti falta dele? Dele quem?

— Te esperando.

— Me esperando? — Que diabos está acontecendo aqui? Será que bati minha cabeça, e estou com amnésia?

— Sim. Mas agora falta pouco. Logo estaremos juntos novamente.

Ele me abraça aproximando seu rosto do meu e pousando seus lábios suavemente em minha testa. Então sorri. Sua imagem continua borrada, não enxergo os traços da sua face.

— Preciso ir. — Ele fala com a voz triste.

— Não. Por que tem que ir? Você mal chegou. E para onde vai?

— Não podemos ficar juntos agora, e nem aqui. Você sabe.

— Sei? O quê? Por que não podemos ficar juntos? E quem é você? Por que não consigo ver seu rosto? — A respiração começa a ficar irregular.

— Você sabe tudo. Só precisa se lembrar, Melinda. É a única forma para ficarmos juntos de novo.

— Lembrar? Não entendo. Ficarmos juntos de novo? Ian, é você? Por que está falando em códigos? Sabe que não sou boa com isso. Volte!

Ele se afasta. Eu não quero que ele vá. Tento me aproximar, mas ele

continua caminhando mais rápido. E mais rápido. Eu corro, não o alcanço.

Então estou em outra sala, totalmente branca, não existe nada. Absolutamente nada. É só um cômodo vazio. Olho para a janela de canto, há uma luz forte entrando, quase me cega. De repente uma voz feminina me chama.

— Melinda.

Eu me viro. A mulher de cabelos e olhos negros com pele de fantasma está na sala. Só falta flutuar como um.

— O que você está fazendo aqui? Quem é você afinal? O que quer de mim? — Dou um passo para trás.

— Não se lembra do que te disse ainda há pouco? Não quero nada, é você quem precisa de mim.

— Lembro. Mas por que está aqui? Onde é e o que é “aqui”? Preciso de você? Nem sei quem é. Como posso precisar de alguém que não conheço?

— Porque você precisa se lembrar. Você tem que voltar.

— Lembrar-me do quê? Voltar para onde? — Ela apenas ri como se tudo o que disse fosse óbvio, me deixando irritada. — Você é louca. E eu só posso estar sonhando. Estou estressada, é só isso. É claro, isto é um sonho. Devia ter percebido antes. — Fecho os olhos.

— Ainda tão cética?

— Eu quero acordar deste maldito sonho. — Abro os olhos e ainda estou presa no mesmo lugar.

— Preste atenção. Você tem que acreditar de novo. Resgatar quem você era quando criança. E se lembrar. Só assim vocês poderão enfim ficar juntos...

— Eu sou a mesma desde que nasci. Ficar junto de quem? Responda! — grito quase sufocando. Mas ela desaparece e eu acordo. Suada, cansada e com dor de cabeça. — Mas que droga foi isso? Eu só posso estar louca. Maldito pesadelo.

O relógio no criado-mudo marca 4 horas da manhã. Tento voltar a dormir, mas minha cabeça dói muito e o meu sono se foi. Arghhh! Não tinha outro dia para você ter pesadelo Melinda?

Decido levantar-me e trabalhar. Checo meus e-mails, minhas mensagens. Vejo que Thomas respondeu “OK”. Só isso? Eu tive um dia de cão e fiquei até tarde, e o que ele me responde é ok?

Eu realmente estou trabalhando demais. Juro que não imaginei que seria tanto quando aceitei a proposta de emprego. Mas eu não vou desanimar,

muito menos desistir. Eu batalhei para chegar até aqui. Eu dou conta, só preciso encontrar uma forma de aliviar o estresse. Vou fazer meu café, assim, evito encontros desagradáveis hoje.

Preparo meu café assistindo ao noticiário na TV. Há muito tempo que não ligo a televisão, chego até a estranhar, parece ter outra pessoa dentro de casa conversando comigo. Talvez eu devesse fazer isso mais vezes, mesmo que eu nem preste atenção ao conteúdo.

Com a sensação de vazio e angústia me preenchendo, assim que termino o café ligo para minha mãe. No segundo toque ela atende.

— Melinda, aconteceu alguma coisa?

— Oi mãe! Não aconteceu nada, está tudo bem. — Respiro fundo.

— O que foi esse suspiro então? Você nunca liga a essa hora.

— Eu apenas não dormi direito esta noite. Estou com muita coisa para resolver no trabalho e acho que isso está me deixando estressada. Até pesadelo eu tive, e depois que acordei não dormi mais.

— Minha filha, você tem se alimentado direito? Está levando trabalho para casa e dormindo tarde da noite de novo? — A voz dela é carregada de preocupação.

— Mais ou menos.

— Melinda? Já conversamos sobre isso. Você não pode se sobrecarregar minha filha. Não exagere. Eu sabia que sua mudança para São Paulo não seria boa ideia.

— Mãe! Estou onde sempre quis chegar. Eu só preciso me acostumar com o ritmo. — Tento tranquilizá-la falando calmamente.

— Eu nunca gostei desta sua ideia fixa em morar aí. Você tinha um ótimo emprego aqui que também te proporcionava uma boa renda mensal. Tinha prestígio e reconhecimento profissional, por que sair daqui?

— Mãe tente entender, eu quero mais. Estudei para chegar ao topo. Eu quero muito ser presidente de uma grande empresa, quem sabe morar um tempo em outro país? Eu nunca conseguiria alcançar meus objetivos ficando aí.

— Não vou mais tentar argumentar com você, Melinda. Mas nunca vou entender. — Ela denota cansaço em sua voz, como se fosse causa perdida. — Pelo menos tente fazer alguma atividade física, pelo amor de Deus. Se eu te conheço bem, tirando o trajeto do trabalho, sei que não está saindo de casa. E se alimente direito, por favor? Senão eu vou aí ficar uns dias com você.

— Tudo bem mãe. Eu vou tentar, prometo, mas não precisa vir até aqui por isso. Tenho que ir. Nos falamos depois.

Encerro a ligação fechando a porta do meu apartamento. Hoje não preciso sair correndo, estou bem adiantada por sinal. Chego antes de todos, praticamente abro o escritório, vou direto para minha sala, ligo as luzes e meu computador.

Começo meu dia respondendo meus e-mails, revisando a proposta de alteração da porcentagem das maquinetas, e, infelizmente, ainda pensando naquele sonho esquisito e na mulher da estação. Cristina chega e vai até minha sala.

— Você dormiu aqui? — Sua fala sai rápida e seus olhos estão bem abertos, mais do que o usual.

— Não. Eu apenas cheguei mais cedo.

— Está certo então... — Ela hesita suspirando fundo, então me olha com bastante atenção. — Melinda, não quero ser indelicada, nem me intrometer na sua vida, mas apenas tente relaxar um pouco. Se continuar levando trabalho para casa, logo ficará doente.

— Obrigada pela preocupação Cristina. Eu vou me cuidar mais, só estou me adaptando. — Ela levanta as sobrancelhas como quem diz, não acredito, mas não vou prolongar o assunto.

— Thomas pediu para avisá-la de que hoje ele não virá na parte da manhã. Estará em reunião com a equipe de desenvolvimento, para resolver o problema de comunicação da máquina com a MEGA.

— Vou ter que resolver sozinha então. Tente contato com Samuel e assim que conseguir transfira para cá, por favor? Obrigada Cristina.

Ela sai fechando a porta, enquanto eu continuo analisando a proposta. Em poucos minutos ela transfere a chamada do Samuel. Minha manhã inteira é gasta apenas solucionando esse problema.

Samuel estava relutante, não queria aceitar que a única forma de não perdermos muitos clientes seria a redução do nosso ganho, somente diminuindo a porcentagem sobre as vendas é que conseguiríamos manter os contratos.

Eu pesquisei todos os nossos concorrentes, nossas taxas já eram mais baixas, mas o problema de comunicação entre as máquinas e a MEGA deixou nossa imagem muito ruim no mercado da região nordeste.

Só oferecendo uma vantagem financeira maior para tentar compensar as perdas nas vendas que muitos lojistas tiveram para poder reestabelecer

alguma confiança, e claro, o problema não poderá se repetir.

Enfim chegamos a um valor sem prejuízo para nenhum dos lados, e Samuel concordou. Conseguimos falar com Thomas rapidamente, que também aprovou a proposta.

À tarde, Thomas me informou que havia marcado uma reunião com a gerência da MEGA e que eu deveria participar. Enviou um e-mail com as explicações técnicas do nosso setor de desenvolvimento. Devorei rapidamente antes da reunião.

Exausta física e mentalmente, resolvi sair com Cristina e o restante da equipe para almoçar. Desta vez fomos para um restaurante de comidas saudáveis. Eu não sou uma apreciadora desse tipo de alimentação. Aliás, há um bom tempo que não aprecio refeição alguma, mal presto atenção ao que estou comendo.

Opto por um filé de salmão grelhado com molho de limão siciliano, acompanhado de salada de folhas verdes e arroz integral. Mentalmente peço para que não tenha rúcula no meio da salada de folhas, não especificadas no *menu*.

Todos conversam tranquilamente, eu tento novamente interagir, meio sem jeito, já que estão falando de amenidades, coisas sobre clima, festas, e pessoas desconhecidas para mim. Assim permaneço mais tempo calada do que emitindo qualquer palavra, ou acompanho os outros rindo, sem entender do quê. Completamente deslocada. De qualquer forma estou até me divertindo.

O garçom se aproxima da mesa para entregar nossos pedidos, eu levanto minha cabeça para agradecê-lo, neste momento meu olhar, como um radar, se volta para o Ruivo de terno cinza entrando. Meu sorriso desaparece na hora, eu não posso acreditar na coincidência infeliz. Ainda estou com raiva e ódio daquele idiota mal educado, prepotente e... lindo.

Não consigo parar de olhar para ele e de repente ele também nota minha presença no local. Seu semblante, que estava tranquilo, se transforma em uma nuvem negra carregada de tempestade.

Ele para de caminhar e apenas me encara. Fico com mais raiva e volto minha atenção novamente para minha mesa, não consigo mais participar da conversa, apenas tento comer minha refeição normalmente.

Olho ao redor às vezes para saber se ele foi embora ou se está sentado em alguma mesa. Não consigo vê-lo, não sei se fico aliviada ou com medo de esbarrar nele outra vez.

Assim que termino o almoço, Cristina e eu nos levantamos nos despedindo dos outros. Ao nos dirigirmos ao caixa, eu vejo o Ruivo sentado logo atrás. Em uma cidade tão grande, como é que eu sempre o encontro em praticamente todos os lugares que vou?

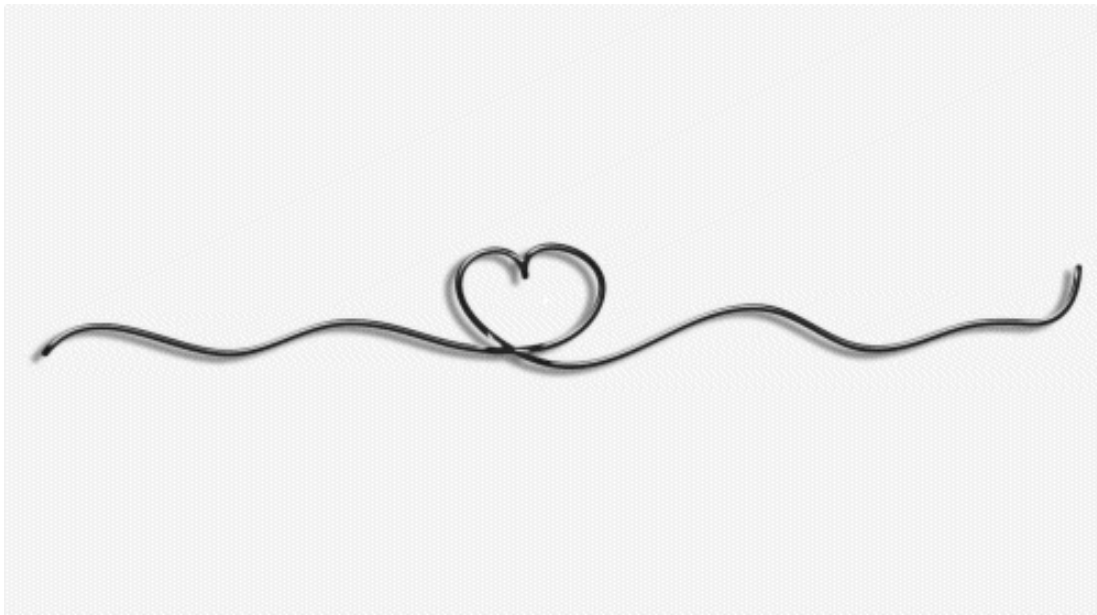
Não tenho nenhuma explicação lógica. Ele não percebe a minha presença, ou finge não notar, ainda bem. Ainda bem nada! Depois de tudo ainda me ignora!? Idiota! Mil vezes idiota.

A tarde inteira passo a portas fechadas com Thomas e um senhor grisalho simpático, mas nada confiável, David Moraes de Alcântara.

Ele é um dos gerentes comerciais da MEGA. Estamos tentando fazer com que ele absorva parte do custo para redução da porcentagem, afinal, segundo nosso relatório, eles fizeram uma pequena alteração no sistema de comunicação da empresa e não repassaram para que pudéssemos atualizar o nosso sistema também.

David joga pesado, é experiente e astuto, muito difícil fazê-lo reconhecer que a empresa dele, como parceira nossa, e de certa forma, responsável pelo problema, deveria ceder um pouco nas suas margens de lucro. Mas ainda que não tenha tanta experiência como ele, sou persistente e não desisto tão fácil. No final ele acaba concordando, não com o valor que gostaríamos, porém fico feliz por tê-lo feito ceder.

Após o término da reunião, Thomas ordena que eu vá para casa, pois estou com um aspecto horrível. Diz que preciso descansar, e que não é necessário chegar tão cedo amanhã. Eu acato suas ordens. Estou mesmo precisando.



Chego em casa, ligo a TV, pego um copo de água e me deito no sofá. Fico passando os canais, pois nada prende minha atenção. Olho para o relógio, são 6 horas da noite. Ainda é cedo.

Reflito sobre a conversa com a minha mãe de manhã, e sei que ela tem razão, eu não tenho cuidado de mim mesma. Resolvo sair para me exercitar. Tem a academia do meu prédio, mas não estou a fim de pegar peso, nem tenho condicionamento físico adequado para isto, posso me machucar.

Faz anos que não coloco os pés em uma academia. Vou para o parque perto de casa, é arborizado e tem pista de caminhada, que será ideal para hoje. Sempre que corro consigo gastar energia e relaxar.

Ao chegar, primeiro me alongo sentada no gramado, faço alguns exercícios de respiração que me ajudam a limpar um pouco a minha mente. A paisagem também me acalma.

Um pouco de verde é sempre bom, algo do qual sinto falta. Coloco meus fones, prendo meu celular no braço, e começo a caminhar. Após cinco minutos, aumento a velocidade dos passos até chegar a correr. A sensação é maravilhosa, estou mais calma. “Isso é perfeito! Preciso correr mais vezes!”

De repente meus pensamentos são interrompidos. Uma figura conhecida passa por mim, imediatamente uma corrente elétrica percorre da ponta do meu pé até o último fio de cabelo, dando a sensação de que vou explodir, vejo toda aquela paz dando adeus para mim, para no seu lugar se instalar uma onça salivando de raiva pronta para atacar sua presa.

— Eu não posso acreditar! Eu só posso estar enlouquecendo! — Mantenho o ritmo. — Você está delirando Melinda.

Mais uma volta, e o Ruivo aparece correndo de novo. Ele corre com muita velocidade. A camiseta cinza com manchas de suor colada ao seu tórax perfeito. Mostrando cada gomo do abdômen, e seus braços fortes. Com os fios vermelhos balançando elegantemente.

Ele tinha que ser tão lindo assim? Isso dificulta e muito as coisas. Desvairada. Se recomponha, Melinda. Você não pode em hipótese alguma pensar esse tipo de coisa.

Sacudo a cabeça na tentativa frustrada de esquecer a sua presença, afinal meus olhos teimosos insistem em procurá-lo vez ou outra. Ele parece não ter me notado, está correndo concentrado. Idiota! Uff!

Qual o motivo dele me incomodar tanto? Ele foi um grosso mal educado, mas fora isso nem nos conhecemos, eu devo estar projetando meu estresse nele, culpando-o pelos meus dias ruins. Se minha mãe estivesse aqui,

com certeza diria isso.

Na terceira volta ele diminui a velocidade e para, de novo com a mesma expressão do restaurante, olhos arregalados e sobrancelhas levantadas. Acho que me reconheceu. Só agora? Continuo correndo da mesma forma, então passo por ele, mantendo a cabeça direcionada para frente sem mover um milímetro sequer. É minha vez de ignorá-lo.

Ou ele não gostou de mim ou está com vergonha. É bom que sinta vergonha mesmo. Logo escuto passos pesados atrás de mim. Pesados e rápidos. Estão perto, cada vez mais perto. Agora estão do meu lado. Ele está do meu lado.

Olho para ele sem entender nada. Não digo uma palavra, viro meu rosto e continuo no meu ritmo. Ele permanece ao meu lado como se estivesse correndo comigo, seu olhar se fixa no meu pescoço, ou será nos meus seios? Atrevido.

Respiro fundo e corro mais rápido, ele me acompanha. Ah não! Vou mais rápido ainda, ou melhor, tento. Falho miseravelmente. O meu coração bate na garganta, as pernas estão moles, os pés doendo, não consigo respirar direito. E ele, sem o menor esforço, continua ao meu lado, ainda me fitando, mas sem uma palavra. Quando não aguento mais, decido parar e ir embora.

Isso é ridículo! Incomoda-me! Olho para o meu relógio disfarçando, interrompo a corrida. Volto-me para o outro lado e começo a caminhar, exausta, quase sem forças. Ele faz o mesmo. Não acredito.

Permaneço caminhando como se não percebesse sua presença até a entrada do parque. Ele no meu encalço o tempo todo. Puxo meus fones de ouvido com força e me viro para ele com as mãos na cintura, e punho fechado.

— Por que está me seguindo? — Ele para bruscamente quase colidindo de frente comigo.

— Desculpe? Te seguindo?

— Sim. Está. Deve ter algum motivo.

— Acho que houve um mal-entendido. — Levanta as mãos como se estivesse se rendendo, porém sustenta na face os lábios levemente repuxados dando um ar de deboche.

— Claro. É uma hipótese. Pode me dar sua versão, por favor? — Forço o sorriso irônica devolvendo a provocação.

— Eu apenas te achei familiar, então corri ao seu lado para ter certeza. Mas acho que me enganei.

— Talvez você não tenha se enganado. Provavelmente se lembrou de ter derrubado meu café ontem de manhã. Ah, e minha refeição. E manchou minha camisa branca. — Elevo uma das minhas mãos com o dedo indicador em riste. Minhas sobrancelhas se juntam e o coração acelera um pouco mais do que o normal.

— Eu sei que era você na cafeteria, e não foi isso que eu quis dizer... de qualquer modo peço desculpas, não foi minha intenção. — Sua voz sai mais baixa, a cabeça inclina levemente para baixo, e o sorriso desapareceu.

— Ok — falo mais calma. Mas opto por ignorar a outra parte do que ele disse. É só invenção. — Você não precisa mais se sentir culpado pelo café, talvez seu dia tenha começado tão ruim quanto o meu. Então pode parar de me seguir em todos os lugares. Isso é estranho.

— Já disse, não estou te seguindo. — Pronuncia as palavras pausadamente sem desviar o olhar do meu. De repente sinto muito calor, mas não o suficiente para me distrair.

— Não? Vejo-o todos os dias na cafeteria, hoje te vi no restaurante em que fui almoçar e nem eu mesma sabia que iria para lá, e agora aqui, é um tanto estranho que seja só coincidência em uma cidade gigante como esta.

— Eu trabalho para D&G Investimentos, que fica naquela região, sempre almoço por ali, e eu adoro aquela cafeteria, tomo café todos os dias lá há anos. — Enfatiza a expressão “há anos” cruzando os braços deixando seus ombros ainda mais largos.

— Certo. Mas tem que correr aqui também? Vai me dizer agora que mora nesta região? — Pendo a cabeça um pouco para a direita focando a visão nas árvores, só assim sou capaz de continuar raciocinando e evito reações inesperadas do meu corpo desobediente.

— Sim eu moro por aqui. Há muitos anos também. — Sua voz sai um pouco alta frisando o “também”.

— Está bem. Vamos esquecer esse mal entendido por assim dizer.

Essa discussão não vai nos levar a lugar algum. Viro as costas e saio caminhando em direção ao meu prédio, prestando atenção para ter certeza de que ele não está me seguindo. Quando olho para trás, mais uma vez para me certificar, o vejo entrar em uma SUV preta.

Tento memorizar a placa, mas estou um pouco distante, não dá para distinguir tudo, apenas um pedaço, ainda mais sem óculos, assim desisto. A caminhada até meu apartamento dura dez minutos.

Entro no prédio passando pelo hall e aperto o botão do elevador, que

está parado no meu andar. Checo minhas mensagens no celular enquanto aguardo. O porteiro me chama, então vou até ele.

— Deixaram este pacote para senhora agora há pouco. — Estende as mãos contendo um pacote e me entrega.

— Obrigada.

Volto para o hall, entro no elevador. Viro o objeto de um lado para o outro. Só tem meu nome no pacote, uma caixa pequena embrulhada com um papel de presente delicado e um laço rosa. Meu cabelo arrepia e uma brisa leve toca minha pele me deixando com frio. Não gosto disso. Penso logo em algum tipo de atentado. Entro em casa e deixo em cima da mesa.

Não sei se devo abrir. Vou para o banho. Descanso um pouco na cama, com a curiosidade me enlouquecendo. Peço algo para jantar, lutando contra a vontade de abrir o pacote.

Assim que encerro a ligação, a maldita curiosidade fala mais alto e abro a caixa. Dentro tem um pequeno pedaço de papel com poucas linhas escritas, com uma letra de dar inveja, toda desenhada. Deve ser de mulher.

Melinda,

Há muito tempo que deveria tê-lo entregue a você. Mas apenas agora nos encontramos.

Sempre lhe pertenceu. Espero que a ajude na sua longa jornada. Lembre-se de quem você é.

Boa sorte e não desista, você está muito perto.

Alguém só pode estar brincando comigo. O que significa tudo isso? Céus, querem me enlouquecer? Uma mecha de cabelo escuro? Que coisa mais original! Bufo. E um pedaço de tecido azul velho? Hum! Parece lã.

Não me lembro de ter usado qualquer coisa parecida com isso nem na minha infância. Abro meu guarda-roupa atrás de fotos minhas, em nenhuma delas estou usando qualquer coisa de lã azul.

Com certeza tem alguém tentando me perturbar. Brincadeira mais sem sentido. Deixo a caixa com os objetos próximos à lixeira. Amanhã digo para Juliana jogar fora quando fizer a limpeza do apartamento. Vou para a cama, ligo a TV do quarto e caio no sono.

Homem dos Sonhos

O dia está ensolarado, o céu limpo sem nuvens, de um azul claro e brilhante. As árvores com suas folhas incrivelmente verdes e aroma fresco. O pasto todo coberto por uma vegetação rasteira bem viva. Não está tão frio, agradável até. O ar úmido e com cheiro de terra molhada... tem algo errado.

— Ei? Onde estou? Como assim pasto? Eu moro em uma cidade enorme, não tem pasto aqui.

Chacoalho a cabeça algumas vezes. Toco meu corpo pegando na roupa. Olho para baixo me analisando, não reconheço o que estou vestindo. Uma túnica que vai até o meu tornozelo, com mangas longas, azul, feita de um tecido que parece lã. Parece não, é lã. E grossa.

Um cinto de couro bem arcaico envolve a minha cintura, nos pés um calçado também de couro, com tiras que cruzam nas pernas, meus cabelos estão longos, e soltos, indomáveis e negros. Tem cavalos ao meu redor. E carneiros.

— Eu só posso estar sonhando outra vez. É só abrir os olhos Melinda. — Tento levantar minhas pálpebras, mas não dá. Elas não me obedecem.

Então um senhor alto de cabelos brancos, pele bronzeada e totalmente enrugada, de olhos bem azuis, se aproxima.

— Anna, onde está sua mãe? — Ele fala uma língua estranha, parece inglês. Porém, a sonoridade é um tanto diferente.

— Está alimentando as crianças — respondo na mesma língua e me surpreendo.

— Vá buscar as selas e prepare os cavalos. Já terminei a tosa das ovelhas e agora tenho que vender a lã. Quando terminar tome conta dos gêmeos, sua mãe irá também para me ajudar na venda.

— Sim, senhor.

O corpo obedece a ordem imediatamente, não consigo controlá-lo. Saio apressada, me aproximo dos cavalos, coloco arreio e selas, faço um carinho em suas cabeças e os conduzo até perto da porta da casa. Corro para dentro dela. Observo a simplicidade do lugar, diferente das construções de hoje.

É muito velha, feita de pedras e madeira, não tem um padrão. As madeiras estão mal cortadas. O primeiro cômodo é espaçoso com alguns bancos de madeira, e no centro uma lareira. Há dois outros cômodos que

parecem duas câmaras, grandes também, porém menores que o cômodo principal.

Sentados em dois bancos lado a lado, estão dois meninos de cabelos lisos bem negros e olhos azuis como os do homem de cabelos brancos. Eles devem ter entre três e quatro anos. Estão comendo uma coisa gosmenta, talvez seja uma papa. É esquisita, e me causa náuseas, não identifico do que é feita, e prefiro não prestar atenção.

— Anna! Anna!

— Oi meninos. — Dou um beijo na testa de cada um deles, sinto um carinho e afeição inexplicável por aqueles dois rostos, que nunca vi antes, mas são tão familiares. — Mãe?

— Sim.

— O pai pediu para ajudá-lo. Eu tomo conta dos meninos.

Ela meneia a cabeça, e sai limpando suas mãos nas próprias vestes, que são de um tom esverdeado, porém o tecido apresenta manchas de gordura, a barra está marrom como a terra.

Eu fico com os dois garotinhos sapecas na mesa. Após eles terminarem de comer, retiro os pratos, e começo a procurar onde poderia fazer a higienização deles, não achei nada. A mulher de cabelos loiros e traços enrugados entra novamente na casa.

— Permaneceremos em Eoforwic até vendermos toda a lã. Não deixe estes monstros se meterem em confusão. São suas responsabilidades até voltarmos. — Ela fala como um robô, direta, fria e ríspida.

Os dois garotinhos se entreolham sorrindo de forma nada amigável, me deixando bem desconfortável e de cabelos em pé só de imaginar o que se passa na cabeça dos dois anjinhos.

— Aiden chegará ao anoitecer. Ajude-o a recolher os cavalos.

— Sim, mãe.

Não me resta outra escolha, já que não consigo acordar nem controlar minhas próprias ações. Eles partem. Enquanto os garotos brincam, eu instintivamente carrego os pratos, ou o que parecem ser pratos, através das árvores na lateral da casa, onde avisto outro cômodo pequeno separado da construção principal.

Exala fumaça, acredito que seja a cozinha já que além da lareira não vi nada onde pudesse cozinhar os alimentos. Passo direto, caminho alguns metros e logo encontro a margem de um rio. Aproximo-me e aproveito para passar água nos recipientes. Não sei se é a forma correta, mas no momento

foi o que achei.

Escuto passos sobre as folhas e galhos secos, meus músculos todos ficam tensos e os sentidos alerta. Logo uma figura aparece e todos os músculos relaxam outra vez. Ele é forte, tem os cabelos loiros e seus olhos são grandes e verdes, suas vestes são compostas de uma túnica de linho escuro até abaixo do quadril, de mangas longas, calções e um sapato de couro preso no meio da canela.

Mesmo com essa estranha vestimenta seu corpo é escultural e eu sei com toda certeza que ele é lindo, apesar de ver apenas algumas partes de seu rosto. Ele se aproxima. Pulo impulsivamente passando os braços sobre seu pescoço. É tão bom. O meu coração acelera tão forte que parece sair do peito. Ele se surpreende e me afasta gentilmente.

— Anna!

— Aedre! Senti sua falta. Por que demorou tanto desta vez? — Sinto os lábios se repuxarem um pouco formando um sorriso tímido.

— Fui convocado para acompanhar o rei Edwin em uma missão.

— Está bem, não está machucado? — Dou um passo levando a mão até próximo ao corpo dele, entretanto paro antes de tocá-lo trazendo a mão de volta para a lateral da minha cintura. Espero para ter mais detalhes, sem sucesso, ele apenas responde à minha pergunta de forma categórica.

— Nenhum arranhão. — Sorri. — Onde estão seus pais?

— Foram para a cidade. Precisavam vender a lã, as coisas por aqui não andam muito bem. Só esta semana apareceram quatro cobradores. — Ei! Como posso saber sobre isto?

— Sinto muito. Se houver como ajudá-los me diga, por favor? — Ele me olha atenciosamente.

— Não precisa se preocupar. É muito gentil da sua parte. Mas meu pai conseguirá vender a lã e logo terá como honrar as dívidas. — Demonstro o máximo de esperança que encontro, mais para mim mesma do que para ele. Estes sentimentos são tão reais que me sufocam.

— Desculpe se pareço indiferente e com pressa. Gostaria muito de conversar com eles sobre o nosso compromisso. Já está na hora de marcarmos uma data. — Segura minha mão dando um aperto suave, soltando logo em seguida.

— Confesso que anseio muito por isto também, mas teremos que aguardar o retorno deles.

Sorrio abaixando a cabeça, o sangue irriga minha face, e o peito infla

de tanta alegria. Ele dá um passo se aproximando mais e com o dedo indicador no meu queixo, levanta minha cabeça.

Um calor sobe por todo o meu corpo. A boca fica seca como se estivesse sem beber água há dias, e meus olhos correm dos seus lábios para os seus olhos afundando completamente.

— Não posso mais esperar muito tempo, Anna. Mal consigo me conter e manter a distância entre nós. Tenho vontade de tomá-la em meus braços o tempo todo.

— Sei que não devia dizer isto, mas sinto a mesma coisa.

Então cedo mais uma vez aos meus impulsos e o abraço, desta vez ele não resiste, segura o meu rosto entre suas mãos calejadas e fortes, tomando meus lábios para si. Um beijo lento e casto, que mesmo assim faz meu corpo todo vibrar e o dele se enrijecer a cada toque das minhas mãos sobre a pele exposta do seu pescoço. Seu gosto é doce como mel. E eu desejo mais, porém ele me afasta com cuidado, ofegando.

— Eu a amo profundamente, desde a primeira vez que a vi, Anna. Não vejo a hora de tê-la só para mim, do jeito que você merece, não aqui.

— Eu também te amo Aedre. Muito.

Ele me abraça e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha beijando a minha testa.

Abro os olhos. O relógio em cima do criado-mudo marca 2 horas da manhã. Meio confusa, respirando com dificuldade e o rosto molhado de suor, lembro que estava sonhando. Tudo ali parecia tão real. Aquele homem tão forte. Ainda sinto seus braços em volta da minha cintura e o gosto do seu beijo.

— Como isso é possível? Definitivamente Melinda, você está louca. E precisando de companhia. É a única explicação para esse sonho. Admito, foi estranho e gostoso. Muito gostoso. Acho que nunca fui beijada assim antes.

Levanto da cama passando a palma da mão para secar a testa e vou me arrastando até a cozinha. Tomo um copo de água gelada. Sento-me na cadeira com os cotovelos apoiados sobre a mesa e as mãos entre meus cabelos. Cansada e com sono, mas a imagem daquele homem me beijando não sai da minha mente. Então volto para o quarto, ligo o meu computador, e começo a trabalhar. Algo que sempre me faz esquecer do mundo.

Respondo alguns questionamentos dos colaboradores da minha equipe sobre taxas e aluguel de máquinas, e a Thomas sobre o desempenho da

equipe com relação à semana que passou. Remarco uma reunião que teria no início da manhã. Volto para cama. Já são 3 horas da manhã. Afundo na inconsciência.

Então estou de volta àquele lugar.

— Ah não!

Seguro a minha cabeça entre as mãos e fecho os olhos. Tento acordar, não consigo. Mas que droga! Preciso trabalhar! Vamos! Acorde Melinda! Grito comigo mesma em vão.

Adentro ao grande cômodo com a mesa quadrada. Meus pais, quer dizer o homem e a mulher, idosos, estão conversando com outro homem. Ele é alto e forte, têm os olhos azuis como os do velho, cabelos negros.

Sua voz está alterada, bate com os punhos fechados sobre a mesa, passa a mão sobre os cabelos. Caminha de um lado para o outro com os olhos esbugalhados. Não entendo o que ele fala então me aproximo.

— Aiden não tem outro jeito! Se não for assim perderemos a terra! — A idosa fala baixo quase como um sussurro.

— Vocês deviam ter pensado nisso antes. Como deixaram chegar a este ponto? O que fizeram com todas as moedas que dei?

— Não foram suficientes. — A mulher tenta se aproximar de Aiden que segura suas mãos para não tocá-lo.

— Não foram suficientes! Ou mais uma vez o velho perdeu tudo em apostas? — grita transtornado.

— O que está acontecendo?

— Anna? Achei que estivesse dormindo. — Aiden olha ternamente para mim.

— Estava. Acordei com os gritos. Nem o ouvi chegar Aiden. Guardei os cavalos, sozinha. — Minha voz remete a uma criança emburrada.

— Esqueça os cavalos Anna! — O velho grita comigo. Dou um salto abaixando a cabeça. Sinto medo do velho, não sei por quê.

— Desculpa, senhor.

— Nós perdemos quase toda a lã. Um grupo de homens nos parou quando estávamos a caminho de Eoforwic, e levaram quase tudo. Não pudemos fazer nada. O pouco que nos restou, conseguimos vender, mas não foi o suficiente para quitar as dívidas. — Apesar da voz da mulher soar triste suas expressões continuam parecendo a de um robô, sua face não demonstra nenhuma lamentação.

— Foram roubados mesmo? Ou perderam apostando? — Aiden tem

os olhos vermelhos e mantém os punhos cerrados.

— Aiden! Calma por favor? — Me aproximo dele tocando seu braço com cautela. — Podemos conversar com os credores e explicar o que aconteceu...

— Não seja ingênua Anna! Mesmo que eles estejam falando a verdade, nunca acreditariam neles! Eu não acredito! — Aiden balança as mãos nervosamente.

— Já adiei o pagamento algumas vezes. Não podemos adiar mais. — A mulher se aproxima de mim.

— Vamos perder a terra?

— Não desta vez Anna. Ele fez acordos que nos envolvem. — Aiden gesticula com a cabeça estreitando os olhos como se sentisse nojo.

— Como assim Aiden? — Algo dentro de mim se agita e o coração fica muito apertado.

— Qual dos dois vai dizer a brilhante ideia para ela?

— Aiden, se acalme. Não tivemos outra escolha. Isso não é tão ruim. — Se antes ela não tinha expressão alguma agora sim parece um cubo de gelo.

— Não é ruim para quem, mãe?

— Mas do que estão falando afinal?

— Você e eu somos o pagamento, Anna.

— O quê? — Sinto um frio no estômago acompanhado de arrepios por toda a extensão dos meus braços.

— Eu casarei com a filha do general. Aquela senhora que deve ter a idade de um dragão! E você se casará com Abeodan Clegg. — Os olhos de Aiden parecem incendiar, ele cospe no chão cerrando os punhos com tanta força que é possível ver as veias saltarem.

— Não! Eu estou comprometida com Aedre! Esqueceram? — Meus olhos saltam de um para o outro na busca por uma resposta contrária ao que acabei de ouvir. — Só estávamos esperando vocês voltarem. Não podem fazer isso comigo! — Imploro.

Meu rosto arde ao mesmo tempo em que meu pescoço gira com a força da mão daquele senhor de cabelos brancos e olhos azuis raivosos.

— Eu posso sim! E vocês dois farão exatamente o que eu disse! E nunca mais ousem me desafiar! Entenderam?

Não acredito no que está acontecendo. Meu coração dói batendo descompassado, quase falhando. O tapa não foi nada comparado ao que eles

fizeram. Eles nos trocaram por terra. Choro enquanto minha mãe se mantém impassível ao lado do velho. Aiden me abraça, com a postura firme encarando o homem desafiadoramente.

— Eu nem ao menos conheço esse homem. E Aedre? Como ficará? Vai quebrar o seu compromisso com a família dele?

— Não conhece, mas conhecerá Abeodan muito em breve, no seu casamento, Anna, não se torne uma decepção ainda maior para mim. Não tente me desafiar, ou conhecerá minha ira. Quanto ao soldadinho, não devo nada a ele ou à família dele. — A face dele está rubra e os olhos tão abertos que dão a sensação de que saltarão das órbitas a qualquer momento.

Ele sai acompanhado pela esposa em direção à câmara deles. Aiden permanece ao meu lado. Sério, sem mexer um músculo sequer.

— Aiden, não deixe eles fazerem isso comigo, por favor? — As lágrimas correm pelo meu rosto e a voz sai entrecortada.

— Anna, aguente firme. Vou pensar em algo. E não faça nenhuma besteira, promete? — Aiden segura o meu rosto entre suas mãos grandes me encarando com desespero.

— Eu amo Aedre! Não conseguirei me casar com mais ninguém.

— Anna! Prometa! Por mim? — Olho para ele enxugando as lágrimas.

— Está bem! Eu prometo.

Aiden beija minha cabeça, abre a porta e desaparece na escuridão. Escuto o trotar do seu cavalo se afastando. Não tenho ideia do que ele fará. Volto para a outra câmara, em silêncio, sento-me no chão frio, e ali permaneço até amanhecer.

Aiden chega em casa junto com o sol. O senhor e a esposa ainda dormem. Ao escutá-lo, saio da câmara e vou para a sala. Ele vem de encontro a mim e me abraça.

— Anna, eu não acho certo o que estamos prestes a fazer, mas sempre cuidamos um do outro, e mesmo sabendo que as leis garantem o direito do pai decidir o nosso futuro, não quero que passe o resto da vida sofrendo.

— O que você fez Aiden? — Os batimentos aceleram instantaneamente.

— Nada ainda. Só faremos se você quiser. — Ele fala devagar só aumentando minha angústia.

— Do que está falando?

— Sei o quanto ama Aedre. Eu o procurei e contei o que os velhos

fizeram. Vocês irão embora juntos, daqui a dois dias.

— Aiden! — sorriu para ele.

— Não comente nada e nem aja diferente Anna, ou estragará tudo! Só estou fazendo isso porque sei que Aedre é um bom homem — fala baixo olhando ao redor. — Não é de muitas posses, mas nossa atual situação é vergonhosa perante a dele. E Abeodan, não tem boa reputação. Tenho medo de como ele a tratará.

— Obrigada Aiden! — Pulo em seu pescoço e beijo sua face. — Nunca vou me esquecer! Mas e você?

— Anna, Anna. — Balança a cabeça de um lado para o outro rindo com certa tristeza. — Depois de tudo o que aconteceu, eu não me importo com mais nada. Eu me casarei com aquela fera, depois dou meu jeito. Não se preocupe.

Vejo um clarão e de repente estou no meio do pasto? Um homem ruivo de olhos verdes me encara. Olha de cima a baixo coçando sua imensa barba, como se avaliasse uma mercadoria.

Meu estômago revira, e tudo em volta parece girar, a sensação é de que a qualquer momento posso cair. Ele dá voltas ao meu redor e sinto seu bafo quente perto do meu pescoço. Gelo ao mesmo tempo que minhas mãos suam. O pai e a mãe estão ao meu lado.

— Certo! Aceito a proposta. Ela dará uma boa esposa. É apresentável.

— Estamos acertados então. A partir de hoje não temos mais nada pendente. — O velho sorri confiante. Não acredito que ele está sorrindo enquanto causa a minha desgraça.

— Não. Quanto a você suba no cavalo. — Abeodan aponta para um cavalo que está parado ao lado.

— Não! — grito dando passos para trás buscando com os olhos por ajuda. — Não pode ser assim.

— Você me pertence, será como eu quiser.

— Aiden! — Corro gritando até meu irmão assim que o vejo e o abraço. — Não deixe ele me levar, por favor?

— Ele se adiantou, eu não sabia que viria hoje. Sinto muito Anna.

— Aiden, por favor?

Seguro firme o pescoço dele, chorando desesperadamente. Vejo alguém se aproximar vindo da mata ao lado. Procuro focar e logo reconheço Aedre, ele corre em minha direção, solto Aiden e corro para Aedre o mais rápido que posso.

— Anna!

— Me tire daqui, por favor? — digo entre lágrimas e soluços.

— Onde você pensa que vai?

Escuto uma voz sobre meus ombros que faz com que todos os pelos do meu corpo se ouricem, e o sangue congele em minhas veias. Viro-me para olhar e dou de cara com aquele par de olhos verdes e cabeleira ruiva, que agarra meu braço com força e começa a me puxar.

— Solte-a!

— Quem você pensa que é, para se atrever a falar comigo?

Abeodan cospe no chão, ainda segurando meu braço. Aedre o empurra soltando suas mãos do meu braço. Aiden vem imediatamente em minha direção para ajudar.

Abeodan se levanta, empunha a espada e fere Aedre que cai, eu imediatamente me debruço sobre ele para ajudá-lo, porém ele se levanta depressa, nem parece que está ferido, depois Aedre me beija ligeiro, porém intensamente.

— Corra Anna, o mais rápido que puder. Eu te encontrarei. Vai.

Ele grita. Saio correndo em direção à mata, até ficar sem fôlego. Chegando próximo às árvores, ouço um grito agudo.

— Ana!

Paro e viro para trás. Vejo minha mãe correndo, Aiden está caído sem se mexer, tem sangue à sua volta. E mais dois homens estão segurando Aedre enquanto Abeodan o atravessa com a espada.

— Não! — Tudo fica escuro.

Caio da cama toda enrolada no lençol batendo a cabeça no chão e assustada. O despertador nem tocou ainda. Levo um tempo para entender onde estou.

Lágrimas escorrem pela minha face e eu não consigo me controlar. Sinto como se tivessem tirado metade de mim. Dói muito. Nunca senti tanto a perda de alguém que nem é real.

O que está acontecendo comigo? Será que estou doente? Será que tenho algum problema neurológico grave? Não encontro uma explicação razoavelmente racional para esses sonhos, nem para o que sinto quando acordo.

Arrumo-me como todos os dias e vou para o trabalho, acompanhada por uma tristeza sem fim. Lágrimas persistentes às vezes caem dos meus olhos, mesmo lutando para não permitir que elas escapem. Cristina me encara

assim que chego. Leva água e um chá de camomila para mim.

— Bom dia Melinda. E desculpe, mas está com a cara péssima. Parece que passou outra noite sem dormir. — Seu olhar lembra o da minha mãe quando sabe que estou com problema, mas percebe que não quero falar.

— Eu dormi. Esse é o problema.

— Hã? — Inclina a cabeça me encarando confusa.

— Esqueça Cristina. Obrigada pela água e pelo chá.

— Se precisar de alguma coisa é só me chamar.

— Preciso sim. Cancele as reuniões de hoje. Transfira tudo para amanhã, por favor?

— Farei isso agora mesmo.

O dia seguiu cheio de atividades no trabalho, porém não fui capaz de me concentrar em nenhuma delas sequer, então saí no horário normal como todas as outras pessoas do escritório. Nada de horas extras hoje. Quero apenas ficar em casa, sozinha.

Aceita um Café?

Há dias não sei o que é dormir bem. Já tentei todos os tipos de chás contra insônia. Tudo bem que o problema não é bem dormir, o problema são esses sonhos ou pesadelos que insistem em continuar, porém não encontrei chás ou pílulas contra sonhos.

Os remédios para dormir foram ainda pior, pois eu não conseguia acordar e o sonho continuava. Eu realmente estou preocupada, marquei uma consulta com um neurologista para hoje, preciso saber o que está acontecendo comigo, pode ser algum tumor no cérebro que está causando uma disfunção ou confusão mental, ou eu posso realmente estar enlouquecendo.

Por falar nisso, é bom ligar para minha mãe e checar se alguém da família teve problemas mentais e se foi algo grave. Mas não agora. Neste exato momento tenho que dar um jeito nestas olheiras, ou precisarei dar explicações novamente do porquê não estou dormindo, e escutar sermão do Thomas, sobre como devo me cuidar para passar segurança para minha equipe. É muito frustrante, e cansativo.

Melinda conte a verdade. Claro, muito simples. No momento que eu disser: “Thomas não estou dormindo direito porque todas as noites eu sonho que sou outra mulher e estou loucamente apaixonada por um homem misterioso, o qual eu nunca vejo seu rosto, e ainda assim sei que ele é lindo. Nossa história é trágica, parecida com Romeu e Julieta.

Ah! E quando eu acordo, uma tristeza me invade pela falta que sinto do homem do sonho, que beija maravilhosamente bem. Thomas chamará uma ambulância e me enviará para um sanatório. Nem pensar. Isso está fora de cogitação. Melhor tentar um médico, é o mais lógico a se fazer.

Mais uma vez saio sem tomar café, e mais uma vez, apesar do meu eu interior me dizer não entre, eu entro na cafeteria. Não funciona direito se não tomar café, e preciso do meu pedaço de bolo, ou meu mau humor ficará pior.

A probabilidade de encontrar o Ruivo é grande. Está bem, é certa. E tcharam! Assim que entro meus olhos seguem direto para a mesa do fundo, desobedecendo as ordens da minha mente de ignorar aquele local proibido, e os alertas de perigo.

Lá está ele, de terno preto, com seus fios ruivos caindo sobre seu rosto concentrado mexendo no celular. O que eu posso fazer? Ele é mal educado,

mas continua lindo. Isso não dá para negar. Não vai passar disso, ele é só uma irritante e linda distração. Não tem a menor possibilidade. E eu nem devia estar pensando nisto.

— Bom dia! — O atendente magricela diz sorridente.

— Bom dia!

— O de sempre? — Pisca.

— Sim, por favor.

— Para viagem, certo?

— Sim. — Sorrio. O menino decorou meu pedido. Também, venho aqui praticamente todos os dias.

— É só se dirigir ao caixa. Obrigado e tenha um bom dia.

Vou para o caixa, e entrego o cartão de consumo, enquanto checo meus e-mails pelo celular. Alguém chega atrás de mim. Praticamente gruda em mim.

Mudo meu peso de uma perna para outra na tentativa de fazer a criatura inconveniente se afastar um pouco. Nada. Não se move um centímetro. Viro-me para ver quem é, e me surpreendo.

— Oi.

— Você? Poderia ficar um pouco mais atrás para esperar a sua vez de pagar o seu pedido? Está quase subindo em cima de mim.

Forço uma expressão irritada, mas por dentro estou desmanchando, tamanha intensidade daquele par de grandes esmeraldas fixos em mim. Não entendo o motivo deste idiota me abalar tanto. Respiro fundo e mantenho minha postura altiva.

— Não tenho nenhum pedido.

— Então o que faz na fila? Quer me usar como degrau para alcançar alguma coisa no teto por acaso? — Ele ri discretamente passando uma das mãos entre os fios rebeldes enquanto a outra permanece dentro do bolso esquerdo da calça.

— Não faria isso. — Sua voz calma e segura me desarma por um momento.

— Acho que te devo um café.

— Definitivamente não. — Levanto a mão aberta em sinal de pare, tamanha minha surpresa, fazendo com que ele recue um pouco. — Não precisa fazer isto. Eu já esqueci.

— Não parece ter esquecido. De qualquer forma eu te devo desculpas. E essa é uma forma de me desculpar.

— Não posso aceitar. Estou falando sério, você não me deve nada. — Puxo o ar com um pouco mais de esforço do que o normal, e as mãos parecem fracas. Ele está me pedindo desculpas? É isso mesmo? Ele foi... ele é arrogante. Quer alguma coisa em troca com certeza.

— Sei que está falando sério, foi bem enfática. — Seu rosto sustenta um ar de seriedade.

— Resolvido então.

Volto-me para o caixa, faço o pagamento e nem espero o troco. Pego meu pedido e saio apressada, fugindo, tropeçando nas mesas em volta esforçando-me para não derrubar meu café, enquanto ele fica parado me olhando.

— Eu tentei ser gentil, não esqueça isso. — O Ruivo grita.

Continuo andando e não olho para trás. Sei que fui muito infantil e sem educação, mas eu não posso dar a menor chance para gentilezas, de ninguém. Principalmente dele.

Sei muito bem o que acontece quando se confia nas pessoas. Além do mais, não o conheço. Ele me causa sensações estranhas, incompreensíveis, não quero proximidade alguma com ele.

Mantenho os passos firmes até chegar ao trabalho. Vou para minha sala. Reúno-me com Cristina, para o alinhamento das pendências da minha agenda.

Reviso os resultados da semana e os novos contratos. Analiso as falhas e o que podemos fazer para melhorar e aumentar nossa participação no mercado. Pouco antes do almoço é a vez de lidar com Thomas, ele anda um tanto impaciente ultimamente.

Repasso os resultados, não houve queda nos contratos nem reajustes de tarifas. Já com relação a novos contratos, as metas não foram atingidas, sendo assim, Thomas exige que a equipe se esforce mais, que eu reveja as abordagens.

Apenas concordo sem revelar nenhum detalhe do que estou trabalhando. Prefiro apresentar a ideia depois que tiver todos os dados muito bem estudados e comprovados, assim terei base suficiente para qualquer questionamento e será mais assertivo que ele aprove as estratégias, do que apenas comentar sobre algo sem fundamento algum.

Sigo para o almoço com parte da equipe, que escolheu uma casa de massas, não tão perto desta vez, mas como o motivo é a comemoração dos aniversariantes do mês, abri uma exceção. Fizemos os pedidos. Almoçamos

tranquilos, comemos sobremesas, cantamos parabéns para os homenageados e tomamos um café.

Quando estamos saindo, ele chega. O Ruivo. Assim que nossos olhos se encontram, as pernas fraquejam e a boca saliva. Mordo meu lábio inferior e junto toda a coragem escondida em algum canto dentro de mim, não fujo nem me escondo, nenhuma atitude infantil, ao contrário, mantenho o olhar fixo nele.

Ele balança a cabeça me cumprimentando. Repito o gesto. Acredito que não transpareci a mistura de raiva, surpresa e vontade de estar perto dele ao mesmo tempo. Algo que eu não consigo explicar para mim mesma.

Saio mais cedo do trabalho e sigo para a consulta com o neurologista. Desta vez nada de metrô, peço um carro de aplicativo. A clínica é especializada em neurologia, posso fazer todos os exames que o médico prescrever lá mesmo, tem vários médicos famosos.

Escolhi o mais renomado, depois de pesquisar cada um deles na internet, ler os artigos publicados por eles nas revistas mais conceituadas da área e opiniões dos pacientes deles. Não foi exagero, eu, precisava me certificar de que estava fazendo a escolha certa, é minha saúde que está em jogo.

Após passar pela recepção sou chamada à sala do médico depois de mais ou menos trinta minutos de espera. Um senhor na casa dos sessenta anos, grisalho, estatura mediana, um tanto sério, me chama. Entro na sala toda branca e sem graça.

Sento-me na cadeira à sua frente e ele questiona o motivo que me levou até lá. Eu conto a ele sobre os sonhos e sobre a minha rotina de trabalho.

— Além dos sonhos que relatou e dos sintomas de estresse, a senhora tem sentido alguma dor de cabeça? — Seu rosto é inexpressivo, e nada simpático.

— Sim

— Como é essa dor?

— Sinto dor em cima da cabeça, algo como um peso. É como se estivesse sob o efeito de medicamentos, não raciocino direito. Não estou rendendo o que devia no meu trabalho.

— A princípio não parece ser nada grave. Possivelmente uma enxaqueca de fundo emocional. Estresse. Vou passar alguns exames, dentre eles uma tomografia.

Ele nem olha para mim, continua escrevendo enquanto fala.

— Verifique os horários disponíveis, na recepção. Até que os resultados dos exames saiam, não prescreverei nenhuma medicação. Procure diminuir a carga de trabalho se possível. Recomendo também terapia com um psicólogo de sua confiança. — Aponta para a porta e nem ao menos se levanta.

Saio do consultório e vou direto para a recepção marcar os exames. Por sorte tem horário livre hoje. Permaneço na clínica até concluir os exames, o que leva em torno de quatro horas de espera, entretanto saio com os laudos em mãos.

Curiosa eu abro os resultados. Não consigo entender bem os termos médicos utilizados, pesquiso na internet para descobrir do que se tratam os termos do laudo. Aparentemente não encontraram nada. Não é tumor.

Ainda me resta como alternativa, algum tipo de demência, depressão, delírio. Ou seja, continuo na dúvida. Talvez eu precise mesmo de terapia.

Com essa hipótese na cabeça, chego em casa, tomo um banho morno bem demorado, enquanto decido se procuro ou não um psicólogo. Ainda enrolada na toalha ligo para minha mãe.

Chama uma. Duas. Três. Quatro. Nada dela atender. Penso em desistir. Então ela atende.

— Melinda?

— Oi mãe. Tudo bem por aí?

— Sim. Estava falando sobre você agorinha com seu pai. — A tonalidade da sua fala é alegre.

— Que coincidência!

— Estamos com saudades.

— Eu também mãe. — Suspiro pesado.

— Você está com a voz meio triste. O que aconteceu?

— Não estou triste, só cansada.

— É só isso mesmo?

— Bem... também estou tendo alguns sonhos estranhos, e isso está atrapalhado o meu rendimento no trabalho.

— Como assim? Você nunca mencionou nenhum sonho durante toda sua vida. São sonhos ou pesadelos?

— São apenas sonhos mãe.

— Você quer que eu vá ficar com você por alguns dias? Você pode estar sentindo falta de casa. — Ela parece preocupada. Talvez eu tenha me

precipitado em ligar para ela.

— Não precisa mãe. Vocês têm muito que fazer aí. E papai não dá conta do hotel sozinho. Vou visitar vocês assim que possível, eu prometo.

— Como posso te ajudar então minha filha?

— Eu fui a um neurologista.

— O que está sentindo? Ninguém vai ao médico por causa de sonhos Mel. Não me esconda nada, ou vou para aí amanhã mesmo. — Devia costurar minha boca, se ela já estava preocupada antes agora ficará mais ainda.

— Calma mãe. Eu procurei um neurologista por causa dos sonhos sim, afinal eles têm atrapalhado o meu sono e consequentemente o meu trabalho.

— Mel?

— Mãe, não sou criança. Se tivesse com qualquer problema eu te falaria. Posso continuar?

— Sim. Diga logo então.

— O médico sugeriu que eu faça terapia. Mas não conheço ninguém aqui. E acho que psicólogo tem que ser por indicação. Pensei que talvez você ou alguma de suas amigas conhecesse alguém. Enfim, pode ser aí mesmo, desde que me atenda aos sábados.

— Tem uma amiga minha que é psicóloga, ou pelo menos era. Não a vejo há muitos anos. A última vez que nos falamos ela disse que estava de mudança para São Paulo. Ela deixou um número comigo. Espere um momento que vou procurar.

Espero uns cinco minutos, até minha mãe falar comigo novamente.

— Melinda?

— Oi mãe, achou o contato?

— Sim. O nome dela é Irene. Quer que envie por mensagem ou você anota?

— Mensagem mãe.

— Está bem. Vou enviar. Assim que falar com ela me avise filha, por favor? — Sua voz doce e calma implora.

— Eu ligo para você mãe. Não precisa se preocupar. Só mais uma pergunta. Tem ou teve alguém na família com algum problema neurológico? Algum tipo de demência, delírio, esquizofrenia, tumor?

— Não que eu saiba. Tire isso da sua cabeça agora mesmo Melinda! Você não tem nada disso. — Me repreende, tenho certeza de que se estivesse

do meu lado seria provável ela puxar minha orelha como fazia quando cometia deslizes na infância.

— Eu não falei nada mãe. Só perguntei por curiosidade.

— Eu te conheço Melinda. Sei bem o que está pensando. Pois trate de esquecer essas besteiras. Deixe de viver só para o trabalho que seus pesadelos vão embora.

— Tudo bem mãe. Esquece o que perguntei, foi só curiosidade minha. Vou jantar agora. Obrigada. Nos falamos depois.

Encerro a ligação. Ela ficou muito irritada comigo, melhor não comentar nada desse tipo com ela nunca mais.

Checo a mensagem que ela me enviou. Salvo o número nos contatos e ligo em seguida para a tal Irene. Ela atende, eu me identifico como filha de Luiza, sua amiga de infância. Ela imediatamente se recorda, pergunta sobre minha mãe e meu pai, e como pode me ajudar.

Eu comento por alto o problema com os sonhos. Irene me passa o endereço do seu consultório agendando a primeira consulta para o dia seguinte após o expediente.

— Perfeito. Amanhã direi adeus a vocês queridos sonhos.

Conversa Incomum

O dia passou voando com tanta atividade no trabalho. Deixo o escritório em cima da hora, correndo para não perder minha primeira sessão com a Doutora Irene. Como o consultório é perto do meu apartamento, pego o mesmo metrô de todos os dias, e por sorte chego a tempo, sem nenhum encontro estranho pelo caminho.

A recepcionista me encaminha à sala. Irene me recebe bem, é calma e gentil. Tem olhos castanhos e cabelos escuros. Ela pede que eu me sente em uma poltrona branca de frente para ela. Reduz a luminosidade do ambiente, o que de certa forma me deixa tranquila.

— Melinda, podemos começar? — Abre um sorriso simples e acolhedor.

— Sim.

— O que exatamente te trouxe aqui?

— Meu neurologista recomendou que eu fizesse terapia.

— Qual o motivo? — Faz anotações em um pequeno caderno.

— Tenho sonhos recorrentes que estão atrapalhando a minha rotina, não durmo direito, na verdade tenho até medo de dormir e sonhar de novo. Fiz alguns exames, e pelo que entendi está tudo normal. Nenhum tumor. Mas...

— Mas?

— Talvez eu tenha algum distúrbio. Esquizofrenia, demência, delírio.

— Seus sonhos são apenas sonhos? Ou são como visões que aparecem a qualquer hora do dia? — Olha para mim sem demonstrar nenhum sentimento. Será que todos da área da saúde são assim? Não me lembro de ver minha mãe agir desta forma, mas nunca fui paciente dela.

— Sonhos. Por enquanto apenas enquanto durmo.

— Então não há motivos para cogitar que esteja doente. Acabou de me dizer que seus exames estão normais, e não tem sintomas preocupantes. Vamos com calma, certo? Sem suposições exageradas.

— Desculpe. Estou ansiosa. — Tento sorrir, mas acho que ficou deformado. Não são suposições exageradas. Se fosse com ela duvido que diria isto.

— Eu entendo. Você tem apresentado algum outro sintoma que te leve a pensar nesses problemas específicos?

— Não. Apenas os sonhos e dores de cabeça.

— Então vamos descartar essas hipóteses a princípio. Comente um pouco sobre sua rotina.

— Eu geralmente acordo bem cedo, 5 e meia da manhã, tomo banho, o que leva em média menos de cinco minutos. Me arrumo em torno de dez a quinze minutos. Saio de casa perto das 6 horas da manhã, vou para a estação do metrô, que é bem próximo do meu apartamento, levo mais uns dez minutos de caminhada. E praticamente todos os dias eu vou a uma cafeteria perto de onde trabalho.

— Não toma café em casa?

— Não. Nunca dá tempo. E não vivo sem café.

— E você toma nessa cafeteria mesmo ou leva para a empresa?

— Às vezes, ou melhor, raramente eu tomo lá mesmo. Gosto de chegar cedo ao trabalho, aproveito para ler todas as mensagens, e-mails e checar minha agenda. Só então inicio minhas atividades.

— Almoça no escritório também?

— Normalmente vou almoçar com minha equipe em restaurantes próximos. Quando tenho muita coisa para fazer ou alguma pendência urgente, almoço no escritório, e já retomo ao trabalho.

— Costuma ficar depois do expediente?

— Sim, entre duas e três horas depois. — Ela não vai parar de fazer perguntas? Uma atrás da outra não dá tempo nem de pensar. E ainda continua com essa face sem expressão. Me sinto um robô respondendo.

— Você é solteira?

— Sim.

— Mora sozinha ou divide com alguém.

— Sozinha.

— O que faz quando está em casa?

— Normalmente peço o jantar pelo telefone, ou esquento algum prato que Juliana deixa congelado para mim. E às vezes trabalho.

— Quem é Juliana? — Anota alguma coisa enquanto faz a pergunta.

— É a pessoa que organiza o meu apartamento.

— Qual a real frequência que trabalha à noite em casa?

— Praticamente todos os dias. — Coro ao responder. Ela não acreditou nem um pouco quando disse às vezes, pois ficou me encarando alguns segundos antes de retomar o interrogatório.

— É necessário trabalhar todos os dias à noite? Seu horário não é

suficiente?

— Sim e não. Eu gosto de revisar, de me manter atualizada a fim de melhorar constantemente como profissional. Então nem sempre é pendência. Às vezes é uma atividade na qual estou trabalhando e quero encontrar a melhor solução, então eu continuo lendo e pesquisando em casa.

— Você acredita que assumiu uma responsabilidade maior do que deveria? Além da sua capacidade?

— Não! De maneira alguma. Eu batalhei muito sim para chegar até aqui e ainda pretendo ir mais longe, sei muito bem o que estou fazendo e tenho plena confiança em mim mesma. — O que ela está pensando? Minha vontade é levantar-me e ir embora agora mesmo. Contudo me contenho. — Jamais seria contratada se não fosse competente. Quanto a isso não me preocupo. Apenas gosto de ter certeza de que estou fazendo o meu melhor.

— Você trabalha aos sábados?

— A empresa não abre aos sábados.

— Não foi o que perguntei. — Lança seu olhar acusatório novamente.

— Sim. — Ela é osso duro.

— Costuma fazer alguma atividade de lazer?

— De vez enquanto vou correr.

— Tem amigos? Faz alguma atividade com outras pessoas?

— Desde que me mudei para São Paulo, não.

— Tem dificuldades de se relacionar com outras pessoas?

— Não! Só não tenho tempo.

— Se relaciona amorosamente com alguém?

— Não. — Mudo de posição e ajeito a roupa. Por que ela não vai direto ao problema?

— Nunca se relacionou? Ou só agora?

— Já tive alguns relacionamentos.

— Aqui em São Paulo?

— Não.

— Longos ou curtos?

— Em geral curtos. — Cruzo as pernas, balançando a que está por cima, afastando o corpo do encosto da poltrona.

— Há quanto tempo não se relaciona com ninguém?

— Acho que uns dois ou três anos.

— O último relacionamento foi longo?

— Sim. Namoramos em torno de dois anos.

— Como foi esse relacionamento?

— Nos conhecemos no primeiro dia de aula da faculdade. Éramos da mesma turma. Ian foi legal e atencioso no início. Primeiro nos tornamos amigos. No segundo ano do curso, as coisas ficaram diferentes e começamos a namorar.

— Você o amava?

— Eu gostava dele de verdade, mas não sei dizer se era amor. Ele estava sempre comigo, em todos os lugares, em todos os momentos. Eu me acostumei com a companhia dele. — Nossa eu nunca parei para pensar em como me sentia de verdade com Ian. E não acho que isso tenha qualquer relação com meus sonhos, por que ela insiste em perder tempo com essa bobeira?

— Qual o motivo do término? — Mudo outra vez de posição.

— Ele me sufocava, e não me via ao lado dele até o final da vida. Ele era possessivo, não podia sair sem ele, nem falar com outras pessoas, pois isso era motivo para brigas.

— Foi um final tranquilo?

— Acho que não. Ele me pediu em casamento e eu recusei. Não o enxergava da mesma forma de quando nos conhecemos, não tinha mais o mesmo sentimento, além de ser muito nova.

Essa conversa inútil não tem nada de agradável, pelo contrário, mas continuo.

— Então disse a ele que não podia me casar nem continuar o relacionamento, pois não o amava. Depois disso ele nunca mais falou comigo. Mesmo com um ano de curso pela frente, frequentando a mesma sala de aula todos os dias. Ian simplesmente fingia que não me conhecia. Após a faculdade nunca mais o vi.

— E os outros relacionamentos?

— Nada sério. Todos duravam três, quatro meses no máximo.

— E ao que você atribui esse fato?

— Durar pouco? Eu não senti nada de especial por nenhum deles. Então não queria perder meu tempo.

— Entendo. Têm amigas ou amigos?

— Não tenho tempo para isso. Nem encontrei pessoas que tivessem os mesmos objetivos, não eram compatíveis comigo. As ideias fúteis delas não transmitem confiança. Prefiro não me aliar a pessoas assim.

— O que você quis dizer com ideias fúteis?

— Falar sobre outras pessoas, opinar na vida delas, falar de coisas sem futuro como compras, rotina de casa, plantas. Enfim, eu preferia falar da faculdade, por exemplo, ou de tecnologias, de história, biologia, de trabalho, enquanto as mulheres que eu conhecia não entendiam nada ou não gostavam e mudavam de assunto comentando da roupa nova, da cadeira fantástica que viram, do jardim da casa, do namorado, do noivo, da festa de casamento.

— Falar de assuntos que envolvem amenidades é necessário também, não é saudável viver apenas de trabalho e intelecto. — Pousa as mãos sobre o próprio colo, permanecendo recostada na poltrona. — A mente precisa de um descanso. Relaxar e rir com outras pessoas faz muito bem, é parte da cultura e da boa convivência.

— Aham. — Balanço a cabeça. Ela estava afirmando que eu não sou sociável?

— Perceba.

Enquanto ela continuava, eu cruzava uma perna e depois a outra. Parecia que tinha espinho naquela poltrona.

— Você menciona detalhes que mostram que, tanto nos seus relacionamentos amorosos como nos de amizades, não quer se envolver emocionalmente. Cria barreiras ou justificativas para não se aproximar das pessoas.

— Barreiras? — Inclino a cabeça mordendo os dois lábios. Talvez terapia não funcione para mim. Vou perder meu tempo.

— Algum fato ocorreu com você e pode ter levado a bloquear as pessoas que se aproximam. Como foi sua infância?

— O que especificamente? — Mais perguntas sem sentido?

— O que vier à sua mente. Brincadeiras que você gostava, amizades, vivência na escola e com a família.

— Não me lembro de muita coisa.

— Tente.

— Eu gostava de brincar com minhas bonecas. — Fecho os olhos respirando fundo. — Lembro-me de colocá-las lado a lado sentadas e contar histórias para elas. Contava as mesmas que minha mãe lia para mim, e inventava as minhas próprias, tanto para as bonecas como para mim mesma. Eu brincava muito sozinha, e tinha mania de falar sozinha. — Franzo o cenho e passo a mão pelos cabelos.

— Por que franziu o rosto ao falar disso?

— É desconfortável falar disso. Eu parecia louca.

— Seus pais a recriminavam por falar sozinha?

— Não, de modo algum. Mamãe achava engraçado, e dizia que um pouco de fantasia não faria mal a ninguém, ao contrário, estimularia minha criatividade. Crianças deveriam ser crianças.

— Então por que pensa assim? Por acaso hoje fala sozinha?

— Não. Até pensar em voz alta eu tento evitar. — Tento, pois ultimamente minha mente tem me traído e às vezes os pensamentos escapam pela boca sem a menor cerimônia.

— Então? Essa ideia surgiu de onde?

— Acho que na escola. Quando tinha uns dez anos aproximadamente, as meninas não queriam brincar comigo, me achavam estranha.

— Estranha? Qual o motivo?

— Eu costumava ir para debaixo de uma mangueira bem frondosa, e sempre levava uma boneca para brincar no intervalo, com uma menina chamada Elisa. Contávamos histórias, fingíamos tomar chá. E ela sempre falava de anjos e fadas.

— Normal nessa fase.

— Às vezes até fingíamos ser fadas. Uma menina chamada Jéssica, durante um tempo também brincou conosco. Mas de repente começou a rir de nós. Não se sentava mais embaixo da mangueira.

Mexo meu pescoço para os lados.

— Passou a usar roupas diferentes, mais adultas, não levava mais brinquedos de casa, nem lanche. Eu não entendia o porquê, nunca fizemos nada de mal para Jéssica. No início ela só ria e dizia que ainda éramos crianças bobas.

— Você se incomodava?

— Elisa e eu não ligávamos. Na verdade Elisa sempre foi muito bem resolvida apesar da pouca idade. Ela respondia a Jéssica que era sim criança, e que não tentaria ser adulta antes do tempo, que queria aproveitar ao máximo sua infância. Então eu não me preocupava com a Jéssica, não gostava, mas também não ficava pensando. — Relembrar as cenas daquela época definitivamente era desagradável.

— Continue Melinda.

— No primeiro ano Jéssica se tornou irritante, e má. Arrumava apelidos tentando diminuir as pessoas. Comigo eram piores. Fadinha brega, sardenta asquerosa, cdf das bruxas, sorriso de metal.

— Usou aparelho ortodôntico? — Novas anotações, porém ainda sem

demonstrar qualquer sentimento.

— Sim, para correção de uma falha na gengiva. Os apelidos eram criativos, admito. — Rio sem vontade. — Eu fingia não ouvir o que ela dizia, passei a ignorar a existência dela, o que a deixava furiosa, pois Elisa e eu vivíamos no nosso mundo à parte do dela. E outras pessoas também fizeram o mesmo. Então Elisa foi embora.

— E você perdeu sua força. Estava sozinha.

— Exatamente. Jéssica e sua turma faziam bonecos de papel com meu rosto e pregavam no quadro na sala de aula, fingiam tropeçar e derrubavam suco, refrigerante, comida em mim. Com isso me retraí. Não saía mais da sala nos intervalos. Eu ficava com o pessoal da detenção, assim elas não podiam mais me atingir.

— E os ataques cessaram?

— De certa forma. Houve um episódio. E depois disso, elas não me atingiram mais.

— O que aconteceu?

— Um dos professores, solicitou que fizéssemos uma redação, lembro que era do tipo narrativa, e o tema era livre. Jéssica me escolheu como tema. Criou uma história sobre a fada sardenta dos dentes de metal, que não sabia se vestir e usava roupas de bruxa assustando as criancinhas da cidade. — Começo a transpirar, e a cabeça dói, a saliva parece ácida. — Era atrapalhada e não sabia usar a varinha de condão, então carregava bonecas para lhe fazer companhia já que nem as outras fadas a queriam por perto. Assim a fadinha falava sozinha fingindo ter amigos... precisamos mesmo falar sobre esse assunto? — Levo o tronco para frente inclinando a cabeça para trás, deixando o corpo recostar no encosto da poltrona novamente.

— Se quiser parar agora tudo bem. Porém é necessário entender o que aconteceu e como se sentiu, para poder se libertar. A escolha é sua.

Expirei e inspirei. Ela poderia ter razão e isso funcionar. De qualquer forma já estava lá mesmo. Juntei meus cacos e continuei narrando.

— Não chorei, nem demonstrei reação alguma, mesmo as amiguinhas dela gritando meu nome e balançando suas caricaturas de papel à minha volta. Um menino ruivo, do qual não recordo o nome, se levantou e chamou Jéssica de menina fútil e inútil. — Suspiro mais uma vez e continuo.

— Disse ainda que todos já estavam saturados das brincadeiras ridículas e sem sentido dela, e que se eu gostasse de fadas, de ogros ou do que quer que fosse, ela não tinha nada a ver com isso. Pegou uma das

caricaturas, rasgou e jogou na cabeça dela.

— E depois?

— Elas foram suspensas. E eu resolvi mudar. Cheguei em casa, juntei todas as bonecas, arranquei seus braços e cabeças, levei todas para fora. Coloquei fogo nelas, atirando em seguida todos os meus livros de contos de fadas dentro do fogo. Passei alguns dias sem ir para escola.

Fiquei alguns segundos em silêncio vendo a cena toda se passar como um filme em minha cabeça.

— Mudei minhas roupas e cabelo. Quando retornei à escola, meu estilo era outro, eu andava firme, não mais como uma garotinha insegura, apesar de ainda usar aparelho e óculos. Deixei a menina inocente e me transformei em mulher, e aprendi a impor o respeito que mereço.

— Melinda, entende que criou uma barreira intransponível até mesmo para quem gosta de você? Não precisa tomar atitudes extremas. Hoje, essa sua atitude tornou sua vida difícil, você não interage com outras pessoas e para não se sentir só se apegou ao seu trabalho.

— Não consigo pensar dessa forma. Eu não utilizo meu trabalho como fuga. Só estou garantindo meu futuro. — Busco na mente algo que possa comprovar o que Irene afirmou, mas não encontro nada.

— Você terá tempo para refletir o que conversamos. Esse menino que você citou. Nunca mais o viu? Nunca tentou ser amiga dele?

— Não. Ele me defendeu, mas só porque Jéssica ultrapassava o limite com todos, e acredito que ele, como a maioria da turma, não a suportava mais. A única coisa a mais é que não se misturava com ninguém, arrogante. Era muito inteligente estava sempre bem vestido parecia um homem adulto, e sempre muito sério.

— Ainda que ele fosse como você diz, nunca terá certeza, pois nem tentou conhecê-lo, mesmo ele mostrando solidariedade quando você precisou. Sua decisão foi se fechar em copas. É isso que estou tentando te mostrar para que reflita.

— Vou pensar no assunto Irene. Mas preciso falar sobre meus sonhos, como me livrar deles. — Gesticulo com as mãos enquanto as palavras saem apressadas.

— Vamos chegar lá. Não é na primeira conversa que resolveremos tudo. Antes dos sonhos, preciso conhecer você. No próximo encontro falaremos sobre os sonhos. Seu horário acabou. Além do mais, você precisa exercitar a paciência e refletir suas escolhas e atitudes até lá.

Exercitar a paciência? Estou pagando. Eu não quero ter paciência, quero me livrar dos malditos sonhos.

— Este horário está bom para você?

— Sim. — Esboço um falso sorriso.

— Como você está muito agitada, faremos três encontros semanais neste início, depois reduziremos. Tem meu número, se precisar de mim antes da nossa próxima sessão pode me ligar. Até lá.

— Obrigada.

Saio espantada, não chegou nem perto do que imaginei que seria. Ela me fez falar coisas que não tem nada a ver com o meu problema. Nada dos sonhos. Mais noites sem dormir. E o pior foi dizer que eu ergui uma barreira para as pessoas não se aproximarem. Não fiz isso. Ou fiz?

Recordações

Ao chegar em casa após um longo dia de trabalho, me deparei com um livro sobre a mesa de jantar, e sobre ele um bilhete:

Encontrei seu livro preferido quando estava organizando seu quarto, e uma foto da época que cavalgava. Venha logo nos ver, estamos com muitas saudades.

Mamãe.

Como minha mãe entrou aqui? O som de algo batendo no chão vem do meu quarto. Com o livro nas mãos caminho até lá.

— Juliana? O que está fazendo aqui até essa hora?

— William já chegou? Desculpe a bagunça, mas o aspirador de pó quebrou na hora que estava limpando o quarto, — balança a parte do aspirador que está segurando e pisca, — então demorei um pouco mais, mas já estou terminando. Ah! O jantar está pronto.

— Tudo bem, Juliana. Não se preocupe. E obrigado pelo jantar.

— Por nada, William.

— Minha mãe esteve aqui hoje?

— Ela passou bem cedinho e deixou um livro. Eu coloquei sobre a mesa.

— Sim, encontrei-o. — Levanto a mão com o livro.

— Prontinho, terminei. Já estou indo para casa. Precisa de mais alguma coisa?

— Não. Pode ir Juliana.

Assim que Juliana sai, sento-me na poltrona e abro o livro com curiosidade. *Viagem ao Centro da Terra de Júlio Verne*. Eu realmente gostava deste livro. Perdi as contas de quantas vezes o li.

Folheio o livro e encontro a foto que minha mãe mencionou. Eu devia ter uns sete ou oito anos. Montado no Maximus. Ele morreu há algum tempo... foi um bom amigo, companheiro de muitos passeios.

Acho que essa foto foi tirada na Estância. Um tanto diferente de hoje, mas tenho quase certeza de que é lá. O arco da entrada parece o mesmo. Bem no fundo da foto a imagem borrada de uma garotinha loira me chama atenção.

Acho que me lembro dessa menina. Se for quem estou pensando, brincávamos juntos lá. Nossos pais eram amigos. Ela era uma figura.

Adorava contar histórias, e acho que foi por causa dela que comecei a ler livros de aventuras. Meiga, costumava se vestir como uma princesa. Em compensação quando montava a cavalo se transformava. Odiava perder. Deus, como ela era competitiva. Por onde será que anda ela?

Sinto falta da época de criança às vezes. Tudo era mais simples. Até vovô morrer e meu pai herdar toda a responsabilidade. Era tão difícil para ele ser o provedor da casa, imagina de todos os irmãos que ainda dependiam do meu avô?

Meu pai nunca reclamou de nada, mas eu o via tão cansado e triste, e sentia vontade de ajudá-lo de alguma forma, então passava boa parte do meu tempo com ele no escritório depois da escola, com a desculpa de que queria aprender a ser administrador também. Mais atrapalhava do que ajudava, porém esse tempo serviu para nos aproximar.

Ah, eu me sentia adulto. Tinha orgulho. Coisa de criança. — Sorrio com as cenas se passando como um filme pela cabeça. — Até mesmo o seu estilo de vestir eu copiei. E no final acabei mesmo aprendendo muita coisa. Carrego comigo até hoje. Apesar de seguir um caminho um pouco diferente.

Quando completei 16 anos nos mudamos para São Paulo. Aqui eu terminei o ensino médio, logo depois meu pai quis que eu fosse para os Estados Unidos, eu consegui entrar em Columbia, Nova Iorque. Finanças. Tempos bons. — Mais uma vez me transporto para o passado através das lembranças agradáveis e divertidas de uma época formidável, que faz meus lábios se abrirem involuntariamente.

Depois, passei um ano na Inglaterra com meus pais. Eles tiraram um ano sabático, como meu pai gosta de dizer. Dentre as cidades que conhecemos, a mais surpreendente para mim foi York. Além de histórica e bonita, algo me cativou lá, acho que foi o fato de que nossos ancestrais eram daquela região.

Quando voltei ao Brasil, eu comecei a trabalhar no Citibank, lá fui crescendo rapidamente até chegar a gestor, mas como queria operar na bolsa, resolvi deixar o banco e comecei a trabalhar em corretoras pequenas, atuei também como analista independente, até iniciar uma parceria com a D&G Investimentos.

Posso afirmar que estou onde sempre quis. Há poucos dias recebi uma proposta da D&G para me tornar sócio devido à minha carteira de clientes,

que tem uma grande participação nas operações deles.

Tem dias que é muito cansativo, mesmo sendo o que escolhi e tendo habilidades para fazer, ainda assim às vezes penso em mudar. Hoje, por exemplo, não desgrudei do celular, ligações desde a hora que acordei, até agora.

Clientes apavorados com a queda dos índices da bolsa desde o fechamento de ontem, todos preocupados, pois as ações caíram bastante. Muitos deles perderam milhões.

E ao que tudo indica, pelo cenário que temos, haverá mais queda. Vários estão querendo vender tudo o que têm, apesar de aconselhar a não fazer isso agora. Pela minha experiência, acredito que em duas semanas o mercado se estabilizará e os índices voltarão a subir.

É assim praticamente todos os dias, se não ligam porque estão preocupados, ligam para ajudar a escolher no que investir. Não considero ruim, apenas é exaustivo. Sinceramente eu já sabia que seria assim, foi uma longa caminhada para chegar até aqui.

Abdiquei de muita coisa, de amizades, até da companhia dos meus pais. Não os vejo há meses mesmo morando na mesma cidade. E há pelo menos dois anos que não tenho nenhum relacionamento duradouro.

As mulheres pensam que não gosto delas e que estou usando-as, por não agir como gostariam. Então fico só nos relacionamentos de um dia, sem compromisso, e sempre aviso que não passará disso, assim não tem ressentimentos.

É claro que uma hora isto não será mais suficiente, mas até lá é o que posso ter. Por isso preciso pensar bem na decisão, pois se agora é assim, quando me tornar sócio, a tendência é ter mais responsabilidade e mais dedicação ao trabalho, ou seja, menos tempo.

Olho para a foto novamente, pensando na garotinha loira da qual não lembro mais o nome. E falando em loira... quem é aquela mulher do café?

Nunca a vejo parar para comer. E não sai da minha cabeça. É muito bonita. Seu corpo tem proporções ideais e seios bem redondos. Mesmo com aqueles óculos, chama muita atenção. Intellectual, sexy. Brava. É dura na queda, não aceita nem um pedido de desculpas.

E eu tenho certeza de que a conheço de algum lugar. Os olhos dela são familiares. E aquele colar que ela usa todos os dias... já vi antes. Certeza. Não é algo atual, parece uma peça cara, e muito antiga, não se encontra em qualquer lugar, posso afirmar categoricamente isso.

Se ela pelo menos concordasse em tomar um café. Quem sabe conversando eu conseguiria me lembrar de quem é e de onde nos conhecemos. O problema é como chegar nela. Parece ter raiva de mim. Só porque derrubei o café?

Eu não a vi. E quando eu parei para ajudar, foi estranho, olhei para seus olhos azuis que mais pareciam um abismo, a pedra do seu colar brilhava diferente como se estivesse enfeitiçada. Não notei mais nada, me tiraram completamente a concentração eu fiquei paralisado. Quando recobrei a consciência ela já estava furiosa, e pela primeira vez não soube como reagir e fui embora, envergonhado.

No parque eu também tentei me aproximar, mas além de fugir, ela ainda ficou irada achando que eu a estava seguindo, como se eu fosse um maníaco perseguidor. Eu não estava seguindo, nunca faria isso. Por mais que ela não acredite, todas as vezes que nos encontramos foi coincidência. Preciso falar com ela, nem que seja para desfazer o mal entendido. Vai ser difícil, mas adoro um desafio.

Olho para o relógio. Ainda é cedo. Decido correr um pouco. Quem sabe ela está lá?

Gosto de músicas animadas, então sempre têm duas ou três listas de músicas bem agitadas para ditar o ritmo da corrida. Hoje mantendo o saudosismo, opto pela minha lista de rock, me remetem à adolescência e ao tempo de Columbia.

E assim sigo correndo com vigor e viajando pelas lembranças da universidade. Tempos maravilhosos. De repente uma cena capta a minha atenção. Uma loira familiar caída no chão e um ciclista alterado. Tiro os fones do ouvido e caminho em sua direção. — Que sorte a minha.

— Você é louca? Não presta atenção por onde anda? — O homem grita ajeitando sua bicicleta.

— Você me atropela e quem não presta atenção sou eu? — A loira irritada aponta com o dedo para o próprio corpo, abrindo a boca e passando a língua nos lábios. Até esborrachada no chão ela fica sexy.

— Você estava caminhando na pista de ciclista, ou não prestou atenção ou é completamente idiota.

— Grosso! Você deveria me ajudar, e não ficar me xingando.

— Se vira sua louca — grita. — Acabou de amassar a minha bike novinha e acha que vou ajudar? Eu devia te enviar a conta.

O ciclista monta na bicicleta, levanta a mão, sacode e vai embora

deixando-a caída. Ela começa a juntar seus objetos espalhados pelo chão e colocar na bolsa. Eu me abaixo e pego seus óculos.

— Oi! Acho que precisa de ajuda. — Estendo a mão. Ela rapidamente pega o objeto e só então olha para mim.

— Você? — Bufa franzindo a testa. — Estou bem. Só mais um mal educado que cruzou o meu caminho.

— Talvez ele tente te pagar um café depois, se você não bater nele primeiro.

Devolvo a indireta dela, encarando-a seriamente. Ela pode ser fria, mas eu também posso jogar esse jogo. A loira não responde e continua a juntar as suas coisas.

Pego o celular dela e o coloco na sua mão. Nossos dedos se tocam, e por um segundo sinto algo estranho como um choque, ela me fita com os olhos arregalados, como se tivesse sentido também, porém disfarço e finjo não perceber nada.

Ela tenta se levantar, faz uma careta enrugada expressando dor, não consegue se equilibrar e cai de novo.

— Me dê a mão, eu te apoio. — Estico o braço com a mão aberta pronta para segurar a mão da loira.

— Não precisa. Eu só me desequilibrei.

— Eu não mordo. Pare de ser teimosa e orgulhosa. Você precisa de ajuda.

— Não sou orgulhosa, apenas sei me virar sozinha.

— Então se levante. — Recolho a mão para junto do corpo. — Vamos ver se consegue.

— Claro que consigo.

Ela apoia as duas mãos no chão, e fica de quatro. Rio da situação e de sua teimosia. Quando tenta ficar ereta, se desequilibra de novo, eu a seguro, mesmo ela protestando.

— Apoie seu braço no meu pescoço.

— O que pretende fazer? Eu posso ir para casa sozinha.

— Casa? Você deveria ir para um hospital. Parece que no mínimo você teve uma torção. Talvez tenha que imobilizar o seu pé.

— Não foi nada, eu tenho certeza.

— Você é médica agora?

— Não. Mas sei cuidar de mim mesma. Já caí algumas vezes, sei como imobilizar se for necessário. — Me olha com desdém.

— Você quem sabe. Onde mora?

— Aqui perto. Por isso mesmo posso ir andando.

— Eu não tenho a noite toda para ficar aqui discutindo. Além disso, estou com fome, e já que você não facilita, vai ser do meu jeito. Turrone. — Ela abre a boca me olhando de cima a baixo e cruza os braços. Me aproximo dela puxando um dos seus braços, me curvando até alcançar as suas pernas.

— O que pensa que... ei?

Ergo-a do chão e jogo nos meus ombros. Ensandecida como um cachorro raivoso ela bate em minhas costas e esperneia gritando.

— Me solta! Maluco! O que vai fazer comigo? Vai me sequestrar? Socorro! Seu ogro! Anda, me coloca no chão!

Enquanto o espetáculo continua, tento fazer o que é certo. Oh, gênio difícil. Caminho até meu carro sem dizer nada. Algumas pessoas nos olham espantadas, se não chamarem a polícia será ótimo.

Abro a porta do passageiro e a coloco sentada, passando o cinto de segurança sobre seu colo. Fecho a porta do passageiro e vou para meu lado. Espero ela parar de vociferar.

— Então, para onde vamos?

— Você eu não sei. Eu vou para minha casa. — Vira o rosto cruzando os braços novamente.

— Certo, garotinha de cinco anos. Onde fica a sua casa. O titio aqui vai te deixar lá, porque está com o seu pezinho machucado. E como uma garotinha na sua idade não pode opinar, obedece aos mais velhos. Qual é o seu endereço?

Ela me olha aterrorizada, acho que caiu em si. Respira fundo franzindo o cenho e soltando os braços até caírem com as mãos sobre o colo.

— Residencial Jardim Alcântara. Rua...

— Já sei onde é. Chegará sã e salva, te garanto. Agora será que podemos ser um pouco civilizados?

— Desculpe. Acho que exagerei. — Abaixa a cabeça.

— Vamos começar como pessoas normais. Meu nome é William. — Ofereço a mão para ela que não pega. Trago de volta para o volante.

— Melinda.

Não olha para mim. E faz um bico tão sexy emburrada. Sou obrigado a um esforço imenso, para me conter e não beijá-la ali mesmo. Recupero o juízo e recomeço a conversa.

— Já falei com você sobre isso, mas vou tentar de novo para ver se

desta vez soa melhor. Não foi minha intenção derrubar café em você.

— Eu sei. Já disse que não precisa se desculpar. — Melinda responde ainda sem olhar para mim.

— Então pode tentar me tratar como qualquer pessoa normal? Sem ressentimentos?

— Não tenho ressentimentos. — Seu olhar está fixo no para-brisas, e seu rosto é frio, sem nenhuma demonstração de sentimentos.

— Vou acreditar, embora suas ações digam o contrário.

— Não quero ser indelicada com você, não é minha intenção, só estou muito estressada.

— Certo. Vamos mudar de assunto, está bem? — Ela acena com a cabeça positivamente. Mas ainda evita me olhar. — Você trabalha com o quê?

— Eu sou Diretora Comercial da SmartCard.

— Trabalho com a D&G Investimentos. Sua empresa é próxima à minha. Por isso nos vemos com frequência. Sem perseguição. — Sorrio com um pouco de sarcasmo.

— Sim. — Ela continua séria. Mulher difícil!

— Desculpe a pergunta, mas, o que estava fazendo a essa hora com roupa de trabalho no parque?

— Saí da estação caminhando, é próxima de casa.

— Mas a estação é do outro lado.

— Eu estava voltando da terapia. Satisfeito? — Vira a cabeça para mim me encarando com um sorriso falso.

— Hum.

Devia manter a minha boca fechada às vezes. Melhor nem saber por que faz terapia, pela reação anterior se eu perguntar talvez ela me ataque e não será com beijo.

— Chegamos, pode parar por aqui mesmo, o porteiro me ajudará agora. — Não dou ouvidos.

— Boa noite, Senhor William.

— Boa noite, Carlos. — Sorrio para ele.

— Como o porteiro do meu prédio te conhece? — Se inclina no assento ficando de lado me olhando de um jeito nada amigável, porém engraçado.

— Não entendeu ainda? — Levanto as sobrancelhas.

— Não pode ser. — Ela se joga para trás até encostar no banco

respirando fundo, expressão de quem perdeu o jogo.

— Sim eu moro aqui também. Há tempos, desde que voltei da Inglaterra.

Estaciono, e saio para abrir a porta para ela, desta vez não houve ataque de fúria.

— Se apoie em mim, Melinda.

— Você já me ajudou muito, acho que daqui eu consigo chegar ao apartamento sozinha.

Ignoro novamente. Passo o braço dela pelo meu pescoço e vamos até o elevador. Ela suspira me lançando um olhar mortal, mas acaba aceitando.

— Qual é o seu andar?

— Décimo segundo.

— Somos mesmo vizinhos. Definitivamente.

— O quê? Você só pode estar brincando? — Morde o lábio superior virando a cabeça para o lado contrário de onde estou. Resmunga algo ininteligível, que provavelmente era algum elogio desagradável a mim.

— Não. Não estou brincando. Apenas mais uma coincidência, ou destino.

— Não existe destino.

— Você é cética ou só não quer concordar comigo?

— Sou lógica. Chegamos.

Melinda se apoia em mim mais uma vez sem resistir, caminhamos até sua porta. Ela a abre e eu a ajudo a entrar em casa. Acomodo-a no sofá.

— Deixe ver seu pé?

— Não precisa William. Está tudo bem. Amanhã nem vou sentir nada.

— Vou tirar o seu sapato assim mesmo.

Tiro aquele troço, que mais parece uma arma de tão pontiagudo, com cuidado.

— Seu pé está roxo e inchado. Devia ir ao hospital.

— Se amanhã ainda estiver assim eu vou. Agora estou cansada. — Apoia a cabeça no braço do sofá.

— Teimosa como uma mula.

Ela inspira o ar assoprando de uma vez olhando para cima e mexendo a cabeça. É engraçado vê-la assim

— Você tem gelo?

— Acho que sim.

— Vou abrir a sua geladeira para pegar um pouco. — Acho melhor avisar cada passo que farei, já que ela é muito desconfiada, assim evito qualquer mal entendo. — Tem bolsa térmica?

— Na última gaveta ao lado da pia.

— Quem guarda bolsa térmica na cozinha? Normalmente fica no banheiro.

— É mais lógico na cozinha, pois pego o gelo ou a água quente lá.

— Certo. Faz algum sentido.

— Faz todo sentido.

Olha para mim cheia de si. Fica mais linda irritada. Pego a bolsa, encho com gelo. Estico a perna dela sobre o sofá para ficar mais confortável. Sento-me ao seu lado. Massageio o pé torcido, ela olha de canto, eu finjo não notar. Coloco a bolsa sobre o seu pé. Pego o celular dela.

— Você pode desbloquear? — Coloco na mão dela.

— Para quê? — Arregala os olhos.

— Vou salvar o meu número. Se você precisar de alguma coisa me ligue que venho te ajudar. Se quiser ir ao hospital, por exemplo.

— Tudo bem. Mas não vou precisar.

— Tem jantar para você?

— Tem. Juliana sempre deixa comida congelada para mim.

— Juliana? — Será que é a mesma Juliana? Melhor nem dizer nada, ou Melinda ficará mais paranoica.

— Sim. Minha colaboradora ou secretária, se preferir.

— Vou para casa então. Não seja orgulhosa, se precisar me chame. Não sou mau como você pensa.

— Isso eu não sei ainda. — Ri irônica.

Sorrio. Faço um carinho na cabeça dela, que parece gostar, ou pelo menos não recusa. Vejo o seu colar de novo, alguma coisa nele me intriga. Não sei explicar. Deixa para lá, deve ser apenas cisma minha.

— Boa noite, Melinda.

— Boa noite. Obrigada William. Sinta-se perdoado pelo café.

Foi a coisa mais gentil que ela disse até agora. Entro em casa, exausto e com uma sensação estranha de apego, não sei direito. Eu gostaria de ter ficado um pouco mais com ela, conhecê-la melhor.

E beijar aqueles lábios carnudos. Desejo tanto que chega a doer. Entretanto ela continua resistente. Nunca desperdiço meu tempo com mulheres assim. O que ela tem que consegue prender a minha atenção?

Melinda exala um aroma muito bom, posso dizer até viciante. E seus olhos são tão cristalinos que parecem uma piscina. Tem algo bem no fundo deles que me convida a encará-los o tempo todo... ainda vou descobrir quem é ela de verdade. Se tenho um defeito se chama curiosidade.

De Volta a Santa Barbara

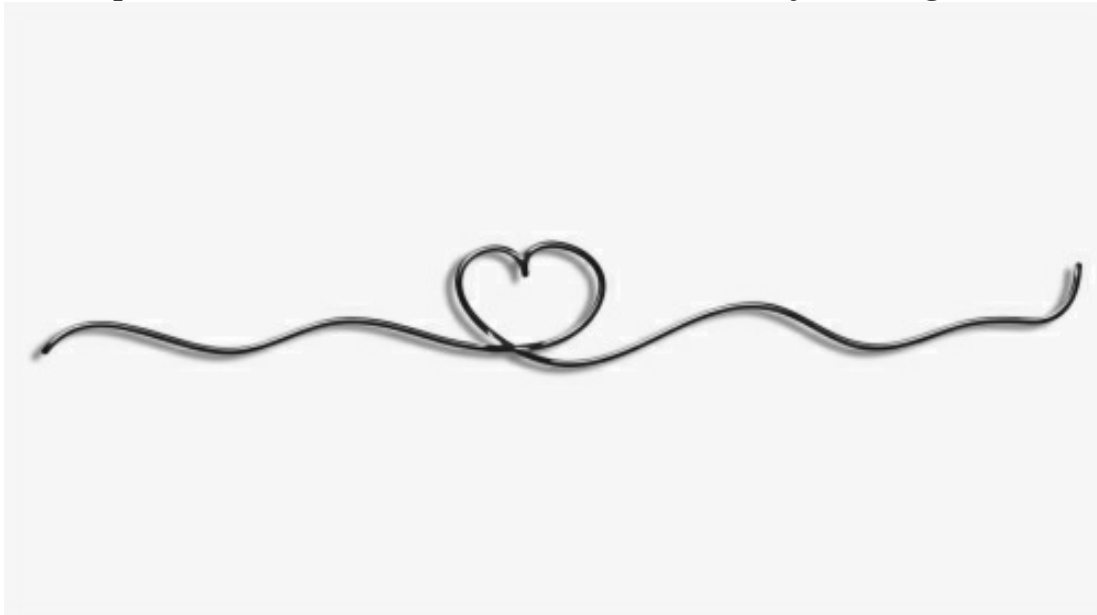
Quem William pensa que é? Abusado! Carregar-me daquele jeito na frente de todo mundo como se eu fosse um saco de batatas. Eu poderia muito bem ter vindo sozinha. Seria demorado e dolorido, mas chegaria.

Eu daria conta. Talvez machucasse um pouco mais o pé. Argh! Admita pelo menos uma vez Melinda, você precisava de ajuda, e por mais que você o julgue arrogante, desta vez você foi uma criancinha mimada.

Mesmo suado ele cheira bem. Tem braços fortes. A temperatura dele era quente, quase febril quando tocou minha mão. Sem falar nos olhos. Sou capaz de me afogar neles sem chance de sobreviver.

O pior de tudo é ter notado todos esses detalhes e ainda estar pensando nele. Ah! Que droga! Não posso e não quero me envolver com ninguém, principalmente com o William. Nunca daria certo. Ainda sinto raiva, ódio, não sei definir, é como se ele fosse culpado por algo ruim...

Os olhos piscam repetidas vezes e ardem como se tivesse areia neles. A boca abre e fecha inalando uma grande quantidade de ar. Aperto o travesseiro para deixá-lo mais macio, deitando a cabeça em seguida.



Um aroma maravilhoso de café fresquinho vem da cozinha. Interrompo a caminhada inebriada pelo cheiro. Vergo em direção ao casarão, as paredes brancas, envelhecidas e um pouco sujas, as janelas azuis...

Cadê o jardim? Giro a cabeça em direção ao arco da entrada. Fazenda Santa Barbara? Esse deve ser o nome antigo da Estância... isso significa... ah

não! De novo! Por favor, eu preciso de uma noite tranquila.

Contra minha vontade, as pernas se movem pela grama em direção à escadaria da porta principal. Desisto de tentar controlar, apenas deixo acontecer. Paro em frente aos degraus certificando-me de que estou em casa, mesmo que há, pelo menos, um século e meio atrás.

A roupa atrapalha um pouco na hora de subir os degraus. O vestido é longo, as mangas cobertas de rendas até o cotovelo. Decote praticamente não existe, pois a renda chega até a altura dos ombros cobrindo quase por completo o pescoço.

O espartilho apertado modela o corpo como um S. A saia do vestido é em formato de sino e pesada. Como conseguiam usar essas roupas? Daqui a pouco estarei morta, isso é quente como o inferno e não posso respirar com esse negócio me apertando.

Para completar, os cabelos cacheados e castanhos estão presos por um chapéu branco enfeitado com penas, algumas mechas aneladas caem pela lateral do rosto. Uma pena. Sério? Sou o próprio peru de natal. Enquanto mantenho a árdua subida pelos degraus, ouço uma voz feminina chamando.

— Isabel!

— Sim mãe. — As feições dela são familiares, muito familiares, lembram a minha avó.

— O que está fazendo aqui? Estão todos à sua espera para iniciar o café. — Coloca uma das mãos na cintura bem marcada pelo uso do espartilho enquanto a outra segura um leque azul com rendas brancas, que ela usa para se abanar.

— Café?

— Isabel Downing, não se faça de desentendida. Querendo ou não você não deixará os convidados do seu pai esperando. Sabe o quanto é importante para ele esse compromisso.

— Compromisso? — Logo me vem à mente a lembrança de mais um casamento arranjado. Meu estômago reclama como se uma bola de cabelo gigante estivesse enroscada bem na sua entrada. — E alguém por acaso se preocupou comigo, na hora de estabelecer esse compromisso?

— Oras, não me venha com esta besteira de amor novamente. Você aprenderá a amar o seu marido quando se casarem. Pense que será bem vantajoso para você, terá mais joias e vestidos. — Bate de leve com o leque sobre o meu ombro sorrindo como se esse fato fosse algo muito bom.

— Não vou me casar com ninguém. — Que vantagem pode haver

nisso. Ela com certeza se casou assim, devia ser a primeira a ir contra um casamento arranjado, entretanto está me empurrando para um. Minha náusea só piora cada vez que ela pronuncia outra palavra.

— Não me desafie Isabel! A família Tomaselli é muito importante. — O sorriso desapareceu dando lugar a uma carranca assustadora.

— São apenas recém-chegados. A senhora não sabe se realmente têm tanto dinheiro como dizem. Podem ser italianos pobres ou falidos tentando dar um golpe.

— Sem mais nenhuma palavra. Você será gentil e educada com todos eles. — Com olhos esbugalhados e vermelhos ela agarra meu braço e o aperta com força deixando clara a insignificância da minha vontade e opinião, arrastando-me consigo. Desisto de argumentar, ela nunca me ouvirá.

A lateral da casa é bem arborizada, e logo ao fundo há uma construção separada da casa principal, uma espécie de estufa cheia de plantas e flores bem cuidadas com algumas mesas e cadeiras de madeira espalhadas em seu interior. Logo avisto o que deve ser a família a quem irei pertencer, ou assim pensam eles.

Estão bem vestidos, a senhora quase idosa de nariz avantajado e bem rechonchuda, usa um vestido cheio de babados verde-escuro, chapéu grande enfeitado com flores, e um colar escandalosamente repleto de pedras circundando a corrente por completo, ao centro uma enorme esmeralda.

Os dois homens vestem ternos escuros e chapéu, o mais velho tem o rosto com a barba cheia, já o que deve ser meu noivo apenas bigode bem feito amenizando a protuberância do nariz que aparenta ter herdado da mãe. Olhos azuis. Ele não é feio. Mas não o conheço, é só um estranho.

Todos foram educados, diferente do que imaginei. Enfim acertaram os detalhes do meu casamento com o rapaz à minha frente, que não abriu a boca em nenhum momento, nem demonstrou qualquer tipo de sentimento. Senti-me como se fosse uma das sacas de café da colheita que se aproxima sendo negociada. Talvez eu fosse isso mesmo. E embora o rapaz também não tivesse culpa, ainda assim sequer simpatizei-me pelo tal Giuseppe.

Enquanto nossos pais conversam, dois homens sorridentes chegam. Minha mãe se levanta e segue em direção a eles, entrelaçando seu braço ao de um deles, retornando para onde estávamos.

— Este é meu filho mais velho, Luiz. E o outro jovem é seu amigo e o braço direito de George, Phillip.

Ao ouvir o nome Philip, o coração dispara, as mãos suam em bicas, e

o rosto se enrubesce. E ele? Bem, não tira seus grandes olhos de mim. A postura é firme e educada, porém sempre encontra um jeito de me olhar pelo canto.

Não ouço mais nada à minha volta, apenas o som do ar entrando descompassado em meus pulmões atrelado aos golpes do coração contra o peito, dando a sensação de que a qualquer momento escapará através da boca.

Rezo fervorosamente para que esse espetáculo pavoroso finde. Assim que me despeço de todos eles o mais breve possível, alegando dor de cabeça devido ao calor, sigo em direção ao casarão, direto para minha alcova. Peço um chá para uma das empregadas.

Logo após ela me entregar o chá digo para não me incomodar. Fecho a porta, encostando o ouvido na mesma. Quando o barulho de passos cessa, abro-a devagar. O corredor está vazio. Saio do quarto trancando a porta e levando a chave comigo.

Existem duas portas na sala de jantar, que ficam logo antes da cozinha, uma delas se abre para lateral da casa em direção ao jardim nos fundos, a outra se abre para a lateral em direção ao cafezal, e é por esta que escapo, cuidadosamente, vendo se não há ninguém por perto.

Alguns colonos passam, disfarço como se estivesse adentrando a casa, assim que eles desaparecem, começo a correr em direção aos pés de café, até chegar a uma mangueira frondosa. Escoro em seu tronco respirando fundo. Contemplando a paz e o silêncio. Um verdadeiro refúgio. Poucos minutos depois ouço o barulho de folhas esmagadas. Arregalo os olhos engolindo seco, e o coração dispara.

— Isabel? — Essa voz é impossível não reconhecer. O coração se aquece e se enche de felicidade.

— Phillip! — Ele me abraça beijando minha face. Eu corro imediatamente. — Estou com medo. O casamento já foi acertado, você ouviu. Não posso me casar com ele. Não vou...

— Calma querida. Eu encontrei a solução. Desta vez ficaremos juntos, não vão nos separar de novo.

— Espero que esteja certo. Não aguento mais passar por tudo outra vez. — Solto todo peso do meu corpo em seus braços confortáveis, ele me sustenta apertando bem forte, depositando um beijo sobre a minha cabeça que está recostada em seu ombro.

— Consegue sair amanhã bem cedo?

— Acho que sim. Vamos fugir? — A voz sai com um pouco mais de

animação do que pretendia. Philip gargalha relaxadamente.

— Não exatamente. Apenas confie em mim. Encontre-me em frente à igreja às sete horas da manhã. Não leve nada, para não chamar atenção. Depois disso, eles não poderão nos separar, nunca mais.

— Estarei lá meu amor.

— Agora vá ou podem desconfiar.

Ele me beija rapidamente e mesmo assim derreto como manteiga em dia quente. Separamo-nos. Corro pelo cafezal, tomando cuidado para não ser vista por ninguém.

Ao me aproximar da casa, vejo um dos homens de confiança do meu pai perto da porta. Abaixo e aguardo ele sair, todavia, ele não move um músculo. Eu tenho que entrar de qualquer jeito, antes que minha mãe descubra que saí.

Embrenho-me dentro do cafezal novamente, ando devagar para não fazer barulho, sigo até a entrada dos empregados pela cozinha. Vou ter que arriscar. Analiso o movimento. Não vejo ninguém. Entro na cozinha e dou de cara com Sebastiana.

Congelo os movimentos empalidecendo por completo. Percebendo meu desespero, ela sorri e faz sinal com a mão para que eu espere. Segue até a porta de acesso ao salão principal. Olha para mim.

— Se abaixe menina, rápido.

Apenas obedeço e engatinho até o armário me escondendo na lateral dele.

— Sebastiana?

— Sim, Dona Amélia.

— Prepare o jantar mais cedo. George está cansado e quer se deitar daqui a pouco. Faça uma sopa bem leve para Isabel. Maria me disse que ela está com dor de cabeça. Quando terminar, peça a Maria para servir a refeição no quarto da Isabel. Ela precisa de repouso.

— Sim senhora.

Minha mãe sai da cozinha. Suspiro fundo, as pernas bambas quase sem força. Aguardo o sinal de Sebastiana. E corro sorrateiramente para meu quarto. Troco o vestido sujo da poeira das folhas de café. Coloco uma camisola branca, que mais parece uma túnica daquelas que costumavam vestir os defuntos, horrenda.

Deixo a porta destrancada e me deito de olhos fechados. Pouco depois Maria entra com a sopa a qual tomo sob sua vigilância. Bocejo e me deito,

fechando os olhos para pensar que dormi.

De fato, mal consigo conter as batidas do meu coração, o sono passa longe de mim. Fico acordada até a hora de me levantar. Coloco um vestido, simples que uso no dia a dia para não chamar atenção. Desço para o café, a fim de não levantar suspeitas.

— Como está hoje Isabel?

— Bem meu pai. — Sorrio como toda filha amorosa deve fazer. — Posso ir até a igreja agora pela manhã?

— Hoje? Não é domingo.

— Sim papai. Mas ontem faltei ao respeito com minha mãe, acho que preciso me confessar. — Vergo a cabeça para baixo.

— Que bom que caiu em si minha filha. Nós só queremos o seu bem.

— Sim mamãe. — A encaro com respeito e devoção. Embora a forma como ela me trata não seja tão amorosa, sei que ela não o faz por mal, talvez ela não saiba agir diferente.

— Pode ir Isabel. Mas leve Maria com você.

— Maria? — O pedaço de pão que estava movimentando na boca fica preso na garganta, levando-me a tossir.

— Sim. Algum problema? — Meu pai analisa atentamente minha face, se detendo por um tempo maior do que eu gostaria.

— Não senhor. Levarei Maria.

Termino o café, e, junto com Maria, parto para a cidade. Assim que chegamos à igreja. Peço a ela para me esperar do lado de fora. Ela acata.

Entro sozinha. E lá está Phillip e o padre... então tudo fica claro. Padre João aceitou nos casar escondido. E assim foi feito. Saímos da igreja juntos, surpreendendo Maria, que une as mãos sobre a cabeça apressando o passo em nossa direção.

— Senhora? Senhor Phillip?

— Maria, Isabel não voltará com você.

— O quê? — Os olhos praticamente saltam do rosto dela.

— Maria. Nós nos casamos. Você voltará à fazenda sem mim — falo com calma sorrindo ternamente para tranquilizá-la.

— Senhora, pelo amor de Deus, seu pai não vai me perdoar. — Maria se ajoelha na minha frente agarrando-me pela saia do vestido. — Ele me mandará embora. Eu não tenho para onde ir. Preciso do trabalho. Por favor, não faça isso comigo.

— Calma Maria. Ele não poderá fazer mais nada. Sou uma mulher

casada agora. Voltaremos daqui alguns meses.

— Senhora tenha piedade de mim.

— Sinto muito Maria! Tenho que ir. — Curvo soltando as mãos dela afastando-me devagar.

Phillip e eu partimos em direção à estação de trem. As passagens já estavam compradas. Carrego comigo, apenas o meu diário. Estou feliz, desta vez finalmente ficaremos juntos, como Phillip disse. Agora viveremos o que no passado nos foi tirado.

Ao chegar à estação, embarcamos e sentamos lado a lado. O trem demora a sair. Eu me aconchego nos braços do meu grande e eterno amor. Não há nada melhor do que estar ali com ele.

Porém nossa felicidade dura pouco. Maria e um dos capangas do meu pai chegaram cedo demais à fazenda, dando tempo para ele nos alcançar. George entra gritando me puxando pelo braço. Phillip se levanta.

— Solte-a George! Ela é minha esposa agora. Você não tem mais direito sobre ela.

— Você é uma decepção Phillip. Traiu minha confiança. Eu o tinha como um filho. E você destruiu tudo isto — grita com o dedo em riste.

— Eu a amo George. Vou cuidar bem de Isabel. Sabe que ela fará parte de uma boa família. Temos muitas posses também, não lhe faltará nada. — Philip argumenta com a voz o mais firme possível, gesticulando meticulosamente.

— Não seja tolo Phillip! O que vocês têm nunca será suficiente. A família Tomaselli tem o triplo, e me ofereceu a metade por este casamento. Por tanto considere este enlace desfeito. Isabel voltará para casa comigo agora.

— Não vou papai! Eu amo Phillip! — Empurro George liberando meu braço e me aproximando de Philip. — Não pode desfazer um casamento abençoado por Deus.

Neste momento o fiel escudeiro do meu pai aponta uma arma para a cabeça de Phillip. Todas as lembranças de Philip morrendo vêm à minha mente causando calafrios.

— A escolha é sua Isabel. Se o ama mesmo como diz, não vai querer que estoure seus miolos, ou vai?

— Não acredito que faria isso papai. — Na verdade eu não quero crer nesta possibilidade, porém os olhos do meu pai me dizem que ele é sim capaz de tal atrocidade.

— Quer mesmo saber?

— Isabel, não ceda, ele não fará isso. — Os olhos de Philip se apagam, dentro deles é possível notar o desespero se alastrando. — Comprará uma briga imensa com a minha família a quem ainda deve dinheiro.

— Como ousa dizer isso à minha filha? — A ira dele parece transbordar inundando e contaminando tudo à sua volta. Uma sensação ruim me domina.

— Sabe muito bem que é verdade George. Meu pai me mantém informado sobre todos os seus negócios com ele.

— Ainda assim o que conseguirei com a família Tomaselli é muito maior. Isabel, ou volta comigo agora, ou será deserdada e seguirá apenas com o que sobrar dele.

— Não pode fazer isso papai.

Meu pai acena para seu capanga que puxa o gatilho. Um ódio mortal me invade. Todas as partes do meu corpo doem. As pontas dos dedos estão dormentes. Algo como uma facada atinge em cheio meu peito, e neste momento sei o que devo fazer. Não posso deixar que ele mate Phillip.

— Eu volto com você. Abaixei essa arma agora! — grito com aquele homem asqueroso. — Nunca mais terá meu respeito George. A partir de hoje quem morreu para mim foi você. Solte meu braço.

Meu pai me encara como nunca. Eu vou até Phillip e o beijo longamente sem me importar com as queixas do meu pai.

— Mais uma vez nós tentamos. Nunca chegamos tão perto antes — sussurro em seu ouvido, enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Não me deixe Isabel, por favor. — Sua voz é quase inaudível, e o verde dos olhos completamente apagados lembram um enorme poço escuro.

— Prefiro você vivo Phillip. Teremos um futuro para estar juntos de novo. Uma eternidade. — Volto com George. Não olho para ele, pois não sei se terei coragem para continuar.

Sufoco quase sem conseguir respirar acordando assustada. São 3 horas da manhã. Já estou me acostumando com os sonhos. Eles são sempre tão reais, tão nítidos, que questiono a razão. Talvez todas essas histórias de fato aconteceram.

E se eu estiver viajando no tempo através dos sonhos? Não Melinda, isso é impossível. Não descobriram ainda como voltar no tempo, e com certeza não será sonhando.

Fecho os olhos, tentando não pensar em nada. Viro para um lado,

depois para outro e assim sucessivamente. As frases de Isabel ficam martelando na minha mente: “mais uma vez nós tentamos meu amor”. “Nunca chegamos tão perto antes.” “Prefiro você vivo Phillip”. “Teremos um futuro para estar juntos de novo”.

Eu sinto o amor dela por ele vivo dentro de mim, como sinto o de Anna e Aedre, e de todas as outras que vivo noite após noite. Eu queria que fosse verdade, independente do fato de todos eles terem um final triste. Invejo esse amor tão grande.

Eu nunca cheguei nem próximo disso. Vendo por este ângulo, começo a pensar que Irene tem uma pontinha de razão, eu me fecho, me armo, me emparedo, ou o que quer que seja, afasto todos de mim.

Será este o motivo dos sonhos? Um desejo meu reprimido? Talvez no fundo eu queira viver um grande amor como nos contos de fadas? É uma explicação razoável e possível.

Um desejo idiota no final das contas, mas deve ser isso afinal. Se for, eu preciso mesmo de tratamento, como posso deixar que uma coisa infantil, uma besteira de criança me afete neste exato momento?

Começo o dia tomando café bem forte em casa. Leio as notícias, checo minhas mensagens. Envio solicitações para Cristina resolver assim que chegar, o que pode adiantar a minha agenda.

Quando dou por mim são 6 horas da manhã. Estou decidida a provar para mim mesma que todas essas pessoas são frutos do meu inconsciente, assim ligo para minha mãe antes de sair de casa. Não quero preocupá-la, então tento ser o mais casual possível.

— Bom dia mãe.

— Melinda? Bom dia filha. Ligando cedo outra vez? O que houve?

— Nada mãe, eu só aproveitei que acordei com tempo para te ligar, saber como vocês estão.

— Estamos bem. Seu pai está gripado, e mal sai da cama. Como sempre. Fora isso tudo na mais perfeita ordem.

— Ótimo! Já comecei a terapia com a sua amiga. Ela parece ser competente. — Não penso isso de verdade. Mas é melhor mamãe não saber desse pequeno detalhe, então tento colocar o máximo de entusiasmo que posso durante a fala.

— Que bom Mel. — Suspira aliviada.

— Mãe, me tira uma dúvida. Ontem estava olhando umas fotos antigas da Estância, e fiquei curiosa. Quando vovô e vovó compraram a

fazenda já se chamava Estância Santa Bárbara?

— A fazenda pertence à família há quase dois séculos mais ou menos. Sua trisavó Amélia herdou a Santa Bárbara quando o pai dela morreu. Ela já estava casada com seu Trisavô George Downing.

Ouçoo cada palavra com o coração na mão batendo apertado a cada nome pronunciado pela minha mãe.

— George era ambicioso e foi o responsável por triplicar a fazenda. Após a morte dos dois, ela foi dividida entre os três filhos. Luiz, Isabel, sua bisavó, e George Filho, o mais novo. Isabel decidiu manter a parte dela como Fazenda Santa Bárbara. O nome só foi alterado quando decidimos transformá-la em hotel.

— Ambicioso só não, mau caráter. — A frase escapa junto com a raiva que eu nem sabia que sentia pelo meu trisavô que até ontem nem sabia da sua existência.

— O que disse Mel?

— Nada, foi só uma coisa que li aqui no jornal — digo a primeira coisa estúpida que surge na minha mente.

— Certeza? E por que esse interesse repentino pela fazenda?

— Apenas curiosidade sobre nossa origem, gostaria de saber mais a respeito da nossa história — gaguejo um pouco. — Inclusive ando pensando em fazer a nossa árvore genealógica, por isso preciso de informações sobre os nossos ancestrais. — Sinto mal por mentir para ela, mas o que eu poderia dizer? Não quero preocupá-la com os meus problemas.

— Que excelente ideia Mel. — Um rascunho de um sorriso amarelo e sem vontade nasce em mim. Respiro fundo, pois independente da minha consciência pesada, preciso dessas informações para montar esse quebra-cabeça que tenho vivido.

— Mãe, tem algum documento deles, onde eu possa encontrar mais dados para a pesquisa?

— Vou procurar na antiga tulha, aquele quarto onde sua avó guardava as coisas antigas da fazenda, e na pasta de documentos dela, mas não posso garantir nada.

— Obrigada mãe. Quando chegar aí, eu te ajudo a procurar. Preciso trabalhar agora. Diga para papai que deixei um beijo grande e para ele levantar logo da cama ou vou para Estância ainda hoje fazer aquele chá de alho que ele adora.

— Acho que com essa ameaça ele se levanta da cama com certeza. —

Ouço o riso gostoso e cheio de vida da minha mãe. — Bom trabalho Mel.

Mal consigo acreditar que Isabel existiu. Não lembro de nenhum momento da minha vida no qual mamãe comentou sobre essas pessoas.

Decido ir logo para o trabalho, assim foco em algo útil e paro de pensar nesse assunto. Enquanto sigo até o elevador, vejo William caminhando de frente para mim.

Instintivamente passo a mão pelo cabelo e ajeito a saia, esforçando-me para não mancar muito. Claro que ele também está em direção ao elevador, e não em minha direção.

Como sempre de terno, elegante, e lindo com seus fios vermelhos. E muito perfumado, seu aroma chega até mim de longe me inebriando, fazendo as pálpebras se fecharem contra minha vontade apenas para inalar mais um pouco do seu cheiro.

Acorda Melinda. Pare de reparar nele. Foco. Já tem sandices demais nessa cabeça problemática. Chegamos juntos. Espero ele apertar o botão tentando não olhá-lo.

— Bom dia Melinda.

— Bom dia.

— Como está o seu pé?

— Melhor. Obrigada pela atenção ontem.

— Não foi nada. Faria o mesmo por mim. — Ele para de falar lançando um olhar inquisitivo em minha direção, apoiando o queixo entre os dedos da mão direita que estão em forma de L. — Pensando bem, acho que não faria não.

Ele sorri. Não respondo. Viro o rosto para o outro lado. É isso o que ele pensa de mim? Não sou um ser humano ruim. Eu não me considero má.

— Ei? Foi só uma brincadeira.

— Estou preocupada com o trabalho, e não com o que pensa sobre mim.

Minto descaradamente. Quero é esmurrar a sua face perfeita. Mas isso seria um completo desperdício.

— Sei.

O elevador chega. William faz sinal para que eu entre primeiro. Sinto-me diferente na presença dele. O coração acelera, e acho que estou com a face rubra, mesmo assim mantenho a minha postura.

— Ainda mancando. — Ele notou. Óbvio, andando feito uma pata, quem não notaria?

— Só está um pouco dolorido.

— Posso te deixar no trabalho.

— Não, imagina. Já fez muito por mim. — Esforço-me para transparecer simpatia, ainda querendo bater nele. Além do mais passar tanto tempo com ele tão próximo é uma péssima ideia, pois o meu cérebro não está funcionando bem, posso ter alguma reação que eu não quero.

— Não será incômodo, não farei nenhum esforço. Trabalhamos perto, precisamente na mesma rua.

— Eu me lembro desse detalhe. Ainda assim vou de metrô. Obrigada.

— Você quem sabe.

— Bom trabalho, William. — O elevador para. Eu saio, ele permanece rumo ao subsolo.

— Igualmente.

Ao chegar ao escritório, vejo meu reflexo no vidro da porta da minha sala, estou com olheiras imensas, nem a maquiagem foi capaz de esconder. Logo em seguida Cristina adentra a sala.

— Nossa, Melinda, você está com a cara péssima hoje. Está doente?

— Eu sei. Não dormi muito bem, só isso.

— Tem certeza? — Ela continua me encarando e franzindo o cenho.

— Tenho. Estou com o aspecto tão ruim assim?

— Desculpe, mas está. — Suspiro cansada.

— Por favor, Cristina, providencie um café e um copo de água.

— Sim, vou trazer. Thomas deixou este relatório para você. — Entrega uma pasta branca. — Pediu que revisasse, e solicitasse à equipe do interior uma data para o treinamento sobre as novas máquinas de cartão.

— Thomas comentou sobre alguma data específica, ou é a critério da equipe?

— Disse apenas *urgente*. — Levanta as sobrancelhas.

— Entendi. Por favor, marque o treinamento para esta sexta-feira e avise a todos da equipe. Verifique também a minha agenda. Se não houver nenhuma reunião importante, deixe livre para que eu os acompanhe.

Cristina sai e cumpre o que foi requisitado. Tomo o meu café lendo o relatório e refazendo todas as marcações do Thomas. Passo a manhã pesquisando mais informações que comprovem e reforcem a minha estratégia para a melhora de desempenho das vendas.

Como sempre almoço com a equipe, logo após me reúno com Thomas para discutir os detalhes do relatório. Depois de uma longa tarde explanando

cada item, demonstrando com dados estatísticos e alguns estudos de casos, obtenho a aprovação.

No caminho para a estação, esbarro outra vez na estranha do metrô. Ela está de braços cruzados com um semblante sério, que muda assim que seu olhar me alcança. Finjo não reconhecer. Não adianta, ela caminha ao meu lado. E eu nem posso apressar o meu passo com o pé assim. Faço uma prece mentalmente para que ela não fale comigo, inútil.

— Querida, você machucou o pé?

— É o que parece.

— Logo melhora.

— Eu sei.

— E como andam os sonhos?

— Não tenho sonhos. — Evito olhá-la. Essa maluca agora entra na mente dos outros? Era só que faltava, uma charlatã dos sonhos.

— Claro que sonha. Encontramo-nos em um deles.

— Você está me confundindo com alguém. Provavelmente com outra doida que toma chá de cogumelo com você. Não sei quem você é.

Ela ri como se tivesse contado uma piada. Coloca o seu longo cabelo negro escorrido para trás da orelha mantendo a sua atenção em mim.

— Não posso sonhar com alguém que não conheço, pois não há nenhuma lembrança no meu inconsciente para ser ativada durante o sono. Você sabe o que é inconsciente? — Sorrio com ironia fitando os seus olhos negros. — Sabe que a probabilidade de duas pessoas terem exatamente o mesmo sonho é praticamente nula?

— Não seja tola querida! — O humor dela não se altera nem um pouco. — Sei muito bem. E você me conhece sim, apenas nega para si mesma. E quase nula não é o mesmo que nula.

Ignoro o que ela diz. Tento ir um pouco mais rápido, mas o meu pé dói, então desisto. E ela continua falando.

— Você já tem muitas informações. Todos esses sonhos já te mostraram muito do seu passado. Hora de se lembrar. Se apresse para não perdê-lo de novo. Lembre-se do que você prometeu a ele da última vez: “teremos um futuro para estar juntos de novo”.

Eu paro imediatamente. Como ela sabe o que eu, ou melhor, Isabel disse a Phillip? Essa maluca existe mesmo ou é algum delírio meu? Alguma projeção da minha mente? Posso ser esquizofrênica, e estou vendo coisas, tipo essa mulher. Puxo o seu braço para ter certeza de que é real. É real.

— Pare de me seguir, ou vou até a polícia. Procure uma clínica e vá se tratar! Deixe-me em paz. Ouviu? — Balanço o seu braço com força.

— Você está gritando e me sacudindo querida, e eu que sou a louca? Tem um monte de gente olhando para você. Melhor se acalmar, e se acostumar, eu só poderei te deixar em paz, quando concluir a minha missão. Até lá nos veremos quando for necessário. — Pisca para mim com um sorriso vitorioso gigante estampado no rosto.

— Você é doente. — Sinto uma leve tontura, não o suficiente para fazer-me perder o equilíbrio, contudo incomoda.

— Se apresse, assim ficará livre de mim mais rápido. É só você se lembrar. Tenha uma boa noite. Melinda.

Ela se vira e vai embora. Ei! Ela disse o meu nome? Eu não falei para ela. Ou falei? Acho que o meu cérebro vai explodir a qualquer momento.

Terapia

Meu dia foi péssimo, graças a mais uma noite mal dormida. Precisei desmarcar todas as reuniões do dia, e inventar uma boa desculpa para não falar com o meu chefe.

Para piorar, hoje foi o dia dos problemas, várias ligações intermináveis para reclamarem da mesma coisa, o sistema das máquinas apresentou problemas o dia todo, só que eu não sou do setor de TI, e tive que explicar isso para cada gerente regional pedindo que entrassem em contato com o setor de desenvolvimento. A única compensação é que o meu pé está melhor, nem estou mancando.

Chego à terapia e Irene novamente me recebe com um enorme sorriso. Como ela consegue se manter assim, ouvindo todo tipo de problema o dia inteiro? Melhor não pensar. Sacudo a cabeça para afastar os pensamentos não permitidos.

— Boa noite Melinda. Como está?

— Boa noite. Eu poderia ser educada com a senhora e responder que está tudo bem, mas não está. Eu não aguento mais esses malditos sonhos. Não aguento mais ter que cruzar com o idiota do William, e não aguento mais o fato de não discernir o que é realidade e o que é fantasia.

— Quer um copo de água para se acalmar?

— Uff! — suspiro fundo. — Aceito. Ela pega uma jarra lentamente e no mesmo ritmo despeja água dentro do copo e me entrega.

— Vamos começar nossa conversa de hoje com calma. Sente-se, por favor. — Gesticula em direção à poltrona. — Qual o problema com os seus sonhos? O que acontece neles que te perturba tanto?

— Estou sempre em algum momento do passado, tentando ficar com o homem que, supostamente, sou apaixonada e nunca ficamos juntos.

— Você assistiu a filmes ou leu algum livro de romance que a tenha marcado de alguma forma? — A expressão vazia de sempre aparece.

— Não. Jamais perco o meu tempo com essas besteiras.

— Está interessada em alguém?

— Não. Não tenho tempo para isso.

— Você continua fugindo das pessoas, Melinda. Eu pedi que você refletisse sobre isso. Você chegou a pensar no que eu te disse? — Tira os óculos e usa um tom de voz mais firme para me repreender.

— Sim. Mas não posso acreditar que eu esteja fazendo isso. Para fugir das pessoas eu precisaria estar interessada nelas. — Solto o peso do corpo na poltrona tentando relaxar os músculos que estão tensos.

— Não. Você está fugindo delas, ou melhor, da possibilidade de conhecê-las. Detalhe um pouco seus sonhos, por favor.

— Em todos eles, estou em locais e tempos passados diferentes. Tenho outros nomes, convivo com outras pessoas, que nunca conheci. Apenas o homem é o mesmo, com os mesmos olhos, mas também outros nomes.

— Pode me contar um deles detalhadamente?

Relato o primeiro sonho com Aedre, enquanto ela me analisa com a sua expressão indecifrável e ora ou outra anota alguma coisa em seu caderno. Contar o que se passa na minha mente é estranhamente desconfortável, igual a sair nua pela rua. Completamente exposta. Pessoas desconhecidas vendo as minhas fragilidades.

— O que mais te impressionou nesse sonho?

— Lembro-me da cena em que Aiden e Aedre entraram em luta contra Abeodan para que eu pudesse fugir. Vejo Aiden caído todo ensanguentado e Aedre sendo transpassado pela espada. Essa cena se repete várias vezes ao longo do meu dia. Eu me esforço para afastá-la trabalhando o mais arduamente que posso.

Um suspiro longo e cansado escapa por entre meus lábios. Um aperto no peito me incomoda.

— Sabe o que é engraçado? Te contar isso me dá vontade de chorar, dói. Como se eu realmente os tivesse perdido. E dói mais ainda admitir que tudo isso está mexendo comigo de uma forma que não sei explicar. — Mal posso acreditar que eu pronunciei essas palavras. Não pude evitar.

— E os outros sonhos?

— É praticamente a mesma história, todos trágicos. Apaixonamo-nos intensamente, mas nunca ficamos juntos. Um de nós morre, ou os dois, ou então acontece qualquer outra coisa que nos separa. — A sensação de aperto aumenta, sinto as veias pulsarem no meu pescoço tornando o ato de engolir a saliva mais difícil.

— Certo. Você se lembra de alguém por quem tenha se apaixonado ou se envolveu de alguma forma que tenha alguma das características físicas do homem dos seus sonhos?

— Ian. Ele era moreno dos olhos verdes. E William também tem

olhos verdes e grandes como os dele. Porém não nos envolvemos de verdade, quero dizer amorosamente. — Ah droga! Estou me enrolando toda. — Ele tem olhos verdes.

— William, o homem que você citou como uma das causas do seu estresse assim que iniciamos? — O fato dela me olhar neste momento com certa profundidade fez o sangue ir todo para a minha face.

— Sim. Mas não é nada disso que está pensando. Não tem a menor possibilidade de sermos um casal. Não mesmo. — A fala sai apressada e alta demais.

— Melinda. Acredito que luta contra um sentimento que você está experimentando agora e sente medo. Seu inconsciente pode estar tentando te mostrar o que você tanto deseja, e quer. As barreiras que você colocou te impedem de entender e aceitar o que você mais deseja.

— Eu não desejo esse homem.

— Eu não disse isso. Você quem está sugerindo. — Pela primeira vez a vejo sorrir enquanto me interroga. Devia ter ficado de boca calada.

— O seu desejo pode ser se apaixonar, constituir sua família, viver uma história de amor como nos contos de fadas. Viver o que você adorava quando era uma criança. E que você tentou expulsar da sua vida quando os queimou, pois eles representavam uma parte de você. Uma parte que você considerou seu ponto fraco, uma desvantagem.

Balanço a cabeça em negação. Ela deve ser mais doida do que a mulher do metrô e eu juntas.

— E qual é o seu problema com o William? Quem é ele?

— Não sei qual é o problema. Apenas sinto uma raiva enorme dele. — E um desejo imenso também. Quando o vejo tenho vontade de pular no seu pescoço e deixar ele me beijar sem parar. Enfiar minhas mãos nos seus fios vermelhos desarrumados. Isso fica só na minha cabeça você não precisa saber.

— Por que sente raiva? O que ele te fez?

— Derrubou café em mim. Manchou minha camisa branca. E não parou para me ajudar. Isso mostra que ele se acha superior.

— Por que pensa que ele se acha superior? Aconteceu mais alguma coisa que reforce essa sua hipótese? Ele não pediu desculpas para você em nenhum momento depois do acidente?

— Não aconteceu mais nada nesse sentido. Ele p... pediu desculpas outro dia. Disse que ficou envergonhado na hora, e se atrapalhou. — Coro

outra vez, porém ela não demonstra nenhuma outra reação, apenas continua a olhar-me.

— Mesmo assim ainda sente raiva?

— Sim.

— Por quê? Por causa da sua blusa branca?

— Não sei explicar. Quando eu o conheci, ou melhor, quando o vi pela primeira vez, eu pensei que ele era um deus, um ser superior de tão lindo.

Algo como um espinho parece espetar o meu corpo. Levanto da cadeira e começo a caminhar balançando os braços.

— Eu sempre o via na cafeteria sentado em uma mesa no fundo falando ao celular. Nunca prestou atenção em mim.

Sento novamente balançando as pernas, enquanto Irene acompanha cada gesto meu.

— Até derrubar o meu café não sentia raiva dele. Agora é inexplicável. Eu o encontro praticamente em todos os lugares que vou. E para terminar, descubro que somos vizinhos.

Minha cabeça cai para trás, uma vontade de sair dali correndo me invade, entretanto resisto.

— Apartamento no mesmo prédio, no mesmo andar. Agora o vejo, na cafeteria, no parque onde corro, nos restaurantes, no elevador. Parece perseguição. — Minha voz sai alta e carregada de irritação.

— E vocês conversam?

— Pouco.

— Por que você não tenta conhecê-lo? Abaixar a guarda, Melinda. Sua raiva pode ir embora. Você pode se apaixonar, ou pode fazer um amigo. — Se parecia ter espinhos me espetando, agora tem um caminhão me atropelando e esmagando. Me apaixonar?!

— Não sei. E se ele for um maluco perseguidor?

— E se não for? Você tem muita expectativa sobre o mundo. No seu trabalho está sempre ultrapassando os seus limites para provar a si mesma que é a melhor. Evita e cria barreiras para todas as pessoas por pensar que são fúteis.

Faz uma pausa me encarando através dos seus olhos grandes. Engulo a saliva que desce rasgando a minha garganta como se fossem pedaços de vidros.

— O vizinho você julga um perseguidor, sem conhecer. E seus

desejos, que insiste em represar. A meu ver, o que sente pelo William não é raiva. Possivelmente uma atração bem forte. Não acha que é muito para lidar?

— Analisando por esse ângulo, pode ser um pouco demais. — Não é atração. Não pode ser. Que ideia horrível.

— Então tente relaxar. Não alimente mais as expectativas. Deixe acontecer primeiro, para depois se preocupar. Pode tentar diminuir a sua muralha? Acha que consegue baixar a altura dela um pouquinho?

— Acho que sim. — Olho para a parede ao lado.

— Você relatou no início da nossa sessão, o fato de que falar sobre o sonho a fez ter vontade de chorar, mencionou também o sentimento de perda, e, de certa forma, orgulho ferido ou vergonha por admitir os seus sentimentos para mim.

Abaixo minha cabeça cruzando as pernas e mexendo na ponta do meu sapato para não encará-la.

— Isso é normal, fruto da luta interna entre seus desejos mais profundos, sentimentos represados por tanto tempo, e o que você escolheu acreditar. Você tem sufocado quem realmente é desde a sua adolescência, e agora está retornando com muita força. Claro que algo fez tudo o que estava adormecido aí dentro acordar.

— O que poderia ter supostamente acordado essa minha parte? — Levo o tronco para frente na esperança de Irene dizer algo realmente útil.

— Isso você terá que descobrir. Vamos conversar mais sobre seus sonhos e sobre você. Depois chegaremos a alguma conclusão. Seu horário terminou.

— Tudo bem. — Mordo o lábio superior, assim evito dizer algo que não deveria a ela. Pego a bolsa, respiro fundo e me levanto rapidamente da poltrona.

— Se precisar me ligue.

— Obrigada.

Saio de lá com mais dúvidas do que respostas. Irene insiste na ideia de que estou impondo barreiras às pessoas. Talvez eu deva prestar mais atenção nisso, é algo possível e até aceitável.

Entretanto a possibilidade de que o meu antigo eu está despertando, é impossível. Eu mudei e ponto final. Estou feliz assim. E que absurdo é este de sentir atração pelo William e não raiva? Ela pensa que estou apaixonada por ele? Impossível! Vou considerar só a atração. Afinal... afinal nada, fica quieta Melinda! — Balanço a cabeça passando a mão pelos cabelos revoltos.

Para finalizar o meu adorável dia com chave de ouro, assim que as portas do elevador se abrem dou de cara com William. Uff!

Lindo! Usando calça jeans e camisa social preta. Seus traços ficam mais evidentes com roupas escuras. Olhos mais destacados. Impossível não perceber. E o perfume? Não dá para explicar, é forte e suave ao mesmo tempo. Definitivamente ele é um espécime muito atraente.

— Boa noite Melinda.

— Boa noite William. — Evito olhar muito para ele grudando o corpo na parede o mais longe possível dele.

— Trabalhando de novo até essa hora?

— Pois é. — Mantenho a cabeça de frente para o corredor.

— Vou sugerir para contratarem você lá na empresa. Pode me ajudar, assim terei mais tempo livre. O que acha?

Ele pisca para mim e chega mais perto. Arrumo meus óculos, lembrando que tenho que respirar.

— Se pagar o que vou pedir, posso pensar.

— Você é tão ligada a dinheiro assim?

— Não, mas acho que o meu trabalho é muito bom, e merece ser bem remunerado.

— Está certa. Tem uma coisa que me chama muito a atenção sobre você. — Ele muda de assunto. Quase me engasgo com minha própria saliva neste momento. — Você sempre usa esse colar. É uma peça muito bonita, e parece ser valiosa, única, talvez bem antiga. Você a tem há muito tempo?

— Sim. — Abaixo a cabeça e toco a pedra com a mão direita. — Acredito que seja antiga, é uma joia de família. Quanto ao valor monetário eu nunca avaliei, porém para minha família é sim extremamente valiosa.

— Interessante.

Ele se aproxima mais, e eu consigo sentir a sua respiração no meu pescoço. O que me deixa inquieta. De repente ele segura delicadamente na pedra. Seu rosto se transforma, como tivesse se lembrado de algo, sacode a cabeça e pisca.

— Você está bem William?

— Hã? Ah, sim. Por quê? Estou tão feio que pareço doente? — Aquele olhar fulminante outra vez.

— Não disse nada disso. Você não está com cara de doente, apenas sua expressão ficou distante, estranha, só isso.

— Sei. Não respondeu. Estou feio?

— Não, William. Não está. Pode sair tranquilamente que conseguirá facilmente atrair suas presas.

— Não estou indo à caça Melinda. Reunião da empresa. Mas pode ser que resolva “caçar” por aqui mesmo. — Se eu não tivesse estudado biologia juro que pensaria que o ser humano tem mais de um coração, pois sinto-o pulsando na garganta, cabeça e até nos ouvidos.

— Acho que estou te atrasando. — Mudo de assunto. — É melhor eu entrar.

— Ainda tenho alguns minutos.

— Certo. Mesmo assim preciso entrar. Estou cansada.

— Tudo bem. Mas antes, voltando ao seu colar, ele parece com alguma peça que já vi antes, só não sei onde. É um amuleto?

— Amuleto? Não acredito que seja nada disso.

Por que tanto interesse no meu colar? Primeiro a doida do metrô, agora William também. Ele está fazendo isso para me manter aqui. Não caia neste tipo de lorota Melinda.

— Boa noite William.

Começo a andar. Ele segura o meu braço e me puxa para perto de si. Aproxima a sua boca da minha. As pernas quase falham e meu coração corre uma maratona. Ele chega ainda mais perto, então sussurra em meu ouvido.

— Boa noite Melinda, tenha bons sonhos. — A palavra sonho me desperta do encantamento usado por ele.

— Não me deseje bons sonhos, deseje apenas uma noite de sono tranquila. — Ele balança a cabeça sem entender, e, inesperadamente, beija minha têmpora e sai.

O que foi isso? Desde quando temos intimidade a este ponto? Eu jurava que ele ia me dar outro tipo de beijo. Ele está fazendo joguinho comigo? Como se eu fosse cair. — Meus braços despencam. — A quem você quer enganar Melinda?

Amuleto

A imagem daquele cenário familiar me assombra novamente. Estou de volta a Eoforwic, um trecho descampado próximo à mata. Visto uma túnica rosa, meu cabelo está quase todo solto, apenas duas mechas suspensas se encontram na parte de trás presas por uma flor branca.

Mantenho os passos avistando Aedre em poucos minutos. Ele está vivo? Mas como? Apresso-me em sua direção, ele faz o mesmo assim que me vê.

— Anna! Tive medo de não conseguir vir.

— Aedre! Está bem?

— Sim. Ansioso. — Abre um meio-sorriso. — Pronta? — Não sei para o que, mas me sinto preparada.

Ele segura minha mão, fitando-me intensamente. Seu olhar é tão profundo. Vejo meu reflexo nele. É como um imenso oceano, cheio de vida. Espera. Tem mais alguma coisa. Não é apenas um reflexo, são vários. Eu, Anna, Isabel e todas as outras.

De repente um clarão, tudo desaparece. Ouço apenas a minha respiração. Eu tento caminhar, mas não sei para onde ir. Tudo branco como um livro sem conteúdo.

Cerro as pálpebras me concentrando nos olhos dele para tentar voltar para onde estava. Nada. Fecho novamente apertando bem forte. Abro.

Consegui. Agora ele está de frente para mim. Sorrindo, com sua mão sobre o meu colar? Mas se é uma joia de família, então Anna e eu somos parentes?

— Agora está feito. Não podemos mais voltar atrás Anna.

— Não voltaria atrás por nada meu amor.

— Sabe do risco que corremos certo? — Balanço a cabeça afirmativamente. — E é provável que aconteça o pior.

— Sim. — A imagem fica desfigurada e não ouço bem o que falamos. Pisco algumas vezes até a cena ficar clara outra vez.

— Apenas esteja preparada. Prometa-me que seguirá com o plano. Não desistirá mesmo se isso lhe causar dor.

— Prometo.

— Sempre estaremos juntos, Anna. Eu te encontrarei onde quer que esteja. — Passa a mão no meu rosto e sorri.

— Aconteça o que acontecer, serei eternamente sua. — Sorrio de volta com a bochecha quente. — Como vou te reconhecer?

— Você saberá quando olhar dentro dos meus olhos. Mantenha o amuleto junto de si.

— Estará sempre comigo. — Aperto a pedra junto ao meu corpo. Aedre me beija intensamente, e eu correspondo.

— Preciso ir Anna...

Ele me abraça apertado, beija carinhosamente a minha testa. Sei que é uma despedida, estamos definitivamente dizendo adeus. Não nos veremos mais nesta vida.

Aedre se afasta e desaparece. Não quero que ele me deixe. Eu amo este homem, como jamais imaginei que fosse possível. Por que não é real? Por que tem que ser assim?

Acordo, com os olhos marejados e admitindo para mim mesma que preferia ter continuado no sonho, e assim descobrir o que aconteceu. Se eu soubesse como controlá-los, eu voltaria para lá, para o meu mundo da fantasia, onde poderia viver com ele o que nunca terei aqui.

Agora, certa de que estou louca, cogito a possibilidade que Irene levantou sobre mim. Meu antigo “eu” está de volta. A dúvida é quem vou escolher agora. Permaneço deitada em silêncio por um instante, segurando o amuleto e respirando fundo.

Retomo minha rotina, um pouco cansada, e sigo para meu trabalho sem encontrar William pelo caminho. No fundo não sei se é bom ou ruim. Mas não tenho tempo para pensar nisso.

Depois de uma longa reunião com Thomas, volto para minha sala, peço meu café para Cristina. Começo a ler meus relatórios de desempenho, com muita dor de cabeça, sem a menor disposição. Cristina chega com meu café, dou uma pausa no trabalho.

Como o sonho não sai da cabeça e nem o interesse do William sobre o colar, abro o buscador e começo a pesquisar sobre amuletos e sonhos. Aparecem inúmeros tipos de amuletos e lendas sobre sonhos, mas nada que pareça ou que eu consiga fazer qualquer ligação com o meu colar.

Volto ao trabalho. Ainda com muita dor de cabeça. Depois de implantar parte das novas estratégias, o desempenho da equipe tem melhorado, então preparo uma apresentação para Thomas e para todo o time. Faço uma comparação usando os números das semanas anteriores e da semana que iniciamos a implantação da nova técnica de abordagem.

Logo após a apresentação, é a vez de me reunir com o diretor e o gerente da área de desenvolvimento para definirmos como será o treinamento das novas máquinas com a equipe. Passo o resto da manhã e parte do meu almoço acertando os detalhes, e conhecendo minuciosamente o processo, só assim posso dar exemplo e auxiliar no que for necessário.

Deixo o escritório no horário, sem passar um minuto a mais, tentando cumprir o que prometi para a minha psicóloga. Caminho sem pressa, apreciando a paisagem cinza de São Paulo.

Já em casa, apenas tomo banho e coloco o jantar que Juliana deixou pronto no micro-ondas. E graças às cenas vividas ontem à noite e ao ruivo intrometido, a curiosidade e vontade de saber sobre este colar falam mais alto.

Resolvo falar com minha mãe. Ela deve conhecer a história dele.

— Mãe?

— Oi Melinda.

— Está tudo bem? Papai melhorou?

— Tudo bem minha filha. Seu pai está ótimo. Acho que mencionar seu chá o fez melhorar instantaneamente.

— Que exagero mãe. — Ela ri.

— E você? Ainda trabalhando muito?

— Sim, bastante. A senhora sabe que eu gosto do que faço. — Ela suspira e muda de assunto.

— Quando virá para casa Melinda? Você só promete, mas até agora nada.

— Tentarei ir este fim de semana, eu juro. — Fecho os olhos com força respirando pesadamente.

— Tem meses que não a vemos querida. Venha logo. Este final de semana terá competição de hipismo, você vai adorar. — Sinto o entusiasmo dela pela forma como fala.

— Que ótimo, mãe! O hotel estará cheio então.

— Sim. Mas o seu quarto sempre estará livre à sua espera.

— Eu sei. — Sorrio com a lembrança agradável de casa.

— Como anda a terapia?

— Bem. Estou tentando seguir as orientações da Irene. Por isso mesmo estou aqui te ligando e conversando um pouco para relaxar.

— Fico mais tranquila Mel.

— Mãe, aproveitando que estamos falando sobre amenidades, me

conte sobre a história do meu colar?

— Qual deles Melinda?

— O que me deu quando fiz quinze anos.

— Ele pertenceu à sua avó. É uma joia de família, que ela também recebeu quando fez quinze anos assim como eu, e sucessivamente.

— E quando começou esse costume?

— Não tenho a menor ideia minha filha.

— Parece ser uma joia muito antiga.

— Pelo que a sua avó dizia, é sim muito antiga, mas nunca mencionou o quanto. Também não sei dizer se ela tinha essa informação.

— E existe alguma história ou lenda por trás do colar?

— Lenda? — Pronuncia rapidamente e um pouco mais alto.

— Sim, mãe. Toda joia de família tem uma história por trás. E...

— E?

— Li sobre alguns amuletos que espantam sonhos ruins. Então fiquei curiosa para saber se existe alguma lenda de família parecida.

— Quer saber sobre lenda, ou é só porque encontrou algo que menciona sonhos, Melinda?

— Apenas sobre a lenda, da família. A senhora me conhece muito bem para saber que não acredito em sobrenatural. Por que acreditaria em um mito sobre amuleto dos sonhos?

As mães devem ter algum sentido a mais do que as pessoas normais, ou o poder de invadir a mente dos filhos, só isso explicaria ela saber exatamente o que eu quero.

— Certo, vou fingir que acredito na sua desculpa. — Sua voz é firme. Consigo imaginar sua expressão séria de reprovação mesmo não a vendo pessoalmente.

— Então conte logo.

— Segundo a sua avó, o colar foi feito especialmente para a nossa primeira ancestral, muitos anos atrás. Um jovem que era apaixonado por ela mandou fazer o colar.

Ouço sua respiração, então ela continua.

— Lapidou a pedra inserindo dentro uma gota do seu sangue, levou até os pés da imagem de um anjo e pediu que protegesse a moça e a conservasse para ele.

Faz um suspense nessa parte mudando um pouco a voz.

— Quando o jovem ergueu a pedra em frente à imagem do anjo se

ajoelhando, uma luz brilhante a atingiu, o jovem entendeu que tinha sido abençoado. Pegou a pedra e transformou no colar. Depois entregou à nossa ancestral como símbolo do compromisso deles, jurando amor eterno.

— E quem era essa ancestral? Como se chamava?

— Isso eu não sei.

— Qual o motivo de passar de geração em geração aos quinze anos?

— Para que o próximo descendente da família fosse agraciado encontrando o amor da sua vida, como eles encontraram. Acredito que a idade foi escolhida devido aos costumes da época. Casavam-se muito cedo.

— E o colar é repassado somente para as mulheres?

— Não. É repassado para os descendentes que tenham o sangue dela, independente do sexo.

— E se houver mais de um?

— É repassado para o segundo filho ou filha do casal. Pois ela era a segunda.

— Mas como sabemos se somos mesmo descendentes dessa mulher misteriosa?

— Temos que passar o sobrenome, sempre. A linhagem sendo feminina ou não.

— Qual sobrenome?

— Downing.

— É quase impossível fazer isso.

— Sim. Mas como tradição é tradição. Toda vez que alguém da nossa família se casava, se fosse mulher, o noivo tinha que assinar um termo concordando em passar o sobrenome para os filhos. Era a condição para que a união fosse permitida.

— Isso é algo difícil de acreditar, para não dizer impossível. — Rio com sarcasmo.

— Se é verdade ou não, carregamos o nome até hoje Mel. Veja seus documentos. — Mamãe fala calmamente.

— Papai assinou esse tal documento?

— Não foi preciso. Eu expliquei a ele a tradição da família e seu pai aceitou manter o nome.

— De qualquer forma, deve ser algo mais recente. Só uma lenda não seria suficiente para forçar a manter o nome de família por tantas gerações assim.

— Você teria que pesquisar suas origens a fundo para saber se é

verdade ou não.

— Que seja! — Já estou impaciente, quero chegar logo ao que interessa. — Voltando ao colar, como ele ajuda a encontrar o amor?

— Sua avó dizia que ele “acordava” quando estivesse perto da pessoa certa, e a partir daí começava a falar com você.

— Falar? Um colar que fala? — Rio sozinha. Só pode ser piada. Quem vai acreditar em algo assim?

— Sim, falava através dos sonhos.

— Sonhos? Como assim mãe? — Então tem algo a ver com sonhos... vamos ver até onde vai isso.

— Ele faz com que você sonhe com a pessoa escolhida.

— A lenda é esta? Um colar que faz você sonhar com o amor da sua vida? Isso não foi muito criativo. Eu esperava mais.

— Eu não inventei. Só estou te contando como me contaram.

— Eu sei mãe. Então ele supostamente faz você sonhar com o seu príncipe encantado? — Ouço minha mãe gargalhar.

— Nunca foi dito que seria um príncipe. Mas é basicamente isso. Mostra a pessoa e como serão felizes.

— Você sonhou com papai?

— Não. Nos conhecemos na escola, e sempre gostamos um do outro. Só namorei seu pai, não tive contato com mais ninguém.

— Como soube que ele era o homem certo, se não teve outras experiências para comparar e o amuleto não funcionou?

— Não sei, Mel. Eu o amava e ele me amava. Isso bastava na nossa época. Estamos juntos até hoje, e continuamos nos amando. Com ou sem sonho revelador.

— Essas lendas só servem para encher a cabeça das mulheres de ilusões, espero que nossas futuras gerações usem isso apenas como uma história mesmo. Está ficando tarde, e quero descansar um pouco. Falamos depois.

— Tudo bem, Melinda. Se resolver mesmo nos visitar me avise para arrumar o seu quarto. — Consigo notar sua ansiedade, afinal tem muito tempo que não nos vemos, comparado a antes de me mudar para cá.

— Aviso sim, mãe. — Desligo pensativa.

— Parece que você é a ligação entre a existência dessas mulheres dos sonhos. — Seguro a pedra que parece brilhar sobre meus dedos. Acho que estou imaginando coisas.

Quando chegar à fazenda, vasculharei todos os documentos até encontrar algo que me diga pelo menos por onde começar a desvendar o que está acontecendo comigo. Preciso da minha paz de volta.

O Convite

Desde a hora que cheguei ao escritório, participo do treinamento com minha equipe. Não podemos ficar parados no tempo, a tecnologia evolui constantemente, e a nossa empresa precisa acompanhar, já que o nosso produto é exatamente tecnologia.

A nossa nova máquina foi desenvolvida para ler os dados dos cartões através da aproximação do celular. Claro que ela lê os cartões impressos normalmente, mas foi adicionada essa nova funcionalidade, e seu design também é muito bonito e moderno. Confesso que fiquei orgulhosa do nosso setor de TI.

Para mim foi bom sair um pouco da rotina, despender mais tempo com minha equipe e outros colegas de trabalho, conhecer colaboradores que ainda não conhecia. Sabe quando as horas passam e você nem percebe? Pois é, foi exatamente assim.

Sigo para casa exaurida, todavia feliz. Chamo o elevador praticamente dormindo em pé. Quando a porta se abre, William está lá, o que me faz dar um salto para trás e ele segurar o riso. Desconcertada e sem muita vontade, eu entro, afinal sou uma menininha de cinco anos ou uma mulher adulta e independente?

— Boa noite William.

— Boa noite. Está com aspecto bem cansado Melinda.

— É porque estou realmente exausta. Dia de treinamento. — Deixo os ombros caírem, movimentando a cabeça levemente para o lado.

— Entendo. — Ele diz e fica me olhando de uma forma estranha. William me analisa com o olhar varrendo dos meus pés até meus olhos, onde se detém por alguns segundos me deixando desconfortável.

— Algum problema William?

— Não. — Seu rosto tem uma mistura de expressões desconhecidas para mim, não sou capaz de entendê-las. Estreito os olhos enquanto o analiso. Ele exhibe um sorriso de criança matreira. — Qual o motivo da pergunta?

— Você está me olhando de um jeito estranho. Sei que estou cansada, mas estou tão ruim assim? — Me encolho abraçando o meu próprio corpo. Ultimamente sinto-me um tanto desajustada, e quando estou perto dele esse sentimento só piora.

— Definitivamente, você não socializa muito, estou errado? — Passa

a mão pelos cabelos e coça o nariz ainda rindo. Quanto mais ele ri mais esquisita eu fico.

— Não tenho tempo. Mas o que isso tem a ver com a minha aparência?

— Não é com a sua aparência, e sim com a falta de percepção das coisas ao seu redor. — Pisca.

— Não entendi nada.

— Você está linda, mesmo com o seu cabelo bagunçado e seus óculos tortos.

Rapidamente corrijo a minha postura, passo a mão pelos cabelos e ajeito os óculos. A porta do elevador se abre. Ele gargalha do meu jeito estabonado elevando a cabeça para o alto. Deixo o elevador furiosa e pisando forte. Ele vem logo atrás. Segura meu braço e puxa, deixando-me de frente para ele, mostrando uma face totalmente diferente de poucos segundos atrás. Sério com as suas grandes esmeraldas em brasa, quase é possível ver as faíscas das chamas nascendo!

— Está com pressa? Vai sair?

— Estou com pressa. Não vou sair. Preciso descansar. Mais alguma pergunta detetive? — Ele sorri torto ignorando completamente o meu comentário sarcástico.

— Quer descansar?

— Sim, foi o que eu disse! — Levanto meus olhos furiosos até alcançarem os dele. — O que deu em você?

— Você precisa mesmo relaxar um pouco. Quem sabe muda essa cara de brava.

— O q...

— Quer jantar comigo?

Desfaz a carranca séria para estampar o sorriso mais lindo, brilhante e doce que já vi neste mundo. E a brasa em seus olhos se dissipa transformando-se em um brilho intenso e cativante. Começo a tossir e quase engasgo. Fui pega totalmente desprevenida. Preciso relaxar sim, e faz um tempão que não saio para jantar. Mas com ele? E agora? Ele não podia começar com um café? *Ele já te chamou para um café, Melinda.* Relembro a mim mesma. Além do mais ele está com um humor perigoso para uma pessoa que no momento está com a mente instável, seria perigoso...

— Então?

— Você me pegou de surpresa. Eu não sei.

— Nunca vejo você sair para nada. É uma oportunidade de conhecer mais pessoas. Prometo que não vou te morder, só se você quiser.

— Sempre com uma piada pronta e envolvendo mordidas.

— Está fugindo da minha pergunta. — Estou, mas ele não precisa ter certeza. O que eu faço? Aperto os olhos com força inspirando bem fundo.

— Aceito o seu convite, mas não hoje. Tenho mesmo que descansar. Pegarei a estrada bem cedo amanhã. Vou visitar meus pais. — O que acabei de fazer? Enlouqueci? Sacudo a cabeça piscando os olhos. Foi só uma estratégia, assim não vai parecer que estou com medo dele, ou interessada nele, certo? Claro, se eu fugisse ele com certeza pensaria que sinto algo e não é nada disso.

— Ok. Assim que voltar vamos jantar, ou vou ficar no seu pé.

— Pode confiar na minha palavra. Boa noite.

Começo a andar na direção do meu apartamento. William continua atrás de mim. Segura meu braço novamente. Viro para olhá-lo.

— O que foi William? Já aceitei o seu convite. — Uma das minhas mãos pousa sobre a minha cintura.

— Sim, aceitou. O jantar pode ficar para depois, mas isto não.

Ele me traz para junto de si, colando os nossos corpos formando um só, tão rápido que não tenho tempo nem para me desequilibrar sobre os saltos finos. Desnorteada, não sou capaz de reagir nem emitir palavra alguma. Os rostos extremamente perto sinto a sua respiração na minha testa. Os olhos dele destilando fogo que me queimam.

Minha respiração acelera. A boca seca. O coração golpeia o meu peito com tanta força, parecendo que vai me arrebentar a qualquer momento. Certamente William é capaz de ouvir.

Então ele me beija, com força, sua língua exige passagem e explora minha boca em total desespero. Fogos de artifício explodem dentro de mim, eu correspondo na mesma intensidade, nem minha mente resiste, inteiramente entregue a ele, aos seus braços fortes e quentes. Ele tem gosto de hortelã. Maravilhoso.

Depois de um tempo nos separamos. William me fita com um olhar confuso e meio distante. Olhos saltados como se tivesse visto um fantasma. Talvez ele não tenha planejado me beijar e se arrependeu. Eu? Estou tão confusa quanto ele, não sei o que dizer se é que devo dizer alguma coisa. Apenas não faço nada, se o convite me pegou desprevenida, imagina isso.

— Boa noite Melinda.

Não respondo, só olho para ele tentando respirar enquanto William se vira e caminha de costas até entrar no apartamento. Sigo para casa ainda atordoada e com o coração disparado.

Faz tanto tempo que não me relaciono com ninguém que um simples beijo me deixa assim!? Não posso ficar pensando nele. Simplesmente não posso, existem pessoas e amores demais habitando o meu ser ou mente insana, outro seria impossível lidar.

Vamos Melinda, foco. Tem coisas importantes para resolver. Ligo para minha mãe avisando que sairei cedo de São Paulo, deixando-a toda empolgada.

Deveria vê-los mais vezes, eu sei disso, porém o cansaço tira a coragem de pegar a estrada para a fazenda toda vez que penso na possibilidade, assim acabo desistindo. Não desta vez.

Abro a mala e começo a jogar as peças que preciso dentro dela, não estou com cabeça nem disposição para organizar. Preciso dormir. Só dormir.

Voltando à Vida

O que deu em mim? Convidar Melinda para jantar, e beijá-la assim. Não consegui resistir àquela marrenta sexy. Como se um ímã me puxasse para ela.

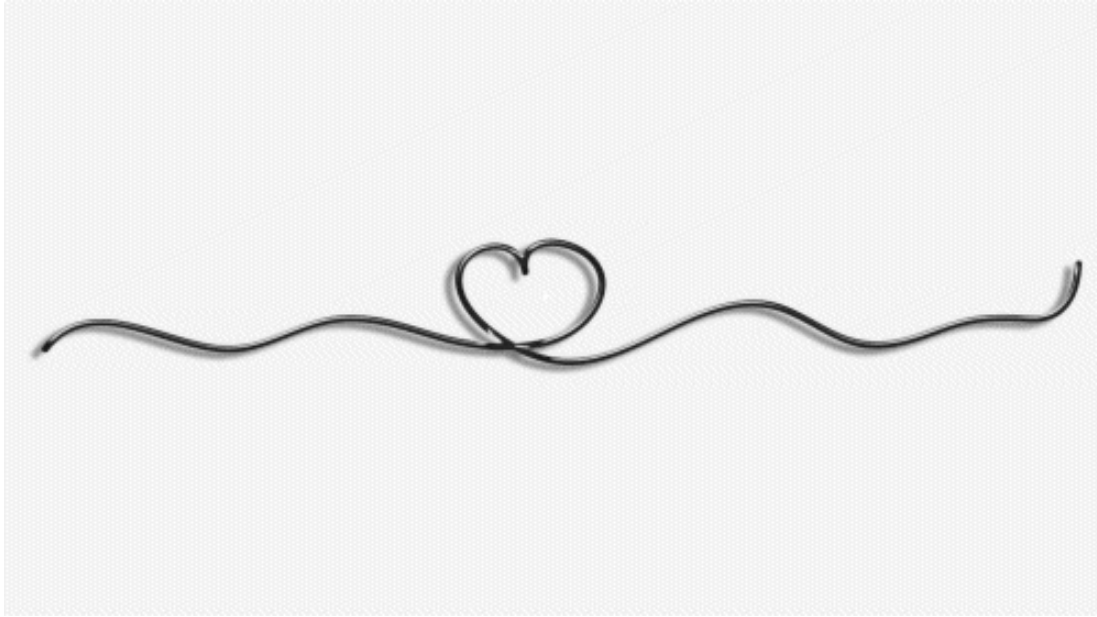
O mais estranho foi a sensação de ser transportado para o passado. Inúmeras imagens diferentes... como filme de época bem antigo. Me deixaram com dor de cabeça. Será que ela também sentiu isso? Não... a droga toda é que ela agiu como se nada tivesse acontecido.

Eu pensei que ela fosse gritar, xingar, até me bater, mas não. Inerte, sem reação alguma. Talvez tenha achado ruim... nunca ninguém reclamou do meu beijo. Mas para tudo na vida há uma primeira vez.

E aquela pedra. Por que sempre olho para ela? Parece me chamar. Tem alguma coisa estranha com aquele colar, tenho certeza. Assim como os olhos da Melinda. Eu a conheço, claro que a conheço, de onde meu Deus? Não paro de pensar nela há dias.

Decido analisar melhor a proposta da empresa. O prazo está acabando e assim penso em outra coisa. Abro os arquivos com os dados do desempenho da empresa, vejo as demonstrações financeiras dos três últimos anos.

É muito tentador. Os números são muito bons. Em termos de investimento será fantástico para mim. O que pesa é a questão pessoal e o sono também, neste momento. Meus olhos estão fechando sozinhos. Fora a competição de amanhã...



As imagens parecem um borrão, devido à neblina, entretanto conseguimos aportar nossa embarcação. Cansados, sujos e com fome. Há quase dois meses fora de Veneza.

Saímos carregados de escravos que foram comprados no sul da Rússia, e vendidos em Alexandria, voltamos com tecidos e especiarias. Não sou a favor do comércio de escravos, porém é o mais lucrativo, e meu pai não abre mão.

Antes de ir para casa, descarregamos a embarcação, levando a maior parte para o nosso estabelecimento comercial. A outra parte vai direto para o palácio Ducal, a pedido do Dodge.

Apesar da exaustão, a única coisa que desejo agora mais do que ir para casa é ver minha Giulia, todavia meu pai me obriga a ir com ele para casa. A primeira coisa que faço é comer, há dias não como nada decente naquele barco. Aproveito para dormir. Com meu pai me vigiando não conseguirei sair mesmo.

Algumas horas depois levanto-me, encontrando a casa vazia, faço rapidamente a minha higiene, troco minhas roupas e vou ver Giulia. Nossas famílias eram amigas, estávamos prometidos desde crianças. Os dois juntos eram donos de quase metade da frota de barcos daqui, porém em um dado momento, o qual eu nunca entendi bem como chegaram a esta conclusão, ambos acharam que estavam sendo roubados.

Brigaram e as famílias hoje são inimigas. Porém já era tarde para mim e Giulia. Eu a amo. E não pretendo renunciar a ela. Mesmo que seu pai a tenha dado em compromisso a outra família.

Caminho entre os canais até chegar à casa dela. Eu a avisto cantando enquanto ajuda a mãe na cozinha, me abaixo sobre a janela, quando escuto apenas a sua voz assovio. Giulia sai apressada com as mãos sujas de farinha, limpando na saia do seu longo vestido verde. Ela me abraça e corremos para longe dali, parando apenas quando nos sentimos seguros.

— Giulia, senti tanto sua falta. — Puxo-a para meus braços e a aperto contra meu peito. Sentir seu corpo me tranquiliza.

— Eu também Matteo. O tempo não passava, parecia uma eternidade.

— Agora estou aqui.

— Eles marcaram a data do meu casamento com Pietro. — Ela se liberta dos meus braços, com os olhos marejados.

— Já?

— Sim. — Ela abaixa a cabeça, deixando algumas lágrimas escaparem.

— Ainda não tenho dinheiro suficiente, para irmos embora. — Levanto sua cabeça, seco as lágrimas dela. Sorrio com o máximo de confiança e encontro. — Mesmo assim vamos adiantar nossos planos. Qual a data do casamento?

— Daqui a quinze dias.

— Não imaginei que fosse tão cedo, Giulia. Não terei como manter seus vestidos, nem teremos um lugar decente para morar, mas se ainda quiser, iremos embora esta semana. Só preciso conseguir um barco para nos tirar daqui. Nunca estaremos seguros em Veneza.

— Não me importo com vestidos Matteo. Só me importo contigo. — Sorri carinhosamente passando a palma da mão em meu rosto, que imediatamente esquenta deixando-me louco de vontade de sumir com ela agora mesmo, entretanto me contenho.

— Podemos aproveitar o baile de máscaras. Você seguirá para lá com toda a sua família, passará um tempo com o seu noivo, para ninguém desconfiar. Eu irei também. Farei com que todos me vejam acompanhado. — Giulia presta atenção a cada palavra com os olhos fixos em mim.

— Quando der 10 horas da noite, sairemos e nos encontraremos em frente à igreja São Marcos. De lá pegaremos o barco. Deixe o que levará separado embaixo da janela do seu quarto um dia antes que pegarei. Não leve muita coisa, só o necessário.

— Farei como disse. Matteo... tenho medo de não conseguirmos. Já tentamos tantas vezes. E se o nosso destino for... ficarmos separados? —

Novamente ela carrega em seu rosto medo, aflição e tristeza.

— Giulia, não pense assim. E se mais uma vez não conseguirmos, ainda teremos uma eternidade para tentar. Eu nunca vou desistir de você. Eu prometi há muitos anos que ficaríamos juntos, lembra-se?

— Sim, eu me lembro. Só que todas essas vidas estamos tentando, e nunca conseguimos.

— Giulia, por favor, não desista.

— Não vou desistir. O meu amor é maior do que tudo isso. E mesmo que nunca fiquemos juntos, o que vivemos até aqui vale mais do que ouro para mim. Não sei mais viver sem você. — Seguro o seu rosto depositando um beijo suave em sua testa.

— E não vai. Qual cor usará no baile? Eu estarei de preto. Apenas uma fita azul pendurada na máscara.

— Estarei de rosa. Colocarei uma fita azul também, no meu pulso direito, assim saberá quem sou.

Eu a puxo para meus braços, e a beijo sem nenhuma cerimônia. Se alguém nos vir, claro que comentarão, mas não me importo. E nem ela, que corresponde apaixonadamente.

Tudo fica escuro, eu só ouço minha respiração. Quando abro meus olhos estou no baile de máscaras. Vejo Giulia de longe, caminho até me aproximar. Aceno para ela com a cabeça e saio, caminho o mais rápido que posso até a igreja. Não demora muito até ela chegar. Eu a beijo e corremos para onde o barco nos espera.

Ajudo Giulia a subir primeiro, assim que piso no assoalho do barco, ouço uma voz nos chamar. Quando olho para trás vejo nossos pais.

— Nem mais um passo Matteo. Não se juntará a esta mulher nem agora nem nunca.

Meu pai diz subindo na embarcação logo atrás de mim. Tento impedir que ele entre, já não há mais tempo. Eles devem ter nos seguido. Eu deveria ter tomado mais cuidado. Não importa, não vão nos impedir desta vez.

— Perdoe meu pai, mas iremos embora. Vocês dois brigaram, nós não. — Seguro as mãos da Giulia entre as minhas, olhando-a com ternura. — Nós nos amamos.

— Oras rapaz, não seja tolo. Nunca permitirei que minha filha se uma à sua família. — Ângelo diz se aproximando do nosso barco também.

— Por favor, papai. Deixe-me ser feliz. — Giulia junta as mãos sobre o peito.

— O que entende de felicidade menina. Saia deste barco agora e fingirei que isso nunca aconteceu. Se não vier por conta própria eu irei até aí, e te arrastarei pelos cabelos até em casa.

— Perdoe-me, mas eu não vou. — Giulia é firme, mesmo usando a voz mais doce e suave deste mundo.

Solto a corda que prende o barco, aceno para Francesco seguir, mesmo com meu pai a bordo. Ou ele pula ou irá conosco.

— Você insistirá nesta besteira Matteo? — grita agitadamente.

— Sim, meu pai.

Ele puxa sua espada e aponta para Giulia.

— Não posso permitir.

— Não faça isso Marco. — Ângelo intervém tentando subir no barco. Eu entro na frente dela.

— Desista desta besteira Matteo, ou serei obrigado a dar um jeito para que vocês nunca mais se vejam.

— Não, pai. Não faça isso. Deserde-me, mas nos deixe em paz.

— Você desonrou nossa família Matteo, nos atirou na desgraça. Não me culpe por sua escolha.

— Não se atreva Marco. — Ângelo esbraveja novamente. Meu pai não dá ouvidos e com toda fúria atinge meu corpo com sua espada, que transpassa atingindo também Giulia atrás de mim. Escuto Ângelo grunhindo e Giulia chorando.

— Não me arrependo nem por um segundo. Logo estaremos juntos de novo. Adeus Matteo. — Giulia sussurra com a voz falha desaparecendo, quase não distingo a última palavra dita.

— Giulia. Perdoe-me meu amor. — Viro de frente para ela com o pouco de força que ainda me resta. O seu rosto está pálido e o corpo inerte. Encosto meus lábios sobre os dela. Um respiro fraco escapa pelos lábios...

De repente estou em outro lugar, com vestes mais antigas. Eu a avisto de longe, caminhando, linda, com sua túnica rosa e seus cabelos negros balançando suavemente com o vento.

Uma mão toca o meu ombro suavemente. Giro o corpo. Eu conheço esse rosto. Seus cabelos e olhos negros são inconfundíveis, e seu sorriso contagiante. Seline?

— Já estava mais do que na hora de você voltar garotão. Pronto para uma nova batalha? — Dá um tapinha em meu ombro levantando a sobrancelha.

— Não seja tão dramática. — Rio relaxado.

— Confesse que estava com saudades William. — Balança o dedo indicador devolvendo a risada.

— Sim, estava. — A abraço apertado.

— Então acorde e trate logo de resolver esta bagunça. Não aguento mais ser sua babá.

Abro os olhos sentando-me na cama, molhado de suor e cansado, tendo que lidar com um turbilhão de emoções e lembranças que vêm à tona. Como disse Seline: hora de voltar. Desta vez terei mais cuidado, e você não vai escapar, nunca mais.

Amigos

Apesar de mais uma noite de aventuras no passado, não permitindo descansar o suficiente, a viagem foi tranquila, quatro horas dirigindo e logo avisto a entrada da Estância.

Eu adoro este lugar. A maioria das minhas boas lembranças da infância é aqui. Estaciono meu carro no pátio dos fundos, onde ficam os carros dos funcionários e dos meus pais.

Assim que abro a porta inspiro fundo aquele ar puro e maravilhoso. Cheiro de verde, de mato, e de café. Ergo meus óculos até o topo da cabeça, e vou entrando pelos fundos. Encontro meus pais na cozinha, surpreendendo-os.

— Pensei que estavam com saudades, mas acho que me enganei. Cadê a recepção? — Abro os braços ansiando pelo carinho dos meus pais.

— Mel! — Mamãe se levanta e corre na minha direção, correspondendo ao meu gesto.

— Não ouvimos o barulho do seu carro. Você está tão magra. Não anda se alimentando direito, não é? — Me analisa de cima a baixo com cara de preocupação.

— Estou comendo sim mamãe. Juliana sempre deixa comida congelada para mim. É só impressão sua.

— Luiza e seus exageros. Bom dia querida. Como foi a viagem? — Papai me abraça e beija minha testa. Os cabelos estão grisalhos. As rugas aumentaram e aparenta mais cansaço, isso me preocupa um pouco, porém seu sorriso continua o mesmo, alegre.

— Eu sei papai. A viagem foi tranquila, sem muito trânsito.

— Sente-se, Mel. Acabei de tirar o bolo do forno,quentinho como você gosta. — Mamãe puxa a cadeira e pega o bolo que ainda solta aquela fumacinha aromática que faz o estômago reclamar alto e a boca salivar.

— Hum! Quero com manteiga mãe. Estava com saudades dessa comida maravilhosa. Ah, e uma xícara de café, por favor. Senti o cheirinho dele lá fora acredita?

— Este é daqui da fazenda. Torramos um pouquinho agora cedo especialmente para você. — Papai pega o bule e a xícara e começa a servir.

— Obrigada pai! Como estava com saudades. — Tomo o primeiro gole, coloco a xícara sobre o pires e pouso minha mão sobre a do meu pai que

está sentado ao meu lado. Ele sorri.

— Cadê a sua mala?

— Ah! Deixei no carro.

— Me dê a chave que pego para você. — Abre a mão esperando que entregue a chave a ele.

— Obrigada pai. Assim ficarei mal acostumada.

— Aproveite que está em casa.

Sorrio em agradecimento para meus pais. Conversamos um pouco sobre a fazenda e as mudanças que fizeram na estrutura para atrair mais hóspedes. Voltaram a produzir café, nada grande, só para o consumo do hotel mesmo.

E algumas frutas, horta própria, claro que só alguns gêneros. A intenção não é prover a cozinha, afinal quando o movimento é grande precisamos de outros fornecedores, mas proporcionar aos nossos hóspedes contato com os alimentos, fazê-los pegar as frutas no pé, colher as verduras e legumes na horta, por exemplo.

Ainda tem atividades como arborismo, passeios até a cachoeira. Adorava ir lá quando era criança. E minha atividade preferida, cavalgadas.

Mamãe ainda está encucada comigo, tanto que não demorou a perguntar sobre meu trabalho, aproveitando para dar um puxão de orelha, por extrapolar meus limites físicos.

Mesmo aposentada de suas atividades de medicina, ela continua com as cobranças e zelo com a nossa alimentação, com prática de exercícios e outros hábitos que considera essencial para uma vida saudável.

Hoje isso não faz parte da minha rotina atual, e ela tem conhecimento disso. Quando criança, jamais comi refeições congeladas, principalmente industrializadas, ela não permitia. Penso que foi a melhor coisa ela ter adotado esse hábito em nossa casa, raramente ficava doente.

Visivelmente cansada, resolvo ir para o meu quarto dormir um pouco antes do almoço. E como sempre, está tudo impecável, todos os meus objetos pessoais, medalhas de competições escolares e de hipismo, cadernos, livros escolares, e todos os objetos de decoração ainda estão aqui, do jeito que deixei.

Ver todas essas coisas sempre me remete a bons momentos com meus pais. Tempo que não volta mais. Se fechar meus olhos consigo me transportar para aquela época maravilhosa. Ouço as risadas gostosas da minha mãe, enquanto papai me carregava no pescoço todo orgulhoso pela medalha que

ganhei. Brincadeiras como esconde-esconde pelos cômodos do casarão. É claro que papai sabia onde eu me escondia, mas ele sempre fingia que não, me deixando ganhar.

As histórias que mamãe me contava enquanto eu estava deitada no sofá com a cabeça em suas pernas. Era muito bom. Tive e tenho os melhores pais do mundo. Com essas memórias gostosas na cabeça, tiro meus sapatos e me jogo na cama, apagando em seguida.

Acordo com o canto de um bem te vi na janela. O som é aconchegante. Espreguiço lentamente. O relógio na parede indica que ainda temos tempo para o almoço. Coloco minha roupa de equitação, desço as escadas do casarão correndo como uma menininha, passando por alguns hóspedes que sorriem ao me verem agir assim. Vou direto para o estábulo.

— Vamos ver se ainda fica no mesmo lugar.

Sigo até a última baia no canto mais escuro do estábulo. E lá está ele, com sua longa crina branca, de pelo bem aparado. Dormindo, porém, basta ouvir minha voz para ele despertar.

— Ei garoto. Não vem me cumprimentar? — Ventania levanta a cabeça e dá um salto vindo imediatamente até mim. Ainda me reconhece.

— Amigão. Sentiu a minha falta? — Afago a sua cabeça. — Ah, se você soubesse o quanto senti a sua. O que acha de dar uma voltinha como nos velhos tempos? — A ideia de montá-lo faz eu me sentir como uma criança novamente. Os lábios se abrem até quase a altura da orelha.

Pego a sela, o cabresto e o estribo. Faço um carinho em Ventania, depois o preparo. Subo em suas costas e saímos para um passeio. Ventania é idoso, porém ainda tem vigor.

Percorremos a área descampada próxima do açude, um pouco antes de chegar à parte de arborismo, que por sinal parece bem cheia. Enquanto cavalgo, sinto o vento na minha face, junto à sensação de liberdade, de paz. Reconhecimento do que se pode chamar de lar, afinal lar não é apenas o lugar onde moramos, mas onde sentimos que pertencemos, onde o coração se aquiesce, e aqui, com o meu companheiro de quatro patas sinto tudo isso.

Olhando para o horizonte, pensativa, resolvo dividir um pouco da minha vida com o meu melhor amigo. Sim, Ventania é meu melhor amigo. Sei que é um tanto estranho falar com um animal, e irracional até, porém temos uma ligação muito forte, mesmo ele não entendendo o que eu digo, é capaz de sentir as minhas emoções, melhor de que muito ser humano por aí. É o que importa.

— Ei amigo, tenho muitas coisas para te contar. Faz tanto tempo que não conversamos, não é? Acho que desde a faculdade. Estou em falta com você. Eu sei. Então vamos pôr os nossos assuntos em dia. O que acha? — Ele balança a cabeça com toda a sua elegância de competidor nato.

— Será que você tem sonhos? Espero que não, principalmente se forem como os meus... ultimamente tem sido difícil, quase não durmo mais, sonhos estranhos têm me atormentado, me deixado um tanto desconfortável. — Encosto minha cabeça da dele, levantando-me em seguida. Inalo o ar carregado do aroma de mato molhado, enquanto cavalgamos lentamente.

— Lembra que um dia te contei a história Romeu e Julieta? — Ventania relincha como uma espécie de sinal afirmativo, assim penso.

— Meus sonhos são parecidos com essa história. Eu me apaixono sempre pelo homem que não deveria, e então nunca ficamos juntos, ele morre, ou eu morro ou morremos todos, ou ainda sou forçada a me casar com outro por quem não sinto nada. — Absorvo outra quantidade generosa de ar puro. Passa a mão no pescoço do Ventania que parece gostar do ato. — É tudo muito perturbador e estranho como se eu estivesse vivendo todas essas vidas de uma única vez. Tão intenso que dói de verdade. Amo um homem que não existe. Não fale para ninguém, é nosso segredo ok? — Coloco o dedo indicador sobre os meus lábios, embora o meu cavalo não esteja vendo e ainda que visse não entenderia, a reação é instintiva, pois falar com ele para mim é quase como conversar com uma pessoa. Ele balança a cabeça de novo.

— Ah! Não diga que estou louca, por favor! Tem uma moça com quem converso às vezes, ela não é minha amiga como você, é complicado de explicar, mas ela me disse que esses sonhos são desejo de me apaixonar. Você concorda com ela? — Ventania balança o pescoço para um lado depois para o outro elegantemente, relinchando em seguida. Sorrio para mim mesma.

— Não? Que bom. Eu também não. Por isso amo você. Me entende como nenhum ser humano. — Aproximo a minha cabeça da dele e dou um beijo esfregando uma das minhas mãos sobre ela.

— Bom garoto. Tenho mais um segredo para te contar. Ontem um maluco me beijou. Do nada! Acredita? — Ele relincha mais alto como se demonstrasse raiva.

— Não precisa se alterar. Nunca vou te trocar por ninguém. Mas preciso confessar, ele é lindo, exótico. Cheira muito bem e... beija maravilhosamente bem também. Não fique com ciúmes, adoro o seu cheiro.

Além do mais, não quero nada com ele. — Olho para o meu relógio. Mamãe deve estar preocupada, hora de voltar. Suspiro e faço mais um carinho no meu amigo.

— Depois passeamos mais um pouco ok? Prometo que vamos nos divertir. O que acha de correr só um pouquinho? — Toco a sua barriga com as minhas pernas de leve e Ventania passa do trote para uma corrida suave, e magnífica até chegarmos à entrada do estábulo. Levo-o até a sua baia, tiro os equipamentos e me despeço.

Entro correndo pela recepção segurando o meu capacete na mão, meu cabelo está solto. Cansada da corrida e suada, porém feliz com o meu passeio e um pouco mais leve depois da conversa agradável com Ventania. Mamãe está na recepção registrando a entrada de um hóspede que quase passou despercebido, se não fosse o seu cabelo ruivo.

Não pode ser. Paro de correr e caminho devagar estreitando os olhos para ter certeza de que não estou imaginando coisas, de que estou vendo a pessoa que acho que estou vendo. Chego perto, fingindo não notar a sua presença.

— Mãe, vou subir para me trocar e logo desço para almoçarmos.

— Melinda? — Inclina a cabeça sorrindo me encarando.

Olho para ele levantando uma das minhas sobrancelhas. Indignada por ele fingir não saber que eu estava ali. Ele me seguiu até aqui? Depois não quer que pense que é um perseguidor. É exatamente isso o que parece. Mas se ele quer jogar, então que comecem os jogos.

— William.

— Então você é filha da Luiza? — Mantem a expressão de surpresa, como se isso fosse verdade.

— Acabei de chamá-la de mãe, não foi? — Forço um sorriso bem sínico.

— Melinda! Que modos são esses? Não foi isso que te ensinei. — Mamãe se vira para mim juntando os olhos e sacudindo discretamente a cabeça em negativa.

— Não se preocupa mãe. William não se importa.

— Menina.

— Não me importo Luiza. Melinda está sempre de mau humor, praticamente todos os dias. — Ri abrindo bem os olhos para mim.

— Não estou entendendo. — A minha mãe olha para mim depois para ele franzindo a testa.

— William é meu vizinho, mãe.

— Verdade? — Bate uma palma permanecendo com as mãos em posição de prece. — Que bom. Fico mais tranquila agora, sabendo que tem alguém conhecido por perto.

— Conhecido? De onde se conhecem? — Minha face se contorce de raiva e confusão.

— Morei aqui quando era criança. Meus pais frequentavam a Estância quase todo final de semana. Eu competia, então vinha praticar com o meu cavalo aqui.

— Isso é alguma piada?

— Não minha filha. Daniel e Marisa são velhos conhecidos. Foram embora há um bom tempo. Mas William vem todo ano para a competição de hipismo.

— É só para assistir mesmo, não pratico mais. Sem tempo. — Ele coça a nuca sorrindo sem graça.

— Vocês jovens vivem sem tempo para nada. — Mamãe está toda sorridente para ele, entusiasmada demais para o meu gosto.

— Nos conhecemos quando criança? Não me lembro de nenhum William. — Encaro-o bem fundo, buscando indícios de mentiras.

— Eu também não me lembrava de nenhuma Melinda. — Mexe o nariz. — Mas lembro de uma menina bem alegre, mas que ficava muito brava quando perdia uma corrida a cavalo para mim. — Segura o queixo rindo enquanto me encara.

— Está falando de mim por acaso? — Aponto com o dedo indicador para a minha face.

— Não sei. Era você?

— Claro que era. — Mamãe levanta o braço deixando a mão pender para baixo. — Você a perturbava e viviam brigando para saber quem era o melhor. Me lembro como se fosse hoje. — Ela ria, divertindo-se com a memória.

— Não me recorde de nada disso mãe. — Não me agrada vê-la tão entusiasmada com isso. Sinto o rosto se fechar sem que eu possa controlá-lo.

— Vocês eram crianças. Não vai lembrar mesmo.

— Você já sabia disso? Me seguiu até aqui hoje de manhã?

— Não te segui. Tem competição este final de semana, vim por isso. Não sabia quem era você até agora, juro. — Mantém a expressão séria enquanto fala.

— Certeza?

— Sim. Ontem você disse que visitaria seus pais, não disse onde eles moravam. — Balança a cabeça levemente em negativa. — E eu não te segui.

— Ok. — Bufo. Não adianta continuar insistindo, ele nunca vai admitir! Volto-me para minha mãe. — Daqui a pouco estarei pronta para almoçar. — Dou as costas para os dois e prossigo rumo ao quarto.

— Vai almoçar por aqui William, ou vai para a cidade? — Minha mãe continua conversando com ele.

Começo a me arrumar. Se existisse destino, poderia jurar que ele estava brincando comigo. Ainda não consigo acreditar que já nos conhecíamos.

Se isso é verdade, então será ele o garoto que me defendeu da Jéssica? Não faz sentido, mamãe disse que brincávamos juntos, e aquele garoto e eu nem nos falávamos direito. Coincidência? Destino? Foco Melinda. Está perdendo o foco. — Suspiro retomando o raciocínio.

Assim que termino, sigo para o almoço com meus pais. Mamãe convidou William para almoçar conosco, entretanto ele preferiu ir para a cidade, alegando que queria rever o local e alguns amigos. Duvido que ele ainda conheça alguém aqui, foi só uma desculpa, mas estou aliviada de certa forma.

— Como não me lembro do William criança?

— Não sei minha filha. Como citei anteriormente, vocês eram muito novos. Mesmo assim não justifica a sua grosseria com o rapaz, que é sempre muito educado.

— Não exagere mãe. Eu não falei nada demais. Ele é bem enxerido e intrometido. Vocês só convivem com ele uma vez no ano, se o que me diz é verdade.

— Claro que é verdade. Por que razão mentiria para você Melinda? Vai duvidar de mim agora? — Mamãe me fuzila com seu olhar furioso.

— Vocês vão discutir na hora do almoço? — Esbraveja com a voz grossa. Papai nunca suportou discussões durante a refeição. Abaixo a cabeça mexendo com o garfo na comida. — Melinda, por favor, tente ser um pouco mais gentil com os nossos hóspedes, independente de conhecê-los ou não, e do que pensa sobre eles.

— Desculpe papai. — Depois de alguns minutos em silêncio, inicio outro assunto.

— Mãe você conseguiu achar os documentos que pedi?

— Melinda, encontrei algumas caixas na tulha como te falei. Trouxemos todas para o escritório. Mas confesso que não tive tempo de ver o que há dentro delas.

— Ótimo. À tarde eu vejo as caixas.

— Se folgar um pouco na recepção, eu te ajudo. — Seu tom de voz já voltou ao normal. A raiva deve ter passado.

— Obrigada. — Sorrio para ela.

Terminamos de almoçar tranquilamente, conversamos um pouco. Brincamos, rimos, e depois eu me dirijo até o escritório, ansiosa para ver o que encontraria. Levo um susto quando adentro no local.

Quando mamãe disse algumas caixas, eu cogitei que seriam poucas, mais precisamente entre três e quatro. Havia umas dez caixas. Impossível ver tudo o que tem nelas até amanhã. Nem que eu passe todas as horas restantes aqui dentro.

Inspiro profundamente, organizando minha mente para descobrir como começar, e de onde tirar coragem para isso.

— O melhor a fazer é abrir a primeira caixa que estiver à sua frente Melinda. Não há nenhuma descrição. Tanto faz por onde começar.

Sento-me no chão, pego a caixa mais próxima e empurro as outras para o lado contrário, assim não corro o risco de me confundir. Pego uma caneta dentro da última gaveta da escrivaninha, a fim de começar a separar o que for útil para mim.

A primeira caixa que abro tem alguns retratos antigos dos meus avós, juntamente com alguns objetos, que eu consideraria históricos e outros pessoais. Um ferro de passar roupa à brasa.

— Como alguém conseguia segurar isto? É muito pesado.

Um relógio de bolso. Muito bonito. Há também alguns talheres bem antigos. E até algumas xícaras de esmalte. Costumavam ficar na cozinha da vovó ao lado do fogão a lenha, junto ao seu bule de alumínio, sempre brilhoso como um espelho. Vovó as adorava. Preferia aos seus jogos de porcelana.

— Será que as porcelanas estão em algumas dessas caixas também? — Coço o topo da cabeça.

Na segunda caixa, encontro livros de capa dura bem largos e compridos. Folheio um deles e percebo que são anotações contábeis. Os movimentos da fazenda. Alguns registram apenas as vendas das sacas de café, outros os custos da produção.

A próxima contém livros ainda mais antigos. Vários nomes. Aliás, tem apenas nomes. Devem ser dos escravos. Nunca ninguém comentou nada. Pelas datas são de antes da minha bisavó existir. Bem antes da Lei Áurea. Isso é histórico. Faz parte da Estância. Não é motivo de orgulho, mas aconteceu.

Há outros livros, um pouco mais recentes. Também com registros de nomes. Italianos na sua grande maioria. Da época de Isabel. Provavelmente os colonos que por aqui passaram, e que, igualmente, fazem parte da história deste lugar, e da nossa cultura. Devem ser guardados, e muito bem guardados. Coloco as caixas com os dados históricos separadas, ao lado da estante de livros do papai.

A grande maioria das caixas contém utensílios de cozinha. Apenas nas últimas caixas encontro alguns livros de literatura, bem antigos, todos têm o nome da Isabel grafado com uma caligrafia impecável.

Logo abaixo deles outros livros, estes sem títulos. Alguns com amarrações. Abro um deles. São diários! Começo a ler imediatamente. De Isabel, Claro. Alguém bate na porta.

— Pode entrar.

— Melinda? Ainda aqui filha?

— Mãe, perdi a noção do tempo olhando as coisas. Vocês não podem deixar tudo isto mofando dentro de caixas.

— Nem sei o que tem nelas.

— A história da Estância. Objetos antigos e documentos. A nossa memória.

— Eu realmente não sabia minha filha. Não precisa ficar tão exasperada. — Só então percebo que estou em pé com as mãos na cintura e meu tom de voz está elevado. Me desculpo.

— Não acha que é hora de descansar um pouco?

— Ainda tem muita coisa para ver mãe. — Choramingo.

— Você já abriu praticamente todas as caixas Mel. Você veio para relaxar. Ficar conosco. Terá tempo suficiente para vasculhar depois.

Ela tem razão. Eu mal apareço para visitá-los. A culpa fala mais alto e eu cedo, acompanhando-a até a parte privativa do casarão. Deito-me no seu colo como fazia quando criança. A cabeça nas suas pernas com o corpo no sofá.

Conversamos um pouco, mamãe me contando da vida deles ali. Das teimosias de papai em relação à alimentação. Provavelmente herdei dele essa

parte. Recordamos a infância e rimos. Falamos sobre mim e das noites mal dormidas também.

Ela insistindo para que eu diminua o meu ritmo, quando meu pai chega com uma xícara de chocolate quente para mim, isso faz com que o assunto cesse. Eu agradeço mentalmente. Ele se senta na outra ponta do sofá, pegando os meus pés em suas mãos e massageando-os.

— Tinha esquecido o quanto isso é bom pai. — Rio, me desmanchando para o meu pai, que fica todo envaidecido.

— Venha para casa mais vezes e não se esquecerá.

Sorrio mais uma vez agradecida. Um dos colaboradores do hotel entra e chama mamãe. Fala baixo com ela, eu não consigo ouvir. Ela se aproxima e diz que vai resolver um problema com um dos quartos.

— Quer ajuda mãe?

— Não, Mel. Descanse. Faça seus passeios e relaxe.

— Eu vou com a sua mãe, não se preocupe.

Papai levanta e eles saem de mãos dadas. Ver os dois assim me enche de alegria. São anos e anos juntos e eles ainda se amam. Amigos e companheiros. Não sei se um dia terei algo sequer parecido.

Com os diários martelando a minha cabeça, saio para caminhar um pouco. Assistir ao pôr do sol é uma das imagens mais bonitas de se ver. Sento no gramado próximo ao estábulo. A parte mais tranquila da fazenda.

Segurando um ramo de grama na minha mão direita, apoio a esquerda no chão, admirando a natureza. As nuvens começam a adquirir uma coloração alaranjada. A lua já desponta com a imagem ainda fraca, e o sol está no meio da sua despedida, finalizando o seu espetáculo por hoje. A mente relaxa principiando o seu passeio pelo passado. Imaginando os detalhes de estruturas antigas que hoje não pertencem mais a esta paisagem, há apenas alguns resquícios do foi um dia.

Questiono o que foram esses escombros, criando inúmeras possibilidades, sem respostas. Fantasio criando imagens de como o casarão foi construído, o local que tanto amo. Formulo feições de todos os meus antepassados andando por estes campos. Dos escravos, colonos e outros trabalhadores que por aqui passaram e que construíram a Estância. Vejo Isabel.

— Oi!

Aquela voz grave me arranca dos meus devaneios, fazendo-me quase cair. Se é que é possível cair já estando sentada. Olho para o lado e o vejo em

pé me observando.

— William? O que faz aqui?

— Estava deixando o cavalo na baia, quando saí do estábulo a vi tão concentrada, encarando o céu. Fiquei curioso.

— Curioso? — Elevo um pouco mais a minha cabeça até que meus olhos encontrem os dele.

— Sobre seus pensamentos. Por onde eles estavam vagando.

— Ah, isso! — Volto a admirar o céu. — Em lugar algum. Só admirando a paisagem.

Minto, não querendo entrar em detalhes. Afinal é a história da minha família e dos meus malditos ou benditos sonhos, os quais não tenho motivos para dividir com ninguém, muito menos com ele, e não quero prolongar a conversa.

— Posso me sentar aqui?

— À vontade.

Faço sinal apontando o meu lado. Ele prontamente aceita ficando bem perto, a ponto de nos tocarmos quando nos mexemos. Mantenho o silêncio, fixo-me no horizonte, tentando ignorar os sinais que meu corpo passou a emitir assim que sentiu a sua pele próxima à minha. Até que ele rompe a quietude.

— Olhando você aqui tão calma é impossível te reconhecer.

— Por quê? — O encaro levantando as sobrancelhas.

— Todas as vezes que nos encontramos está sempre inquieta. Até parece que tem algo te espetando. — Ele ri.

— Não sou assim.

— Ah, é! Agitada. — Reviro os olhos para ele e arquejo.

— Agora que descobrimos que nos conhecemos de longa data...

— O que tem? — O interrompo apressada.

— Continuando. — Ele ri novamente. — Será que você pode ficar um pouco mais sossegada? Menos desconfiada?

— Estamos aqui conversando, não é? — Inclino o corpo levemente para o lado dele olhando-o de perto.

— Sim. Porém, tenho a ligeira impressão de que você gostaria de sair daqui correndo.

Fixo o meu olhar novamente no horizonte, constrangida. Afinal ele não está errado. A sua presença realmente me deixa desconcertada, e eu não esqueci o beijo. Está bem vivo. Com o seu gosto de hortelã em minha boca.

Finjo não me importar. Apesar de sentir o meu sangue correr mais rápido por minhas veias finas, a minha boca secar e sufocar sem ar.

— Estou errado?

William insiste, olhando para mim fixamente, enquanto tento colocar o meu cérebro para funcionar e responder qualquer coisa que faça o mínimo de sentido.

— Está. Ainda não me levantei. Continuo na sua presença.

— Não significa que não queira sumir daqui.

— Não. — Rio.

— Eu me lembro de você. — Ele olha para o alto, respirando fundo.

— Como?

— Lembro-me de você com seus vestidos delicados. Bem pequena, seus cabelos loirinhos bagunçados pelo vento. Atrás do estábulo. — Seus lábios se curvam para um lado, em um sorriso contido, porém bonito.

— Atrás do estábulo? — A face começa esquentar.

— Sim. Sob a sombra daquela mangueira frondosa ali. — Ele aponta para a árvore centenária imponente.

Olho para ele, espantada. Eu costumava brincar ali de contos de fadas. Fingia ser a princesa. Como ele sabe disso? E como seus olhos estão mais verdes. Penetrantes. Brilhantes. Tão presos aos meus como eu a eles. Eu vejo o meu reflexo perfeitamente. O que me resgata do mar da imaginação em que me afundava.

— Você contava histórias de princesas. Às vezes de aventura. Arriscava terror também, porém neste último era péssima.

Apoio a testa na minha mão, queria poder esconder o meu rosto agora, completamente envergonhada. Não tinha outra coisa para ele guardar na memória?

— Não me lembro de você nesses momentos. Aliás, eu não recordo de estar na presença de ninguém, ali... era o meu refúgio.

— Eu estive com você algumas vezes lá. Você só não recorda. Vez ou outra eu me escondia atrás do tronco da mangueira e você só notava quando eu saía de trás. — Direciona o olhar para a árvore mencionada.

— Isso não foi muito cavalheiro da sua parte. — Fecho os olhos abaixando a cabeça.

— Não. Mas era divertido.

— Não. Era insano. Loucura. — Abraço as pernas apoiando o queixo entre os joelhos, evitando a sua face.

— Não penso assim. O primeiro livro que escolhi ler foi por influência sua. De tanto te ouvir, e vê-la se divertir, eu tomei a iniciativa, para surpresa dos meus pais, e pedi que me comprassem um livro. Não foi um conto de fadas. Nem tinha princesas. — Vejo o seu rosto através dos fios do meu cabelo que estão sobre o rosto, sem coragem de encará-lo de frente. Ele está sorrindo com o rosto voltado para frente, deixando a sua imagem ainda mais perfeita. Quase angelical.

— Viagem ao centro da Terra.

— Verdade?

— Sim.

— Desculpe não me lembrar de você. — Corrijo a minha postura apoiando os braços novamente no chão olhando para ele vez ou outra e arrancando algumas folhas com as mãos.

— Ah! Logo se lembrará.

— Não entendo uma coisa. Se fomos amigos, por que nos afastamos, a ponto de não reconhecer você?

— Acredito que nos fechamos quando entramos na puberdade. Mudanças que todos passam. E com a morte do meu avô, eu me retraí um pouco. Virei um adolescente velho. — Apesar de mostrar um sorriso ou esboço de um, seu semblante é triste. Pela primeira vez me compadeço por ele.

— Não entendi.

— Resumindo. Eu tentei ser adulto antes do tempo. Queria ser como o meu pai. Acho que imitá-lo me deixou chato.

— Você me defendeu da Jéssica não foi?

— Viu como se lembra. — O seu tom está um pouco mais animado.

— Deste episódio sim. Não éramos mais amigos nesta época? — Miro o seu rosto deparando-me com aquelas duas pedras preciosas imensas me espreitando de volta.

— Não. E pouco tempo depois eu me mudei para São Paulo. Acho que um ano depois.

— Você parecia um velho mesmo. Mal-humorado. Bravo. Esse detalhe eu lembro. — Sorrio vitoriosa para ele.

— Olha quem fala. — Ele toca com o seu cotovelo em minhas costelas, me pegando desprevenida. Eu sorrio para ele involuntariamente, um calor gostoso se alastra do meu peito para o resto do tronco.

— Não era mal-humorada.

— Era o que então?

— Séria. Concentrada.

— Ok. Hipoteticamente era isso. O que dá no mesmo. — Ri.

— Talvez... tem um tempo que o sol se pôs. Melhor voltarmos.

Ele balança a cabeça afirmativamente. Levanta estendendo a mão para me ajudar. Olho para ele na dúvida, e aceito. Seria muito mal educado da minha parte recusar.

Ele me puxa parecendo não fazer esforço algum, ou disfarça muito bem. Ficamos de frente um para o outro, e os nossos olhos se encontram. O seu hálito doce me invade e o coração reage palpitando um pouco mais depressa. Disfarço e me afasto rapidamente.

— Vamos? — Gesticula com a mão direcionando para a trilha que leva de volta para o casarão.

— Claro.

Caminhamos lado a lado por um tempo sem uma palavra.

— Melinda?

— Sim. — Ele interrompe os passos, me obrigando a fazer o mesmo.

— Podemos continuar de onde paramos?

— Como? — Congelo imediatamente. Será que ele está se referindo ao beijo de ontem à noite?

— Amigos. Não podemos ser crianças de novo. Mas pode parar de implicar comigo e me dar um voto de confiança?

Respiro aliviada. Aliviada e decepcionada? Oras, o que está acontecendo comigo? O estômago arde e gela ao mesmo tempo, a saliva seca e todo o corpo começa a fraquejar como se fosse desmaiar. Suspiro pelo homem imaginário e agora... e agora o que Melinda? Encaro-o esticando a minha mão tentando sorrir.

— Amigos.

— Me deve um jantar.

— Amigos não deveriam cobrar uns aos outros. — Cruzo os braços.

— Está enganada. Quando voltarmos, quero o meu jantar.

— Tudo bem.

— Perfeito.

— Parece criança. — Balanço a cabeça e mostro a língua.

— No fundo sempre temos um pouco da criança que um dia fomos.

— Pode ser.

Continuamos caminhando. Ele passa o braço sobre os meus ombros.

Eu quase perco o equilíbrio que ainda me restava. É estranhamente confortável sentir o braço dele sobre os meus ombros. O seu aroma fica ainda mais intenso e me deixa com muita vontade de repetir o ato de ontem.

Não faça isso Melinda. Tire essa ideia da cabeça. Você só está carente. Ele tira o seu braço dos meus ombros assim que passamos pela entrada do casarão. Despede-se beijando a minha testa.

— Boa noite, Melinda.

Aqueles olhos intensos quase me transportam para dentro de si de tão forte e profundo. Desmancho-me por dentro. Quero segurar o seu braço e puxar para junto de mim até os nossos lábios se tocarem outra vez. Não tenho coragem. Engulo seco.

— Boa noite, William.

Recomponha-se, Melinda. Subo correndo para o meu quarto.

Pedaço do passado nas mãos

O dia mal raiou e eu já pulei da cama, devidamente vestida e pronta para continuar a vasculhar o restante das caixas. Desesperada e ansiosa para encontrar qualquer coisa que me ajude a parar os sonhos.

Poder voltar a dormir tranquilamente. Voltar para a minha rotina normal, sem sofrimento por amores perdidos. Sem amor algum na verdade. Sem aqueles olhos verdes. Qual dos pares, Melinda? Dos dois é claro. Não, não está claro. Ah! Concentre-se e pare de delirar. — Seguro a cabeça entre as mãos agitando para os dois lados com força, quem sabe assim disperso essas ideias malucas.

Ao descer as escadas, encontro com minha mãe. Eu jurava que ela ainda estaria dormindo. Errei feio.

— Melinda? Acordada a esta hora?

— Sim.

— Algum problema? Não conseguiu dormir? — Me encara com desconfiança.

— Nada, mãe. Dormi como uma pedra. — Espreguiço-me e beijo o seu rosto.

Não foi bem assim, mas ela não precisa saber, nem se preocupar ou tirar conclusões precipitadas. Não dormi direito, pelo motivo de sempre, somado ao outro motivo que está hospedado bem aqui.

Levou uma era para Morfeu me carregar para o seu mundo. O ruivo irritantemente lindo pairou e dominou os meus pensamentos por horas, até que eu afundei na inconsciência. E depois fui para os meus passeios rotineiros ao passado.

— Mel? — Minha mãe segura o meu braço balançando um pouco. Pisco voltando ao mundo real.

— Oi mãe.

— Estou falando com você.

— Desculpe. O que disse mesmo?

— Perguntei o que quer comer no café.

— Quero só uma xícara de café bem forte, estou sem fome.

— Nem pense nisso, mocinha. Vou mandar preparar uma salada de frutas, uma fatia de pão quentinho com manteiga, feita aqui na fazenda, e iogurte natural.

— Mãe!

— Não venha com desculpas, Mel. — Aponta o dedo indicador para mim. — Nunca pulamos refeição, pelo menos não aqui.

— Upf! Tudo bem.

Não vou perder tempo prolongando esta discussão, ela vence sempre. Vamos para a cozinha, onde encontro com papai já finalizando o seu café com o jornal aberto, apoiado sobre as pernas, e seus óculos na ponta do nariz. Não me recordo deles acordarem tão cedo.

— Bom dia pai.

Beijo a sua testa passando os braços pelo seu pescoço, sentando logo em seguida ao seu lado, enquanto mamãe serve o meu café. Conversamos um pouco sobre o movimento do hotel neste fim de semana.

Ouvindo-os comentarem sobre os negócios, percebi que mesmo quando morávamos juntos, não lhes dava a devida atenção. Durante a faculdade, embora voltasse para casa nos finais de semana, eu raramente colocava os pés na Estância, algo que adorava até minha adolescência. Jamais os questionava sobre o trabalho. E naquela época mamãe ainda clinicava, jornada dupla. Fui completamente egoísta.

Neste exato momento sinto algo como uma lâmpada que se acende sob meus olhos, e tudo o que Irene me dissera em nossas sessões passa a fazer sentido. Afirmo com segurança que é bastante doloroso assumir isso, pois me sinto um ser humano horrível, por ter erguido uma muralha contra eles. Há quanto tempo meu pai está grisalho? E mesmo usando óculos tem dificuldades para ler?

O quanto eles se desdobraram trabalhando para que eu pudesse ter uma vida tranquila? Para que eu pudesse estudar? Quão cansada a minha mãe ficou as incontáveis vezes que fizera jornada dupla? Ainda assim eles se preocupam comigo, e têm desprendido um enorme esforço para fazer parte da minha vida, sem reciprocidade. Um líquido quente corre pela minha face, passo as costas da mão para secar antes que eles percebam.

— Pai?

— Sim.

Ele abaixa o jornal e retira os óculos, observando atentamente o meu rosto.

— Você tem feito exames regularmente? Um *check-up*?

— Claro que sim. Luiza jamais deixaria passar em branco — diz cheio de razão. Como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Então por que ainda está com esses óculos? — Fito-o com seriedade.

— Qual o problema de vocês mulheres? Ainda estão bons. — Ele me evita direcionando os olhos de volta para o jornal.

— O senhor o está usando na ponta do nariz. Não estão bons.

— O teu pai é teimoso. — Minha mãe abaixa o jornal que ele está segurando, forçando-o a prestar atenção em nós duas. — Eu mandei fazer os óculos de acordo com a prescrição do oftalmologista, em vão, ele não os usa. Estão guardados na primeira gaveta do escritório, intactos.

— Papai, por favor? — Pouso a minha mão sobre a dele, fitando-o intensamente com olhos de cachorro abandonado implorando que ele troque os óculos.

— Isto é um complô! Vocês não vão me deixar em paz, não é mesmo? — Reveza o olhar entre nós duas.

— Não — falamos juntas.

— Tudo bem então. Farei uma tentativa. Se eles me incomodarem, eu volto a usar estes aqui. — Ele balança os velhos óculos segurando-os com a ponta dos dedos.

— Agora coma tranquila, Melinda. Você ainda não mexeu na sua salada e o pão já deve estar frio. Não tente usar as táticas do teu pai, porque conheço todas elas. — Minha mãe troca de alvo, passando manteiga no pão e depositando no meu prato enquanto ordena.

— Desculpe!

Experimento a fatia de pão. O sabor incomparável da manteiga fresca e de *casa* me faz agradecer mentalmente por ter decidido passar este fim de semana com eles.

— Está muito, muito, bom mãe.

— Ainda me lembro de como você gosta. Eu fiz outro pão para você levar, e separei um pote de manteiga, e outro de geleia de amora.

— Obrigada.

Passo o restante do café observando-os. Eles sorrindo, se abraçando, implicando um com o outro, se ajudando. Companheiros e cúmplices da vida toda.

Retomo a minha busca. Separo os objetos de Isabel. Pente, espelho, algumas fitas, um par de luvas de renda branca. Enfim a última caixa.

Meu coração dispara, não sei o motivo, as minhas mãos estão geladas e eu hesitando. Nunca tive medo de nada, por que estou com medo agora?

Você não queria desvendar o seu passado, Melinda? A vida de Isabel? Pare de besteira e continue.

Cerro as minhas pálpebras e começo a controlar a minha respiração. Conforme meu corpo dá sinais de que estou no controle novamente, coloco as mãos dentro da caixa. Roupas? Retiro a peça. Mal posso acreditar. Estou delirando?

Eu usei este vestido. Quer dizer, Isabel usou no sonho quando se casou com Phillip. Não pode ser. As minhas mãos estremecem. A minha cabeça está girando. O meu mundo está de ponta cabeça. Tudo o que eu acredito está desmoronando. Ou estou enlouquecendo. Ou... ou... não sei o que pensar. Céus.

Solto o vestido sobre minhas pernas, pego os diários. Começo a folhear. Sem a menor ideia da ordem deles. Uma página me chama atenção. Atendo mais tempo sobre ela. Leio com um pouco mais de calma.

Mais uma vez sonhei com o meu grande amor. Sempre lindo com seus grandes olhos verdes... foi intenso. Como sempre. Eu o amo mais que a mim mesma, mais que tudo neste mundo. Sei que seria capaz de dar a minha vida por ele, outra vez. E não importa quantas vezes iremos morrer desde que possamos ficar juntos outra vez, e outra vez. Recordei-me da nossa vida em Portugal. Ainda não consigo entender como nossos descendentes mudaram de terras tantas vezes. Este não é o ponto, ficará para uma próxima pesquisa. Eu me chamava Joaquina, não gosto deste nome. Ele Augusto. Não tínhamos um tostão. Mas a felicidade, eu não trocava pela maior fortuna existente na face da terra. Por pouco tempo fomos felizes. Contudo, mais uma briga de família nos separou. Ainda acredito que talvez a resposta para ficarmos juntos seja descobrir o motivo da primeira briga. Quem sabe no próximo sonho. Agora preciso descobrir quem é ele nesta vida.

Com as mãos trêmulas, passo mais algumas folhas. De repente algo me faz permanecer em mais outra página.

Veneza é realmente encantadora. Mesmo estando lá apenas esta noite. Voltei para mais uma das minhas vidas. Giulia, esse era meu nome. Filha de um dos comerciantes mais importantes da época, Ângelo Grassi. Ele e o pai de Matteo, era assim que Aedre se chamava nesta época, Marco Bianchi, foram uma espécie de sócio, até que algo deu errado, e eles

começaram a desconfiar um do outro. De amigos e parceiros, passaram a ser inimigos. E assim o nosso compromisso foi desfeito. Nós tentamos mais uma vez fugir. Não conseguimos, nossos pais descobriram. E Marco, em um ato de fúria impulsiva, nos matou com uma espada, apenas um golpe certo foi capaz de atravessar os nossos corpos juntos. Um único golpe. Foi angustiante...

Fecho o diário com toda força que encontro. Estou em choque. Cientificamente isso é impossível. Não posso aceitar que isso realmente aconteceu. São os mesmos sonhos, entretanto deve haver alguma explicação lógica. Tem que ter.

O suor escorre pelo meu rosto, a minha respiração descompassada pressiona o meu peito, fazendo com que o ar passe com dificuldade.

— Preciso continuar. É minha história também. Independente desta hipótese maluca de sermos a mesma pessoa, ou não, os mesmos problemas que a afligiram no passado hoje atingem a mim.

Fecho os olhos e espero um pouco para que minha mente e meu corpo voltem ao seu estado normal. Os minutos passam. Folheio o diário em uma leitura rápida. São muitos relatos de sonhos. Alguns são os mesmo que já tive, outros não. O que pode ser um indício do que está por vir.

Algun lugar do Império Austríaco por volta de 1000 dc... estava muito frio, meus pés e minhas mãos congelavam, as pontas dos dedos roxas. A pouca roupa não era suficiente para me aquecer, mesmo assim eu enfrentei todo aquele frio para ver Friedrich.

Ele logo nota minha presença, caminha ao meu encontro e me abraça. “— Hannah. Está congelando. Não deveria se arriscar assim.” Se preocupa, pois tem medo de que o frio e as outras dificuldades que minha família e eu passamos, me façam ficar doente.

Mas já estou acostumada, com o frio, com a fome, com as dores, com a minha realidade daquela vida. Ele não se conforma. Quer me tirar de todo sofrimento. Para mim é um tanto desconfortável, mesmo sabendo que nosso amor é de longa data, de inúmeras tentativas, e que esta é só mais uma.

Eu tinha plena consciência naquela vida de que não ficaríamos juntos e isso doía mais do que das outras vezes, onde ao menos havia esperança para nos dar forças. Mesmo assim aproveitei o momento. Estar com ele era o que eu queria.

Todo esforço era recompensador. Eu tinha o amor dele, independente do final que teríamos. Sempre haveria outra oportunidade, e isso bastava para mim. Passamos boa parte daquele momento fazendo planos.

Embora tivesse consciência de que nada daquilo se concretizaria, permaneci ao lado dele, abraçada, sentindo todo o seu carinho e todo o seu amor, absorvendo o máximo do que eu podia para passar o resto daquela vida sem ele.

Depois de alguns dias, como eu previa, a família de Friedrich o enviou para Alemanha e ele nunca mais voltou. Eu o vi partir. Doeu muito. Mas eu sabia que ele não poderia fazer mal a nenhuma outra pessoa.

Não o encorajei a lutar. E sabíamos que para voltar precisávamos continuar nossa vida e ter descendentes. Aceitei, resignada, o nosso destino daquela vida. Porém jurei naquele momento que na próxima eu não aceitaria facilmente.

Ainda tem muitos diários. Não conseguirei ler todos até a noite. É impossível respirar aqui, vou enlouquecer de verdade. Isabel e Hannah não apenas pensavam, estavam certas de que os sonhos eram retorno ao passado. Se houver uma pequena possibilidade de ser verdade isso... não, Melinda. Não há.

Exausta, e perdida, saio apressada do escritório implorando para que ninguém me veja. Sem raciocinar direito, vou em direção ao estábulo. Apenas abro a baia e pulo sobre Ventania, segurando em sua crina começo a cavalgar.

O vento batendo em minha face normalmente me acalma, não agora, meus olhos ardem e algumas lágrimas salgadas jorram dos meus olhos.

Não consigo aceitar que isso está realmente acontecendo. Eu não vejo lógica em nada. Volta ao passado? Vidas que se repetem de tempos em tempos? Com que objetivo? Só falta agora aparecer uma bruxa, um duende, fadas, cupido. É impossível.

— Se existe mesmo um ser superior, me ajude. Não sei para onde ir. Não sei mais o que é real. Por favor. Ajude-me.

Ventania de repente começa a correr descontrolado. Tento acalmá-lo, mas ele não para, não diminui. Meu corpo desliza de um lado para o outro, estou completamente desequilibrada. Já não tenho mais força para segurar, seus pelos escorregam através dos meus dedos, e então ele empina. Sinto o baque das minhas costas no chão.

— Melinda!

Alguém grita meu nome. Não sou capaz de identificar quem me chama. Só penso na dor que estou sentindo. A cabeça e meu braço esquerdo são os que mais incomodam. Uma mão forte e grande me toca.

— Você consegue me ouvir? — Forço minhas pálpebras a levantarem.

— William? — Pisco algumas vezes.

— Você está bem? Sente alguma dor? — Ele parece preocupado.

— Estou bem. Minha cabeça e meu braço. Doem. — Tento me levantar.

— Não se mexa. Você pode ter quebrado alguma coisa.

— Não quebrei nada.

— Teimosa! Tocarei em você. Vai doer, mas preciso ter certeza de que não se feriu gravemente.

— Não precisa.

— Apenas fique quieta, por favor?

William me examina cuidadosamente, suas mãos têm um toque forte e suave ao mesmo tempo. Não sinto nada a não ser quando ele aperta o meu braço esquerdo.

— Ai!

— Desculpe. Vou diminuir a pressão.

Ele toca o meu braço com mais leveza, continuo sentindo dor, próximo ao meu pulso.

— Não percebi nenhum osso fora do lugar, nada quebrado. Mas acho que deslocou o seu pulso. Não sou médico, mesmo assim percebi o inchaço na área. Além de você gritar quando aperto.

— Vou até o hospital quando chegar a São Paulo.

— É melhor ir para a cidade agora, eu te levo. — Seguro o braço dele puxando mais para perto até que ele possa ver bem meus olhos e prestar atenção no que estou dizendo. E se acalmar.

— Não precisa. Não é nada grave. Posso me levantar? — falo com o máximo de tranquilidade que consigo.

— Eu não tenho muita noção de primeiros socorros, e não percebi nenhum afundamento na sua cabeça, nem sangramento. — Suspira pesadamente. — Acho que pode sim. Mas se levante devagar, certo?

— Tudo bem.

Sigo a orientação dele sentando-me devagar, mais para não escutar

reclamações do que por cautela. Embora ainda sinta dor na cabeça, não estou tonta e consigo ver normalmente.

— O que deu em você para montar um cavalo sem os equipamentos?

— O seu rosto se transformou em uma enorme carranca mau humorada e ranzinza.

— Nada, apenas precisava ficar sozinha, esquecer um pouco da vida. E você, o que estava fazendo aqui? Não ia para a competição?

— Estava voltando da competição, quando a vi correndo feito uma louca.

— Não estava como louca. Sabia exatamente...

— Sabia? — Ele me interrompe exasperado. — Então por que estava sem sela? Por que deixou o seu cavalo assustado a ponto de empinar?

— Eu não o assustei. Ele deve ter visto algum bicho, uma cobra, sei lá.

— Bela desculpa. E a sela?

— Gosto de cavalgar sem às vezes. Tenho habilidade suficiente para isso. — Uso a mesma tonalidade de voz que ele.

— Não estou questionando as suas habilidades, e sim a sua imprudência, o que prova que estava fora de si. Admita que aconteceu alguma coisa. Mesmo não sendo tão íntimos assim, tenho certeza de que não faria algo irresponsável a esse ponto.

— Eu... hã... não foi nada... — Abaixo a cabeça mexendo no cabelo.

— Melinda, não precisa ter medo de mim. E não adianta me afastar de você, porque as suas técnicas não vão funcionar comigo. Então experimenta ao menos uma vez confiar em um amigo.

— Sou tão óbvia assim? Todos estão falando de táticas e técnicas comigo hoje, como se eu sempre tentasse manipular as pessoas. É assim que você me vê? — Arregalo os olhos levantando as sobrancelhas e estreitando os olhos.

— Não. E não mencionei nada parecido com isso. Então vai me dizer?

— Você não vai desistir?

— Não. — Ele me encara sério. Solto o ar com força.

— Eu estou com problemas para dormir. E isso tem me deixado irritada.

— Que tipo de problemas?

— Sonhos. Estranhos. — Ele tem uma expressão diferente. Parece...

feliz? Estou imaginando coisas, talvez a pancada na cabeça tenha sido mais forte do que pensei.

— Estranhos? — Se inclina aproximando o rosto do meu me fitando com curiosidade.

— Não sei como explicar sem parecer doida. E... também descobri algumas coisas sobre a minha família. Minha bisavó especificamente. Coisas que ainda não sou capaz de acreditar. Não encontrei uma maneira de lidar com essas informações. Entende?

— Mais ou menos. Não detalhou o suficiente, e não creio que irá falar mais do que já disse. Não está pronta ou não... — Tampe a sua boca com minha mão.

— Não estou pronta. Eu falei mais sobre mim para você do que sequer cogitei dizer para qualquer outra pessoa. — Afasto a mão da boca do William lentamente. Seus olhos estão presos aos meus com um brilho incomum. E ele aparenta estar mais calmo, apesar do semblante sério.

— Tudo bem, Melinda. O tempo vai te mostrar que sou confiável.

— Preciso voltar, meus pais devem estar preocupados. Ventania? — Agora é ele quem me segura pelo braço fazendo-me prestar atenção nele.

— Calma, ele está parado aqui perto. Fique sentada enquanto vou buscá-lo.

— Mas ele não te conhece vai...

Não deu tempo de terminar a frase. William já estava fazendo carinho em Ventania, que não reagiu, contrariando totalmente o que eu esperava. Ele era tão desconfiado quanto a própria dona dele, entretanto incrivelmente ele não só aceitou o carinho de William, como caminhou ao seu lado tranquilamente até o estábulo, passando sua cabeça nos braços do William pedindo mais carinho.

— Pronto. Ele está em casa e seguro.

William se inclina e passa um dos braços pela minha cintura me ajudando a levantar. Assim que ele me solta começamos a caminhar lado a lado.

— Parece que você tem mesmo jeito com cavalos.

— Eles me adoram. Agora vamos Melinda, melhor não abusar da sua sorte.

— Acho que você é quem está abusando da sua.

— Estou?

William para bruscamente se virando de frente para mim, firmando o

seu olhar no meu, roubando o meu ar e o que me restava de equilíbrio e de sanidade. Cravo os meus pés no chão para não cair e me jogar nos braços dele.

Não nego mais que sinto uma forte atração por ele, contudo eu não posso me envolver agora, não quando não sei mais quem eu sou, nem o que eu quero ou o que sinto e por quem sinto.

Acho que estou apaixonada pelos dois. William e Aedre. O homem real e? Não sei o que Aedre é, talvez um fantasma, espírito, alucinação, qualquer coisa do gênero não humano.

— O que você está fazendo William? — A respiração se torna irregular, a pele parece quente, porém me arrepio como se estivesse com muito frio, e o coração eu nem sei onde foi parar.

— Testando a minha sorte.

— Você. Está. — Quase engasgo com a minha própria saliva. — Exageradamente. Perto de mim.

— Estou. Quer que eu me afaste?

Não sei a resposta. E não tenho força para me mover. “Deixe acontecer Melinda”. Ouço a voz da Irene ecoando na mente. Enquanto penso, William age, posicionando o meu rosto delicadamente entre as suas mãos grandes, macias e quentes.

Beija a minha fronte com todo cuidado e carinho, como um verdadeiro cavalheiro, fazendo com que eu me derreta e me entregue completamente em suas mãos, passando lentamente para o meu rosto até encontrar a minha boca e pousar os seus lábios sedosos e doces nos meus, movimentando suavemente com tanto sentimento, tanta calma e segurança, tanta beleza, que remetia a algo mais forte do que apenas uma atração.

Algo que em toda a minha vida eu não senti com ninguém, quer dizer, só com Aedre. Um momento mágico, um dos mais belos filmes de romances, presenciado apenas pela natureza à nossa volta. Ele se afasta lentamente, mantendo o meu rosto em suas mãos.

— Melinda, eu sei que não me conhece tão bem ainda, mas não fuja. Dê uma oportunidade, um voto de confiança que seja. — As suas esmeraldas parecem ainda mais verdes e intensas, não consigo fugir.

— William eu não estou pronta para assumir um compromisso.

— Não estou propondo compromisso. Quero te mostrar quem sou. Talvez você goste, ou não. Não te prometo nada. E se não gostar, eu me afasto de você.

— Eu posso te machucar. Não sou uma boa companhia, nem um bom ser humano. — A minha cabeça pende para baixo. William pega o meu queixo movimentando para cima até os nossos olhos se encontrarem.

— Não tenho medo de me machucar, e não acredito que isso vá acontecer. Quanto a ser um bom ser humano, duvido que seja o contrário, vamos descobrir juntos.

— Tem muita coisa que você não sabe ao meu respeito. — Tento sorrir, mas não tenho força.

— Você também não sabe sobre mim, por isso devemos nos conhecer.

— Antes de continuar com isso, você precisa estar ciente de que o meu coração provavelmente tenha um dono.

— Provavelmente, essa palavra não significa certeza, sendo assim eu posso ganhar do meu concorrente, seja ele quem for.

— Você disse agora há pouco que era meu amigo. — Ele segura o meu rosto entre suas mãos levando para mais perto de si.

— E sou. Posso ser muito mais se você permitir. Eu quero ser muito mais.

— Não quero te magoar de verdade. Não nego que você tem muitos atrativos. — Atrativos Melinda? Em que século você está?

— Pare de dizer que não quer me magoar, sou adulto o suficiente para saber dos riscos, aliás, adoro correr riscos. Não resista aos “meus atrativos”. — Ele sorri mostrando a sua covinha maliciosamente. Involuntariamente eu sorrio de volta, mordendo o lábio inferior.

— Você não tem ideia de onde está se metendo. Sem rótulos. Como você disse, vamos nos conhecer, sem compromissos, sem cobranças. Deixar acontecer naturalmente.

— Não preciso de rótulos. Só quero estar com você.

William me envolve em um abraço tranquilo e mais uma vez beija a minha fronte, e o que mais me surpreende, não são seus atos, e sim a forma como me sinto ao seu lado. — Solto o todo o ar dos meus pulmões e com ele todo o peso que estava sobre meus ombros.

Um calor imenso invade o meu corpo, sinto o sangue correr através de mim, o coração pulsar com vigor. Desejo colar o meu corpo ao dele e não soltar mais, desejo que ele me beije mais e mais. Mas, sobretudo, me sinto em paz, estranhamente em paz.

Caminhamos abraçados e em silêncio até o casarão. Antes de entrar,

William tira o seu braço do meu corpo, sorri para mim e seguimos. Sem explicações, sem medo, sem constrangimentos.

Sentimento em dúvida

Logo após o almoço, voltamos para São Paulo. Isso mesmo, no plural, voltamos juntos. Com o meu pulso inchado, eu não poderia dirigir, seria irresponsável da minha parte.

William acomodou a minha bagagem no seu carro, e as caixas de Isabel, que minha mãe me ajudou a terminar de arrumar. Ele foi gentil. Ok, muito gentil, prestativo, atencioso, carinhoso. Cuidou de mim durante todo o trajeto.

Os meus pais, que já simpatizavam com ele, passaram a adorá-lo, pois é, parece que ele tem um dom bem diferente, cativar todos os que amo, Ventania, mamãe e papai, claro que meus pais não fazem ideia do que está acontecendo entre nós dois. Nem eu sei.

William levou todas as minhas coisas até o meu apartamento, se certificando de que eu ficaria bem. Massageou o meu pulso, e ainda insistiu em me levar ao hospital, como me recusei, afinal não foi nada, ele apenas frisou que se eu precisasse de qualquer coisa era só ligar. Depois plantou suavemente um beijo em meu rosto e se retirou.

Sem muito ânimo e com certa dor, tomo um banho morno bem relaxante e vou direto para a minha cama, na expectativa de que meu sonho seja brando, já que eles fazem parte de mim agora, ao menos seja tranquilo.

Depois de uma noite visitando a Áustria, minhas pálpebras se levantam. Um rio de lágrimas deságua pela minha face. Hannah desistiu. Por quê? Não entendo. Uma saudade sem fim toma conta de mim junto com a certeza de que eu o amo.

Amo uma fantasia, uma ilusão. Apenas sei que o amo e não posso mais negar. Não faço a menor ideia de como encontrá-lo. Qual a sua aparência nesta vida, se é que ele existe aqui no mundo real.

Ao primeiro sinal do amanhecer, me levanto e ligo para Irene, sem me importar com o horário. Ela disse para ligar se fosse algo urgente. Eu necessito de ajuda, ela entenderá.

Após algumas tentativas, ela atende, e assim que começo a falar, ela prontamente se dispõe a me atender pessoalmente, no primeiro horário. Desmarco os compromissos e corro para o consultório.

— Bom dia, Melinda.

— Bom dia.

— Como está? Mais calma? Quando me ligou pareceu bem angustiada.

— Não sei dizer exatamente como me sinto agora. Tem tanta coisa acontecendo, tantos sentimentos diferentes ao mesmo tempo.

— Vamos tentar organizá-los então. São seus sonhos outra vez?

— Também.

— O que mais?

— No fundo acho que não me incomodo mais com os sonhos. Estou dividida. Eu fui para casa dos meus pais esse fim de semana. E... o William apareceu lá.

— Na casa dos seus pais?

— Sim. Não. Não na casa. Meus pais se mudaram para a fazenda agora. Como estão aposentados, resolveram se dedicar às atividades do hotel. E morar na Estância facilita o trabalho. William se hospedou lá. Durante o fim de semana aconteceu a competição anual de hipismo e ele foi para assistir.

— Entendi. E o que ocorreu com ele lá? Como se sentiu?

— A princípio, supus que ele tivesse me seguido. Naquele momento eu tive raiva, vontade de espancá-lo. E então, descobri que conhecia meus pais, e meus pais gostam dele. Ele é o menino ruivo que me defendeu da Jéssica, todavia não tenho recordações de momentos vividos com ele.

— Só isso?

— Não. Nós... — Paro decidindo se devo continuar a relatar ou não. Transpiro passando a mão pelos cabelos repetidamente. — Nos beijamos. Ele disse que queria uma oportunidade. Eu não me sinto pronta. Mas cedi.

— Por que não se sente pronta? O que te impede de se relacionar com outra pessoa? E por que aceitou o compromisso?

— Não temos um compromisso. Eu deixei bem claro que não podia me comprometer. Talvez o meu coração já tenha dono.

— Quem?

— Eu não sei quem ele é, ou o que ele é.

— Pode ser mais clara, Melinda?

— Eu amo, com todas as minhas forças, o homem que aparece em meus sonhos. Eu sei que isso não é normal. Não sei o que fazer. Nem sei se ele existiu de verdade. Embora agora tenha alguns indícios, não muito confiáveis. Acha que eu estou demente?

— Não está demente. Provavelmente confusa. Qual seria esse

“indício”?

— Eu encontrei alguns diários de minha bisavó Isabel. Ela relata sonhos como os que eu tenho. Alguns dos relatos são exatamente os mesmos sonhos que eu tive. Não similares, ou parecidos. Exatamente iguais em cada mínimo detalhe. E...

— E?

— Ela acreditava em vidas passadas. Afirmava ter vivido cada uma dessas mulheres.

— E você?

— Não. Quero dizer. Não sei mais no que acredito. Não sei mais o que é real ou fantasia. Não sei mais quem eu sou, nem qual o propósito disso ou por que estou aqui. Eu quero ser normal de novo.

— Não tem nada de anormal em você. Só está em confronto com suas crenças. Acontece com todos nós em algum, ou alguns momentos da vida. Quando criança você acreditava no que não podia ver ou provar.

Ela faz uma pausa, toma um copo de água.

— Depois você decidiu trancar tudo isso em uma caixa e esconder. Agora a caixa voltou destampada. Verdadeira bagunça. Um confronto entre o que um dia acreditou de forma natural e o que escolheu acreditar, aceitar como verdadeiro agora.

— E como eu conserto isso? Como volto a ser quem eu era?

— Qual delas você quer de volta?

— Não sei.

— Você tem uma decisão a tomar. E as consequências dela para aceitar. Agora que você entendeu que se apaixonou pelo homem dos seus sonhos, sabe definir o que sente pelo William?

— Não. Eu me sinto completamente atraída por ele. Todas as vezes que estivemos juntos, que nos tocamos de alguma forma, algo adormecido em mim acordou. Fico elétrica, viva com ele, e ao mesmo tempo em paz. O meu corpo reconhece o dele, sente-se em casa.

— Já pensou na hipótese dele ser o homem dos seus sonhos? Possivelmente você está projetando o que sente por ele somado a um questionamento de vida. Seu eu adormecido pode ter acordado, mas seu eu de agora não quer deixá-lo voltar, assim seu inconsciente faz as projeções através dos seus sonhos.

— Mas e os relatos da Isabel?

— Podem ser sim sobre a fé dela em outras vidas, que você até o

presente momento não transpareceu compartilhar.

— Ainda assim não explica o fato de serem os mesmos sonhos.

— Isso não sei como elucidar. Não tenho nenhuma hipótese.

— O que eu devo fazer?

— Esta decisão só cabe a você. Não posso te induzir. O meu dever é te ajudar a se encontrar. Não é algo simples, muito menos rápido. Precisa ter calma e paciência. O que disse a William?

— Que aceitava conhecê-lo, sem compromisso nem rótulos.

— Então continue. Dê uma chance a você de encontrar o amor que tanto busca. Sem pressa, Melinda.

— E o que faço com os sonhos? O que faço com o que sinto por Aedre?

— Reveja seus conceitos e suas crenças. E se for algo plausível para você, busque saber mais sobre vidas passadas, ou qualquer outro conceito religioso. Resumindo, se for crível para você busque pelo seu amor. Desvende o que está por trás dos seus sonhos.

Ela olha para o relógio.

— Nosso horário terminou. Qualquer coisa me ligue que marcamos outra sessão extra.

— Obrigada.

Às vezes penso que terapia não serve para nada. Por que não falam de forma direta e específica? Essas entrelinhas e incógnitas que ela usa só me deixam mais confusa. Se ela não consegue me ajudar, vou procurar por conta própria. Devorar aqueles diários, até encontrar uma resposta, seja qual for.

O Jantar

Depois de um dia longo e cansativo, mantenho o foco nos diários da Isabel e espalho-os sobre a cama. Na dúvida se continuo a ler o mesmo ou se pego outro, inspiro fundo e devagar fechando os olhos por alguns segundos, segurando o colar.

Ao abri-los um dos diários capta a minha atenção mais do que os outros. A sua capa marrom-escuro parece brilhar, algo quase impossível. Digo quase, pois nessa altura do campeonato, eu não tenho certeza de mais nada.

A sua textura é um tanto áspera, maltratado pelo tempo. As suas amarrações estão duras. Ao abri-lo, percebo que algumas folhas estão bem finas, e com as marcas da escrita quase imperceptíveis. Mesmo assim decido prosseguir.

Hoje acordei com uma sensação estranha. Não sabia identificar se estava dormindo ainda ou realmente acordada. De repente uma imagem se passou diante dos meus olhos. Um rapaz muito bonito colocava um colar em mim.

E a joia era exatamente igual a que uso. Na mesma hora segurei a pedra com força, me senti imediatamente transportada para a cena. As pontas dos dedos dele tocaram de leve a pele do meu pescoço. O meu coração acelerou e borboletas voavam dentro do meu estômago.

Quando ele se virou para mim e seus grandes olhos verdes encontraram com os meus, tive certeza de que amava aquele homem com todo o meu coração. Eu pertencia a ele. Foi muito rápido. Mas acho que foi uma visão. Uma espécie de aviso. Agora sei que encontrarei o meu príncipe e viverei uma linda história de amor.

Depois do ocorrido hoje pela manhã, toda vez que eu toco ou seguro a pedra do meu colar, a lembrança daqueles olhos surge bem na minha frente. Será que a pedra é mágica? Ou estou sonhando acordada? Se for só sonho, espero que se repita inúmeras vezes, assim verei aqueles grandes e encantadores olhos...

Esse deve ser um dos primeiros contatos dela com o passado. Muitas páginas são relatos de desentendimento com o pai, e principalmente com a

mãe.

Ao que parece, Isabel foi muito questionadora para sua época, e destemida também. As suas principais queixas são sobre o comportamento da mãe, que no ponto de vista dela, adorava o seu irmão Luís, mas não dava a menor atenção a ela, a não ser se fosse para lhe corrigir: como sentar, como falar, andar, o que vestir, com quem conversar ou não. Ou implicar com os seus livros e a sua forma de pensar.

E o pai vive implicando com o fato dela se interessar em aprender sobre o funcionamento da fazenda, afinal isso não é assunto para mulher, conseqüentemente, não gosta que ela monte a cavalo, muito menos com as pernas abertas, nem que ande pelo meio das plantações, totalmente ignorado por ela, rendendo alguns castigos.

Na maioria das vezes são castigos como ficar trancada no quarto, sem refeição e sem os seus amados livros. Eu não entendo como seus pais tinham a coragem de tratá-la assim. Eram loucos? Continuo folheando. Paro assim que vejo as primeiras linhas.

Tive um sonho maravilhoso esta noite. Com o meu príncipe. Ele estava lindo, montado em seu cavalo usando seus trajes de soldado. Ele tinha um nome diferente Aedre.

Beijou-me na testa suavemente, fez um carinho em meu rosto e me abraçou com cuidado. Ele disse que me amava. Uma felicidade inexplicável inundou-me. Não existe nada mais poderoso e belo do que o amor.

Tudo ao nosso redor era real. Eu sentia o seu toque, o aroma de folhas verdes, a grama molhada, as baforadas do cavalo, que estava próximo a nós, o ar fresco que vinha de encontro ao meu rosto.

Não parecia um sonho comum. Foi uma viagem no tempo. Estive lá de verdade. Agora anseio tanto para que este sonho se repita, e mais ainda para que se torne realidade no presente.

Ele é lindo e não consigo esquecer aqueles olhos. Sou capaz de reconhecê-lo assim que os vir de verdade. Passo o dia reparando cada rapaz com que cruzo o caminho, mas nenhum deles têm o mesmo olhar... onde estará você neste momento?

Será que também sonha comigo?

Após mais algumas páginas, encontro outro relato do relacionamento de Anna e Aedre.

Esta noite Aedre veio ao meu encontro outra vez. Há alguns dias não nos víamos, ele teve que seguir com a guarda real para uma missão. Estava morta de saudades, tanto que quando o vi não me aguentei, corri para o seu abraço, e nos beijamos.

Foi maravilhoso. Ele possui um toque macio mesmo com suas mãos calejadas, também é quente e me acalenta, e seu gosto é doce como mel. Sei que não devia ter passado assim dos limites, mas serei sua mulher em pouco tempo, então não vi problemas.

Encontramo-nos em um lugar estranho onde ele me deu um colar, Exatamente este que uso. Agora tenho certeza de que o colar está tentando me mostrar algo. Ele tem alguma ligação com os meus sonhos. Preciso descobrir qual.

Será mesmo Isabel? Será que este colar tem mesmo o poder de nos aproximar do nosso amor? Será mesmo que somos a mesma pessoa? Por que então somos tão diferentes? Se eu tocar no colar ele também vai me mostrar coisas como fez com você? Queria ter a sua certeza, a sua fé, talvez fosse mais fácil encontrar as respostas.

E se Aedre existir, não vou conseguir reconhecê-lo só pelos olhos como você Isabel. E William? Como ficará? Não sei o que sinto por ele. E se eu gostar dos dois? Quem devo escolher? E se eu errar? Não quero machucar ninguém.

Oh não! William! Estou atrasada! O jantar! Esqueci completamente. Começo a me arrumar correndo...

A campainha toca.

— Já vou!

Com um sapato no pé e outro na mão, ando até a porta. Enquanto giro a chave com uma das mãos, solto o sapato que estava na outra no chão e tento calçar antes de terminar de abrir a porta. Dá certo.

William parado na porta com um pequeno buquê de flores bem colorido, rosas vermelhas e cor de rosa, lírios amarelos, margaridas brancas, hortênsias azuis e tulipas brancas e rosa bem claro. Além da surpresa das flores, ele está lindo de azul-marinho.

— Boa noite, Melinda.

— Boa noite, William.

— Não perguntei se você gostava de flores.

— Gosto sim. Adoro natureza, mesmo que não pareça.

Ele me encara com um sorriso matreiro. Não acreditou no que eu disse, certeza.

— Flores colorem e alegram qualquer lugar.

Pego-as com cuidado e coloco com água em um dos meus vasos preferidos. Deposito sobre a mesa na sala. William apenas observa os meus movimentos sorrindo de canto. Algo que lhe dá um ar de tímido, só o ar mesmo, pois tem momentos que é muito atrevido.

— Pronto. Elas são realmente lindas. Obrigada.

— Que bom que gostou. Fiquei na dúvida.

— Você perguntou à minha mãe de quais eu gosto?

— Apenas pensei em você e escolhi.

— E acertou todas? Você é bom mesmo de palpite, está na profissão certa.

William sorri me analisando de cima a baixo, sinto-me nua diante deste olhar nada discreto. Na esperança de não demonstrar que percebi o seu gesto invasivo começo a avançar para a porta novamente.

— Vamos?

Ele estende o braço, meio hesitante, aceito e caminhamos até o elevador, falando apenas amenidades sobre o nosso dia. Estranho como mais uma vez ao lado dele eu me sinto em paz, nem os pensamentos sobre os meus tormentos conseguem me alcançar.

Tudo nele é uma mistura de paz e desejo. O seu perfume suave, o seu calor aconchegante, os seus grandes olhos, um mar de intensidade onde sou capaz de me afogar e sair ainda com mais vida, e o seu sorriso inebriante e convidativo me fazem pensar o tempo inteiro em puxá-lo para meus braços e ir de encontro aos seus lábios doces.

Olho para ele de canto e rápido a cada minuto cuidadosamente, para não ser notada, admirando os detalhes do seu belo corpo e rosto perfeitos. Quando o via no café e ficava pensando o quanto ele era lindo de longe, não tinha ideia de como ele é muito mais bonito assim bem de perto.

William escolheu um restaurante de massas, rústico com um toque sofisticado, ambiente bem agradável. E para não contrariar a sua personalidade, reservou uma mesa na parte mais afastada e privada do local.

Por incrível que pareça era o melhor lugar. Da nossa mesa tínhamos a vista de todo o salão, era possível notar todas as nuances de luzes que formavam um *degrade* de cores maravilhoso.

Fazemos nossos pedidos e aguardamos conversando. Em alguns momentos, fico um pouco desconfortável, por não saber o que dizer. William percebe e respeita todos os meus intervalos, sem demonstrar nenhuma inquietação. Apenas me observa, sorrindo suavemente. Até eu quebrar o silêncio.

— Por que seus pais se mudaram para São Paulo?

— Não se lembra de nada daquela época?

— Não.

— Quando meu avô morreu, meu pai, por ser o mais velho dos filhos, assumiu a gestão da empresa. Um pequeno frigorífico na época, especializado em frango de corte. Além da empresa, também se tornou a referência dos irmãos, ou responsável por eles. Depois de um tempo, surgiu a oportunidade de um emprego muito bom em São Paulo para ele, e assim ele e os irmãos decidiram vender a empresa e nos mudamos para cá. Eu tinha dezesseis anos na época.

— Havia um abatedouro de frangos, se não me engano pouco depois da Estância.

— Exatamente esse.

— Você mora mesmo há muito tempo aqui.

Afirmo mais para mim mesma do que para ele.

— Sim, mas eu passei alguns anos fora. Estudei em Columbia. Sou graduado em Finanças.

— Isto é ótimo. Faz uma diferença enorme para o currículo.

— Faz sim. Embora a decisão tenha sido influência do meu pai. Ele quis que estudasse fora.

— E você sempre quis trabalhar nessa área?

— Mais ou menos. Com o meu pai sufocado de tanto trabalho, eu queria ajudá-lo. Chegava da escola e corria para o escritório dele para aprender, assim surgiu a vontade de ser administrador, com o tempo eu fui me interessando por finanças e aqui estou. E você? Como foi parar na área comercial?

— Sinceramente, não escolhi essa área, foi ela quem me escolheu. Desde a faculdade sempre fui muito competitiva. Iniciei minha vida profissional no administrativo. Um dos meus chefes percebeu essa minha habilidade e começou a me dar tarefas do comercial, eu desempenhei todas com muita naturalidade e assertividade, então me transferiram de setor. Fui crescendo e assumindo gerências, até chegar aqui.

— Talento nato. Competitiva bem antes da faculdade. Não aceitava perder, imagina agora.

— Também não é para tanto.

Forço uma expressão de indignação. Ele ri.

— Você morou só em Nova Iorque ou em outras cidades também?

Coloco-o no centro da conversa outra vez.

— Depois da graduação passei um ano viajando com meus pais pela Inglaterra. Ele queria muito conhecer o país, pois descobriu que alguns antepassados dele eram de lá. Mais especificamente de York.

— York?

Levo a mão instintivamente ao colar e uma sensação estranha de familiaridade com o local me veio à mente. Já estive lá em alguma dessas vidas, tenho certeza.

— Sim. Você também conhece?

— Não. Só fiquei surpresa. Não achei que tivesse ascendência inglesa. Pelo menos agora está explicado este seu jeito todo sério. Um lorde inglês.

Tento disfarçar e acho que ele não percebe o real motivo da minha curiosidade.

— Você tem senso de humor.

— Claro que tenho. Não sou tão antissocial assim William.

— Eu sei, Melinda. Só estou tentando desconstrair um pouco. Espero não tê-la ofendido. Gosto de como é.

— Não me ofendeu. Entendi a ironia, fica tranquilo.

Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, passando a mão de leve sobre meu rosto, para logo em seguida repousar sobre a minha, fazendo meu corpo todo estremecer.

— Você está linda.

— Obrigada.

E você não faz ideia de como está esplêndido e radiante, nem de como me enlouquece.

— Não precisa corar, Melinda. Estou dizendo a verdade.

— Sei que está sendo sincero William. Isso não é algo que controlo, infelizmente. E não é sinal de nenhum desconforto da minha parte. E já que percebo sua sinceridade comigo, nada mais justo do que agir da mesma forma com você. Então assumo que agora, depois dos nossos primeiros e desastrosos encontros casuais, me sinto em paz ao seu lado.

Queria dizer o quanto ele estava maravilhoso, mas não tive coragem.

— E como sentia antes?

— Raiva e fúria. Você sabe me tirar do sério.

— Nunca tive a intenção.

— Espero que não mesmo. Eu tenho alguns assuntos mal resolvidos comigo mesma, nos quais estou trabalhando.

— Que bom, pois quero que sinta o que há de melhor ao meu lado.

— Você não é deste mundo William.

Ele muda de assunto, voltando a falar um pouco sobre o trabalho dele, a família, coisas que gosta de fazer nas horas vagas. Criando uma atmosfera agradável para que me sentisse à vontade, relaxada.

Ele tem esse poder sobre mim, me conduz perfeitamente, como se fosse uma dança onde sou levada levemente, flutuando com graça pela pista, e nenhum outro par é capaz de realizar os movimentos tão impecáveis e precisos como nós. Ele me completa. Mesmo sabendo que minha alma, ou meu ser pertence a outro, ainda assim sinto essa conexão com ele.

Voltamos para casa conversando e rindo, algo que eu não fazia há muito, muito tempo. Ele segura minha mão, acariciando-a com o seu polegar o tempo todo.

E como o cavalheiro que é, me acompanha até a porta de casa. Onde nos despedimos com um beijo repleto de paixão e carinho. Forte, cheio de desejo, eu me entrego a ele sem pensar em nada, sem medo.

Com uma das suas mãos apoiando a minha nuca, e a outra entrelaçada na minha cintura mantendo os nossos corpos próximos, ele move seus lábios urgentemente como se fosse o seu último suspiro. Eu ardo querendo grudar meu corpo ao dele e não soltar mais.

Estar tão próximos assim, me faz questionar se eu pertencço mesmo ao homem dos meus sonhos ou a ele, afinal os nossos corpos se entendem, se comunicam de uma maneira única, sem explicação.

Então William diminui o ritmo até parar. Abre seus lindos olhos onde sempre me vejo refletida como em um espelho, encosta minha cabeça em seu peito. É possível ouvir seus batimentos acelerados. Envolve-me em um abraço terno, como se sentisse saudades.

Olha para mim outra vez e, repetindo o gesto de sempre, beija minha testa, se despedindo. Sorrio sem precisar dizer nenhuma palavra. Entro levando a mão sobre a pedra, e diante dos meus olhos surge a imagem de um lugar familiar. York? Preciso pesquisar sobre essa cidade e sobre você.

Aperto a pedra com força entre meus dedos.

Reencontrando Amigos

Desde o fim de semana com Melinda na Estância, não consigo me concentrar em mais nada. A ansiedade tomou conta de mim, vivo à espera das suas memórias. Ontem eu tentei trazer alguma lembrança à tona, até tive um fio de esperança quando ela perguntou de York, entretanto nada aconteceu.

Seu olhar está sempre tentando fugir do meu. Praticamente nunca demora. Tenho medo de que ela não seja capaz desta vez. É difícil ficar ao seu lado e me conter.

São tantos sentimentos fazendo força para se libertar que dói o peito, porém não tenho alternativa. Melinda está relutante. E forçá-la pode ter efeito contrário. Sei que está sofrendo também. Chegou a hora de pedir ajuda. Preciso encontrar Seline. Ela terá alguma ideia. Ela já deve saber que voltei. Não vai demorar a aparecer.

Hoje tenho que dar a resposta definitiva à proposta da empresa, e não cheguei à conclusão alguma. Quero ter mais tempo para minha vida, para Melinda. Porém se ela não conseguir, precisarei de algo para seguir em frente, trabalho sempre ajuda, terei algo para me manter ocupado e não pensar em mais nada.

O meu dia já está quase acabando, e eu não consegui resolver nada. Só quero ir para casa. Para não prolongar o meu dia aqui, decido enviar uma mensagem para Humberto, um dos sócios.

— Pode contar comigo. Estou dentro.

Durante o trajeto para casa, vou fazendo minha prece mentalmente, ele me ouvirá.

— *Sei que me avisou dos riscos meu pai, também sei que não pode interferir. Eu escolhi este caminho. Já passei por tantas batalhas, diferentes e ao mesmo tempo iguais. Todas perdidas. Começo a pensar que tinha razão, quando me advertiu. Mesmo assim apenas peço que fique ao meu lado e me ajude a encontrar forças para o que vier pela frente.*

Ao abrir a porta do apartamento, encontro com Juliana sentada em um dos braços do sofá com as pernas sobre o assento, com um semblante muito familiar e que me faz sorrir.

— Ariel! Como não percebi antes?

— Não me chame de Ariel, Will. Esse não é mais meu nome.

— Como quiser.

— Você não me reconheceu antes, porque demorou a voltar desta vez. Vocês dois estão muito lentos. Isso cansa viu?

Aproximo-me dela e a abraço forte. Saudades de estar com pessoas com as quais eu posso falar francamente e que entendem como minha vida é.

— Continua a mesma menina travessa.

— Gosto de mudar de nomes Will, mas adoro ser quem sou e não trocaria isso por nada. Só gostaria de ter um pouco menos de trabalho sabe?

— Também queria isso para você Juliana.

— Devia pensar desta mesma forma com relação a mim também — diz a mulher de cabelos negros escorridos e olhos de jabuticaba, saindo do corredor que leva ao interior do apartamento.

— Seline! Que bom que está aqui. Quando chegou?

— Tem um tempo. Estava ocupada com Melinda, por isso não apareci antes.

Abraço-a e a levanto do chão agradecido por ter me encontrado. Estava começando a me preocupar sem notícias dela.

— Vamos deixar todo esse açúcar para depois, e partir para o que interessa?

— Não entendo a sua pressa. Já esperou tanto tempo, alguns minutos a mais não farão diferença.

— Exatamente, Seline, esperamos muito tempo. Tempo esse que está chegando ao limite.

— Juliana tem razão, Seline. Eu demorei a voltar. Isso nunca aconteceu antes. E ela...

— Ela não voltou ainda. Eu sei. Está com medo.

— Will, Seline está certa. Melinda está bloqueando todas as memórias.

Ela já acessou mais informações do que em todas as outras vezes.

— Por que Melinda faria isto?

— Desconfio do motivo, mas não posso te dizer nada ainda sem ter certeza.

— Juliana, preciso saber.

— Não agora. E talvez não precise saber nem depois. Quando confirmar com Melinda, se for necessária a sua intervenção, eu digo.

— Eu posso ajudar agora se me disser.

— Will, você não vai ajudar, e pode piorar. Lembre-se de que é parte

interessada tanto quanto Melinda. Somos suas guardiãs, terá que confiar em nós.

— Eu confio em vocês, Ariel.

— Juliana.

— Eu te avisei sobre ficar mudando de nome, só complica as coisas.

— Seline, vai ficar implicando comigo? Você muda a sua aparência.

— Não mudo por escolha. Genética, meu bem.

— Estão parecendo duas adolescentes.

— Certo William, vamos voltar ao que interessa. Sei da sua ansiedade, e dos seus medos. Ouvi quando fez a prece. Tenha calma, desta vez está um pouco diferente, entretanto não é nada com o qual não possamos lidar. Eu já apareci para ela duas vezes. Logo a encontrarei novamente. Ela está quase pronta para que eu diga quem eu sou.

— Ela não se lembra de nada, Seline, como vai revelar a sua identidade?

— William, ela lembra, tem dificuldade de aceitar, aos poucos acreditará no que lhe é revelado.

— Os diários estavam espalhados na cama dela hoje. Os diários da Isabel.

— Isso é ótimo, Juliana. — Fecho os punhos levantando-os para cima. — Eu desconfiei das caixas que trouxemos da fazenda. Imaginei que tivesse alguma coisa da Isabel ali. Só não sabia o quê.

— Não é só isso. O vestido dela também está lá.

— Todos esses objetos vão ajudá-la a se lembrar, William. — Seline diz entre sorrisos confiante.

— Eu sei, Seline. Só... é difícil estar perto dela. Quero tocá-la de verdade e não posso. — A imagem do rosto delicado da Melinda, seu jeito agitado e seu sorriso de menina dominam o meu ser. Uma sensação de impotência e medo despontam neste momento. Não quero perdê-la.

— Will você já a beijou. Está tocando. — Faz um bico e abraça o próprio corpo, zombando de mim.

— Você entendeu, Juliana. Ela não me vê de verdade. Não sabe quem sou. Ainda tem receio. É frustrante.

— Falta pouco William. — Seline toca meu ombro suavemente.

Juliana pega uma caixa, abre a tampa e estende para mim.

— Reconhece isto?

— Sim. O que pretende fazer, Juliana?

— Nada demais Will.

— Não pode forçá-la.

— Juliana não vai forçá-la William. São apenas pistas. — A voz de Seline soa exigente e forte, como de uma mãe repreendendo um filho.

— Confie em mim, Will. Serei cuidadosa, eu prometo. — Beija os dedos indicadores que estão cruzados em forma de X.

— Eu confio, Juliana. Só não a assuste, por favor? Não a pressione demais.

Sei que Juliana nunca machucaria Melinda, mas seu jeito impulsivo e chocante de lidar com as situações me preocupa. O resultado talvez não seja bom. Melinda pode se assustar. Ela não consegue se lembrar de quem é. Nunca demorou tanto. Em outras vezes bastava nos encontrarmos, que os sonhos iniciavam e em poucos dias ela se lembrava. Da última vez ela lembrou antes de nos encontrarmos. Agora, nem mesmo quando nos tocamos ela se recorda.

— Seline. O amuleto pode perder sua força? — Esta hipótese surge como um estalo.

— William, eu sinceramente não sei dizer. Mas não acredito nisso. — Seline deveria se chamar Serena, de tão calma que é.

— Will, fale com seu pai.

— Juliana, não quero atrapalhá-lo ou fazê-lo ser punido novamente.

— Não é permitido ele vir aqui. Nos sonhos pode, esqueceu? — Ela fala como se fosse a coisa mais simples e corriqueira. Esquece como me sinto em relação ao meu pai.

— Exatamente, Seline. — Juliane estala os dedos. — Will, você sabe que pode se comunicar com ele, nunca foi proibido que os nossos pais nos ajudassem. Apenas não podem sair de lá.

— Ele já fez demais por mim.

— Eles não podem interferir em nossas vidas, mas podem nos aconselhar. Do contrário nós nunca poderíamos entrar nos sonhos, nem mesmo no seu.

— Essa foi a forma que os nossos pais encontraram para estar conosco, pelo menos quando precisarmos.

— Vou tentar Ariel. — Passo a mão pelos cabelos abaixando a cabeça.

Nunca o procurei dessa forma antes. Minha mãe dizia que ele não tinha permissão para estar comigo, porém ele me protegeria de onde

estivesse. Eu respeitei esse limite.

Só o chamei uma vez por desespero. Entendo o porquê dele não poder estar presente fisicamente, também tenho proibições, por ser seu filho. E vantagens que a outros não são dadas.

Com esses pensamentos me dominando, permaneço na presença das minhas boas amigas. Conversando e mantendo um clima descontraído. Ambas contando tudo o que têm feito esses anos todos.

Seline sempre mais séria e contida, já Ariel, ou Juliana como quer ser chamada agora, bem, é como uma criança traquina, adora pregar peças nas pessoas, sempre bem espontânea. E assim transcorreu a noite, em meio às peripécias de Juliana, e às viagens culturais de Seline.

Eoforwic

Retornei ao neurologista com todos os exames. E clinicamente eu não tenho nada. Nada. Nenhuma alteração. Segundo o médico e os exames, tudo está perfeitamente normal. Disse para continuar a terapia, pois estou apenas com estresse. E me passou remédios para dormir.

Não vou tomar remédio para dormir. No fundo eu já esperava por isso. Todavia, ainda tenho um problema para resolver, como cientificamente não foi possível, desisto, darei uma chance ao impossível, ao não lógico, só quero resolver esse dilema.

Ouvirei pela primeira vez o tal do sexto sentido. E o que não me sai da cabeça é York, York, York. Eu tenho certeza de que já estive lá.

Após horas pesquisando, confirmei minhas suspeitas. York foi fundada em 71 DC, quando a Nona Legião romana construiu uma fortaleza próxima à confluência dos rios Ouse e Foss.

Por volta do ano 400 DC, a cidade de York passou por inundações e foi largamente abandonada, apenas alguns habitantes permaneceram. As áreas alagadas da cidade só foram recuperadas em torno do ano 800 pelo rei Edwin da Northumbria.

Como York foi fundada por romanos, seu nome celta foi registrado em fontes romanas como Eboracum e Eburacum. A mais antiga menção a chamava de Eburaci. Com a chegada dos anglo-saxões, depois de 400 DC, o nome foi adaptado de acordo com a etimologia do inglês antigo Eoforwic ou Eoforic.

Aedre serviu a este rei. Anna viveu lá. Só não pensei que fosse há tanto tempo assim. Como William se encaixa nisso tudo? Será apenas coincidência? Não. Seria coincidência demais nossos ancestrais serem do mesmo lugar.

Não exagera, Melinda. Agora todos que tiverem origem lá estarão envolvidos ou serão a causa dos seus delírios? O lado bom, se é que posso considerar isto bom, é que agora tenho uma evidência de que talvez algo nessa bagunça toda foi real.

Hora de voltar para os diários. Continuo a leitura de onde parei, mesmo cansada e sabendo que terei um dia desgastante no trabalho, cheio de reuniões. Busco por respostas freneticamente.

Não dá mais para viver assim, dividida entre o que quero ser e o que

supostamente eu sou de verdade, nem posso ficar à espera de alguém que não sei se existe.

E o pior de tudo, envolver outra pessoa no meio dessa turbulência. Alguém sairá machucado. E não é justo que eu deixe isso acontecer, sem ao menos tentar fazer nada.

Às vezes me pergunto se caso eu dormisse vários dias seguidos, sonharia com tudo de uma única vez, e quem sabe encontraria a resposta. Não cogite asneiras Melinda.

Como dormiria tanto tempo? E onde encontraria esse tempo? Preste atenção no que interessa. Foco no que interessa.

Eu estava certa, como disse. O colar tem mesmo poderes. Esta noite encontrei Seline no sonho. Ela disse que eu só preciso tocar na pedra e não pensar em mais nada. Apenas me concentrar nos meus sentimentos, que o amuleto vai me revelar mais detalhes.

Quando acordei segurei a pedra imediatamente, e mesmo acordada pude voltar até Eoforwic e vi o rosto dele perfeitamente, cada traço. Lábios bem desenhados, nem finos demais, nem grossos, olhos grandes. Ah, o seu sorriso. Não há nada mais lindo. Quando sorri uma covinha aparece no lado esquerdo. Agora além dos olhos eu tenho o seu rosto.

A sua descrição não foi das melhores Isabel. O que era lábios bem desenhados para você? E quem é Seline? Não li nada sobre ela antes. Prossigo.

Lembrei-me do dia que Aedre me deu o colar. Ele estava com medo de que nossa fuga não desse certo. Então me explicou que existia uma forma de ficarmos juntos, mas talvez não naquela vida.

No começo achei que ele estivesse doido. Ele disse que poderíamos fazer o pedido para um anjo. Um anjo de verdade. Entre a dúvida de ter uma chance de ser feliz e a certeza de que naquela vida não ficaríamos juntos, optei pela dúvida.

Seguimos até a imagem de um anjo lindo e imponente. Então uma luz forte brilhou e uma figura cintilante, com um semblante calmo surgiu. Depois disso tudo ficou escuro, e quando voltei a enxergar o anjo abriu suas mãos e uma linda pedra rosa surgiu. Ele a entregou para Aedre. Que a prendeu dentro de uma trama de metal e colocou em meu pescoço. Ele nos avisou que voltaríamos na terceira geração, e só poderíamos voltar juntos, e que para isto, eu deveria deixar descendente.

A partir do momento que concretizássemos nosso amor, não voltaríamos mais. Eu mal podia acreditar. Acordei sem me lembrar do que aconteceu depois...

— Eu até posso acreditar em outras vidas, se fizer um esforço muito grande, afinal não encontrei outra explicação mesmo, mas anjo?

Fecho os olhos e respiro fundo. Se eu segurar esta bendita pedra? Vai acontecer alguma coisa? Não. Balanço a cabeça com dificuldades de aceitar essa hipótese. Será? O que tenho a perder? Posso considerar como uma experiência científica.

Seguro-a me esforçando para não pensar em nada. E nada acontece. Tento uma vez mais, agora pensando apenas em Aedre. Então sinto uma brisa em meu rosto, abro os olhos e vejo Aedre.

Seu sorriso é mesmo lindo como Isabel descreveu. A covinha solitária e perfeita. Os cabelos loiros balançados pelo vento. Mas, cadê o resto do rosto? Por favor, me deixe vê-lo. Aperto a pedra com mais força, mas estou de volta ao meu quarto. O que foi isso? Foi real?

— *Continue Melinda! Leia!* — Uma voz feminina soa na minha cabeça. Não sei se sou eu falando comigo mesma ou... melhor não pensar.

Volto para o diário. O cansaço está quase me vencendo, as pálpebras estão pesadas. Cada vez mais pesadas. As letras estão ficando embaralhadas...

Quando papai entrou na sala com ele, meu coração saltou. Eu não sabia se ficava parada ou se corria para ele.

O que é isso? Desperto ficando atenta novamente.

Ao ver Phillip pela primeira vez, tive a certeza de que se tratava do meu príncipe. Seus traços eram os mesmos. Só o cabelo era escuro, mas ainda assim era o ele, com a covinha ali no mesmo lugar, do lado esquerdo.

Juro que queria abraçá-lo, beijá-lo. Fiquei tão agitada que minha mãe percebeu na hora, repreendendo-me ao pé do ouvido, pois segundo ela eu não precisava ser mal educada, se não queria ficar ali, esperasse alguns minutos e estava liberada.

Mal sabia ela que eu queria mais do que estar ali, desejava, ansiava, ardia em brasas. E quando ele ficou na minha frente, fitei seus grandes olhos, precisei segurar uma lágrima e fincar meus pés no chão para não desmaiar, tamanha era minha felicidade por encontrá-lo.

Aedre estava ali na minha frente, outra vez. Ele pegou minha mão e a

beijou se apresentando respeitosamente, segurando o chapéu com a outra mão. Ao me tocar, percebi que ele sentiu algo, pois, olhou-me fixamente e então sorriu.

Eu só queria dizer: “eu sei que é você”. Mas não sei ainda se ele já se lembrou. Talvez ainda leve um tempo. Espero que não... meu amor, enfim te encontrei. Estou tão feliz.

Queria ter a sua fé, Isabel. Por que não tenho, se somos a mesma pessoa? Como isso pode mudar? Li mais duas páginas e afundei na inconsciência.

O Homem errado

O barulho ensurdecedor do despertador me arranca da cama. Vou para o banheiro me arrastando, forçando a me lembrar de onde estou. O sono ainda me domina.

Desorientada entre o exato instante em que me encontro, a leitura de ontem e o sonho desta noite, pego a primeira peça de roupa que vejo na frente e coloco. Corro para preparar o meu café, uma dose dupla ou não serei capaz de abrir a porta do meu apartamento, que dirá trabalhar.

— Por que não dormi um pouco mais cedo? Droga.

Excesso de sono, ou falta de descanso sempre me deixam de mau humor. Participar das reuniões de hoje não será uma tarefa nada fácil. Espero não encontrar William justo agora. Não quero descontar nele a minha raiva por não ter repousado como devia.

E por falar nele. Acho que pela primeira vez sonhei com ele. Não só com o William. Aedre. Ian? Não estou raciocinando direito. Não recordo o sonho, só sei que eles estavam lá. Bato a porta e sigo em direção ao elevador.

— Que dor de cabeça infernal.

— Você está bem, Melinda?

Tudo o que eu não queria. William. Me olhando de cima a baixo. E... Juliana entrando no apartamento dele? Estou vendo direito? Esfrego os olhos para ter certeza de que não é uma alucinação.

— Melinda? — Ele está com os olhos excessivamente aberto e a mão sobre o meu ombro.

— Oi! — A voz sai meio estranha e falha.

— Está bem? — fala devagar articulando bem cada palavra, acho que para se assegurar de que estou entendendo o que diz.

— Estou. Só um pouco de dor de cabeça. Nada demais, não se preocupe.

— Vou te deixar no trabalho hoje.

— Não precisa, William.

— Por favor, Melinda. Sem recusas. Já passamos dessa fase. Além do mais você não está bem. — Afirma já passando o seu braço para envolver a minha cintura.

Inspiro fundo e apenas concordo acenando levemente com a cabeça. O acompanhamento até o carro, ele abre a porta para mim e espera até que eu me

acomode, depois se dirige para o lado do motorista.

Parece preocupado. Durante o percurso ele afaga o meu rosto e acaricia a minha mão algumas vezes. Fala um pouco sobre o trabalho dele, comentando que aceitou uma proposta para ser sócio, e que não está muito convicto de que fez a opção certa. Tento tranquilizá-lo, e ele sorri.

Percebo que ainda não havia reparado com tanta atenção neste detalhe, o seu sorriso. Seus lábios são tão bem desenhados que parecem esculpidos por algum artista famoso. E quando ele sorri forma uma covinha só de um lado.

O lado esquerdo. Igual a A... não faça isso, Melinda. Balanço a cabeça e fecho os olhos. Não projete suas fantasias nele. Não é certo. Thomas também tem um buraquinho no canto da boca e nem por isso você pensou que ele é o Aedre, nem por um segundo.

Quando nos aproximamos do meu trabalho, resolvo mudar de assunto e perguntar algo que está me deixando curiosa.

— Por que Juliana entrou no seu apartamento há pouco?

— Ela o organiza. Faz isso algumas vezes por semana.

— Coincidência. Mais uma entre tantas. Ela também trabalha para mim.

— Eu sei.

— Sabe?

— Ela comentou.

— Hum. — Ainda acho coincidência demais.

— Pelo que sei, ela trabalha em alguns apartamentos do nosso prédio.

— Não sabia. Pensei que fosse só no meu.

— Quem a indicou foi o Carlos da portaria. Deve ter feito o mesmo com você, ou não? — William olha vez ou outra para mim enquanto fala.

— Sim, um dos porteiros a mencionou para mim, e sem tempo para pesquisar eu a contratei.

Ele estaciona. Despedimo-nos rapidamente com um beijo calmo e carinhoso. Depois, como sempre, ele cola seus lábios na minha testa. Sorri passando a mão no meu rosto. Sorrio de volta e salto do carro. Ele parte.

A explicação dele não me convenceu. Contudo, seria teoria da conspiração demais, ele colocar Juliana para trabalhar na minha casa. A contratei antes de saber quem ele era e sequer de tê-lo visto. Toda essa confusão de sonho, vidas passadas, diário, está me deixando paranoica.

Entro na minha sala sem cumprimentar ninguém, nem mesmo

Cristina. Inicio as atividades do dia respondendo mensagens dos meus colaboradores e suas dúvidas. Repasso as informações dos meus relatórios semanais e mensais.

Verifico a minha apresentação para a reunião analisando os gráficos e dados das vendas. Deparando-me o tempo todo com imagens do meu sonho. Em geral consigo recordar com nitidez todos os detalhes dos sonhos, de cada um deles, mas este não.

Apenas fragmentos de imagens borradas. Vejo Ian irritado e indignado por não aceitar o seu pedido de casamento. William abaixado perguntando se estou bem, e segurando as rédeas de Ventania. Aedre sorrindo, colocando o colar em meu pescoço, e dessa vez não parecia ser Anna, não vi minha imagem, mas sentia que era eu. Como Melinda, neste corpo.

Além disso, tem a figura de outro homem ruivo de costas, com um andar forte e do qual eu não me sinto bem perto dele, apesar de parecer caminhar ao seu lado. Não acho que seja William, não sinto o mesmo perto dele como sinto com William.

Talvez fosse Abeodan. Nunca sonhei diretamente com ele. Por que sonharia agora? Será que ele também está vivo de novo? Não, Melinda. Seria muito morto-vivo junto não acha? Argh. Preciso me concentrar no trabalho.

A apresentação ficou um horror. Nunca em toda a minha vida fiz algo tão ruim quanto isto. Ainda por cima, durante a reunião, alguma coisa aconteceu e eu perdi a consciência por alguns segundos. Segundos estes suficientes para que todos na sala percebessem a minha desatenção com o assunto.

Thomas me repreendeu. Ficou furioso e ressaltou que até o neto dele de três anos faria algo melhor. Resultado de um dia onde a única coisa que estava presente era meu corpo, o resto só vagava na imensidão de incerteza da minha vida.

Pedi desculpas a todos os presentes, chefe e colaboradores, e remarquei a apresentação para outro dia. Ao retornar para a minha sala, tentei refazer a apresentação sem sucesso. Assim, outra vez levei trabalho para casa.

William fez questão de que eu voltasse com ele. Não conversamos muito no caminho. Eu não conseguia raciocinar direito com as imagens de Ian, William, Aedre e Abeodan juntos.

— Melinda, gostaria que fosse jantar comigo no meu apartamento.

William está tenso, com o semblante carregado de inquietude, desta

forma não pude negar, somente assenti com a cabeça, e o segui até o elevador.

Ele me puxou para perto de si, aconchegando-me com seu braço. Assim que entramos na casa dele, sentei-me em uma poltrona bem confortável na sala, e ele se sentou logo à minha frente.

— Ainda com dor de cabeça? — Seus olhos estão fundos, denotando cansaço e preocupação.

— Um pouco. — Inclino a cabeça até tocar o encosto da poltrona.

— Quer um chá, ou uma aspirina?

— Já tomei William. Não se preocupe, é só dor de cabeça.

— Mesmo assim me preocupo com você. — Sua fala é cheia de sinceridade. E a forma como ele continua me olhando me deixa um pouco desconfortável. Remexo o corpo na poltrona, tentando me sentir melhor.

— Não tem necessidade. Amanhã estarei bem. Eu só dormi pouco essa noite. Por isso estou assim.

— Trabalhando muito de novo? — Se inclina e toca o meu queixo com o dedo indicador.

— Digamos que sim. — Pisco inclinando a cabeça. — Trabalhando para mim, não para a empresa.

— Algum projeto novo?

— Mais ou menos.

— É ou não é?

— É. Uma pesquisa sobre a minha família.

— Tudo bem, Melinda, não vou te forçar a me contar agora. Mas não acha que deveria ir mais devagar com a pesquisa? Afinal não me parece ser algo tão urgente assim. Além do mais, você já está sobrecarregada com o trabalho.

— Eu sei William. Eu me empolguei e quando dei por mim já estava bem tarde.

— Se precisar de ajuda, estou aqui. Posso ser de grande utilidade, sei fazer massagem, café, cozinheiro bem, modéstia a parte, e ainda sou uma excelente companhia. — Chega bem perto do meu rosto quase a ponto dos lábios se tocarem, mas se afasta. Suas esferas verdes me tiram o fôlego e o raciocínio.

— Vou me lembrar disso da próxima vez.

— Descanse um pouco, enquanto preparo algo para jantar.

Ele se levanta, sela seus lábios nos meus com muita devoção,

segurando meu rosto em suas mãos. Afaga meus cabelos e se retira.

Tento descansar fechando meus olhos, porém imagens repetidas de Aedre sorrindo para mim não param de surgir na minha mente. Vejo seus grandes olhos verdes, e seu sorriso perfeito o tempo todo.

Eu só quero poder me afundar na inconsciência e ficar lá com ele para sempre. Como posso amá-lo desse jeito? Como saber se não é fruto da minha imaginação?

— Melinda?

William me traz de volta à realidade.

— Desculpe, acho que dormi.

— Não tem problemas, você precisa descansar. O jantar está pronto. Quer que eu traga aqui? Ou prefere continuar dormindo? — Ele está parado em pé bem na minha frente com a camisa dobrada e alguns botões abertos. A verdadeira visão de um deus grego.

— Assim você me acostuma mal, sabia? William, você... — O coração se aperta e de repente sinto culpa.

— Eu? — Sorri. Olho para o chão e respiro fundo.

— Por que me trata tão bem? Eu não fui muito legal com você.

— Não me conhecia, ou melhor, não me reconhecia. Gosto de você, Melinda. Há muito, muito tempo — diz a última frase pausadamente.

— Não sei se mereço o seu sentimento William. Nem sei se vou poder corresponder da forma como você deseja.

— Não espero nada. Quero apenas que me conheça novamente. Não pense nisso agora ok? Vamos comer?

— Vamos.

Levanto arrumando a minha roupa amassada e o sigo até a mesa de jantar. O aroma da comida faz meu estômago reagir. Enquanto saboreamos o jantar, observo o espaço em volta. William tem um gosto peculiar por objetos antigos e quadros.

Há vários quadros espalhados pelo ambiente. Um me chama a atenção mais do que os outros. Um rio com uma ponte estilo romano. Ao fundo uma cidade ou vilarejo bem antigo. Conversamos tranquilamente durante o jantar, mas não consigo tirar os olhos do quadro.

— William? Você parece gostar de colecionar objetos antigos.

— Aprecio muito história. E os objetos são uma forma de manter a história viva, mas não chego a ser um colecionador.

— Olhando por esse ângulo tem razão. E os quadros?

— Também aprecio obras de arte. — Toma um pouco de vinho. — Não todas. E não me atrevo a ser um entendedor. Apenas acho bonito. Alguns eu ganhei dos meus pais, e outros eu adquiri sozinho.

— Aquele quadro da ponte?

— Gostou?

— Sim. É bonito. Ele me remete a algum lugar conhecido.

— Que lugar?

Ele quase salta da mesa enquanto fala me encarando.

— Não sei dizer. Mas parece que conheço. É de algum lugar real?

— Eu comprei quando fui para York. Disseram-me que é da antiga ponte romana.

— Posso ver mais de perto?

— Claro, fique à vontade. — Se levanta e puxa a minha cadeira cedendo sua mão para me ajudar a sair, dando passagem logo em seguida.

Conforme eu me aproximo, sinto o meu coração acelerar como se pudesse sair pela boca. Levo a mão sobre a minha pedra e fecho os olhos. Vejo Abeodan sobre aquela ponte. Em seguida a cena dele transpassando a espada pelo corpo de Aedre.

Um nó se forma em minha garganta, e as lágrimas escorrem pela minha face sem que eu possa contê-las. Abro os olhos e observo mais atentamente o quadro. Há uma assinatura. Não consigo discernir muito bem o que está escrito, então me aproximo ainda mais.

Clegg! Não pode ser? Clegg era o sobrenome de Abeodan. Seguro o colar com mais força. Logo sou transportada para Eoforwic de novo. Abeodan segura a minha mão. Ele tem traços bonitos e incríveis olhos verdes. Seus cabelos ruivos balançam sob o vento.

— Anna, espero que um dia você me ame. Pois agora você é minha. Não pretendo lhe fazer mal, desde que se comporte, como uma mulher deve se comportar perante o seu senhor.

— Não espere nada além de obediência. Não posso amar o homem que matou o meu irmão e o meu grande amor.

— Foi necessário.

— Necessário?

Abeodan não responde, apenas passa o meu braço entre o seu e caminha ao meu lado.

Solto a pedra e abro os olhos. Estou atônita. William não é Aedre. Não. Ele só pode ser Abeodan. É ruivo. Tem os olhos verdes. E o quadro é de

um Clegg. Sua família tem origem em York. É claro, só pode ser isso. Por isso eu sentia raiva dele antes. Respiro fundo tentando manter a calma, apesar da vontade grande de esganá-lo.

— William, você me disse que a sua família tem origem inglesa, de York certo?

— Sim. — Ele responde calmamente, enquanto o meu sangue se agita ainda mais. Os meus punhos se fecham.

— Você acredita em vidas passadas? Acredita que alguém que morreu pode voltar de tempos em tempos? — As palavras saem apressadas.

— Sim, acredito. Qual o motivo da pergunta?

— Quem é você, William?

— Como assim, Melinda? — Ele se aproxima com a taça na mão e um sorriso torto nos lábios.

— Nos conhecemos há muito tempo, não é mesmo? E não estou falando da nossa infância. Nos conhecemos há séculos, não é verdade?

— Do que se lembrou exatamente? — Ele dá mais um passo e eu me afasto.

— Então é verdade. Há quanto tempo você se lembra das outras vidas? — falo impaciente com vontade de sair correndo.

— Não faz muito tempo que a minha memória voltou.

— Então responda! Quem é você William? Ou devo te chamar de Abeodan?

— O quê? Não sou Abeodan. — Seus olhos se abrem e o sorriso some da face.

— Você é ruivo, tem olhos verdes. A assinatura do quadro é Clegg. E sua origem é de York. Além do mais o seu comportamento no início comigo...

— O que eu fiz? — Ele grita.

— Foi arrogante, cheio de si, e me perseguiu. — Começo a me afastar. Uso o mesmo tom de voz que ele.

— É isso que você pensa de mim? Que sou arrogante? Eu nunca te persegui, jamais faria isso. Não sou Abeodan. Nunca poderia ser.

Os seus olhos estão completamente apagados. Ele pisca e balança a cabeça. E a voz agora é quase um sussurro.

— Por que tem um quadro dele?

— Tenho o quadro de um artista que era um Clegg, mas não era Abeodan. — Volta a se expressar calmamente, porém sem vida.

— Não consigo acreditar. Você me enganou. — Não sou capaz de manter essa calma que ele tem. Deve ser uma característica de psicopatas.

— Nunca te enganei. E nunca te faria mal.

William se aproxima tentando me abraçar, eu me desvencilho e me afasto. Pego a minha bolsa e saio apressada.

— Melinda, espera.

— Não me procure mais William. Me deixe em paz.

Pego a bolsa dando as costas para o William. Evito olhar para trás. Caminho a passos largos até o meu apartamento. Chorando, como nunca na minha vida. Não posso acreditar que ele seja o meu algoz.

Eu sei que o meu coração é de Aedre, mas eu também sinto algo pelo William, algo que não posso explicar. Ele conseguia me deixar calma, me sentir bem, pelo menos foi o que pensei.

Agora não sei mais nada... a minha cabeça dói, o ar passa com dificuldades pelos meus pulmões, as mãos estão trêmulas, e eu sinto uma vontade louca de quebrar tudo o que vejo pela frente.

Os minutos passam e a minha raiva só aumenta, um desejo enorme de voltar à casa do William e transpassá-lo com uma espada como ele fez com Aiden e Aedre toma conta de mim.

Como pude ser tão idiota? Como não notei que ele era Abeodan? Será que William encontrou Aedre antes de mim desta vez e... não, Melinda, talvez nem ele saiba onde Aedre está, se é que ele voltou dessa vez. O que eu faço?

O telefone toca, mas não atendo. Não quero falar com ninguém, seja quem for. E pode ser o William. Não quero vê-lo nunca mais. O barulho irritante e insistente continua.

Atiro o aparelho para longe. O desespero só aperta, o meu corpo agitado e febril não se deixa domar pela mente que tenta sem resposta controlá-lo. Então pego o telefone de volta torcendo para não estar danificado demais, ligo para Irene. A única alternativa que penso no momento.

— Melinda?

— Irene. Ajude-me, por favor?

— O que está acontecendo? Quer vir para cá agora?

— Não tenho condições de sair de casa, não consigo dar um passo sequer.

— Respire fundo e me diga o que está te machucando.

— Descobri que William é Abeodan. Nós nos conhecemos há muito

tempo. Séculos. — As palavras saem como se fosse uma metralhadora disparando.

— Melinda, vamos por partes. — Ouço a respiração profunda da Irene. — Há poucos dias, em nossa última conversa, você sequer acreditava em vidas passadas. Como é que isso mudou?

— Eu não encontro outra explicação. E todas as evidências, por mais ilógicas que sejam apontam para isso. Os sonhos me levam ao passado e mostram o que aconteceu. — As mãos tremem e suam.

— Então você agora acredita em algo fora a ciência? — Sua fala é tranquila.

— Podemos considerar que sim — falo entrecortado.

— Eu não entendo nada sobre a doutrina espírita, mas o pouco que já li a respeito, não me parece que uma pessoa possa se lembrar de tudo tão rapidamente. E mesmo que isso fosse possível, vamos parar um pouco e analisar os detalhes. O que fez você ter certeza de que William é essa pessoa?

— Ele tem a mesma cor de cabelos e olhos, o mesmo temperamento. Revelou que a sua origem familiar é da mesma cidade que Abeodan, e tem um quadro na sala dele com a assinatura de Abeodan.

— Hum... a cor de cabelo e olhos não podem ser evidência concreta. Você por exemplo relatou que em seus sonhos foi morena, loira, ruiva. O fato do William ter cabelo ruivo, não significa que ele seja essa pessoa.

Ando de um lado para o outro na sala, com vontade de quebrar todos os objetos.

— Outro detalhe, se não me engano, a pessoa nem sempre volta com as mesmas características físicas, nem para o mesmo núcleo de parentesco. A família do William ter se originado na mesma cidade que esse tal Abeodan, também não é suficiente para afirmar que eles são a mesma pessoa.

— Mas e o quadro? Tem o nome Clegg nele.

— Clegg? — Sua voz denota falta de entendimento.

— Isso, o sobrenome de Abeodan.

— Melinda, você é uma mulher tão racional, sabe bem que sobrenomes são passados para as gerações. Você leu o nome todo no quadro?

— Só consegui identificar Clegg. Nada mais.

— Então não pode afirmar com toda certeza de que o quadro foi pintado ou pertenceu a este homem do passado.

— O que eu faço então?

— O que William disse a respeito?

— Que eu estava enganada.

— Só isso?

— Só. Eu... fui embora do apartamento dele. Não quis ouvir nenhuma explicação.

— Melinda. — Ouço sua respiração novamente. — Primeiro você precisa pensar no assunto, refletir. Buscar aprender sobre o que você escolheu acreditar. Não é razoável que em tão pouco tempo e sem a menor noção sobre a religião, você supor que já sabe exatamente o que está acontecendo. Outro ponto, você não deu espaço para que a outra parte pudesse se explicar, ou se defender da sua acusação.

— Mas...

— Mas? — Agora o seu tom de voz pareceu o da minha mãe quando está me repreendendo por fazer algo do qual ela discorda.

— Nada. Só estou confusa. Perdida.

— Por não ter atingido as suas expectativas. É normal. Você tem trabalhado muito, dormido mal, tem um conflito interno mal resolvido, e de quebra surgiu uma pessoa que mexeu com o seu mundo, te tirou do eixo. Tenha calma. Descanse por hoje. Amanhã você volta a pensar no assunto, mas de uma forma mais lógica. Procure ajuda religiosa, para entender o que você está supondo ser a causa dos seus sonhos, para só depois tirar as suas conclusões. E lembre-se de ouvir a outra parte envolvida. Nenhuma história tem só um lado.

— Vou tentar dormir... obrigada. — Parece que um caminhão carregado passou sobre mim. O corpo dói, a cabeça está pesada e me sinto traída, enganada... ok, ela está certa em alguns aspectos. Quanto a ouvir William... não estou pronta, e não sei se quero. Por hora, a minha cama basta.

Seline

Por incrível que pareça, esta noite, depois de meses, eu não sonhei. Vai ver o universo resolveu atender o meu pedido, ou Deus. O que importa é que dormi em paz. Descansei. Claro, ainda necessito de mais noites assim, e continuo um tanto perdida.

Não decidi o que fazer. Até porque não tenho respostas para tomar uma decisão, um rumo. Eu poderia voltar para a minha cidade, para a minha família. Mudar de país. Ou somente de apartamento. Talvez viajar para relaxar um pouco e de quebra procurar por Aedre. Começaria por York. Parece uma boa ideia. Entretanto, o trabalho me espera.

Devido ao meu estado de espírito, resolvo sair pelo elevador de serviço, e evitar encontros desastrosos logo pela manhã. Mudo o meu percurso, caminho um pouco mais, porém me sinto mais segura.

Estou fugindo. Sei que devo resolver esse nó, engodo, o nome que quiser dar, com o William, e pôr um ponto final, mesmo não tendo nenhum compromisso, e mesmo que ele seja quem penso que é. Puf! Bato de frente em alguém. Levanto a minha cabeça para pedir desculpas pela minha desatenção.

— Ah não! Você?

— Bom dia querida.

— Estou com problemas demais hoje, e sem tempo algum para as suas loucuras. — Desvio dela e começo a caminhar. Ela vem atrás de mim.

— Minhas loucuras? Melinda, sejamos francas. Você já sabe que não sou louca. Boa parte das suas lembranças voltaram. E cá para nós, estou mais para solução do que para ser um problema. — Ela acha que é quem? E por que todos resolveram usar a mesma forma da minha mãe de falar?

— Não sei o que você pensa que sabe sobre mim. Nem ao menos quem é você, então por que não segue a sua vida e deixa que da minha cuido eu? — digo sem a menor paciência.

— Porque você não está dando conta sozinha querida. Assuma de uma vez por todas que precisa de ajuda e aceite quem pode ter as respostas que você precisa. — Paro e viro de frente para ela. Solto os braços com toda força ao lado do corpo.

— Certo. Eu tenho os meus problemas, e estou com dificuldades para resolver. Satisfeita agora, senhora mística, bruxa, vidente, sei lá o quê?

— É um começo. Só para constar, eu não sou bruxa, nem vidente, certamente um pouco mística, contudo, nada de poderes sobre-humanos como voar, me curar sozinha, atravessar paredes, forte demais, também não faço ninguém aparecer ou desaparecer, nem uso varinhas ou palavras mágicas. — Ri de forma contida.

— Jura? E qual é a sua definição sobre os seus poderes? — Estreito os olhos e mordo os lábios para segurar e não falar coisas das quais posso me arrepender depois.

— Hahaha. Até que às vezes você tem senso de humor, Melinda. Logo, logo você se recordará disso também. Ainda não está preparada para saber de tudo. — Bate de leve no meu ombro. Me afasto.

— Você tem nome? Ou nem isso pode dizer? Se não tiver vou te chamar de mística, igual aos quadrinhos. — Sorrio forçadamente para ela.

— Seline. Me chamo Seline.

— Seline? — falo mais alto do que gostaria. Isabel a mencionou em um dos diários, tenho certeza. Não pode ser, teria próximo de 150 anos. Impossível! É só coincidência... ou não.

— Sim. Isso te remete a alguma coisa? — Seus lábios se abrem em um sorriso com ar de vitória.

— Não — minto.

— Ainda. Em pouco tempo recordará.

— Não foi para me dizer o seu nome que me seguiu até aqui. O que você quer?

— Conversar.

— Não sou terapeuta. — Viro o meu corpo na direção que seguia.

— Vai continuar com o seu humor negro, ou vai parar de ser criança e me ouvir? Podemos continuar brincando de gato e rato se você quiser. Afinal quem está perdendo o precioso tempo é você e não eu. Eu apenas estou cumprindo a minha missão de te guiar. — Desta vez a sua voz demonstra seriedade e certa impaciência. Me volto para ela outra vez.

— Me guiar? Onde você estava quando caí do cavalo? Ou quando sofri com as maldades da Jéssica? Na faculdade quando me sentia perdida. No meu trabalho ontem, para evitar que eu cometesse um erro tão estúpido? Por que não me guiou em nenhuma dessas situações?

— Está confundindo, não sou seu anjo da guarda, nem sua fada madrinha. Minha missão é bem específica. — O rosto dela está completamente sem expressão. Indecifrável. Agora sim parece um fantasma.

Olho para ela por um tempo pensando no que devo fazer. Suspiro.

— Certo. Eu, na minha humilde vida humana e bem comum, tenho deveres a cumprir, e estou atrasada. Já que insiste, te darei uma oportunidade, depois do expediente. — Decido ouvir o que ela tem a dizer, quem sabe ela desiste e some da minha vida.

— Perfeito. Na sua casa?

— Minha casa?

— Sim. Melinda. Não se preocupe, sei onde é. — Rio elevando a minha cabeça para cima.

— Evidente que sabe, não é mesmo?

— Até a noite, Melinda — responde impassível.

Dou as costas para a perseguidora, mística, bruxa, louca e sigo para o trabalho. Não dei meu endereço, se ela tem mesmo poderes saberá onde me encontrar, ou se for minimamente inteligente já me seguiu outras vezes.

O relógio deve estar quebrado. Não se mexe. As horas não passam. Mal fui capaz de corrigir a apresentação de ontem. Juro que me esforcei para não perder o foco no trabalho, mas foi difícil.

A cada poucos minutos de trabalho, mergulhava nos acontecimentos do dia anterior, e na doida de hoje, um ciclo vicioso. Será possível ela saber alguma coisa desta minha vida caótica? Terá ela alguma coisa a ver com esses sonhos? Como isso seria possível?

Melinda, tudo é possível a essa altura. E se é possível voltar a viver, você não seria a única não é mesmo? Certo, entretanto eu nunca a vi nos meus sonhos, ou retornos ao passado, exceto no primeiro sonho me advertindo. Upf... trabalhe, Melinda. Faça algo de útil.

No final eu obtive êxito, consegui rever de maneira decente e coerente a minha apresentação, mas somente findando o dia, na última hora, quando estava quase desistindo.

Voltei para casa apressada e atenta, observando cada pessoa à minha volta para ter certeza de que ninguém me seguia. Paranoica? Possivelmente, porém prefiro ter excesso de zelo a ser desprevenida e ter alguma surpresa desagradável.

Ninguém me seguiu, ou pelo menos não consegui notar nada estranho à minha volta. Ainda assim, um misto de ansiedade e medo me consumia. A tal Seline poderia sim saber alguma coisa, já que tudo que eu acreditava parece não ser a única verdade, todavia ela também pode ser uma louca perseguidora sanguinária.

Os minutos vão passando e nada da Seline aparecer. Tomo um banho morno para tentar relaxar. Não adianta nada, minha aflição só aumenta. Faço um chá de camomila, ligo a televisão. Nada.

Atiro-me no sofá olhando fixamente para o relógio, como se isso adiantasse alguma coisa. E então: Ding Dong. A campainha soa, caminho rápido esbarrando no móvel perto da porta e caindo no chão. Levanto de um salto e abro a porta.

— Melinda. Boa noite, querida.

— Boa noite. Entre, por favor. — Tento ser o mais educada possível.

— Hum! Vejo que está de bom humor. Me cumprimentou e ainda disse por favor. — Sorri transbordando sarcasmo.

— Não abuse da minha paciência, Seline.

— Bem curta por sinal. — Viro as costas ignorando o comentário.

— Quer beber alguma coisa?

— Um chá, por favor, o mesmo que tomou agora há pouco.

— Hã? — Paro de caminhar.

— Calma querida, não foi uma visão, nem estava te vigiando pelo buraco da sua fechadura. A sua xícara ainda está aqui na mesa, e pelo aroma é camomila.

— Ok. — Assopro e sigo para a cozinha. — Vou fazer. Mas para não perder tempo, você pode continuar a falar de onde paramos mais cedo.

— Com pressa? Assim não vai apreciar a minha maravilhosa companhia. — Ri.

— Seline, eu não sei quem você é, ou não lembro, como afirma. E você não tem sido a pessoa mais simpática, nem mesmo educada em nossos encontros para que eu possa apreciar a sua maravilhosa e adorável companhia. Só aceitei conversar porque estou em busca de respostas, as quais você afirmou ter. — Finjo não ter notado a sua risada abusada.

— Você já foi mais doce e acessível em outros tempos, Melinda.

— Que seja. Continue de onde paramos. Você disse que tem uma missão. Qual é essa missão?

— Sou uma espécie de guardiã. Escolhida para guiar você e Aedre quando retornassem à vida. — Seline volta a parecer uma pessoa normal e até educada. Fala com seriedade.

— Escolhida por quem? — A curiosidade e ansiedade falam alto neste momento.

— Há muito tempo, quando vocês dois fizeram os votos de amor

eterno, e o amuleto foi lapidado, para que você e Aedre recobrassem a memória de quem são, precisariam de guias. E eu fui uma das pessoas designadas para essa missão. — Sirvo a xícara de chá e entrego a ela que meneia a cabeça em agradecimento.

— Espera aí? Você disse “uma das”? Tem mais de uma de você? — Sento-me de frente para ela.

— Sim, Melinda. Somos duas guardiãs, especificamente. Mas isso não será discutido agora. Não posso revelar tudo, pois a regra é que vocês dois relembrem sozinhos. Só posso te explicar e ajudar a encontrar o caminho para isso. Na hora certa saberá quem é a outra guardiã.

— Quem é Aedre agora? Eu já me encontrei com ele? — Já que ela não vai me dizer tudo, então vou direto ao ponto.

— Não posso te responder isso. Não posso influenciar na sua escolha.

— E eu tenho escolha? Não estou destinada a ficar com Aedre?

— Não Melinda, você jurou amor eterno. Mas você não está presa a ele. Se você não o ama, como pensou quando fez o juramento, você tem o poder de acabar com tudo.

— Tenho? Como? — Isso só fica mais estranho. Cruzo as pernas mudando de posição.

— A pedra é sua resposta para isso. Se não o ama como pensou, quebre a pedra e poderá seguir sua vida.

— É só isso? Sem consequências?

— Terá consequências. Nunca mais voltarão. — Como ela pode dizer isso sem nem piscar? Parece um robô falando.

— Mas e se eu quiser continuar? Se eu o amar de verdade? Como uso a pedra?

— Está dentro de você, Melinda. Tudo lhe foi dito quando fizeram o juramento.

— Você não está ajudando em nada. O que pergunto você não pode me dizer. — Levanto e caminho até a janela olhando para o céu.

— Porque você quer a resposta pronta, e o que nós podemos fazer é guiá-la, para que acesse suas lembranças. Você já tem as respostas. — Coloca a xícara sobre a mesa de centro. Volto a sentar de frente para ela.

— Por que nunca ficamos juntos?

— Isso nem Aedre sabe. Durante todas essas vidas, vocês têm buscado essa resposta. Meu palpite é que a única pessoa que sabe é você.

— Eu? — Levo a mão até o meu peito.

— Algo aconteceu com você Melinda, e nem Aedre sabe o que foi. Por isso acessar todos os detalhes das suas memórias é tão importante, pode ser a chave para vocês dois ficarem juntos definitivamente.

— E como eu faço isso?

— Seus sonhos, como você já percebeu, te levam de volta a momentos dos seus vários passados. Entretanto, nos sonhos, sua volta é aleatória, você não escolhe a época que voltará. Mas o seu amuleto pode te ajudar, não só durante os sonhos, mas também quando está acordada também.

— Como eu uso o amuleto?

— Basta segurar a pedra, não pensar em nada. Mente limpa. Coloque só o que está sentindo na hora e você voltará exatamente para o momento que sentiu a mesma coisa. — Presto atenção a cada palavra dita por ela.

— Já segurei várias vezes e não voltei para onde queria. Tive apenas algumas sensações estranhas, imagens confusas.

— Só isso mesmo? E ontem, o que aconteceu?

— Como sabe de ontem? — Ela sorri calmamente.

— Sou sua guardiã, eu sei muitas coisas. E tenho acesso a suas memórias toda vez que se lembra de algo. Posso entrar nos seus sonhos.

— Se pode entrar nos sonhos, por que não me leva ao momento exato?

— Posso te guiar, falar com você no sonho, mas não tenho o poder de te levar a algo que nem eu sei qual é. São suas lembranças. Só posso te guiar por elas... o que aconteceu ontem, Melinda? Como se lembrou de Abeodan?

— Eu estava na casa do William, um homem que conheço, jantando, e vi um quadro que me chamou a atenção. Esse quadro tem a assinatura Clegg. E quando eu segurei o colar, várias imagens de Abeodan apareceram diante de mim, como um filme. — Ela pousa as mãos sobre as pernas.

— Viu? É assim que funciona. Você tocou a pedra e ela lhe mostrou o que você estava sentindo. Sua lembrança foi Abeodan. Você consegue Melinda. Só precisa confiar e acreditar.

— Eu quero acreditar, de verdade, mas é difícil, vai contra tudo o que eu aprendi, o que sei, o que a ciência prova. — Desvio o olhar dela.

— A ciência prova muitas coisas sim, mas não tudo. E você consegue. Você acreditava quando era criança.

— Como sabe disso? Você estava perto desde que eu era criança?

— Claro, querida, desde que nasceu. Você começou a acessar as suas lembranças muito cedo nesta vida.

— Não. Eu não consigo lembrar nem agora. — Balanço a cabeça de um lado para outro.

— Sim, você se lembrou de muitas coisas. Todas as histórias que contava para as suas amigas e para as suas bonecas, de onde acha que elas vinham?

— De lugar algum. Eu sempre li muito. Os livros me inspiravam a criar.

— Não seja ingênua, Melinda. Eram visões e retornos ao passado. — Inclina para traz até tocar o encosto do sofá.

— Não pode ser. — Arrumo os óculos passando a mão pelos cabelos.

— Mas eram. Por que não se lembra do William?

— O que sabe sobre a existência do William?

— Sei o suficiente. Vocês brincavam muito juntos. Você contava histórias para ele, e dizia que ele era o príncipe das suas histórias.

— Não! Isso não! — Levanto-me de um salto.

— Por que não? — diz rindo.

— Ele é Abeodan!

— O quê? Está doida? — Gesticula com as mãos.

— Ele se parece com Abeodan. Cabelos ruivos, olhos verdes, arrogante, e é um Clegg! — Ela gargalha. E me sinto uma idiota.

— Ele não é Abeodan. Nem pode ser. E ele não é um Clegg.

— Não é Clegg?

— Não. Se estiver pensando isso pelo fato de ele ter um quadro assinado por um Clegg, esqueça. E tem mais, William sempre foi um verdadeiro cavalheiro com você desde criança. Busque a verdade nas suas lembranças sem tirar conclusões precipitadas. — Me repreende outra vez. Está virando um hábito.

— Quem é ele então?

— Não posso falar mais nada. Você tem que descobrir sozinha. Volte à sua infância, abra a sua caixa de pandora.

— Não consigo. — Fecho os olhos inspirando todo ar que consigo.

— Melinda, você bloqueou tudo quando era pequena, e agora fica difícil acreditar. Você escolheu não ver, não aceitar mais. Por isso desta vez tudo está diferente, você está diferente.

— Por que eu faria isso, se era só uma criança?

— Não tinha maturidade suficiente para lidar com os fatos do passado, com o que viu. Por que queimou os seus livros e as suas bonecas,

Melinda? — Arregala os olhos acusadoramente.

— Eu já não aguentava mais ser infantil e tinha a Jéssica.

— Esse não foi o motivo. A Jéssica nem te incomodava tanto assim. Ela foi a desculpa que você criou para si mesma. Você se lembrou de algo muito forte, muito dolorido. O que foi Melinda?

— Não sei. Só recordo o que aconteceu com a Jéssica naquele dia.

— Faça um esforço. Tem algum detalhe muito importante que você escondeu aí dentro. E que pode ser parte da solução para todo esse sofrimento.

— Não sei como. — Meu coração acelera e se aperta.

— Relaxe. E use a pedra.

— Por que disse que o William não pode ser Abeodan? — Não olho para ela enquanto pronuncio as palavras.

— Eu não poderia te falar isso. Não cabe a mim. Mas vou quebrar a regra só esta vez. Abeodan não pode voltar.

— Não faz sentido. Se nós podemos, por que ele não? — Volto a andar pela sala tentando entender as coisas que Seline fala.

— Nem todos voltam. Eu, Aedre e outros como nós, temos uma condição diferente, por isso voltamos. E você só volta por uma concessão, um pedido desesperado de amor.

— Não entendi.

— Sua pedra permite que você volte. Mas não quando quer. Você e ele voltam sempre a cada três gerações.

— Por isso criaram a lenda da minha família em torno deste colar e do nome? — Uma esperança surge dentro de mim.

— Sim.

— Ainda não consigo entender direito.

— Faltam alguns detalhes. Como adverti, não estou autorizada a te contar. Já falei demais.

— E como vou descobrir o que falta? — Faço a minha melhor expressão de menina triste.

— Com paciência e fé. Acredite nos sonhos e permita que eles te levem até onde você precisa ir. — A expressão não funciona com ela.

— Seline, sabe que tudo isso é surreal? É tão difícil acreditar no que me diz, ou mesmo no que está acontecendo comigo. Sinto-me deslocada, doida.

— Eu sei, por isso estou aqui para ajudar. Agora se acalme e abaixe a

guarda. — Ela se levanta e aproxima-se de mim. Pega minhas mãos e segura entre as suas. Sinto uma calma repentina me invadir.

— Farei o possível. — Esboço um sorriso.

— É um começo. Tenho que ir.

Conselho de um sábio

Ouçõ risos felizes e infantis. Sinto o vento batendo de encontro à minha face. É gostoso. Ventania corre pelo campo verde da fazenda. O cheiro de bolo assando invade o meu nariz, e o estômago responde imediatamente.

Ventania diminui a velocidade até chegar apenas a uma caminhada. Paramos embaixo da mangueira frondosa em plena florada. Desço do seu lombo e afago a sua cabeça, fazendo com que ele emita sons demonstrando satisfação.

Um senhor se aproxima, o seu semblante não me é familiar, porém não transmite medo, pelo contrário.

— Olá, Melinda. — Sorri.

— Oi.

— A cavalgada foi boa hoje, não é mesmo? Seus traços estão mais belos e felizes.

— Obrigada. Foi realmente magnífico. Estou revigorada. Sua voz não é estranha. Eu te conheço. De onde?

— Realmente não sou um estranho, tão pouco somos íntimos. Vimos-nos uma vez. Não se recordará de mim agora. — Ele mantém as mãos uma sobre a outra por trás das costas. Olhando para o horizonte.

— Este não é um simples sonho. Nem uma lembrança da minha infância. Estou certa? — Giro o meu rosto para ele que me olha de volta.

— Está.

— Você é um guardião? Seline disse que tinha duas. Entendi que fosse outra mulher. — Ele sorri novamente e olha para frente.

— Não sou bem um guardião. Estou mais para um conselheiro, ou um anjo da guarda, se assim soar melhor para você.

— E qual é o conselho do meu anjo da guarda?

— Vamos caminhar enquanto conversamos. — Aponta para frente com uma das mãos. — Gosto muito de caminhar, sentir a natureza. Tudo é tão perfeito não acha?

— Acho sim. Mas não foi para falar de natureza que você veio até mim. — Caminho ao seu lado.

— Não. Quero apenas tranquilizá-la. Você tem vários anjos à sua volta. Pessoas que se importam com você, que gostam de você, e que estão tentando ajudar de alguma forma.

Ele ergue a cabeça e abre os braços inspirando fundo. Volta a me olhar e continuamos caminhando pelo campo.

— Você só precisa ouvir, e refletir sobre o que eles lhe aconselham. Irene é uma boa pessoa. Ela lhe avisou algumas vezes sobre você impor barreiras que impedem as pessoas de se aproximarem. Cristina, que trabalha com você, sempre bem intencionada e prestativa. Não acha que ela seria uma boa amiga?

— Amiga? — Paro de andar olhando ao redor. Ele continua, então volto a caminhar apressando o passo para acompanhá-lo. — Mas trabalhamos juntas. Não devemos misturar as coisas.

— Não está misturando. Dentro do ambiente de trabalho atitude profissional. Mas o que a impede de sair com ela para tomar um chá, um café ou um suco? Falarem sobre a vida, rir, chorar, aconselhar, escutar? Esse tipo de barreira é a mesma que te afastou de você mesma. A sua guardiã mencionou que a resposta está aí. — Ele aponta para o meu peito. — Derrube o muro. Você será mais feliz.

— O que uma coisa tem a ver com a outra? — Novamente ele sorri. Lembra o meu avô de certa forma. O seu jeito de andar e a forma de falar com sabedoria.

— Você construiu esse bloqueio para esquecer algo que dói muito quando lembra. E não escondeu só a dor. Afastou tudo e todos na esperança de que assim não sofreria. Funcionou? — Olha para mim sério.

— Por um tempo talvez. Agora não. — Abaixo a cabeça.

— Quando você tirar as pedras vai sentir a dor de novo, em compensação vai se reencontrar. A beleza da vida consiste em sentir. — Levanta a minha cabeça direcionando para a paisagem linda à nossa frente. — Sentir o amor, a liberdade, a felicidade, e a dor, a tristeza, as perdas, é assim que a humanidade evolui.

— Como eu derrubo o muro?

— É só querer.

— Simples assim?

— Exatamente. Ouça e siga o que as suas guias lhe mostram.

— Vocês místicos não facilitam sabia? Se falassem diretamente, sem códigos, sem rodeios, provavelmente entenderia. — Desta vez eu que sorrio para ele.

— Você entende, Melinda. Só não aceita. — Coloca a mão no meu ombro.

— Ok. Mas admita também que não é algo muito crível, essa situação toda. — Ele gargalha.

— O que o seu coração diz? O que você sente? É fantasia?

— Não. É real.

— Esta é a sua prova. Está em suas mãos.

E como em um passe de mágica ele desapareceu. Ficou só o cenário e o cheiro de bolo recém-tirado do forno. Acordei cansada e com fome de bolo. Empenhei em seguir a minha rotina, e deixar o meu sexto sentido me guiar, mesmo sem ter certeza de que tenho mesmo o tal sexto sentido, ou qualquer sentido.

Não usei o elevador de serviço para evitar o William, embora no meu íntimo torcesse para não o encontrar. Não naquele momento. Não saberia o que dizer nem como agir. Não sabia ainda quem ele era. Se eu estava sendo injusta ou não.

Passo na cafeteria para pegar o meu café como de costume e matar a minha vontade de comer bolo quentinho, no entanto peço dois cafés, o meu bolo de limão e uma fatia de torta de maçã.

Já que estou disposta a me reencontrar e se isso é o que necessito para um desfecho entre mim e Aedre, então vou resgatar o pouco que me lembro daquela menina que adorava cavalgar. Gentileza.

Ao entrar na minha sala, ligo os equipamentos como de costume, verifico a minha agenda do dia, e com os cafés na mão, vou até a recepção. Cumprimento a todos, converso um pouco, notando os olhares surpresos por me verem ali confraternizando com eles e sem falar de trabalho.

Dirijo-me até a mesa da Cristina, puxo uma cadeira. Sento-me calmamente. Entrego um dos copos e a torta de maçã. Levo o meu copo na boca para saborear o meu amado café e o bolo que já estava me fazendo salivar.

— Não vai tomar o seu café Cris? Posso te chamar assim?

— Claro que pode. — Ela sorri com as bochechas em tons avermelhados. — Obrigada pelo café. Eu não esperava.

— Eu sei. Você tem sido um anjo para mim aqui. Só resolvi retribuir de alguma forma. — Agora sou eu quem fico vermelha.

— Eu só faço o meu trabalho. — Sorri.

— Faz muito mais que isso, Cris. Não só para mim como para todos aqui. Está sempre preocupada e ajudando como pode, e a quem você notar que precisa. Isso não faz parte do trabalho de ninguém. Isso se chama

generosidade, amizade, empatia. — Sustento o olhar nela.

— Está me deixando sem jeito.

— Não fique. Trouxe torta de maçã. Eu sempre vejo você saboreando no intervalo. Não sei se essa é a melhor.

— Hum! Maravilhosa. — Mastiga um pedaço revirando os olhos.

— Eu tenho que voltar ao trabalho. Organize a sala de reunião para a reapresentação do relatório, por favor?

— Claro, Melinda.

Perceber a surpresa nos rostos das pessoas por me ver ali com elas, conversando como qualquer ser humano minimamente normal, só confirmou o quanto sou avessa ao mundo, às pessoas. Espero de verdade conseguir implodir a minha muralha, e logo.

Focada e empenhada, faço a apresentação da maneira como deveria ter feito antes. Desta vez dispenso toda a atenção necessária aos colaboradores e a Thomas.

Passamos a manhã na sala de reunião. Às vezes minha mente cismava em transitar pelas lembranças dos sonhos e dos últimos acontecimentos, porém me continha rapidamente.

Volto a almoçar com a minha equipe, e não encontro com o William em nenhum dos momentos que saio da empresa. Aparentemente estou conseguindo voltar para a minha normalidade, ou um pedaço dela.

Após o trabalho, sigo para a minha sessão com a Irene e só depois vou para casa, caminhando como de costume.

Ao abrir a porta, encontro com Juliana na cozinha cantarolando e mexendo algo na panela que cheira muito bem. Ela é bem agitada e alegre. Não sei bem como descrevê-la. É única. Não tem travas na língua, o que não significa que seja mal educada, apenas espontânea. Como uma adolescente rebelde que se esqueceu de crescer e vive na terra do nunca.

— Boa noite, Juliana! Ainda aqui?

— Boa noite, Melinda. Desculpe, mas hoje faxinei todo o apartamento e isso atrasou o jantar. Esqueci que hoje era dia de cozinhar.

— Não precisa se desculpar. Seja o que for que esteja fazendo, parece muito bom. — Inspiro o cheiro sentindo fome.

— Sou ótima cozinheira. — Arrebata o nariz.

— E muito modesta também. — Gargalho da sua espontaneidade. — Vou tomar um banho e ler um pouquinho. Quando terminar me chame, por favor?

— Pode deixar.

Após o banho e mais relaxada, pego os diários de Isabel e continuo a minha busca. Os relatos de sonhos continuam. Praticamente todos os sonhos que tive são descritos por aqueles belos traços espalhados pelas folhas amarelas e surradas pelo tempo.

Passam alguns minutos e os olhos já começam a demonstrar cansaço. De repente, ao virar mais uma folha, algo escuro cai no chão. Me abaixo para pegar. O que é isso? A textura lembra couro. Bem gasto. Velho. Muito velho. Tem aparência de um cinto, ou um pedaço do que foi um dia. Não acho que foi de Isabel, é muito grosseiro.

Como isso veio parar aqui? “Confie nos seus sentimentos”, a voz daquele senhor ecoando na minha cabeça. Fecho os olhos e elevo a minha mão até alcançar o amuleto, na mesma hora vejo Aedre sobre o seu cavalo, sorrindo, vindo ao meu encontro, trajando o seu uniforme de soldado.

Quando ele se aproxima, noto que em volta da sua cintura há uma larga faixa de couro, e presa nela a sua espada. Céus! É o cinto dele que estou segurando. Não sou capaz de abrir os olhos e não quero. Ele está bem perto. O seu rosto. Vejo quase por completo. Ele é lindo! É perfeito!

— Anna!

— Aedre! Volta logo! Preciso de você!

— Anna!

A sua voz é quase um sussurro. Então ele desaparece, porém, a sua voz não. Continuo ouvindo, repetidas e repetidas vezes. Ele dizendo o meu nome. Chamando por mim: “Anna! Anna!”.

— Melinda, o jantar está pronto. Quer que eu sirva para você antes de ir?

Saio do quarto atordoada ao ouvir Juliana. Sigo até a cozinha, não sinto meus pés tocarem o chão nem minhas mãos, pareço flutuar. Estou anestesiada ainda ouvindo a voz dele. E tenho a impressão de já tê-la ouvido nesta vida. Não nos sonhos. Aqui. No mundo real.

— Melinda, você está bem? Está pálida. Viu um fantasma por acaso?

— Estou bem. Só dor de cabeça. — Nem olho para ela enquanto falo.

— Senta, eu pego um copo de água para você. — Juliana segura o meu braço me guiando para o sofá, porém eu me esquivo dela.

— Não precisa. Vou sair um pouco, tomar ar fresco — digo enquanto caminho porta afora.

Aperto o botão do elevador, ainda sem sentir o meu próprio corpo,

aérea. A porta se abre e William sai. Quando os nossos olhos se encontram, sinto um choque percorrer todo o meu corpo. Não mexo um músculo, só vejo aqueles grandes olhos verdes, com a minha imagem neles. Todas as minhas vidas refletidas ali. A sua boca e o seu sorriso...

— Melinda? O que está acontecendo? — Me olha assustado.

— William.

— Fale. Está doente? Você está com o aspecto péssimo.

— Não. — Seus olhos brilham igual à pedra do meu colar.

— Esse não é seu aspecto normal. Vamos, eu te ajudo.

Não pronuncio uma única palavra. William passa os seus braços sobre mim, erguendo-me do chão sem o menor esforço, como se levantasse uma pena, me carregando no colo até o meu apartamento.

Em outras circunstâncias, eu não permitiria, e no mínimo protestaria, mas não agora, estou sem condições para relutar. A respiração é fraca, e o coração descompassado.

Tudo em volta parece estar girando, e desabando sobre mim. Ele me acomoda no sofá, e nesse instante, milhares de imagens de Aedre surgem diante dos meus olhos.

Ouç-o me chamando e ao mesmo tempo a voz do William falando com Juliana, e comigo. É... a mesma voz de Aedre. William tem a voz dele. O sorriso dele. O mesmo olhar. Os mesmos traços.

— A minha cabeça está doendo muito. — Tudo em volta parece um borrão.

— Ariel. Traga água e uma bolsa para fazer compressa, rápido. Ela não está nada bem.

— Aqui William. E não me chame de Ariel.

O som das vozes fica cada vez mais distante. Um ruído distorcido. Quem é Ariel? Tem mais alguém na minha casa? Não sei se pronunciei as palavras ou apenas pensei.

— Vou levá-la para o quarto. Ajude-me.

— Por aqui. Pegue estes travesseiros.

Pisco tentando manter os olhos abertos. As vozes entrecortadas.

— A... cab... alta.

Não ouço mais nada. Fraca. Sem forças para me mexer. Tudo escuro...

Carolina

O céu incrivelmente claro. Mamãe está acompanhando, como de costume, o funcionamento da cozinha, escolhendo o cardápio do dia. Papai saiu cedo para o campo. A colheita se aproxima.

De casa já avistamos o entorno esbranquiçado pelo algodão se abrindo, misturado ao cinza amarronzado das folhas e galhos secos dos pés. Apesar do pouco verde por perto, a brisa é fresca e o aroma é gostoso.

— Elizabeth.

— Sim, mamãe.

Adentro a casa correndo, passando pela sala principal, até chegar à cozinha, já ofegante. Ela se vira para mim com ar de reprovação.

— Isto são modos, Elizabeth?

— Desculpe mamãe. — Abaixo a cabeça rapidamente levantando em seguida.

— Você não é criança já faz tempo.

— A senhora está certa. Só estava com pressa para atender ao seu chamado.

— Tudo bem, apenas procure não repetir. — Fita-me com ar de riso, forçando a pose de brava.

— Vamos até a cidade após o almoço. Precisamos de vestidos para a recepção na casa dos Jenkins. — Mamãe está alegre. Adora este tipo de festa.

— Temos mesmo que ir? Não gosto daquela filha deles. Como é mesmo o nome dela?

— Mary.

— Essa mesmo.

— Elizabeth, nós iremos. E não seja esnobe. A moça não lhe fez mal algum.

— Ela me parece enfadonha, e esnobe é ela minha mãe, com aquele nariz sempre empinado. — Olho torto para mamãe.

— Esqueça Mary. Sabe que o Senhor Jenkins tem relações importantes para os nossos negócios. — Ela me lança o seu olhar conspiratório.

— Sim, eu sei.

— Ademais, você pode se interessar pelo filho deles, John. — Deixo minha cabeça cair de lado.

— Mamãe. Achei que vocês tinham aceitado que eu faria a minha escolha. É tão antiquado casamento arranjado.

— Concordamos filha. Só estou lhe dizendo que ele é uma opção interessante. — Sorri.

— Veremos. Precisa de mais alguma coisa?

— Não.

— Vou trocar o vestido para não nos atrasarmos.

Beijo a sua face e retiro-me da cozinha, caminhando como uma lady em direção ao meu quarto. Detesto esses jantares. Mamãe sempre me força a ir e aturar as mesmas conversas e galanteios de sempre.

Não quero me casar. Quero estudar. Por que não entendem isso? Já soube de mulheres que trabalham até em comércios. Além do mais, não falam muito bem deste John Jenkins.

Dizem que ele é arrogante e feio. Se um dia me casar será apenas com o homem que amo, aquele que habita os meus sonhos diariamente, se não for com ele não será com mais ninguém, nunca me entregaria a alguém sem amor. Eu não vou passar por tudo outra vez. Não mais...

Há vozes ao meu redor, mas não identifico. Meus olhos estão pesados. Tento abrir. Não consigo, é mais forte que eu. Então sou sugada novamente para dentro de mim.

Chegamos à casa dos Jenkins meia hora atrasados. Papai emitiu palavras de desaprovação durante todo o caminho, como se a culpa fosse minha, quando na verdade, a causa do atraso se deu devido a este vestido idiota que mamãe escolheu.

Além de apertado, o ar mal consegue passar pelos pulmões, ainda é cheio de botões, levei mais tempo do que de costume só fechando-os.

O Senhor e a Senhora Jenkins são os primeiros a nos cumprimentar, logo depois Mary, com um sorriso tão falso quanto ela. Não vejo o tal John. Acomodamos-nos na sala.

Papai e Senhor Jenkins engataram rapidamente o assunto da colheita de algodão, do valor que estão negociando e de compradores europeus. Agora compreendo que tipo de vantagem papai almeja alcançar. Vender para os europeus. Enquanto estou focada na conversa dele, sou chamada atenção por minha mãe.

— Elizabeth?

— Sim mamãe.

Volto-me para olhá-la.

— Este é John.

— Senhorita Elizabeth — diz sorrindo elegantemente, mostrando a sua covinha do lado esquerdo.

— Senhor.

Sorrio de volta inclinando de leve a cabeça. Ele não tem nada de feio, ao contrário, é de uma beleza extraordinária. Seus grandes olhos verdes são encantadores. Impossível se libertar deles.

Tem um aroma marcante e suave. Suas vestes lhe caem perfeitas como uma luva, mostrando o seu corpo esguio. Seus traços soam familiares. Apesar de não o conhecer pessoalmente, tenho certeza de que já o vi em algum lugar.

— Senhoras. Peço licença para me juntar aos cavalheiros. Senhorita.

Acena com a cabeça para mim e segue em direção ao meu pai e ao Senhor Jenkins. Não consigo tirar os olhos dele. É mais forte do que eu, algo nele me deixa completamente abalada.

E a forma como ele me olhou, fez os cabelos da minha nuca se ouriçarem e a minha pele ganhar vida querendo abandonar o meu corpo. Pude me ver refletida em seus olhos, mesmo sem certa proximidade. Não estou delirando, sei que vi o meu rosto perfeitamente desenhado nos olhos dele.

Ao voltar minha atenção para as senhoras, noto sorrisos estampados nas faces da minha mãe e da Senhora Jenkins, provavelmente repararam minha demasiada atenção ao Senhor John, as minhas bochechas foram tomadas por uma tonalidade de vermelho, tamanha a minha vergonha pelo ato impensado e incontrolável. Isso não é nada bom. Nada bom mesmo.

Alguns minutos se passam e o jantar é servido. Todos conversam animadamente, papai e o Senhor Jenkins pareciam amigos de infância. As mulheres seguem o mesmo ritmo, excluindo Mary e eu.

Não seria amiga dessa criatura por nada, somado ao fato de que eu também não estava no meu equilíbrio natural, o que não me permitia participar de nenhuma conversa sem parecer uma débil mental, assim me mantive de boca fechada.

A proximidade do John não ajudava em nada, me deixava ainda mais perturbada. O som da sua voz e o seu aroma me inebriava, fazendo o meu coração bater descompassado. Tentava disfarçar, inutilmente. Várias vezes ele me pegou olhando-o fixamente, o que piorava a minha deplorável situação, ficando ainda mais vermelha e totalmente sem ar.

Após o jantar, todos retornaram para a sala aguardando o chá. Afastei-

me um pouco me recostando à janela. Foi então que a Senhora Jenkins se aproximou com a desculpa de se refrescar com a brisa. Questionou-me sobre o jantar. Falou da casa, dos quadros, de flores. Mencionou o seu lindo jardim, para logo após dar o bote.

— Gostaria de conhecer?

— Sim, adoraria.

— John, querido.

Dei um salto tamanha surpresa por ela tê-lo chamado. Eu devia prever que isso era um truque de senhoras ardilosas. Fui ingênua. Possivelmente por estar tão distraída.

John se dirigiu até nós, atendendo prontamente ao chamado da sua mãe. A cada passo que ele dava o chão parecia se abrir sob meus pés, e me sentia afundando, minhas mãos molhadas de suor, e o meu coração? Ah, este eu já nem sabia mais onde batia.

— Em que posso ser útil?

— Querido, Elizabeth adora flores. Comentei sobre o nosso modesto jardim. Poderia fazer a gentileza de apresentá-lo a ela? — Ela o empurra gentilmente para o meu lado.

— Não quero incomodar. Além do mais está escuro, não sei se conseguirei ver alguma coisa. Talvez fosse melhor conhecer em outra ocasião, durante o dia.

— Não é incômodo algum. Ficarei feliz em acompanhá-la, se a senhorita assim o quiser.

As palavras fugiram de mim, não fui capaz de emitir um único som. A Senhora Jenkins se apressou acrescentando que era noite de lua cheia, e o local estaria muito bem iluminado, e que a vista noturna era de tirar o fôlego. Não me restando alternativa se não concordar.

John gesticulou com a mão sinalizando passagem, e assim caminhamos para fora da casa. Ele andando ao meu lado com os braços para trás. Tentando manter um diálogo descontraído. Falando da colheita, do tempo, da história da casa.

De repente ele parou, foi para trás de mim, colocou uma de suas mãos sobre os meus olhos me vendando. E a outra segurou um dos meus braços me guiando. Senti o meu sangue passando por cada uma das minhas veias, e um desejo enorme de beijá-lo surgiu dentro de mim.

— Não tenha medo. Confie em mim.

Eu não o conhecia, mas estranhamente sentia que podia confiar.

Depois de alguns passos, paramos. Ele soltou primeiro o meu braço. Depois foi lentamente tirando a sua mão dos meus olhos.

— Aqui está. A minha mãe tem razão quando diz que a lua o ilumina bem. E eu particularmente considero muito mais bonito à luz do luar do que durante o dia. Desculpe pela intromissão de tocá-la, mas queria surpreendê-la.

— Confesso que me assustou um pouco. Mas alcançou o resultado esperado. É realmente muito bonito. Nunca imaginei ver tantas espécies de flores reunidas juntas e harmoniosamente.

— Minha mãe ama flores, o seu jardim é como outro filho para ela.

— Dá para notar pelo capricho.

Permanecemos ali em silêncio por um tempo. Não sabia o que falar para ele. Então fechei os meus olhos e levei a minha mão ao meu colar, foi então que descobri de onde o conhecia.

Centenas de imagens dele passaram diante dos meus olhos. Minha e dele. De todas as vezes que estivemos juntos. Ele é o homem com quem venho sonhando noites e noites há meses. Aedre.

Abri meus olhos lentamente não acreditando que ele estava ali tão perto de mim. O amor dos meus sonhos. O meu destino. Bem na minha frente me fitando intensamente e sorrindo para mim.

— A senhorita está bem?

— Melhor impossível. Nós já nos vimos antes? — Fito-o intensamente sem nenhum pudor.

— Possivelmente — disse sorrindo mostrando sua covinha, e seu queixo incrivelmente perfeito.

— Possivelmente? Ou certamente?

— Como assim, senhorita Elizabeth? — Ainda está sorrindo.

— Nada, deixa para lá, vai pensar que sou maluca. — Volto a prestar atenção ao redor.

— Tente, talvez concorde com a senhorita ou não. — Ele segura gentilmente o meu braço me posicionando de frente para ele.

— Tenho sonhado com o senhor há algum tempo. — Desvio um pouco o olhar.

— Tem mesmo? — John sorri satisfeito como um pavão.

— Sim.

— E se eu te disser que também sonho com a senhorita?

— Sonha? — De repente me sinto alegre, com o coração

descompassado, e o corpo leve como se eu fosse flutuar.

— Do que se lembra, Elizabeth?

— Primeiro me resposta qual é o seu nome? Digo, o seu nome de verdade?

— John Bowe Jenkins

— Bowe? — Levo as mãos até a minha boca sorrindo.

— Sim, Elizabeth.

— Aedre Bowe. — Sussurro com lágrimas brotando nos olhos.

— O que disse? Do que se lembra? — Ele insiste com o seu olhar intenso sobre mim.

— Eoforwic. Aedre. Anna. Veneza. Roma. Rússia. E tantos outros lugares e vidas.

— Minha Anna.

— É verdade, não é? Não sou louca? — John abre os braços à minha espera.

— Não meu amor. Estamos de volta. Só não imaginei que fosse voltar tão rápido.

Ele me abraçou forte, eu não pensei que fosse tão bom assim, sentir a sua pele tocando a minha. A respiração dele tão perto. As batidas do seu coração. Eu estava em casa, protegida, encontrada, amada.

— Vamos conseguir ficar juntos agora?

— Elizabeth, não sei. Mas nunca vou desistir de você.

— Te amo como nunca pensei ser possível. Achava que era coisa da minha cabeça. — As lágrimas escapam percorrendo todo o meu rosto.

— Não é meu amor. Nunca foi. Somos um do outro eternamente.

John se aproximou de mim, segurou o meu rosto em suas mãos secando as lágrimas e colou os seus lábios aos meus, movimentando devagar e depois mais rápido e mais urgente, a sua língua se unindo à minha, e o sabor doce dele.

O meu sangue fervia pelas minhas veias, a minha pele se arrepiava, os meus músculos perderam as forças, estavam moles a ponto de temer cair no chão. Em meu estômago uma sensação estranha como se borboletas voassem lá dentro.

O coração pulsava em um ritmo forte, acelerado. A melhor coisa do mundo. Ele foi parando de movimentar seus lábios devagarinho até me soltar. Abri os olhos que encontraram os dele. E pude ver o seu rosto por completo todos os detalhes, mínimos detalhes. Meu Deus.

Abro os olhos de uma vez, estou em meu quarto e não mais na Carolina. Empurro o lençol que me cobre, e salto da cama. Juliana entra no meu quarto correndo.

— Melinda? Você está bem? — Me encara preocupada.

— Juliana? O que faz aqui?

— Você passou mal ontem à noite, se lembra? Apagou do nada. Fiquei aqui cuidando de você.

— Obrigada. Lembro vagamente. O que aconteceu? — Fecho os olhos balançando a cabeça. Ela relata tudo calmamente nos mínimos detalhes.

— Hum. Não falei nada dormindo?

— Não. Por quê?

— Por nada. Tive um sonho estranho. Pensei que talvez eu tivesse dito alguma coisa. Deixa para lá. Eu preciso sair agora.

— Vai sair assim? De pijama?

— Não tenho tempo para me arrumar, preciso resolver um assunto urgente. Mas por falar em pijama. Quem tirou a minha roupa? — Paro de andar e olho para ela.

— Fui eu, Melinda. — Levanta a mão. — William não tocou em você. Nem me ajudou.

— Obrigada mais uma vez.

Continuo o meu trajeto até a porta. Apressada e decidida. Juliana fica murmurando coisas como: “você enlouqueceu?”, “aonde vai desse jeito?”, “pode pelo menos comer antes de sair?”. Não me importo, apenas continuo andando até chegar ao meu destino.

Só espero não ser tarde demais. Respiro fundo. Toco a campainha ainda me perguntando se tenho certeza do que iria fazer. As minhas mãos tremendo e suando frio. A porta se abre e William surge, esplêndido com os cabelos molhados, a camisa por fora da calça com alguns botões sem fechar. Ele parece surpreso e preocupado ao mesmo tempo.

— Melinda? Você está bem?

— Desculpe aparecer assim. Posso entrar? — falo apressada.

— Claro, por favor.

Move-se para o lado me dando passagem.

— Sente-se. — Aponta para a poltrona.

— Precisamos conversar. Eu lhe devo desculpas. Perdi a cabeça aquela noite. Estava confusa...

— Tudo bem, Melinda. Não se preocupe com isso. — Ele pousa as

duas mãos sobre os meus ombros calmamente.

— Qual é o seu nome William?

— Como? — Vejo um sorriso tímido começar a surgir no canto da sua boca.

— O seu nome. Eu só sei o seu primeiro nome.

— William de Castro. Bowe. — Abre bem seu mais lindo sorriso. Começo a chorar, é mais forte do que eu. Ele realmente não é Clegg.

— Finalmente voltou. Está repetindo a mesma pergunta de algum tempo atrás.

— Sim. Fiz essa pergunta quando vivíamos na Carolina, em 1775.

As lágrimas continuam a descer através da minha face sem que possa contê-las. William se aproxima ficando de joelhos na minha frente, pois não tenho forças para me levantar. Ele leva uma de suas mãos até o meu queixo levantando o meu rosto para que possa olhar para ele.

Sorri mostrando a sua covinha. E quando os meus olhos encontram os dele, vejo a minha imagem gravada ali naquele mar verde, várias delas, de todas as vidas de um coração. “Você saberá quando olhar dentro dos meus olhos”. Exatamente como ele disse quando perguntei como o reconheceria.

— Aedre. Perdoe-me. Eu não te reconheci.

— Não chore, Melinda. Minha Anna. Você não estava pronta.

— Estou com muito medo. O que vai acontecer agora? — Ele me abraça forte. O seu corpo no meu faz com que eu me acalme. É aconchegante.

— Não sei, Melinda. Não se preocupe com isso agora. Tente se acalmar. Você precisa se recompor, ou ficará doente. Temos tempo para conversar.

— Me diga pelo menos o que aconteceu na Carolina. Não ficamos juntos? — William se afasta ficando com o rosto bem em frente ao meu.

— Não terminamos juntos.

— Mas nossas famílias não eram inimigas.

— Não. Não eram. Estávamos felizes. Noivos. Eu precisei ir para a Europa, resolver alguns contratos dos nossos pais, que com o nosso compromisso estabeleceram uma parceria bem lucrativa, porém o meu navio naufragou. Perto da costa. Resgatado por outro barco, e mantido como prisioneiro, não pude entrar em contato. Fui dado como morto. — Presto o máximo de atenção que sou capaz, pois os seus olhos sempre me sugam para dentro de si.

— Depois de alguns anos quando consegui minha liberdade, — ele continua, — entrei em contato com a minha família, e me disseram que você havia se casado. Então não voltei e pedi para que não contassem que eu estava vivo. Permaneci no continente europeu, me restabeleci financeiramente e segui em frente.

— Não entendo. Mesmo quando não há impedimento, alguma coisa acontece e nos separa. O que será agora?

— Shhh. Não pense em nada, Melinda. Venha, deite-se na minha cama, durma um pouco.

— Não.

— Venha, por favor? Não vou te deixar sozinha. Cancelo os meus compromissos e fico aqui com você.

— Não quero te atrapalhar, William.

— Sabe quanto tempo estou esperando para ficar assim pertinho de você? Deixe-me cuidar de ti, Melinda? — Como dizer não para aquelas esmeraldas pidonas?

— Está bem.

William me abraça forte, e sussurra no meu ouvido:

— Eu te amo.

Nesse momento o meu corpo reconhece o dele imediatamente, e eu não me seguro e o beijo com toda saudade guardada, toda vontade reprimida, todo amor que me consome.

A minha pele está em chamas, a minha boca sedenta pela dele, e ele corresponde igualmente e avidamente, me apertando contra o seu corpo, acariciando as minhas costas, e mordiscando o meu pescoço, eu o desejo mais do que posso imaginar querer alguém na vida.

William desliza sua boca pelo meu pescoço, pela clavícula até chegar à parte superior dos meus seios, beijando-os delicadamente, arqueio o meu pescoço para trás, desejando mais e mais. Puxo a gola da sua camisa trazendo-o mais para perto e começo a soltar os botões que ainda estão presos. William suspira fundo e vai me afastando devagar.

— Quero você mais do que tudo no mundo, Melinda. Deus sabe o quanto é difícil resistir. A minha vontade é rasgar o seu pijama e tomá-la aqui mesmo. — Suspira passando as mãos pelos cabelos. — Mas não quero que desmaie de novo no melhor momento. Está sem comer desde ontem. Não jantou, e pelo visto também não comeu nada agora.

— Não sou tão fraca assim.

— Não é. Mas está. Vamos? Vai descansar agora enquanto preparo algo para você comer. Depois conversaremos melhor. E teremos tempo para matar a saudade.

William me guiou até o seu quarto. Ajudou a me acomodar. Deitou-se ao meu lado passando a mão sobre os meus cabelos bagunçados. Não demorou nada e afundei na inconsciência.

Revelações

Acordo com o cheiro delicioso de almoço invadindo o meu nariz, e fazendo o meu estômago dançar feito louco emitindo sons como se fosse o motor de um carro antigo. Definitivamente faminta. Abro os olhos, com muita preguiça, vontade de dormir por uma semana inteira pelo menos. Quando olho ao redor, reparo que não estou no meu quarto, só então lembro o que aconteceu. William...

Ponho-me de pé em uma fração de segundo. Ajeito o cabelo com a ponta dos meus dedos, confiro o meu hálito, e rapidamente encontro um antisséptico bucal. Isso deve servir. Em seguida saio do quarto em direção à cozinha, em um misto de felicidade e embaraço. Apesar de amá-lo insanamente, eu não o conheço. Não nesta vida.

Paro e me recosto no batente da cozinha, admirando a cena. William com um pano de prato jogado no ombro, mexendo o conteúdo de uma das panelas que estavam sobre o fogão. Tão distraído. E lindo.

Os fios avermelhados dos seus cabelos pareciam reluzir conforme ele mudava de posição e a luz pegava em sua cabeça. Talvez este seja o seu melhor visual de todas as vidas que tivemos. Ou eu apenas o ame ainda mais que antes, e tudo nele é simplesmente perfeito aos meus olhos.

Ele se vira subitamente, dando conta da minha presença somente neste momento. Coloca a colher sob a pia levando as mãos rapidamente até o pano e limpando-as.

— Já acordou? Fiz muito barulho?

— Foi outro barulho que me acordou. Vindo do meu estômago. — Ele gargalha.

— Que bom! Lembrando que sou um excelente cozinheiro. — Segura o meu queixo beijando o topo da minha cabeça.

— Veremos Senhor William. Sou muito crítica. — Cruzo os braços mantendo uma expressão séria.

— Ah! De bom humor! E fazendo piada. — William sorri deixando seus dentes extremamente brancos à mostra e sua covinha ali aparecendo novamente.

— Dá tempo de trocar de roupa? Estou com cara de doente com este pijama. — Faço uma expressão um tanto exagerada, enquanto abraço o meu próprio corpo para me esconder.

— Está linda assim! Aliás, você é linda de qualquer jeito. — William ainda com sorriso no rosto se aproxima selando seus lábios nos meus.

— Não! Não sou não. Tem espelho no seu quarto sabia? Eu me assustei assim que vi o meu reflexo. Não sou cega, míope, mas não cega — digo com a mão levantada e o dedo indicador em riste balançando de um lado para o outro.

— Dramática! — Faz uma careta engraçada. — Acredito que em torno de uns dez minutos finalizo tudo. Se você tem essa necessidade, fique à vontade. Vou deixar a porta aberta, não precisa nem tocar a campainha quando voltar.

Beijo-o rapidamente e vou para casa. Somente faço uma higiene rápida, porém necessária, tiro o pijama de doente e visto algo decente. Em poucos minutos retorno ao apartamento do William, relativamente revigorada e com muita fome. Que prontamente é saciada.

— Então? Como minha crítica favorita avalia a refeição?

— Divina. Apesar. — Mordo o lábio esticando para um lado apenas.

— Apesar de? — Ele inclina a cabeça fechando os olhos.

— O molho de tomate poderia ter cozinhado um pouco mais. Diminuiria a acidez.

— Está achando ácido? — A fala saiu um pouco alta e rápida.

— Brincadeira Will. Está perfeito! — Rio.

— Me chamou do quê? — Seu rosto está corado com os lábios esticados quase tocando as orelhas.

— Will. Desculpe. Você pode não gostar de apelidos, nós nem nos conhecemos direito. — As bochechas estão quentes e um frio leve atinge o meu estômago.

— Eu adorei, Melinda. — Pousa a sua mão sobre a minha acariciando-a. — Isso demonstra carinho e intimidade. Quanto a nos conhecermos, acho que nos conhecemos até demais. Temos uma eternidade juntos.

— Eu sei... quis dizer hoje. No presente. — Acho que me atrapalhei toda agora.

— Entendo. Talvez você precise deste tempo. E teremos. Agora que você voltou, podemos continuar de onde paramos. — Ele retira a mão que descansava sobre a minha falando calmamente, não aparente estar triste com o eu que disse.

— Obrigada. E por falar em continuar de onde paramos. Temos muito

para conversar. Muitas dúvidas, ainda.

— Claro! Mas antes, devo informá-la de que teremos companhia. Eu chamei duas pessoas importantes, que fazem parte da nossa história, para me ajudar nesta conversa. Elas devem chegar a qualquer momento. Você se importa?

— Se elas estão envolvidas em tudo isso. Acredito que vão ajudar a entender. — Disfarço a minha curiosidade.

— Então? Por onde quer começar? — William se levanta e me arrasta junto com ele até a sala onde sentamos lado a lado.

— Sinceramente, eu não sei. Me fale de você. De como começou esta... hum... Esta “coisa” de morrer e voltar a viver? Como nos conhecemos?

— Não tenho como ser muito direto, e se você não se lembrou do que já te contei antes, terei que falar do início de tudo, de tudo mesmo. Da minha existência. Sei que em um primeiro momento vai soar estranho, digamos que fantasioso demais, surreal. — Faz suspense.

— Nenhuma novidade até aqui. — Bufo frustrada.

— Eu não sou completamente humano.

Encaro-o com mais atenção e pensando o quanto isso ainda ficaria absurdo para mim, como se não bastasse esta coisa toda de voltar à vida, de amuleto, anjo dos desejos, e afins, ainda sou apaixonada por um homem que não é humano. Só falta me dizer que é de outro planeta.

— Eu sou um Nefilin. Meio anjo meio humano. Filho do anjo Calaliel.

— Anjo? Você é um anjo? — Franzo o cenho.

— Meio anjo. Minha mãe era humana.

— Você bateu a cabeça? Porque isto não é possível. — Rio dele.

— Engraçadinha! — Mostra a língua como uma criança emburrada.

— Você já ouviu a história da criação do mundo?

— Acho que já ouvi alguma coisa.

William relata sobre a guerra entre os anjos e tudo o que aconteceu durante a permanência dos anjos guerreiros na terra.

— Vocês têm algum poder especial?

— Existem alguns escritos antigos, que diziam que os Nefilins eram gigantes sem coração. Que éramos seres maus. Mas na verdade não temos poderes, nem somos gigantes, como você está vendo. Temos algumas diferenças, que podemos chamar de vantagens, relacionadas a vocês.

— Diferenças?

A campainha toca e William abre a porta para as suas convidadas. Uma não me surpreende, mas a outra, juro que nem no meu mais profundo devaneio, cheguei a cogitar que fosse ela.

— Juliana?

— Melinda! Está melhor? — Abre os braços subindo e descendo estreitando os olhos enquanto me analisa.

— Podemos dizer que sim. Você...

— Não fazia ideia. Eu sei, Melinda. Sou mesmo surpreendente, não acha? — Senta-se no braço do sofá ao meu lado erguendo uma perna para sustentar o seu braço enquanto apoia o queixo na mão me encarando e rindo.

— E lá vamos nós! Desculpe, Melinda, Ariel às vezes se empolga demais. — William a pega pelo braço guiando-a até a poltrona ao lado.

— Às vezes? William você está sendo muito modesto. Ela é a própria empolgação. — Seline ri, sentando-se ao meu lado.

— Obrigada por terem vindo. — Procuro voltar para o racional, se é que posso dizer que há algo lógico nisso, me controlando para não perder a paciência com Juliana. — Mas vamos aplacar os ânimos e continuar o que realmente interessa? Não quero ser mal educada, porém prefiro ouvir esta explicação depois.

— Como preferir, Mel. — Juliana, Ariel, ou seja, lá como se chama de verdade, falou de forma sarcástica.

— William, pode continuar, por favor? — Foco meu olhar nele.

— Melinda, a nossa diferença para um humano é que somos mais fortes, fisicamente. Temos mais resistência a doenças. E o que considero nossa maior dádiva, é poder voltar à Terra, à vida, quando nos aprover e da forma que escolhermos. — Ele fala pausadamente e com muita tranquilidade.

— Infelizmente, não temos asas, não podemos voar. Isso é trágico.

Nem somos fortes a ponto de segurarmos um avião com uma mão, ou pararmos um trem de alta velocidade. — Juliana se levanta levando a mão até sua testa jogando a cabeça para trás. Irônica e dramática. — Tão chato isso.. Uff! Mas podemos escolher a família que desejarmos, o local, a data que preferirmos. Eu já experimentei tudo, tudo mesmo. Já nasci na realeza, na pobreza, fui escrava, fui médica, pintora, bruxa. Adoro aprender na prática. Já Seline, prefere...

— Gosto de me sentir segura, aprendo mais observando. Não mudo muito minhas escolhas quando volto. — Seline interrompe Juliana chamando a atenção para si. — William, esqueceu-se de mencionar que também

podemos nos comunicar, sem interferir, obviamente, com humanos através dos sonhos.

— Leem mentes também? — falo entre risos. Não porque estou achando engraçado, mas por ser absurdo.

— Não querida, isso não. — Ela ri e toca o meu ombro de leve.

— Como nos conhecemos, William? — Sorrio maliciosamente para ele.

— Eu não posso contar. Isso você tem que lembrar.

— Nem uma dica? — Junto as mãos como se fosse rezar.

— Não. — Ele balança a cabeça sério. Por que as minhas táticas não funcionam com ele nesses momentos?

— Então apenas Nefilins voltam. E eu?

— Você só volta devido a uma jura de amor e a um pedido. — Juliana se pronuncia enquanto joga as pernas cruzadas sobre o braço da poltrona.

— Seline contou sobre a jura. Mas qual pedido?

— De ter a chance de vivermos o nosso amor. — William se aproxima de mim passando a mão pelos meus cabelos.

— Mas isso será assim para sempre? Quando...

— Vocês dois continuam voltando, porque não viveram plenamente. Não tiveram um final feliz, juntos. Quando conseguirem o “feliz para sempre” nenhum de vocês dois voltará mais. — Juliana responde antes que eu termine a minha pergunta, e ainda diz que não lê mentes.

— Não? Mas vocês acabaram de dizer que podem voltar quando quiser, então por que William não voltará mais? — Agora que não faz nenhum sentido mesmo.

— Porque eu escolhi isso. Para que o meu pedido fosse aceito, eu precisei fazer esta renúncia. O que significa que me tornarei completamente humano.

— E Abeodan?

— O que tem aquele ser abjeto? — Juliana se levanta de um salto da poltrona praticamente soltando fogo pelas narinas.

— Calma, Ariel! — Seline soa ríspida com ela. — O que quer saber sobre ele, Melinda? — Depois se dirige a mim de maneira carinhosa, como uma amiga ou irmã, imagino, mudando o comportamento instantaneamente. Talvez isso seja alguma característica dos Nefilins.

— Ele era humano? Só humano?

— Sim. E se está pensando que ele poderia voltar de alguma forma,

afaste esse pensamento. Você é uma exceção. — Seline continua.

— E considere isso um presente do seu sogro para você.

— Do meu sogro? Como assim?

— O que Ariel está querendo dizer, é que o anjo que concedeu a você poder de voltar à vida é Calaliel. — Seline explica calmamente, como se essa informação não fosse relevante.

— Meu pai, Melinda. — William dispara abaixando a cabeça, como se fosse algo indecoroso ou dolorido para ele.

— Você disse que ele não podia voltar à Terra. E eu me lembro de ter visto um anjo. Bem na minha frente, como se fosse de carne e osso.

— Eu pedi a ele que me ajudasse, de alguma forma. Em um sonho. E ele, entendendo o meu desespero, pediu permissão para nos ajudar. Por isso você o viu naquele dia. Foi uma exceção.

— Era mesmo o seu pai?

— Sim.

— E o quadro? Com a assinatura Clegg? Quem pintou? Por que você...

— Eu gosto de objetos de arte, Melinda. — William me interrompe delicadamente. — De qualquer forma eu só o comprei porque ele foi pintado pelo seu primeiro descendente. Seu filho com Abeodan.

— Eu tive um filho com aquele assassino? Isso soa muito esquisito. Mais ainda por você ter comprado o quadro do filho do homem que te matou. — As mãos estão molhadas, o peito apertado, e a garganta está com um nó imenso.

— Não pense assim. Precisava de descendentes para poder voltar. E o seu filho foi um bom homem. E carregou consigo o seu nome. Fez com que fosse transmitido de geração em geração. Apesar de Abeodan ser contra, o seu filho optou por adotar o Downing também.

— Ainda assim não me sinto confortável. Saber que me envolvi com aquele ser me causa náuseas. Ele matou Aiden também... como pude me envolver com ele?

— Você foi obrigada. Não escolheu isto. Pense que foi um mal necessário.

— Juliana, se disse isso no intuito de me fazer sentir melhor, seu tiro saiu pela culatra.

— Sensível sempre. — Suspira.

Franzo a testa e mostro a língua, me sentindo uma adolescente

revoltada, todavia Juliana estava me deixando muito irritada. Ela sempre foi um tanto folgada, mas agora está passando dos limites. E eu sem paciência. Respiro fundo e continuo a conversa.

— Afinal, o que aconteceu que nunca conseguimos ficar juntos?

— Não sei, Melinda. — Os ombros do William caem, e a sua face está triste.

— A minha teoria é que você é a única que sabe a resposta.

— Alguma razão para essa hipótese em especial, Seline?

— Na maioria das vezes que vocês estiveram muito perto de finalmente ficar juntos, você acabou desistindo, Melinda. Basta se lembrar de Isabel. — Ela me encara bem fundo, mas não é algo intimidador, pelo contrário é acolhedor. Suas imensas esferas negras lembram a serenidade de uma noite no campo.

— Não. Isabel lutou o quanto pôde. Não esqueça que o pai dela ameaçou matar Phillip. E depois de Veneza ela não podia arriscar.

— Você está certa em dizer que Isabel era muito corajosa, determinada, tanto que chegaram a se casar, porém o que tinham a perder? Sabia que poderiam voltar na terceira geração, por que não arriscar? Por que não se pôr na frente do Philip e descobrir se George realmente mataria vocês dois? Para mim, tem algo dentro de você que a impede de prosseguir. — Ela é taxativa e bem enfática.

— Se Seline estiver certa, precisa lembrar o que aconteceu com você, Melinda.

— Eu não pensei por esse lado. Como faço isso Will?

— Não se pressione, Melinda, apenas relaxe, aceite as lembranças presentes nos seus sonhos, e use a pedra. Tudo no seu tempo.

— Não sei se consigo.

— Você já conseguiu antes. É só acreditar e não resistir querida. — Seline afaga minhas mãos assim que termina de pronunciar essas palavras e sorri docemente. Eu sorrio de volta em agradecimento.

— Vou tentar, eu prometo.

— Melinda, estamos aqui para te ajudar, certo? Vamos participar um pouco mais ativamente nos seus sonhos, conversar e fazer perguntas para você, conforme as revelações surgirem nos sonhos. — Juliana segura em meus ombros e olha bem dentro dos meus olhos, para se assegurar de que estou entendendo o que diz.

— Juliana e eu estaremos com você. Entretanto você precisa se abrir

mais, aceitar a nossa presença durante o sonho, ou não poderemos fazer absolutamente nada. — Seline acrescenta de forma séria.

— Não sei como essa permissão funciona. Prometo me esforçar mais.

— Estarei ao seu lado, meu amor. Você pode dormir aqui em casa se isso te tranquilizar, ou posso ficar no seu apartamento, se preferir.

— Obrigada, Will.

É o que consigo dizer, afinal eu não sei se estar no mesmo lugar o tempo todo será confortável, nunca dividi o meu espaço com ninguém. Não nesta vida. Mesmo sendo o meu grande amor, ainda tenho questões internas para resolver. Não quero que isso nos afete, ou que o machuque.

— Melinda, tem outra coisa que você pode fazer. — A fala de Juliana me resgata para a conversa. Espero que não tenham percebido a minha ausência mental momentânea.

— O quê?

— Termine de ler os seus diários.

— Meus diários?

— Sim. Os seus diários. Isabel. Não se esqueça de que, apesar de falarmos de suas vidas como se fosse outra pessoa, ainda continua sendo você. Anna. Isabel. Joaquina, Hannah, Giulia, Elizabeth. Vocês são uma só. — Revira os olhos.

— Uff! É difícil falar de mim assim, por isso “elas”.

— Você se lembrou de coisas importantes quando foi Isabel. Chegou a fazer anotações, talvez esteja em algum desses diários. — Todos me olham atentamente.

— Fiz?

— Sim Melinda, você fez. Não dá para lembrar tudo em um curto período, por isso estou te contando esse detalhe, talvez ajude.

— Agradeço pela dica Juliana, eu vou procurar ainda hoje essas anotações.

— Ah, e tem um detalhe que você precisa saber. Você não viu tudo o que aconteceu em Veneza. Você acredita que morreu pelo golpe da espada?

— Sim. A espada me acertou. Ainda sinto a dor daquele dia.

— Melinda, se isso tivesse acontecido você não estaria aqui. Você sobreviveu, William não. Você sofreu muito, meses para se recuperar. E se casou com o rapaz que salvou a sua vida. Tiveram três filhos. Assim garantiu seu retorno até o momento. — Juliana solta a informação sem a menor piedade. E ainda mantém tranquilidade no tom de voz e nas expressões da

sua face, como se estivesse contando que mudou de emprego.

— Eu... não me lembro de nada após a espada me atingir. — Lágrimas começam a nascer, mas eu as seguro para não escaparem de mim.

— Não se culpe, Melinda. O que acha de descansar mais um pouco? Já obtive informações demais para um dia. — William me abraça ficando de frente para mim e tampando a visão que tinha de Juliana.

— Não Will! Não podemos perder tempo.

— Shhh.

William leva o seu dedo até tocar meus lábios e sorri. Diante daqueles lindos lábios rosados e daquela covinha perfeita, eu não resisto. Faço só uma careta para ele mostrando uma falsa indignação. Enquanto ele enxuga uma lágrima fujona.

Isso só aumenta o seu riso. William me puxa para um abraço forte e beija o topo da minha cabeça. Relaxo inteiramente ao seu toque. Seline e Juliana se olham rindo e cochichando. Fico sem graça e solto William.

— Seline, hora de irmos embora. Os pombinhos estão ansiosos para ficarem sozinhos.

— Não precisam ir agora, eu comprei bolo e uma torta para vocês, já que adoram doces.

— Obrigada, meu amigo, mas nós já vamos. Voltaremos mais tarde ou amanhã. Pode guardar os quitutes que comeremos depois.

E assim elas se vão. William prepara chá de camomila para mim. Ficamos no sofá assistindo filme na televisão. Eu com a minha cabeça apoiada em seu braço, tomando chá.

Ele acariciando o meu ombro com a sua mão, e rindo das cenas idiotas e sem o menor nexo. Vou me soltando e uma paz toma conta de mim, ouvindo a voz dele e sentindo o toque macio dos seus dedos sobre a minha pele.

Nós dois ali me lembrava dos meus pais. Eles sempre ficavam assim, abraçadinhos na lareira do casarão, ou assistindo qualquer coisa, até lendo livros no quarto.

Algo que eu sempre desejei, mas nunca tive antes. Será que isso era um indício de que desta vez eu teria? De que desta vez finalmente ficaríamos juntos? Eu não quero mais sofrer a perda dele.

— Dou um milhão por seus pensamentos.

— O quê? — respondo piscando.

— Você está longe.

— Na verdade não. Estou bem perto. — Sorrio.

— Perto? Quão perto? — As suas grandes esmeraldas me fuzilando novamente.

— Aqui!

Passo meus dedos sobre seus olhos, deslizando até seus lábios. Ele segura minha mão e beija carinhosamente a ponta de cada um dos meus dedos, depois coloca minha mão sobre seu rosto, o qual acaricio, fixando meu olhar no dele profundamente.

William sorri, pega meu rosto entre suas mãos aproximando seu rosto até nossos lábios se tocarem lentamente, até ficarem sedentos e urgentes um do outro. Ele tira suas mãos do meu rosto, colocando-as imediatamente sobre minha cintura, puxando-me para o seu colo, passo minhas pernas em volta do seu corpo, sentindo cada músculo do seu peito rígido colado ao meu.

Apenas as peças de roupas impedem que nossas peles se toquem. O que eu, sem a menor cerimônia, trato de me livrar. Arranco a minha blusa, sobre o seu olhar que me queima.

William abre levemente a boca e passa a língua pelos lábios, engolindo seco, fazendo-me sorrir de maneira vitoriosa. E quando enfim nossas peles se tocam, o meu sangue borbulha, o coração quase para.

Nossos corpos pertencem um ao outro, não tem mais como negar. Eu não posso fugir, não mais, mesmo que isso um dia se torne mais uma cicatriz, ainda assim vale a pena.

Eu o desejo mais que tudo, e ele corresponde perfeitamente. Suas mãos grandes e fortes passeiam pelas minhas costas me fazendo arquear a cabeça e ofegar. William solta meus lábios desenhando uma trilha de beijos iniciando pela minha bochecha descendo pelo pescoço até meus ombros, seguindo até o topo dos meus seios.

Eu quero mais e mais. De repente uma imagem surge nos meus olhos fazendo-me congelar. William percebe e lentamente me solta. Não consigo esboçar nenhuma reação.

— Melinda? O que foi?

— Eu não sei direito. Estou zozza. Parece que estou em dois lugares ao mesmo tempo. Acho que é a Estância. E então tudo fica escuro...

Doces Lembranças

Estamos na fazenda com vovó e vovô. Vovó fez bolo para mim, e comprou um vestido novo, rosa. Tem uma coroa de princesa. Subo correndo as escadas e vou direto para o meu quarto, coloco o meu vestido novo sobre a cama, depois do almoço eu vou colocá-lo para brincar, mas agora papai disse que tem outra surpresa para mim, então desço correndo ansiosa para saber o que é.

— Pronta?

— Sim, papai.

Ele pega minha mão e caminhamos para fora da casa. Tenho vontade de perguntar logo o que é, mas papai não vai dizer então tento me controlar. Caminhamos na direção das mangueiras.

Acho estranho. Será que tem um brinquedo gigante lá? Um parque só para mim? Com pipoca, algodão doce e sorvete. Papai para embaixo da árvore frondosa. Abaixa-se até ficar da minha altura.

— Espere aqui. Feche os olhos e não se mexa. Volto em um segundo.

A minha respiração acelera, chacoalho as pernas sem parar, tenho vontade de abrir os olhos, mas papai pediu para deixar fechado. Escuto o som de passos, vários passos. Param bem do meu lado.

— Pode abrir os olhos querida.

— Um pônei.

— Não meu amor, é um cavalo. Só que ele ainda é pequeno, mas vai crescer. E ele é seu.

— Meu? E como ele se chama?

— Você pode escolher.

— Hum...

Coloco o dedo indicador no rosto, pensativa.

— Ele é bonito, e tem cabelos esvoaçantes. Igual dos desenhos. Vou chamá-lo de Ventania.

— Ventania então.

— Posso andar nele?

— Ainda não, ele nasceu há uma semana. Precisa crescer um pouco. Porém você pode ajudar a cuidar dele. Dar banho, escovar o pelo, alimentá-lo. E quando ele estiver maior você poderá montar.

— Mas queria muito montar.

— Vamos fazer assim, eu te ensino a andar no meu cavalo, o que acha? Assim quando ele estiver maior, você saberá montá-lo sozinho.

— Então podemos começar agora?

Abracei meu pai pelas pernas olhando para cima

— Por favor?

— O que não faço por você? Vamos.

Uma luz forte quase me cega. E quando as cores e a paisagem surgem novamente, estou sentada embaixo da mangueira, com seis anos nesta época. Ventania é um cavalo adulto, ele está comendo grama e eu escorada no tronco da árvore.

— Melinda?

— Juliana?

— Sim. Conversamos hoje sobre te guiar certo?

— Sim.

— Estou aqui para isso. Apenas não resista, ok? Não vou te machucar de forma alguma.

— O que...

— Só relaxe, ouça o som da minha voz e deixe que suas memórias venham à tona. No momento certo eu digo o que fazer.

— Ok.

Respiro fundo, solto meus braços e ombros, quase como um alongamento, e então as imagens voltam à ação. Enquanto Ventania come, eu atiro pedras para o nada.

Ouçó barulho de folhas sendo amassadas por pisadas bruscas e fortes, giro meu corpo em direção ao barulho, Ventania nem se mexe. Avisto um garoto de cabelos estranhos sobre um cavalo vindo em minha direção. Ele diminui a velocidade sorrindo ao me ver.

Apeia o cavalo e desce. Caminha até mim segurando o seu amigo pelas rédeas. O cabelo dele é realmente estranho, é vermelho. Nunca vi ninguém de cabelo vermelho.

— Oi.

— Oi — falo, desconfiada.

— O que está fazendo?

— Ventania estava cansado de correr, então paramos um pouco. Quem é você?

— William. E você?

— Melinda.

— Você mora aqui?

— Não, moro na cidade. Meus avós moram aqui. O que você veio fazer na fazenda deles?

— Meu pai comprou este cavalo para mim. Vou fazer aulas para competir. Estamos procurando um lugar onde eu possa praticar. Parece que seus avós vão me deixar treinar aqui.

— Legal. Posso ajudar você se quiser. Eu tenho muita prática.

— Você? Tão pequena. Como consegue subir no cavalo?

— Ei garoto. Eu não sou pequena não. E é claro que consigo subir no meu cavalo ou em qualquer outro. Quer apostar?

— Quero.

— Você vai perder feio.

Pulo sobre Ventania. Acaricio suas crinas e dou um beijo no topo da sua cabeça. Sussurro próximo da orelha dele: *faça eles comerem poeira. Combinado?*

— Vamos daqui até aquelas duas árvores grandes depois do estábulo. Pronto?

— Claro que sim. Não vou perder de uma menina, ainda mais do seu tamanho.

Menino chato. Não sou pequena. Devia bater nele para ele aprender.

— Vou até te deixar sair primeiro, te alcançarei fácil, fácil.

— Vai sonhando garotinho.

Puxo as rédeas do Ventania e dou o comando para ele começar a correr, me obedecendo prontamente, Ventania dispara. O vento suave tocando o meu rosto e bagunçando os meus cabelos é maravilhoso. Só consigo pensar em liberdade e felicidade. Olho para o lado e o garoto do cabelo de fogo está bem ao meu lado.

— Não disse que te alcançaria fácil.

Balanço a cabeça mostrando a língua para ele e dou outro comando para Ventania ir mais rápido, ele corre, mas o garoto me alcança de novo. Idiota.

Faço Ventania correr ainda mais e mais, assim conseguimos deixar o garoto e o seu cavalo para trás. Paro girando até ficar de frente do ponto combinado para o final da corrida. Sorrio satisfeita e zombeteira. Ele chega alguns segundos depois.

— Eu disse que ganharia.

— Para uma menina você até que anda bem, mas isso não significa

que é melhor. Só teve sorte dessa vez. Vou querer uma revanche.

— Vai perder de novo.

— Não vou não.

— Crianças venham, hora do almoço. — Papai grita acenando da entrada do casarão.

— Estamos indo. Ei garoto, vamos logo, meu pai não gosta de demoras para as refeições.

— Está bem. Mas me chame de William. É irritante me chamar de garoto.

— Vou pensar no seu caso garoto.

Olho para ele rindo. Ele assopra o vento, como se isso fosse me assustar. Deixamos os cavalos nas baias e seguimos para o casarão. Vez ou outra eu ficava olhando para ele, para seus cabelos.

— Por que fica me olhando?

— Seu cabelo é estranho sabia?

— É vermelho e daí?

— Nunca vi ninguém de cabelo vermelho antes. Parece que sua cabeça está pegando fogo. — Gargalho com a mão na boca.

— E o seu é amarelo cor de ovo.

— Você é chato. O meu cabelo é de princesa e não de ovo.

— Você também é chata.

Dou um empurrão nele e saio correndo, ele corre atrás de mim. Outro clarão...

— Melinda? Este foi o dia em que se viram pela primeira vez nesta vida.

— Sim.

— Tente buscar mais lembranças. Relaxe e respire fundo.

Estamos de volta à gigantesca sombra da mangueira. William sentado ao lado das minhas bonecas, eu uso um vestido de princesa. Ele sorri, enquanto eu rodopio, gesticulo e falo ao mesmo tempo.

— Estou falando sério Will.

— Está bem.

— Eu vi você, esta noite. Só que você era maior, e usava umas roupas engraçadas, igualzinho à roupa dos príncipes dos livros.

— Você estava sonhando Mel.

— Sim estava, mas e daí. Os sonhos não viram realidade não?

— Isso é coisa para meninas, não tenho sonhos, eu durmo a noite

toda.

— Não vou te contar mais nada, você só sabe rir de mim. E não acredita nas coisas que eu digo.

Ele vai até mim e sem jeito me abraça me erguendo chão. Giramos até cair na grama.

— Você será sempre uma princesa para mim. Não fique triste.

— Você me acha boba, e fica rindo quando estou falando. Não serei sua princesa.

— Será sim. Vamos nos casar quando crescer lembra?

— Não sei se quero mais.

— Mel, você fica fofinha quando faz bico de brava. — William aperta as minhas bochechas. — Você me disse que sou o príncipe Aedre e você é a princesa Anna, então vamos nos casar. Não fique brava vai. Me conte mais sobre o sonho desta noite. Onde estávamos? Andamos a cavalo...

— Suas memórias afloraram muito cedo nesta vida Melinda. Continue. Tente ir para sua adolescência. — Juliana ordena.

— Está bem.

Relaxo o meu corpo mais uma vez segurando na pedra do amuleto. Penso na escola, e logo algumas imagens começam a surgir um tanto sem forma. Aos poucos vão se tornando nítidas.

Saio da sala de aula, o William está em pé conversando com outros garotos, quando passo por ele, ele sorri e segura uma mecha do meu cabelo, eu giro o meu corpo para o seu lado e ganho uma piscadinha, o que me faz sorrir de volta.

Continuo a andar até encontrar Elisa e o seu mundo da fantasia. Sento-me ao seu lado, ela me encara e abre um sorriso.

— Este rosto. Como eu não reconheci antes. Era você Juliana?

— Sim Melinda. Eu era Elisa. Não se atenha a isso agora, continue.

Conversamos sobre fadas, sobre príncipes e princesas e sobre sonhos. Eu começo a contar sobre mais um dos meus sonhos. Jéssica surge do nada e mesmo sem saber do que falávamos, ela nos ridiculariza.

Porém você apenas a ignora e continua sorrindo para mim e conversando, o que a faz sair bufando de raiva. William se aproxima, se senta ao meu lado, passando a mão nos meus cabelos.

— Não ligue para ela, Mel. Jéssica é só uma menina chata e invejosa.

— Não me importo com ela Will. — Ele beija a minha testa, sorri e sai.

Novamente uma luz forte me leva para outra lembrança. A aula acabou, estamos saindo da escola caminhando. Eu devo ter quinze anos já, tenho o corpo mais adulto. William está calado. Tento puxar conversa, mas ele não abre a boca. Entrelaço o meu braço ao dele.

— Quer ir comigo à Estância hoje? Podemos cavalgar um pouco.

— Não posso, Mel.

— Por favor, Will? Será divertido, eu prometo.

— Melinda, eu preciso ajudar o meu pai. Ele está sobrecarregado desde que vovô morreu. Já te expliquei isso — diz irritado.

— Sinto sua falta. Nunca mais fizemos nada juntos. Eu só tenho você de amigo agora.

— Assim que puder eu vou, ok? Só que hoje não dá. — Agora está um pouco mais suave.

— Tudo bem, não vou mais insistir. Faça como achar melhor.

Solto seu braço e começo a andar mais rápido que ele. William me chama, mas não olho para trás. Encontro o meu pai no estacionamento e seguimos para casa.

Vou direto para o meu quarto alegando que estou com dor de cabeça. Deito-me na cama, choro até pegar no sono. Sonhos se formam na minha mente. Várias cenas minhas com Aiden, depois com Aedre e todos os nossos momentos felizes juntos.

Em seguida as cenas felizes se transformam em dor, todas as nossas separações aparecem, lágrimas descem pela minha face. Completando a agonia do momento, vejo Aedre e Aiden sendo mortos repetidas vezes.

O que mais me choca é quando me aproximo dos corpos deles com Abeodan puxando o meu braço violentamente, e o rosto de Aiden paralisado, com seus doces olhos azuis abertos com expressão congelada de dor. Acordo segurando a pedra do meu colar, ainda com lágrimas nos olhos.

— Eu não quero isso acontecendo comigo. Não quero mais estes sonhos. Por favor, me deixem em paz. Seja lá o que vocês são. Não quero amar ninguém.

— Não pare Melinda. — Juliana insiste.

Pisco meus olhos, as imagens embaçadas, até sumirem e tudo ficar branco.

— O que está acontecendo Juliana?

— Você está bloqueando. Se acalme e deixe as lembranças te dominarem.

Fecho os olhos outra vez. Inspirando e expirando lentamente. As imagens começam a voltar. Estou na sala de aula, concentrada escrevendo alguma coisa.

Jéssica se levanta com um papel na mão junto com suas fiéis seguidoras. Ela começa a ler, sinto o meu rosto ficar vermelho e uma vontade imensa de levantar e socar a cara dela me invade, eu me controlo. O seu texto me ridiculariza por completo. William se levanta bruscamente e impede Jéssica de continuar a me humilhar. Eu o agradeço, mas não dirijo nenhuma palavra a mais.

Naquele momento eu juro para mim mesma, farta de tudo, que não queria mais saber de sonhos, histórias de amor, tudo relacionado ao que não tinha evidências ou provas. E que não queria mais ter amizades, nem mesmo com o William. Eu ignoraria todos à minha volta.

— Melinda! Acorde! Abra os olhos, por favor?

Ouçõ a voz familiar e grave do William. Os meus sentidos começam a voltar vagarosamente. Levanto minhas pálpebras, piscando algumas vezes, até que finalmente consigo sustentar meu olhar em William.

— Você está bem? Fiquei preocupado, Mel.

— Estou bem.

— Que bom que acordou. — Só ao escutar a voz da Juliana que percebo que ela está no quarto.

— Você está aqui?

— Eu a chamei assim que você desmaiou.

— Obrigada por ter vindo, e por me ajudar no sonho. Elisa — digo o nome pausadamente sorrindo.

— É sempre um prazer ajudá-los. — Ela sorri de volta.

— O que é isso agora? Elisa?

— Melhor você mesma explicar, Melinda.

— Will! Desculpe-me. Seline estava certa. Eu não sei como fiz, mas apaguei tudo. Eu já havia voltado algumas vezes às nossas vidas. E já sabia de muita coisa desde criança.

— Não precisa se desculpar, Mel.

— Preciso, talvez tivéssemos resolvido a nossa história bem antes. Juliana era Elisa que estudou conosco. Acho que ela me protegeu durante um bom tempo na escola.

— Era minha missão, só a estava cumprindo. — Juliana pisca para mim.

— Não liguei você a ela em nenhum momento desde que me lembrei de tudo, Ariel. — William continua surpreso com mais uma identidade da Juliana.

— Claro que não, nem poderia. Esta foi a primeira vez que ela se recordou antes de receber o amuleto. Você não acessou as suas recordações junto com ela, não era o momento certo. Não sei explicar por que, nem adianta perguntar.

— O que importa é que agora eu sei o motivo pelo qual fugi de todo mundo. Depois que brigamos no estacionamento da escola, eu tive um sonho. Um único sonho. Eu vi várias vidas nossas e todas as nossas perdas. E Aiden. Anna era ligada, muito ligada, a ele. Eu não suportei a dor de perder você tantas vezes e ainda perdê-lo. Eu o vi tão perto. Tão sofrido. Ele se sacrificou por nós dois.

— Aiden a amava demais, Melinda. Vocês eram gêmeos.

— O que disse Will?

— A sua ligação com ele era profunda. Ele nasceu pouco antes de você, minutos talvez. Aiden nunca permitiria que você sofresse Melinda.

— No entanto, eu o matei. — Vejo a cena de Aiden caído sobre o próprio sangue.

— Não pense assim. Aiden sabia do risco. Eu pedi para que ele ficasse longe, mas ele não me ouviu. — William me consola.

— Só queria que ele tivesse a mesma chance que eu tive Will. Mesmo que fosse uma única vez. Ele merecia ser feliz.

— Eu sei Mel.

William passa seus braços em volta do meu corpo me trazendo para junto de si, me consolando. Juliana segura a minha mão. Ambos ficam ao meu lado até eu me recompor.

— Will!

— O que foi meu amor?

— E se a chave para isso tudo for Aiden? — A minha voz sai um pouco mais animada.

— Como Melinda?

— Não sei.

— Ela pode ter razão Will. Talvez o problema seja como Melinda se sente pela morte de Aiden.

— Se for isso você só tem uma opção Melinda. Perdoar a si mesma, ou me perdoar.

— Eu não te culpo, nunca te culpei Will.

Aproximo o meu rosto do dele e o beijo com todo o meu coração. Eu nunca o culparia por isso. Sei que ele jamais faria algo que pudesse machucar alguém, muito menos Aiden.

— Eu preciso encontrar o que escrevi para mim mesma quando era Isabel. Talvez tenha me lembrado de alguma coisa naquela época. Eu vou para casa e só saio de lá quando encontrar.

— Vou com você. Não te deixarei sozinha, você pode passar mal de novo.

— Não precisa de desculpas para vir comigo Will. — Rio da careta que ele faz.

— Vamos. — Entrelaço nossas mãos e saio puxando-o.

— Vou também.

Juliana nos acompanha toda saltitante. Abro a porta passando como um furacão através dos cômodos até chegar ao meu quarto. Os diários estão espalhados sobre a escrivaninha. Pego todos eles e espalho sobre a cama.

— Já que estão aqui, sintam-se à vontade em ajudar a procurar por este bendito bilhete, carta, ou seja, lá o que for.

— Sim, senhora.

Juliana diz batendo continência para mim, e gargalhando logo em seguida. Sorrio, e volto a focar no que interessa. Folheio cada página, vasculho as capas para ver se tem algo escondido como um compartimento secreto. Diário após diário, e nada.

Verifico, mais uma vez, e nada. Frustrada, me jogo na cama sobre os diários, exausta. Olho para o teto, levando a mão direita sobre o meu colar. William e Juliana continuam analisando os diários calmamente, e não notam meu desânimo. Cerro minhas pálpebras.

A imagem nítida da Isabel desponta em minha frente. Ela pega um papel sobre a sua penteadeira. Escreve calmamente. Assina e o dobra. Segura entre as suas mãos, pensativa.

Analisando ao redor do seu quarto. Então abre uma das portas do seu guarda-roupa. Pega um vestido muito familiar para mim, desdobra-o e o revira do avesso. Com uma tesoura desfaz parte da costura.

Dobra o papel mais uma vez, e o coloca dentro do tecido do vestido. Retira uma agulha, passa linha branca em sua abertura, fechando a parte do tecido que havia aberto. Guarda todos os apetrechos utilizados, colocando no lado certo, dobrando e o guardando novamente.

— Aqui estará seguro. — Aperta a pedra fechando os olhos. — Isto é para você, ou melhor, para mim, meu eu do futuro. Espero sinceramente que encontre e faça bom uso.

Abro os olhos, salto bruscamente da cama, assustando William e Juliana. Vou até o meu guarda-roupa, abro a porta e retiro a caixa com o vestido do casamento de Isabel. Retiro-o e o estendo sobre a cama.

William e Juliana seguem com o olhar cada movimento que realizo. Vou até o banheiro, abro a gaveta do armário, tiro a tesoura retornando para o local que deixei o vestido. Ajoelho no chão e começo a cortar a linha desmanchando a costura da cintura do vestido.

— Que diabos está fazendo, maluca? — Os olhos da Juliana parecem saltar da face.

— Maluca? Observe, Juliana, depois tire as suas conclusões. — Continuo abrindo a costura.

— Este é o vestido do nosso casamento?

— Sim Will. Este mesmo. Do casamento de Isabel e Phillip.

Termino de abrir o buraco feito no vestido com os dedos, para logo em seguida puxar o papel amarelado bem dobrado para fora.

— Aqui está.

Levanto do chão e pulo com a mão para cima.

— Como pensou em procurar no vestido?

— Não pensei, Juliana. — Aponto para o amuleto. — Ele me mostrou.

— Abra logo, Melinda. O que está escrito? — Juliana se aproxima agitada.

— Calma, Juliana. Melinda precisa de paciência. — William a repreende.

Ao desdobrar o papel amassado e desgastado, noto que as letras estão um pouco apagadas, mas ainda é possível ler.

Querida “Eu” do futuro. Espero que esteja bem e tenha tido mais sorte do que eu agora. Também desejo que tenha encontrado os diários que escrevi, pois tudo que botei naquelas linhas poderão te ajudar de alguma forma.

As nossas lembranças não voltam de forma ordenada, como você já deve ter notado. São como peças de um quebra-cabeça que eu não fui capaz de decifrar completamente. Falhei em lutar por Phillip, principalmente

porque foi uma das vezes que mais nos aproximamos do nosso tão desejado final feliz.

Todas as vezes que chegamos perto, acontece algo, entretanto, quando refleti com calma repassando todos os detalhes de cada uma das lembranças que tive, não vi ligação entre os motivos que nos separaram. Alguns até se repetiram, tais como as vezes que nossas famílias brigaram, mas não foi exatamente este o motivo de todas as separações. Não acredito mais que seja uma força externa que nos separe. Somos nós.

Eu já desperdicei a chance desta vida, mas você ainda pode decifrar este enigma. A minha sugestão é que volte para a vida de Anna. Antes mesmo de conhecer Aedre. Entenda a relação com a nossa família. Repare em nossas lembranças, o quanto a perda de Aiden foi um tormento. Não acredito que ele seja exatamente a resposta, mas sim um pedaço dela.

Desejo-lhe muita sorte.

Com amor.

Isabel Downing.

— Então? — pergunto depois de ler em voz alta.

— Sua teoria sobre Aiden começa a ganhar força Mel.

— Eu não sei, Juliana. Mas também acredito que Melinda precisa lembrar mais detalhes da época de Anna.

— E como vou induzir isso? Pois ficar esperando as minhas memórias retornarem naturalmente não ajuda muito. É lento demais. Precisamos ser mais rápidos desta vez, William.

— Concordo com Melinda, Will.

— Use o amuleto, Melinda. — Ele responde ranzinza.

— Já estamos fazendo isso Will, porém... não quero mais esperar. Eu quero resolver de uma vez.

— Você pode dormir por mais tempo, assim podemos prolongar os seus sonhos. Eu entro com você como fizemos da última vez e vou te guiando. — Juliana sugere animada.

— Por mim tudo bem. Só tem um problema, como vou dormir por tanto tempo? Só se eu entrar em coma...

— Não ouse fazer nada, nem sequer pensar em nada que atente contra a sua vida, Melinda. Nunca vou permitir. Está ouvindo? — William segura os meus braços me deixando de frente para si. Os seus olhos são uma tempestade cheia de tornados e raios.

— Ei! Calma, Will! Não vou fazer nenhuma besteira. — Abraço-o com toda a minha força, depois o fito intensamente. — Não quero te perder, confie em mim, não farei nada imprudente. Mas temos que encontrar um meio de me deixar dentro do sonho por mais tempo, sem consequências graves.

— Não gosto disso, Mel. Podemos resolver tudo com calma. — William abaixa a cabeça ainda segurando os meus braços.

— Mas eu não aguento mais. Não conseguiremos ter um relacionamento normal se continuar com esses sonhos me assombrando, e o tempo todo pensando que dia será o nosso fim. Não dá para viver assim, Will. Então eu farei o que for necessário. Posso tentar remédios para dormir. Se tomar uma boa quantidade, posso dormir bastante.

— Remédios também matam, maluca. — Juliana dá um tapa na minha cabeça. — Vamos tentar outra coisa que não te mate. Podemos pedir para Seline nos ajudar com essa questão.

— Como Juliana?

— Seline tem um vasto conhecimento e experiência com ervas. Ela pode preparar alguma infusão que te mantenha em um sono profundo por mais tempo.

— Continuo contra tudo isto. É muito arriscado. — William solta meus braços e anda pelo quarto passando as mãos pelo cabelo.

— Eu topo. Pode falar com ela, Juliana. De preferência para ontem.

Seline chega algumas horas depois, trazendo uma bolsa cheia de plantas esquisitas e com cheiro mais esquisito ainda. Ela usa a minha cozinha para preparar tudo.

Quando o líquido verde viscoso com cheiro de mato velho fica pronto, vamos para o meu quarto, fechamos as cortinas deixando o ambiente escuro. Juliana acende alguns incensos com cheiro mais agradável que o líquido verde.

Visto um pijama confortável. Seline me entrega uma xícara com o chá. Levo a xícara até a minha boca. Ela segura a minha mão.

— Antes de tomar, você precisa saber que não terá apenas sensações de realidade, você estará de volta ao corpo da Anna. Não faça nada, não assuma o controle dela, Melinda. Não modifique nada. Se fizer isso você vai alterar o passado e o futuro de todos os seus descendentes, todos sem exceção, e de todos os envolvidos direta ou indiretamente com eles. Você poderá causar uma catástrofe para muitas vidas inocentes.

— Não farei nada de diferente, Seline. Eu prometo.

— Eu vou também, Seline. Não posso permitir que Melinda se arrisque sozinha. — William pega a mão de Seline implorando com os olhos.

— Você conhece as regras melhor do que ela, William. Cuidado.

— Daqui a pouco encontrarei vocês. Não tomarei essa coisa nojenta, de jeito nenhum. — Juliana faz uma careta colocando a língua para fora. — Mas estarei lá. Durmam bem.

— Will. Você não estará com Melinda o tempo todo. Enquanto não se encontram, fale com Calaliel. Ele te ouvirá.

William balança a cabeça em sinal afirmativo, se vira para mim, beija a minha testa e enfim tomamos o chá. Deitamos lado a lado com as mãos entrelaçadas. Alguns segundos depois os meus membros começam a formigar e não consigo mais me mexer, caindo em um sono profundo.

Aiden

Estou na beira do rio com uma montanha de roupas pesadas e sujas. Sinto o vento frio cortar a minha pele. O tecido velho e fino do meu vestido permite que o ar gélido atinja todos os meus músculos, que doem e estão rígidos.

Abaixo-me ficando de cócoras. Penso mil vezes antes de tocar a água, todavia o dever fala mais alto e começo a molhar peça a peça de roupa. Assim que a água atinge a minha pele, sinto algo parecido com várias agulhas perfurando o meu corpo, tenho vontade de chorar. Respiro e continuo minha tarefa árdua. Ouço um barulho atrás de mim.

— Santo Deus, Anna! O que faz aqui? Vai congelar neste vento infernal. — Se aproxima me ajudando a levantar.

— Aiden! Assustou-me! O que posso fazer? Há dias que não lavamos nada devido ao mal tempo. A mãe está furiosa comigo por ter deixado acumular. Não temos mais peças limpas. Todas já foram usadas por muitos e muitos dias a fio.

— Poderíamos usar mais dias a fio. Não há problema algum nisso. O pai e a mãe são cruéis. Chego a pensar que não gostam de nós. Deixe-me te ajudar.

— Não precisa, estou terminando. E já estou acostumada, mas você não. Ficará doente.

— Se vou ficar doente você também vai. Anda, me passa estas que já lavou. Eu estendo para você.

— Obrigada.

Aiden beija a minha cabeça e sai com várias peças molhadas e pesadas pingando pelo caminho. Faz isso várias vezes até terminarmos tudo.

Vamos para casa juntos e abraçados, para aplacar um pouco o impacto do vento frio em nossas vestes molhadas. Assim que entramos em casa, ele acende o fogo e eu preparo uma infusão para ajudar a nos aquecer.

— Onde o velho está?

— Papai foi para a cidade. Não o chame assim Aiden. Ele é complicado, mas é nosso pai.

— Anna, não seja ingênua, na primeira oportunidade ele não pensará duas vezes em te descartar.

— Por que pensa assim?

— Ele fez apostas exageradas da última vez que foi à vila, perdeu boa parte da nossa renda. E bebeu quase a metade do que sobrou.

— E por que isso faz dele uma má pessoa?

— Por que acha que ele leva a mãe com ele toda vez que vai à vila?

— Para ajudar com a venda da lã.

— Não, Anna. Mamãe é o pagamento.

— Não pode ser, Aiden.

— Eu vi, Anna, ninguém me contou. Tenho medo deles fazerem o mesmo com você.

Um arrepio percorre toda a minha espinha, me deixando paralisada e horrorizada.

— Eu me inscrevi para a guarda.

— A guarda real?

— Sim. Não quero depender dele, está na hora de ter a minha própria vida. E quero tirá-la daqui o quanto antes.

— Assusta-me falando desta forma.

— Anna, pense. Quando foi que eles se importaram conosco? Desde que tenho a primeira lembrança, sempre fomos nós dois um pelo outro.

Aiden tem razão, não me lembro de um carinho sequer. Nenhum abraço, nem mesmo de nos dar o que comer. Desde muito cedo aprendemos a nos alimentar do que quer que fosse, nos abrigar e nos proteger sozinhos. Sempre que falavam conosco era para ordenar alguma tarefa difícil.

— Por que essa expressão tão triste?

— Se você for embora, não terei mais ninguém por mim, Aiden.

— Eu não vou embora ainda, Anna. Mas tenho que encontrar uma forma de nos sustentar...

Uma escuridão leva todas as imagens embora.

— Não desista, Melinda. Continue. Pense na entrada de Aiden para a guarda. O que aconteceu quando ele começou a trabalhar para o rei Edwin?

Eu fiquei sozinha. Todas as obrigações da fazenda recaíram sobre mim, eu vivia exausta. Cuidava dos cavalos e das ovelhas. As refeições também eram da minha responsabilidade.

Saía assim que o sol aparecia e só voltava para casa quando o sol se escondia. Mamãe estava grávida, eu tinha que cozinhar à noite. E cuidar da roupa, lavar e costurar.

Papai passava dias fora e quando voltava estava sempre tomando vinho do barril. Ele cheirava mal. Aiden enviava frequentemente um

mensageiro com notícias.

Ele havia conhecido uma moça muito bonita, de família importante, que simpatizavam com ele. Em uma das suas mensagens, disse que pretendia se casar com ela. Mas ainda não havia feito o pedido.

Estou cansada, mamãe está dormindo e papai também. Desabo exaurida no que deve ser uma cama. Escuto o trotar de um cavalo. Alguém bate na porta. Forço a me levantar e caminho até ela. Pergunto quem é quase sussurrando para não acordar meus pais.

— Anna, sou eu.

Abro a porta rapidamente e pulo em seus braços, não contendo a minha felicidade em vê-lo novamente.

— Aiden!

— Onde estão os velhos?

— Dormindo.

— Como você está? — Ele segura o meu rosto em suas mãos.

— Bem.

— Não parece nada bem, Anna. Mas tenho novidades, boas. — Sorri largamente.

— Conte-me logo.

— Consegui uma casa na cidade. É pequena, mas já é alguma coisa.

— Que notícia maravilhosa.

— Também subi de patente, o que significa um aumento na minha renda. Acredito que em pouco tempo possa te levar para morar comigo.

— Não se preocupe, Aiden. Estou bem. E você deve pensar em construir a sua família. Já falou com o pai da moça?

— Como sabe? — Ele sorri preenchendo toda a sua face.

— Você está diferente, mais corado, forte e feliz. E pelas suas mensagens eu já esperava por isso. Quando vou conhecê-la? E como ela se chama? — Puxo-o pela mão fazendo se sentar no banco perto de mim.

— Em breve a conhecerá. Chama-se Sunniva. Acredito que serão grandes amigas. Já disse a ela que pretendo te levar para morar conosco. Ela entendeu e aceitou.

— Aiden, eu não quero atrapalhar, nem ser um peso. Eu posso lidar com papai e mamãe, saberei me defender se for necessário. Não quero que se preocupe comigo.

— Anna, minha metade. Como posso ter paz se continuar nesta vida? Se fizerem algum mal a você, farão a mim também. O que sente eu também

sinto. Somos quase um só. Nunca a deixarei, Anna. Nem pense nisso. Um pelo outro lembra? — Aiden segura a minha mão e a beija. Deito a minha cabeça em seu ombro fechando os olhos.

— Lembro. Juramos sempre ajudar um ao outro, sempre estar do lado um do outro. Você disse: “somos a mesma carne”. Sabe Aiden, por mais dura que tenha sido a nossa vida, desde pequenos, sinto falta das nossas brincadeiras, do nosso tempo juntos. — Olho para ele que tem uma expressão pensativa, saudosa. — Como o amo meu irmão. Não há dádiva maior do que ser sua irmã, de termos compartilhado desde o início o mesmo espaço, os mesmos sentimentos. Sou muito grata a isso.

— Ah, Anna. Também sou muito grato por tê-la em minha vida, e eu te prometo, farei o que puder para vê-la bem e feliz. E já que mencionou que estava com saudades do nosso tempo juntos, o que acha de ir comigo até a vila amanhã? Quero lhe dar um presente. — Faz um carinho na minha cabeça.

— Adoraria, Aiden. Mas mamãe não vai permitir.

— Não se preocupe com isso, sei como a convencer. Agora vamos dormir, você está cansada...

Novamente mergulho na escuridão e no silêncio. Ouço apenas os comandos de Juliana.

— Descanse um pouco, Melinda, precisa repor as energias.

Obedeço focando apenas na minha respiração.

Calaliel

Não gosto de usar este tipo de artifício. Não podia deixar aquela teimosa entrar nessa sozinha. Melinda às vezes consegue me tirar do sério fazendo um monte de tolices. Desde que adormecemos estou em uma espécie de limbo. Não obtive sucesso da minha parte. Seline está fazendo de tudo para ajudar.

— William? Melinda já está perto de te encontrar. Você precisa falar com Calaliel. — A voz dela é quase um eco sussurrante.

— Estou tentando, Seline.

— Insista. Ele te atenderá.

— Tudo bem, Seline — inspiro e expiro me concentrando ao máximo.

Procuro as palavras certas e foco em Calaliel. Busco todo o meu sentimento e respeito antes de lhe dirigir as palavras. Não quero que ele seja punido mais uma vez e que eu seja o motivo. O Criador já foi misericordioso conosco, além disso, me deu mais do que eu mereço. E o meu pai já pagou pelos seus erros. Sinto um cheiro de brisa fresca, o meu corpo fica leve como uma pluma. O cheiro se aproxima cada vez mais. Então desaparece.

— Não tenha medo Will, falar com você aqui é permitido, ele não desobedecerá ao Criador. — Seline me encoraja.

— Calaliel! — inspiro fundo. — Por favor, preciso falar com você, meu pai.

Um silêncio perturbador toma conta do limbo onde me encontro. Nenhum movimento. Nenhum som. Apenas o nada. O ritmo frenético das batidas do meu coração evidencia a minha angústia. O suor escorre pela minha face. Penso em desistir, mas novamente o cheiro de brisa fresca aparece novamente. Está ao meu lado. Algo toca a minha face. É macio e reconfortante.

— Aedre!

Calaliel. Ele me ouviu. A sua voz firme e ao mesmo tempo calma faz minha cabeça se levantar e encará-lo com respeito e devoção. É muito bom poder estar perto dele, mesmo que seja desta forma. Há muito tempo não ouvia a voz dele. Nem sentia o seu toque tão amoroso.

— Não tenha receio de falar comigo, meu filho. Aqui não há problema algum. — Ele sorri. As suas asas de penas brancas imponentes se recolhem atrás das costas.

— Não quero que desobedeça ou faça algo que desagrade ao Criador, por minha culpa, meu pai.

— Não farei isso.

— Me perdoe por insistir, o senhor já atendeu ao meu pedido. — Abaixo a cabeça. — Não quero lhe pedir que faça mais nada. Apenas preciso de um conselho, de uma explicação que possa nos ajudar a entender o que deu errado.

— Vocês não fizeram nada de errado meu filho. Seus pedidos foram atendidos. — Ele se abaixa tocando em minha face e levantando o meu rosto para que o olhe diretamente nos olhos.

— Não entendo pai. Se não há nada errado, como não ficamos juntos ainda? Por que sempre há um problema que nos separa?

— Aedre, não há problema. O que sempre os separa é o medo dela. Melinda não confiou no que pediu.

— Não fizemos o mesmo pedido?

— De certa forma sim, porém ela desejou algo a mais do fundo do coração. E foi concedido. Mas para se concretizar, ela precisa acreditar no que desejou. Quando vocês estiverem juntos no momento exato em que fizeram seus pedidos, ajude-a a lembrar do que seus corações pediram.

— Não posso interferir no passado. Como vou ajudá-la?

— Suas guardiãs estão aqui para isto. Guiá-los. Não se preocupe, elas saberão o que fazer, elas ouviram o que eu acabei de te explicar. Quanto a Melinda, segure a sua mão como fez naquele dia. Deixe-a senti-lo, transmita a ela todo o seu amor, isso a ajudará. E não se esqueça, estarei com vocês. Sempre estou.

— Obrigado por tudo, Calaliel. Principalmente pelo privilégio que é viver. Se não fosse por você, meu pai, e por minha mãe, eu não existiria, e não teria experimentaria o mais nobre e belo de todos os sentimentos. O amor.

— Eu também te agradeço meu filho, por existir e por também se preocupar comigo. Só não fique tão longe, não tenha medo de mim nem do Criador. Não posso ir até você, mas pode vir até mim. Sempre que precisar de um conselho, ou apenas conversar eu estarei aqui Aedre. Eu sempre olho por você, e continuarei. Amo você meu filho, do meu jeito e dentro do meu possível.

Calaliel me abraça e me envolve em suas asas. Seu calor é agradável e confortável, transmite paz, segurança e amor....

Juramento

— Melinda, hora de retomar. Vá para o acontecimento que marcou a vida de Aiden.

— O que houve com ele?

— Não perca o foco Melinda. — Juliana tem pressa.

Direciono toda a minha atenção e sentimento para o que ela me orientou. A cena que me encontro se passa na casa de Aiden em Eoforwic. Ele está sentado próximo a uma cama, onde uma mulher de longos cabelos loiros está deitada, seus olhos estão fechados, ela não se move.

Aiden tem o olhar vazio e cansado, está muito abatido. A mulher tem a pele amarelada, olhos fundos arroxeados. Caminho em direção ao meu irmão com um copo na mão.

— Aiden. — Sussurro aproximando-me lentamente. — Beba isso, vai ajudar a descansar um pouco. Eu fico com Sunniva.

Aiden assente com a cabeça, levanta-se e segue em direção a outro cômodo. Seguro a mão da mulher notando que sua pele está fria. Toco seu rosto. Ainda emite um calor fraco.

O seu corpo não dá sinais de melhoras. Molho um pedaço de pano em um recipiente ao lado da cama e passo pelo seu rosto. Ela não esboça a mínima reação. É questão de horas para ela nos deixar de vez. Choro em silêncio pela dor de Aiden. Ele a ama perdidamente. Estão casados há pouquíssimo tempo.

O bebê também não está nada bem. Eu tento alimentá-lo com leite através de uma colher, porém ele mal consegue ingerir. Está sempre febril. A cor da sua pele é estranha. É um menino.

Aiden ainda nem o nomeou. Não acredito que terá tempo para fazê-lo. Sigo para o outro quarto para verificar como Aiden está. Desde o parto ele não dorme, não come, e não fala. Há cinco dias desse jeito. Sunniva só piora. Meu Deus, o que será do meu irmão? Aiden não merecia passar por isso.

— Aiden? Quer que eu traga algo para comer?

— Não, Anna.

Sento-me na cama ao seu lado. Passo a mão nos cabelos negros, e beijo sua testa. Permaneço lá em silêncio, respeitando a sua dor. Após alguns minutos tento me levantar, mas Aiden segura a minha mão. Olha para mim com lágrimas contidas nos olhos.

— Anna, ela não vai sobreviver. E nem meu filho, eu sei.

— Não pode afirmar isso, Aiden. Mas aconteça o que acontecer eu sempre estarei com você.

— Ela perdeu muito sangue...

— Sim.

Naquela noite Sunniva morreu, e meu irmão quase morreu junto, de fato, uma parte dele definitivamente se foi. Eu o segurei nos braços a noite toda, enquanto ele chorava. Eu nunca tinha visto Aiden assim, ele nunca havia derramado uma lágrima até aquele momento. Dias depois seu filho também partiu.

Aiden não parecia mais humano. Era só um fantasma se arrastando pela casa. Aos poucos ele foi se recuperando, eu permaneci em sua casa até ele retomar sua vida. Convenci-o a deixar aquele lugar e voltei para a fazenda dos meus pais. Aiden passou a ficar mais e mais tempo em missões com o rei.

Um ano depois, Aiden retornou para Eoforwic, ele havia se recuperado, voltou a estampar um sorriso no rosto, mas afirmava que jamais seria capaz de amar outra mulher.

Poderia se casar outra vez. Entretanto não seria igual, nunca mais. E foi neste retorno que Aiden trouxe consigo o que se tornaria o meu bem mais precioso. Aedre.

Eles se conheceram em uma das missões. Aedre acabara de entrar para a guarda real quando se encontraram. Aiden era seu superior, o que não os impediu de se aproximarem e se tornarem amigos.

Ao findar a missão, Aiden convidou Aedre para passar uns dias em Eoforwic e o levou para a fazenda quando foi nos visitar. Eu estava nas margens do rio abastecendo os recipientes de água.

Parte das vestes suja de lama e meus cabelos bagunçados pelo vento. Encontro-me de costas e abaixada coletando a água quando eles se aproximam, ouço o barulho de passos amassando as folhas secas no chão, mas não me importo, pois imagino que sejam os gêmeos. É então que ouço a voz de Aiden.

— Anna, não vai me cumprimentar?

Solto o recipiente que seguro e levanto, virando-me bruscamente em sua direção, e correndo para um abraço.

— Aiden! Que bom que voltou.

Solto-me de seus braços e começo a analisar o seu corpo em busca de ferimentos.

— Está bem? Não se machucou desta vez não é

— Estou bem, Anna. Fique calma. Gostaria de te apresentar Aedre Bowe. Nós servimos juntos na guarda.

Só então me dou conta de que há outra pessoa presente. Coro, envergonhada pela minha atitude exagerada. E mais ainda quando me lembro da minha aparência deplorável.

— Desculpe-me senhor pelos trajes e pelo arroubo momentâneo. Faz um ano que não vejo o meu irmão.

— Não há do que se desculpar. Entendo perfeitamente. E admiro muito o sentimento entre ambos.

— Anna, seria incômodo pedir que preparasse uma infusão para nós?

— De modo algum, Aiden. Vamos até a casa. Farei com maior prazer. Almoçarão conosco? Diga que sim, por favor? — Olho ternamente para o meu irmão, implorando em pensamento que ele fique.

— Não faria essa desfeita, além do mais senti muito a sua falta, minha irmã. — Afaga os meus cabelos.

Caminhamos até a casa. Acanhada pela presença daquele soldado simpático e de lindos olhos verdes. Mesmo envergonhada, é impossível evitar olhá-lo. Seus cabelos dourado esvoaçantes, somados ao seu sorriso perfeito com a covinha solitária são um convite a admirá-lo.

Parece uma pintura, dessas feitas por sacerdotes para os palácios dos reis. Cada contorno do seu rosto só ressalta sua beleza. Preparo a infusão preferida de Aiden. O dia está bem frio. Aproximo-me de ambos e entrego os copos.

Meus dedos tocam levemente os do soldado à minha frente, me causando uma sensação até então desconhecida, porém gostosa. Minha face fica vermelha, dou um passo para trás com a cabeça baixa, quando me levanto, dou de encontro com os olhos e sorriso do soldado em questão. Minhas pernas ficam bambas e o ar some dos meus pulmões.

— Anna, você está tremendo. Também, suas roupas estão molhadas. Desculpe por não ter notado antes. Você precisa de vestes secas. — Aiden se levanta segurando as minhas mãos.

— Não se preocupe, Aiden. Estou bem.

— Ficaré doente se continuar com estas vestes. Por favor, Anna.

— Farei a sua vontade, só para tranquilizá-lo, entretanto não há necessidade.

Retiro-me e mudo o meu vestido por um seco e mais quente. Aiden e

seu amigo ficam até o almoço. Conversam animados. O soldado me passou a impressão de ser uma boa pessoa e Aiden devia confiar muito nele. Assim que terminam a refeição, se despedem e partem para a vila. Peço a Aiden que fique pelo menos uma noite em casa.

Quando Aiden retorna, nossos pais ainda não haviam voltado da cidade. Eu estou sozinha com os afazeres da fazenda e cuidando dos gêmeos. Ele me ajuda na lida com as ovelhas, e depois com o jantar. Ficamos horas conversando, ele contando algumas coisas que aconteceram na missão. Por fim muda de assunto.

— O que achou de Aedre?

— Como? — Quase engasgo com a água que estou tomando.

— Aedre, o soldado que esteve aqui comigo.

— O que tem ele? — Me faço de desentendida.

— Anna, eu te conheço. Notei que não tirou os olhos de onde ele estava.

— Você deve estar delirando, Aiden. Nunca faria algo assim. — Evito olhá-lo para que ele não note o esforço que estou fazendo para mentir.

— Por que não Anna? Está com idade para assumir um compromisso. E eu ficaria muito feliz se você se interessasse por ele. Feliz e tranquilo. Aedre é um bom homem, cuidaria bem de você. Estaria muito melhor com ele do que aqui. Então vai responder?

— Ele chama muita atenção. É bonito. — Viro as costas para Aiden e começo a andar em direção à câmara.

— Ele gostou de você, tenho certeza. Não me disse nada, mas eu sei que gostou.

— Não fantasie, Aiden. Vamos dormir que já está tarde, eu estou exausta...

— Continue, Melinda. Como foi o primeiro encontro a sós com Aedre? — Juliana instrui.

Na mata. Eu estava sentada descansando. Apenas admirando a natureza. Ele apareceu montado em seu cavalo, com a farda da guarda. Seu cavalo trotava lentamente.

Quando chegou bem perto ele sorriu mostrando a sua covinha. Desceu do cavalo. Amarrou as rédeas ao tronco de uma árvore e deu alguns passos em minha direção, parando ao meu lado.

— Anna. Como está?

— Bem. E o senhor?

— Igualmente.

— Aiden não está. Mas se quiser aguardar, posso acompanhá-lo até a casa.

— Eu sei que Aiden não está. Gostaria de falar um pouco com a senhorita, se me permitir.

— Comigo? Em que posso ser útil? — Sinto a minha pele ficar quente na região das bochechas, respiro com dificuldade.

— Não sei bem como começar sem parecer atrevido. — Sorri timidamente.

— Está me assustando.

— Desde que a vi pela primeira vez, não paro de pensar na senhorita.

— Ai meu Deus! Por favor, eu não tive intenção de lhe causar nenhum incômodo. — As mãos trêmulas executam movimentos que não posso controlar gesticulando sem parar, enquanto ele me encara com a expressão divertida.

— Anna, apenas me escute.

Calo-me, suando, tremendo por inteira, e meu coração disparado.

— Não é incômodo o que sinto. Tenho verdadeira veneração pela senhorita. Nunca me senti desta forma antes. Eu gostaria muito de conhecê-la melhor. Tenho sérias intenções e sentimentos pela senhorita. — Seus olhos estão presos nos meus emitindo um brilho intenso. O coração sai pela boca neste momento, e acredito que minha alma praticamente abandona o meu corpo junto, pois ele formiga por inteiro.

— Não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Apenas aceite a minha companhia, quem sabe também desenvolve o mesmo apreço e afeto por mim.

— Eu não tenho nada a oferecer. Olhe para mim? Como poderei ser digna de uma pessoa como o senhor?

— Tem tudo a me oferecer, tudo o que desejo. Bondade, humildade, espontaneidade, carinho e é linda, só não sabe disso.

— Fico sem jeito, mas ao mesmo tempo lisonjeada. O senhor é um homem de aparência muito notável, e de comportamento invejável, qualquer mulher adoraria ser sua companheira.

— Posso considerar isso como um sim? — diz alegremente.

— Pode. Só espero não decepcioná-lo. — Olho para o chão.

— Impossível.

Ele dá mais um passo em minha direção, ficando quase colado ao meu

corpo. Sinto sua respiração tocar minha face e seu olhar me queimar intensamente. Não consigo desviar meus olhos, e um desejo súbito de tocá-lo me invade. E acho que ele também quer a mesma coisa.

— Posso tocar seu rosto?

— S... Sim.

O que eu acabei de fazer? Repreendo-me. Ele segura o meu rosto entre suas mãos, acaricia minha pele e meus cabelos. Fecho os olhos ao sentir seu toque maravilhoso. Com certeza eu quero mais disso.

— É tão linda! Não resisto. Desculpe-me pelo que vou fazer.

Aedre aproxima seu rosto do meu até nossos lábios se tocarem. Em seguida suas mãos vão para a minha cintura, apertando-me contra o seu corpo. A sua boca se torna violenta com sua língua invadindo a minha boca e acariciando a minha, eu gosto, e quero mais. E mais. De repente ele se afasta passando as mãos entre seus cabelos ofegando.

— Mais uma vez me desculpe.

— Não se desculpe. Eu gostei. Podemos repetir mais vezes.

A minha língua podia ficar dentro da boca e não falar besteira. Mas não, atrevida.

Ele joga a cabeça para trás e sorri gostoso. Envolve meu corpo com seus braços beijando o topo da minha cabeça. Uma sensação boa toma conta de mim. É possível que tenha encontrado a minha casa nos braços deste soldado de grandes e penetrantes olhos verdes, o meu destino, quicá minha felicidade.

— Anna, tornou-me seu cativo. Serei seu prisioneiro para sempre. O prisioneiro mais feliz que já habitou a face desta Terra...

— Melinda. Agora que sabe como tudo começou entre vocês, vá para o dia do juramento. É importante. Tente se lembrar da conversa com Calaliel. William estará com você a partir de agora. Não tente alterar nada, Melinda.

— A voz de Juliana é firme e séria. Obedeço imediatamente.

Aiden segura o cavalo e me ajuda a subir, depois monta o outro cavalo que está ao lado.

— Pronta?

— Sim.

— Então vamos, os velhos não demorarão a voltar. Anna, não se preocupe, vai dar tudo certo. — Aiden me encara com seus doces olhos azuis.

— Não sei, tenho medo, por nós dois.

— Não tenha. Você deve lutar pelo que quer, com todas as armas que

tem.

— O que acontecerá se descobrirem que me ajudou?

— Não vão descobrir. E mesmo que me matem, estarei feliz por tê-la ajudado e por saber que está feliz. Eu já tive a minha chance, Anna. Sinceramente, não tenho nada que me prenda a este chão. Até gostaria de encontrar Sunniva e meu filho de novo. Se é que isso é possível. — Aiden fita o horizonte com olhos tristes.

— Não diga isso nunca mais. Eu não me perdoaria se algo te acontecesse por minha causa. E não é hora de encontrá-los. Sendo assim, não faça nada estúpido.

— Chega de conversa. Vamos.

Aiden dá um tapa na traseira do meu cavalo, que dispara. Ele me alcança em poucos segundos, rindo do meu susto. Cavalgamos pela margem do rio. Em seguida adentramos a mata espessa e escura.

Diminuímos a velocidade dos cavalos, até alcançarmos uma clareira onde há uma formação rochosa que lembra o formato de um castelo, denominada castelo de pedra.

Paramos, Aiden fica com os cavalos vigiando o local. Caminho sobre a grama verde com o coração saltando do peito, e alerta a qualquer movimento que não fosse o meu.

Avisto Aedre em pé andando de um lado para o outro próximo a uma imagem de pedra. Apresso o passo. Assim que me vê, Aedre abre seu mais lindo e doce sorriso, vindo ao meu encontro de braços abertos. Paramos de frente um para o outro, ele me puxa contra seu corpo me abraçando forte. Então afrouxa até me soltar.

— Anna! Tive medo de não conseguir vir.

— Aedre! Está bem?

— Estou. Ansioso. — Abre um meio-sorriso.

— Pronta?

— Sim.

Entrelaçamos nossas mãos e seguimos até a imagem. Um anjo ajoelhado com suas asas protegendo o corpo. Sinto um calafrio percorrer minha espinha e os pelos do meu braço se ouriçam. Aedre se ajoelha fala algo em uma língua que não entendo. Acho que é uma oração. Ainda ajoelhado, ele começa a invocar o anjo.

— Calaliel! Por favor, precisamos da sua ajuda. Meu pai, atenda ao meu chamado. Nunca te pedi nada, mas agora não tenho a quem recorrer se

não a vós. Ouça meu coração, e saberás que é sincero o que digo.

Uma luz intensa surge do céu em direção à imagem, a figura de um homem aos poucos desponta. Ele é forte, tem cabelos negros e olhos verdes, pele alva. Grandes asas brancas se abrem atrás das suas costas. Em sua face uma expressão calma e bondosa estampada por um meio-sorriso.

— Aedre! Meu filho! É bom vê-lo pessoalmente.

Ele pousa sua mão sobre a cabeça ainda abaixada de Aedre, que permanece ajoelhado.

— Por favor, levante-se.

— Perdoe-me por importuná-lo e por causar qualquer problema com o Criador. — Aedre demonstra verdadeiro respeito e veneração pelo pai.

— Eu o acompanho desde que nasceu. Conheço cada uma de suas batalhas. Cada um dos seus pensamentos, atos e sentimentos. Entendo sua dor mais do que possa imaginar. Assim como nosso Pai Celestial. Não pude estar presente fisicamente, por isso neste momento pedi ao Pai a permissão de uma única vez poder ajudar no seu destino. E ele concedeu, sendo assim não se aflija.

— Obrigado, pai.

— Anna, querida! Não tenha medo, por favor. Antes de continuarmos, gostaria de saber se ambos têm certeza do que farão agora? Pois não há volta. — Sua voz é firme e calma. E à sua volta há um brilho diferente.

— Sim, meu pai.

— Sim, tenho.

— Aedre pegue aquela pedra e traga até mim.

Calaliel aponta para uma pedra de formato quase perfeitamente redondo que está no chão ao pé da imagem. Aedre pega a pedra e entrega nas mãos do pai.

— Aedre deve ter lhe explicado que preciso de uma gota de sangue de cada um. Preciso que coloquem sobre a pedra em minha mão.

Aedre pega uma pequena faca que carrega presa ao cinto e faz um corte na palma da mão, espremendo sobre a pedra. Repito o gesto. Ao passar a lâmina da faca na mão, sinto uma dor latejante, mas não desisto.

Olho para Calaliel ao espremer minha mão sobre a pedra, ele consegue ler a minha mente e com um aceno de cabeça afirmativo permite que acrescente um fio de cabelo de Aiden que estava preso à minha roupa. Aedre não vê o que faço.

— Mais uma vez eu pergunto se estão certos da decisão que tomaram, dos sentimentos de um pelo outro.

— Sim — respondemos ao mesmo tempo encarando um ao outro.

— Fechem os olhos e coloquem em seus pensamentos os sentimentos de um pelo outro e o que desejam.

— Permita que Aedre e eu possamos viver o nosso amor plenamente e tenhamos o nosso final feliz, e, por favor, se algo ruim acontecer a Aiden, permita a ele igualmente o que está permitindo a mim, que tenha outra chance de viver e ser feliz — peço em pensamento.

— Este foi o meu pedido — digo a Juliana.

— Meu pai, diante do perigo que enfrentaremos, sei que não sobreviverei nesta vida, mas meu amor é puro e verdadeiro, tão verdadeiro que peço que permita a Anna o mesmo privilégio que tenho de voltar à Terra para que possamos viver o nosso amor verdadeiramente e completamente. — Aedre faz seu pedido ao pai que ouve atentamente com um brilho igualmente intenso ao de Aedre nos olhos.

— Ouvi o que está em seus corações e mentes, seus desejos e medos. Diante disto, através de mim o Criador concederá a vocês o que tanto querem. Aedre, você não mais poderá voltar à Terra de acordo com sua vontade, voltará na terceira geração de Anna. A partir do momento que a história de vocês encontrar o caminho que tanto desejam, não poderão mais voltar à Terra. Meu filho deixará a condição de Nefilin e será totalmente humano.

— Estou ciente meu pai.

— Anna, entenda que se não ficarem juntos nesta vida, para que possa voltar precisará deixar descendentes, ou nada do que foi feito aqui se concretizará. São sacrifícios que ambos farão para poder alcançar o que tanto almejam.

— O que for preciso.

— O desejo feito de coração está abençoado, e depende apenas de vocês para acontecer. Anna, laços de sangue, frutos do amor são inquebráveis, o fruto do amor de vocês será uma dádiva, pois carregará todas as formas de amor de vocês dois. Isso é o que você, Anna, precisa saber. Procure entender esta lembrança quando voltar à Terra. É o que necessitam para ser completamente felizes e vencer qualquer barreira.

Calaliel une as duas mãos fechando os olhos, uma luz ainda mais forte sai por entre seus dedos. Ele abre as mãos e entrega a pedra transformada,

lapidada em um quartzo rosa, para Aedre que a prende em uma corrente e coloca em meu pescoço.

— Toda vez que tocar a pedra, ela ajudará a encontrar um pedaço da sua memória. Também permitirá que volte ao seu passado através dos sonhos, e que guias os ajudem a entender quem são e a se encontrarem. Seline e Ariel serão essas guias.

Seline e Ariel, saem do outro lado da mata que cerca a clareira. Elas são Nefilins como Aedre. Ele as conhece há muitos séculos, por isso Calael as designou, porém eu não as conhecia até aquele momento.

— Preciso ir. Vocês têm o que precisam. — Estende suas mãos para nós que as tocamos. Ele sorri fraternamente.

— Obrigado, Calael. — William beija a mão do pai, abaixando a cabeça em sinal de respeito.

Ele desaparece, assim como a luz que estava sobre a imagem. Aedre agradece Seline e Ariel, que logo em seguida nos deixam a sós e voltam aos seus postos vigiando o local como Aiden.

— Agora está feito. Não podemos mais voltar atrás, Anna.

— Não voltaria atrás por nada meu amor.

— Sabe do risco que corremos certo? E é provável que aconteça o pior.

— Sim. Eu sei. Qualquer risco vale a pena para ficarmos juntos. Só estou preocupada com Aiden. E se acontecer alguma coisa com ele?

— Aiden fará de tudo para que seja feliz. Ele sabe dos riscos também, tanto quanto nós dois.

— Mesmo assim, ele é o único da minha família que tem sentimentos. Não quero perdê-lo. — Um frio percorre toda a extensão do meu braço direito.

— Não irá perdê-lo. Tenha fé, Anna. — Aedre passa a mão em meu rosto e sorri.

— Tudo bem, disse que não voltaria atrás, o que está feito está feito.

— Apenas esteja preparada. Prometa-me que seguirá com o plano. Não desistirá mesmo se isso lhe causar dor.

— Prometo.

— Sempre estaremos juntos, Anna. Vou te encontrar de novo.

— Eu te esperarei. Aconteça o que acontecer, serei eternamente sua.

— Logo estaremos juntos outra vez.

— Como vou te reconhecer?

— Você saberá quando olhar dentro dos meus olhos. E ainda tem o amuleto, ele te ajudará. Mantenha-o sempre junto de si.

Aedre aperta a pedra.

— Estará sempre comigo, meu amor.

Ele me beija intensamente, e eu correspondo. Não quero ir embora, mas não tenho escolha. E algo dentro de mim me diz que é a última vez que nos vemos nesta vida.

— Preciso ir, Anna. Eu te amo.

— Também te amo, Aedre...

— Você conseguiu, Melinda. Descanse agora.

Juliana toca meus ombros, e, imediatamente sinto-me pesada, as imagens desaparecem, e todos os meus sentidos vão aos poucos se desligando. Só restou o silêncio acolhedor...

Anna e Aedre

Não sei por quanto tempo dormi, se foram horas, um dia inteiro ou dias. Nada aconteceu em minha mente durante esse sono. Nenhum sonho, nenhuma lembrança, nem mesmo projeções do futuro. Pude enfim descansar.

William acordou assim que a última lembrança que compartilhamos se apagou. Seline e Juliana permaneceram em minha casa até se certificarem de que eu estava bem, e Will se acalmar. Ele não saiu do meu lado, nem por um segundo. Estava preocupado por passar tanto tempo dormindo.

O toque da sua mão deslizando através dos fios do meu cabelo me trouxe de volta à consciência. Aos poucos o meu corpo dava sinais de que iria despertar. Remexia na cama virando de um lado para outro.

As pálpebras começaram a se abrirem. Pisquei algumas vezes, até que a claridade me ajudou a mantê-las erguidas. William, deitado do meu lado, me encarava fixamente exibindo um sorriso contagiante com a sua bela covinha ali convidando para um beijo.

Ah, aqueles grandes olhos verdes eram a minha perdição, ou melhor, a minha existência. Como resistir àquele homem perfeito me olhando de maneira arrebatadora, transbordando de amor e desejo?

— Oi.

William alisa a minha face e tira uma mecha do meu cabelo bagunçado do rosto.

— Oi.

— Como está?

— Bem. Como nunca estive antes.

Will beija a minha testa com toda devoção que se pode esperar do amor da sua vida.

— Se lembra do que aconteceu?

— Perfeitamente, cada cena, e cada palavra. Há quanto tempo estou dormindo? — Digo levantando-me apressada em direção ao banheiro.

— Uma semana.

— O quê? Thomas vai me matar. Se é que já não me demitiu.

— Não se preocupe com isso agora. Eu falei com ele. Disse que você pegou uma virose, que estava febril, e sem voz, por isso eu estava ligando.

— Thomas acreditou?

— Sim. Por que não acreditaria?

— Depois resolvo isso... Will? — Volto a olhar para ele, ainda perdida.

— Como estamos agora?

— Você é quem deve me dizer. — Dá um meio-sorriso forçado.

— Eu não me lembrava do que havia feito naquele dia. Nem de que Aiden tivera uma família, ou que tinha sofrido tanto.

— A ligação entre vocês era muito forte, Melinda. Vocês se amavam muito.

— Desculpe por não ter contado para você o que eu planejava fazer.

— Mel, no fundo acho que você não planejou. Foi só o amor pelo seu irmão fazendo você tentar salvá-lo de algum modo. — Will transmite calma e carinho enquanto fala.

— Eu... culpava-me por ele ter morrido daquele jeito, para que eu pudesse ser feliz. Ele se sacrificou sem medo, sem questionar.

— Aiden era realmente um ser humano incrível. Agora sabemos que ele tem a chance de voltar.

— Sim, ele poderá ser feliz desta vez.

— Eu tenho certeza disso.

— Você me perdoa?

— Perdoar pelo que Mel?

— Se eu tivesse me lembrado de tudo, poderia ter evitado tanto sofrimento.

— Melinda. Não pense assim. Não foi só sofrimento. E todas as aventuras? Beijos escondidos? Lugares incríveis? E as vidas e experiências que tivemos?

— Você tem razão. Vivemos mais do que a maioria. E nos amamos mais do que qualquer um possa imaginar.

— E agora temos mais uma oportunidade de ser feliz. E sem empecilhos desta vez.

— Te amo. E admito, sem medo.

— Minha Anna! Para sempre minha!

William me abraça com força pousando seus lábios docemente nos meus, movimentando lentamente. Seu gosto é doce, e seu aroma me hipnotiza. Levo minhas mãos aos seus cabelos vermelhos brilhosos e sedosos. E o que começou calmo se torna feroz. William solta meus lábios.

— Não aguento mais esperar, Melinda. Meu corpo lateja de tanto desejo. Eu quero você agora.

Não tenho tempo de emitir nenhum som, pois sua boca toma a minha com força, sua língua dança sobre a minha e explora cada canto da minha boca com maestria. Passo meus braços em volta do seu pescoço sentindo meu corpo febril.

William me levanta do chão, envolvo sua cintura com minhas pernas. As mãos dele correm diretas para as minhas nádegas, apertando-as com força, me arrepio. Ele caminha até minha cama. Habilidosamente deposita meu corpo sobre o colchão, se posicionando sobre mim.

Ele me fita com suas duas pedras brilhantes. Acaricia meu rosto com a ponta do seu polegar. Em seguida seus lábios avançam sobre mim, e seu corpo forte e rígido pressiona o meu, sinto a sua excitação e uma imensa fogueira se acende em mim.

Puxo a sua camiseta com urgência. Ele rasga a minha camisola branca de seda, se livrando dela. Sinto uma dor gostosa no meio das minhas pernas, passo a minha mão pelo seu peito definido. A minha mão queima ao sentir a sua pele firme. Ele analisa o meu corpo exposto. O seu olhar se torna selvagem.

— Você é linda! Sempre foi.

Cravo minhas mãos em seus ombros, trazendo-o de volta para cima de mim. Mordisco sua orelha. Ele geme de satisfação. Suas mãos percorrem cada parte do meu corpo, acariciando-me e proporcionando sensações indescritíveis.

Eu retribuo sem a menor dificuldade. William traça vários beijos pelo meu corpo. Beija meu pescoço, braço, joelho, barriga. Até chegar aos meus seios, onde dedica mais atenção usando boca e mãos.

Tremo de ansiedade e desejo. Eu o quero. Como quero. Arfo em seus braços. William para por um momento olhando fundo em meus olhos. Eu suspiro tentando puxá-lo de volta.

— O que foi?

— Só queria gravar este momento para sempre em minha memória.

E então a sua boca encontra a minha novamente. A mão desliza até a minha coxa apertando-a. As minhas pernas relaxam e se abrem, prontas para recebê-lo.

Perco completamente os sentidos, arqueando as minhas costas. Então ele entra, a pressão me faz arquear contra o seu corpo mais uma vez, sedenta de prazer. Nunca havia sentido nada nem perto, o meu corpo reconhecia o dele, sabia que pertencia a ele, e só a ele. Naquele momento éramos um só.

Atingimos o nosso ápice. Estávamos em casa finalmente.

Ficamos abraçados, invadidos da mais plena felicidade. Ele me olha com ternura, com sua covinha solitária à mostra. E seus olhos brilhando refletindo minhas várias imagens.

— Mel?

— Sim.

— Eu não quero mais perder tempo. Quero passar cada minuto da minha vida com você.

— Não esperava nada diferente, afinal depois de tantos séculos, se mudasse de ideia eu seria capaz de te dar uma surra.

— Ah! De bom humor de novo!

— Sempre estou de bom humor.

Ele faz uma careta balançando a cabeça negativamente e gargalhando.

— Estou sim!

— Claro. Não vou te contrariar.

Começa a me fazer cócegas e dispara.

— Na minha casa ou na sua?

— Hã?

— Onde vamos morar? Na minha casa ou na sua?

A pergunta me atinge como uma flecha certa. Pensei que ele queria casar primeiro, isso me daria um tempo para me acostumar a dividir o meu espaço. Algo que eu ainda não sei se estou pronta.

Sim, eu o amo, e quero passar a minha vida toda com ele, mas nunca morei com ninguém. Isso ainda me assusta. Mas, olhando para ele todo empolgado, não tenho coragem de dizer não. E talvez não seja como eu imagino. Só espero não estragar tudo.

— Mel? O que foi?

— Você me pegou de surpresa.

— Está com medo?

— Só não quero que você saia correndo quando começar a conviver com as minhas manias.

— Eu amo você com todos os seus defeitos, com a sua raiva congênita, a sua falta de humor, e com todas as suas qualidades. Não seja boba, isso não vai me afugentar.

Beija a minha testa.

— Eu não tenho tantos defeitos assim. E nem raiva congênita.

Ele ri subindo em cima de mim, prendendo meus braços, me

enchendo de beijos.

— Só vou te soltar quando você responder. E quando aceitar que é brava e mal-humorada sim.

Continua beijando o meu pescoço, rosto, braços e fazendo muitas cócegas.

— Posso ser um pouco mal-humorada. Mas só um pouco.

— E a resposta?

— Na minha casa então. Só não esqueça que meus pais não aceitam devolução.

William ri freneticamente. Volta a me abraçar. Beijar. Amar...

Ele levou apenas um dia para trazer todos os seus pertences para a minha casa. Convidei meus pais para nos visitar e dar a notícia. Depois foi a vez dos pais dele.

A nossa vida segue tranquilamente, agora apenas no mundo real. Continuo com a terapia, ainda preciso aprender a lidar com as pessoas em geral, afinal tanto tempo evitando contato, me deixou sem algumas habilidades sociais, embora eu esteja me esforçando e, com Will ao meu lado, tudo fica mais fácil.

Epílogo

Dois Anos depois...

Faz seis meses que oficializamos o nosso casamento, perante Deus e a lei. Pois é, quem diria que eu me casaria no religioso? Mas me casei. Escolhemos a Estância como local para a nossa cerimônia.

E como madrinhas, Seline, Juliana e Cris, acompanhadas por amigos do Will como padrinhos. Imagino que estejam estranhando ter convidado Cris como madrinha, mas a terapia e, claro, a convivência com o Will, me ajudaram a superar muitas coisas, e hoje posso afirmar sem a menor sombra de dúvidas que sou capaz de me relacionar bem com todos à minha volta, ter amigos, falar sobre amenidades e futilidades sem pensar que estou perdendo tempo, na verdade, estou cultivando sementes que darão frutos nos nossos corações.

E como destino para a nossa lua de mel, voltamos para onde tudo começou, Eoforwic, York. Visitamos o castelo de pedra e diante da imagem do anjo agradecemos com uma prece a Calaliel.

Fomos até a margem do rio onde o nosso primeiro beijo de todos aconteceu. Onde disse sim para Aedre pela primeira vez. Apesar das lembranças mais dolorosas, aquele lugar tem as mais doces também.

As mais belas juras e o início da mais linda e duradoura história de amor. Que atravessou o tempo inúmeras vezes até encontrar o seu desfecho, gerando muitos frutos, e ainda gerará outros. Não da mesma forma, melhor.

Desde que assumimos o nosso compromisso, somos presença constante na fazenda. Will adora aquele lugar, e eu também, é claro. Sempre vamos namorar embaixo da sombra da nossa mangueira, testemunha do nosso amor desde Isabel e Philipp.

Hoje será mais um desses fins de semana na Estância. Chegamos bem cedo, e como sempre fomos recebidos pelo aroma delicioso do café sendo preparado e de bolo assando. Paramos o carro perto da área privativa.

Nunca canso de olhar para o casarão. Vivi muitas coisas aqui, boas e outras nem tanto, mesmo assim é nossa casa também, e eu amo este lugar. Will segura a minha mão.

— Está tudo bem, Mel?

— Sim.

Sorrio.

— Só admirando a construção. E aproveitando as lembranças boas.

— Melinda! William! — Mamãe acena para nós da porta. — Que bom que chegaram cedo. Venham. Acabei de passar o café e de tirar o bolo do forno. E fiz seu pão preferido William.

— Obrigada Luiza, não precisava se incomodar.

— Faço tudo para os meus filhos.

— E papai onde está?

— Arrumando a mesa para o café. E seus pais William?

— Chegarão depois do almoço.

Assim que entramos na cozinha, vou de encontro ao meu pai, abraçando-o com força.

— Cuidado com sua barriga, Melinda.

— Assim me sinto enorme, papai.

— Está tudo bem com o nosso anjinho?

— Ou anjinha.

Mamãe rebate. Olho para Will que está radiante de felicidade. Ele acena afirmativamente para mim. Volto-me para meus pais analisando a expressão amorosa e carregada de admiração e felicidade.

— É um anjo, mamãe. Um menino. Descobrimos ontem.

— Seremos avós de um lindo menininho. Imagina se for ruivo igual ao William? Será um príncipe.

— Calma, Luiza, deixa o menino nascer.

Papai não gosta de exageros, mas mamãe está enlouquecendo com o primeiro neto.

— Seja como for ele já é muito amado.

— Esperamos muito por ele. Muito mesmo, mamãe.

— Já pensaram em um nome?

— Sim. Aiden! Ele será Aiden.

Meus pais se entreolharam fazendo caretas engraçadas. Imagino que não gostaram do nome. Mas eu adoro o nome, por tudo o que ele representa para mim, para nós. A vinda de uma pessoa extraordinária e que merece ser muito feliz.

Após o almoço seguimos para o nosso lugar preferido. A frondosa mangueira. O clima está agradável e fresco. William estende uma toalha sobre a grama e coloca uma cesta com frutas, algumas guloseimas doces e suco para que eu não fique desidratada.

Ele redobrou os cuidados e a atenção desde que descobrimos a gravidez. Depois que arrumou tudo, juntou-se a mim para admirar a paisagem. Primeiro tocou meus ombros, depois me puxou para um beijo longo e demorado. Abraçando-me em seguida pelas costas, pousando suas mãos sobre a minha barriga. Coloquei as minhas mãos sobre as dele.

— Está feliz?

— Sim. Não consigo imaginar nada mais pleno do que isso. Obrigada por tudo Will.

— Minha Anna.

— Te amo Aedre. Eu disse que não desistiria. Mesmo trocando os pés pelas mãos em alguns momentos, não desisti.

— Nunca pensei que desistiria. Nosso amor é maior do que tudo. E será para sempre.

— Será. Assim como o fruto do nosso amor. Nosso vínculo de sangue. Nossa maior dádiva.

— Sim. Seja bem-vindo de volta Aiden.

— Eu prometo que desta vez cuidarei melhor de você e terá a chance que lhe foi roubada de ser feliz de novo. Amo você Aiden. E agora ainda mais, pois serei sua mãe.

Fim